

65 - 211

16

171 - 143

127 - 142  
134 - 146

# OBRAS

DE

D. J. G. DE MAGALHAENS.

---

TOMO VIII.

OPUSCULOS

HISTORICOS E LITTERARIOS.

Alonso Quintanilla Alvar Jimenez

3.500

# OPUSCULOS

HISTORICOS E LITTERARIOS

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.

SEGUNDA EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR N.º 69.

—  
1865.

✓  
981.008  
M188  
OHL  
1865

# DOAÇÃO

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob o número 593

de ano de 1994

---

VIENNA.

IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1865.

---

MEMORIA HISTORICA  
DA  
REVOLUÇÃO DA PROVINCIA DO MARANHÃO  
DESDE 1838 ATÉ 1840

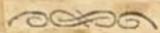
OFFERECIDA

AO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO

DO BRASIL,

PREMIADA PELO MESMO INSTITUTO  
COM A GRANDE MEDALHA DE OURO  
NA SUA SESSÃO SOLEMNE

DE 1847.



**PROPRIEDADE**

DE

*Antonio Fernando Alves Junior =*

Esta Memoria appareço pela primeira vez impressa na Revista  
Trimensal do Instituto Historico do Brasil, N° 11, 3° Trimestre de 1848.



# MEMORIA HISTORICA

DA

## REVOLUÇÃO DA PROVINCIA DO MARANHÃO.

---

### CAPITULO I.

Observações preliminares.

Nada ha que espantar nos deva nesta serie de rebelliões que desde a época da nossa Independencia politica até hoje teem arrebetado nas provincias do Imperio. Os povos livres, e os que livres procuram ser, se removem continuamente, ambiciosos do bem sonhado, e impacientes pelo que lhes escapa; mais activa e vertiginosa é sua vida, e sujeita ás alterações provenientes do exaltamento das idéas; além de que vivemos em época de transição, em que pensamentos de reforma são os que occupam o espirito humano. Estrangeiras são as nossas instituições, mal e intempestivamente enxertadas, avéssas aos nossos costumes e naturaes tendencias, e em desacôrdo com a vastidão de um terreno sem amanho, e differenças inconciliaveis de classes. O caracter transitorio do tempo e a convicção de sua instabilidade de tal

modo sobre nós tem operado que, nas nossas duvidas, em contínuas expectativas, e mallogradas experiencias, quasi que perdemos a fé no futuro.

Si aos olhos do philosopho, taes acontecimentos, consequencias legitimas de principios conhecidos, facilmente se explicam, o mesmo porêm não succede ao vulgo, a quem se apresentam os factos desligados de suas verdadeiras causas, suppondo assim outras, e muitas vezes exagerando aquellas que lhe embute a perversa politica dos partidos; e essa mesma falsa politica do tempo, gerada em cabeças ambiciosas, e dominadas pelo espirito ephemero da época, tem propagado o scepticismo, e impellido o Brasil no desfildadeiro das rebelliões.

Qualquer que seja o pensamento da época, nobre ou vil, nunca das classes inferiores se eleva ás culminantes; nestas se elle germina, e d'ahi, como o contagio, se vai estendendo até á choupana, d'onde reage.

Empregam os nossos politicos os mais vergonhosos meios para dos publicos logares arredar seus antagonistas e rivaes; de tudo se tem abusado. O jornalismo, esta potencia do bem e do mal, é entre nós um famoso libello infamatorio a todos os poderes, e a todas as capacidades; é o punhal do assassinato moral, que fere publicamente; não derrama sangue, mas a honra e o brio que mais valem. Alcançado fim, que é a desmoralisação do povo, renegam

elles a sua obra; como o devasso pai que não quer reconhecer o torpe filho da impureza. Mas quando? Depois de terem posto tudo em conflagração! Como a ambição e ousadia são entre nós as medidas da capacidade, e o momentaneo interesse do partido a sanção do merecimento, julgam-se todos com aptidão para tudo.

Tem-se feito da politica uma sciencia occulta, mysteriosa e empirica, sem regras fixas, sem principios; uma sciencia estrategica de ataque, e não de defeza, e na qual são iniciados certos adeptos com quasi exclusão da honra; de modo que quando se quer dizer que alguem é politico, diz-se indifferentemente que é fino ou velhaeo. O systema do egoismo sanctificado presta-se a todas as interpretações, e já poucos se pejam de ostentar procederes que outr'ora se reputaram crimes. Á final, para sello das nossas vergonhas, inventou-se o celebre systema das transações, que cifra-se todo em um trafico da justiça: *quem nada tem, nada alcança*. Todos os poderes são arrematantes de direito. Assim na decadencia do Imperio Romano se punha em leilão a corôa cesarea!

Nenhum partido representa entre nós idéas fixas; as quaes tambem não representam as verdadeiras necessidades do paiz; cada qual afaga aquellas que melhor se prestam no momento para derribar o estabelecido. Mas o estabelecido não é obra do tempo; triumphar do partido opposto é a unica mira dos

plenteantes. Prolonga-se a lucta, e leis se fabricam segundo os caprichos dos vencedores.

Tal é o tempo em que vivemos; tal é a lição historica que das nossas desordens se collige. Disto tudo procede, e a duração periodica destas revoltas documenta o exposto, combinando perfeitamente com o caracter da época. Entretanto não nos assustemos; desta mesma fermentação das cousas deve nascer o espirito de ordem, que esclarecerá o futuro.

Si as scenas de que somos testemunhas gravadas ficam em nossa memoria, nem por isso dispensam a narração d'ellas para o futuro; porque devem nossos filhos instruir-se com a lição do passado, e saber por que alternativas passámos, que luctas tivemos, que tropeços encontrámos, afim de que, si possivel fôr, evitem os males que soffremos, e prezem o legado que á custa de fadigas nossas lhes transmittimos: e como no meio mesmo da geral corrupção nunca deixa de apparecer algum coração nobre e generoso, convém que não pereçam no abysmo do esquecimento essas virtudes peregrinas, que tanto edificam, e que são os mais preciosos dons que a Providencia outorga aos homens. Por isso tomo sobre mim escrever a historia da rebellião da provincia da Maranhão, a qual manifestou-se em Dezembro de 1838, posto que suas causas Moraes tivessem anterior data.

Não é missão da historia lisongear paixões; e bom fôra que disto se convencessem os que governam,

ou alguma auctoridade exercem; que tão descuidados andam do futuro, como si nunca se lhes devessem tomar ajustadas contas. Tratando eu de contemporaneos, já espero que alguém se dê por muito aggravado; mas ahí vão os factos, e os documentos para juizes imparciaes, e sobra-me a consolação de não faltar á verdade, sem aggravar muitas culpas. Custa-me na verdade, depois de passados os males, estar agora a relatal-os; mas esses passados males deixam uma chaga aberta, que ainda goteja, e um echo de dôr para o futuro: inutil não é o estudo do passado.

## CAPITULO II.

### Usos e costumes do Maranhão.

Antes de historiar é mister conhecer os homens, as classes, os usos e costumes do paiz que nos attraia attenção; porque taes cousas são de grande importancia para o peso dos factos e intelligencia de muitos, que sem este previo conhecimento pareceriam, á primeira vista d'olhos, inexplicaveis.

Computa-se a população desta provincia em duzentas e dezete mil almas, entre brancos, mesclados e negros, espalhados em uma superficie de mais de oitocentas leguas quadradas. Seu terreno, posto que fertil, como o de todo o Imperio, é pouco cultivado;

copiosas chuvas o regam desde Dezembro até Junho; e nesse tempo pluvial, a que só por isso chamam inverno, ligam-se as semanas sem intermittencia de um dia sêcco; alagam-se os campos, crescem os rios, que são muitos, e as estradas inundadas se tornam de difficil transito: tal peste de febres se desenvolve em principios e fins das aguas, que sómente os affeitos ao clima humido e quente podem resistir.

É o principal genero de lavoura o algodão e o arroz, e para isso empregam numerosos braços de Africanos escravos\*, os quaes são tratados com tão barbaro rigor, que até o necessario sustento lhes negam: uma espiga de milho é o seu almoço, arroz e farinha o jantar; do mais lhes fornecem a rapina e a caça; andam nus ou cingidos com uma pequena tanga, salvas as poucas excepções; e por isso procuram os escravos subtrahir-se ao jugo do senhorio.

\* Em uma carta do Sr. Joaquim José de Siqueira, negociante da praça do Maranhão, impressa em Londres em 1830, calculando em oitenta a noventa mil os Africanos desta provincia, diz: — Mesmo assim, actualmente com esses oitenta ou noventa mil escravos, produz o Maranhão de cincoenta a sessenta mil saccas de algodão, que pelos preços actuaes importam de oitocentos a novecentos contos de réis. Desta producção uma terça parte se vai em dizimos e direitos d'exportação, ficando liquidos para os lavradores de quinhentos e cincoenta a seiscentos contos. A exportação de arroz será talvez hoje do valor de cento e sessenta contos pouco mais ou menos; e eis aqui toda a cultura d'exportação destes oitenta a noventa mil escravos, cujo resultado feito não dá ao lavrador por cabeça nove mil réis por anno!

Tudo o que é colher sem martyrisar a terra com meios de industria adoptam os senhores fazendeiros, pouco cuidadosos de melhorar a lavoura; e por isso toda a provincia está coalhada de fazendas de criação de gado vaccum, em cujo trato e para salga das carnes e couros se occupam cardumes de homens ociosos, sem domicilio certo, pela mór parte de uma raça cruzada de Indios, brancos e negros, a que chamam *cafusos*; os quaes são mui amantes desta vida meia errante, pouco dados a outros misteres, e muito á rapina e á caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso da nossa lingua. São estes homens de cruel indole pelo habito de pastorar e matar o gado, consumindo o resto da vida em ocio ou em rixas. Desta gente bruta ha grandes manadas nesta provincia, e assim nas do Piauhy e do Ceará, analogas a esta pelos usos e costumes.

Muitos dos senhores fazendeiros, á imitação dos antigos barões, vivem sem respeito algum ás auctoridades, vingando-se por suas mãos de particulares insultos; acoutam em suas terras os facinorosos que buscam o seu abrigo, e que em tudo se prestam ás suas vindictas. De tal gente se escoltam e se fazem temiveis, e tão facil lhes é ordenar um assassinato, como o negar uma divida, ou ao menos não pagar aos credores; os quaes por sua vez, si podem, não duvidam empregar os mesmos meios para haver os seus bens. Esta é a gente que incitada nos fez a guerra, é ella a que compoz o exercito da rebeldia.

Em remate deste artigo de costumes, direi que, de todos os povos que visitei, de todas as provincias do Imperio em que estive, a do Maranhão, exceptuando a sua capital, é onde menos se acata a religião. As luzes do christianismo parece que ainda não penetraram essas villas de tectos de palha, e essas choupanas esgarradas em tão vasto territorio: pobres pardieiros com o nome de igrejas, ermas de fieis, apenas aninham corujas, morcegos e mais aves nocturnas, cujas immundicias cobrem o chão sem assoalho, e até os mesmos altares; um vapor putrido, como o balito da peste, se exhala do sanctuario deserto, e tão miseravel é o seu aspecto, que parecem monumentos de zombaria ao mais sublime dos sentimentos humanos. Nós vimos e lastimámos o que escrevemos! O que se pôde esperar de homens não domados por nenhum freio? A provincia do Maranhão tem sido por vezes theatro de rebelliões, e testemunha de outras nas provincias limitrophes, e não são poucas as que precederam á esta.

## CAPITULO III.

Do estado da provincia antes da rebelião e da presidencia do Sr. Camargo; grande opposição aos actos do governo deste.

Achava-se em paz esta provincia quando da presidencia tomou posse o Snr. Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, em 3 de Março de 1838, succedendo ao capitão de mar-e-guerra Francisco Bibiano de Castro: assim o confessou o novo presidente em seu relatorio \*: „É cheio da maior satisfação (diz elle) que tenho de annunciar-vos que a paz e a tranquillidade reinam em toda a extensão do territorio maranhense.“ E como que o chamava a sorte para ser a causal da rebelião, quiz de antemão justificar o povo de qualquer excesso, dizendo: „O bom senso, o amor do trabalho, que distingue o povo que n'elle habita (no Maranhão); a lembrança dos males por que tem passado, e d'aquelles que de um modo tão terrivel affligem os filhos menos felizes de outras partes do continente brasileiro; a experiencia adquirida n'este tirocinio de infelicidades, de que com meios extra-legaes, em vez de melhorar-se, aggrava-se a sorte do povo, tem feito da paz uma necessidade; e eu posso com affoiteza assegurar-vos, e ao Brasil inteiro, que em nenhuma outra provincia o delirio da demagogia, seus principios subversivos, e seus execrandos excessos,

\* Relatorio á Assembléa provincial, de 3 de Maio de 1838.

encontrarão uma barreira mais insuperavel, uma mais uniforme coalisção de esforços para rebatel-os.“

Como tantas bondades desappareceram em nove mezes? Enganou-se; não conhecia o povo á cuja testa se achava, ou então deo elle causa á rebellião, que d'ahi a nove mezes arrebentou na provincia. Forte opposição se manifestou á administração do Sr. Camargo, opposição em parte despeitosa; porque os que então compunham o partido do governo, antes de subir aos publicos logares fortemente haviam atacado como opposicionistas o governo do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, pessoa cara ao partido — que agora em desforra os guerreava. Um pequeno periodico com o titulo de *Bemtevi*\*, escripto em linguagem popular, attrahio grosso partido: atacava o presidente, e a lei dos prefeitos, criação nova, que por indicação do presidente tinha passado na Assembléa provincial. Tinha o Sr. Camargo, em seu relatório, despejado sobre os juizes de paz todos os opprobrios, descrevendo-os deste modo: „É impossivel que deixeis de conhecer todos os excessos commettidos pelos juizes de paz. Abri a sua historia, e vereis cada pagina manchada com os factos os mais monstruosos, filhos da ignorancia e da maldade, um luxo de arbitrariedade e perseguição contra os bons, inaudita protecção aos máos, e porfiada guerra ás auctoridades.“

\* Redigido pelo ex-deputado Estevam Raphael de Carvalho.

O *Bemteví* por sua vez empregava a mesma sanha contra os prefeitos. Depois de os pintar como auctoridades absolutas, iguaes aos *commandantes-geraes* e *capitães-móres*, termina assim um artigo\* : „Um prefeito tem espalhados tantos quantos officiaes de policia (espião) elle quer, para saber do que se passa fóra e dentro das casas! Adeos sagradô das familias! Os prefeitos chamaram e corromperam nossos escravos para dizerem tudo que em nossas casas se faz e se diz, e accrescentarem o mais que nem se faz, nem se diz! Com uma auctoridade tão absoluta quem se julgará seguro? quem os poderá ter mão? Mil maldições pesem sobre a cabeça de quem pedio e sancionou uma tal lei! mil maldições pesem sobre as cabeças d'essa maioria da Assembléa que fez tal lei!“

Não podia esta linguagem violenta e animada deixar de abalar os animos. O presidente era accusado de imbecilidade, e que como um automato se deixava dominar pelo seu secretario, e por certas influencias que só punham a mira no ganho e na delapidação da fazenda publica; nem se esqueceram de publicar a sua biographia pouco favoravel\*\*, e o accusaram até de impiedade, por haver enxugado as mãos em uma toalha riquissima de cambraia, que servia no altar da Sancta Casa da Misericordia em dias solem-

\* Numero 4 do *Bemteví*, de 11 de Julho de 1838, pag. 15.

\*\* Numero 28 do *Bemteví* de 3 de Outubro de 1838.

nes\*. Um jornal governista desapiedadamente insultava a opposição em linguagem trivial e grosseira. Dividiu-se a população em dous partidos rancorosos, os *Bemtevis*, e os *Cabanos*\*\* , e nos braços do segundo se entregou o governo, que em meio devêra permanecer, e equilibrar-os. Governo partidario é sempre injusto.

Os echos do queixume da provincia tinham chegado á côrte, e eram repetidos pelòs diarios. Mais se excitava toda esta colera dos partidos pela ambição do mando e dos logares, e pelo desejo de triumphar nas eleições: os que de cima estavam pela influencia do partido não queriam descer, os outros queriam subir; trocavam-se os insultos, até que a final succedeo á infame guerra de palavras o grito da rebellião e da guerra civil.

\* *Bemtevi* n.º 20 de 5 de Setembro de 1838.

\*\* Esta denominação lhes foi dada pelo contrario partido em tempo da presidencia do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, por analogia aos *cabanos* rebellados do Pará. Chamam-se *cabanos* naquella provincia os sertanejos, ou habitantes das cabanas; gente rustica e feroz, que capitaneada pelos Vinagres e Eduardos causaram a desgraça do Pará em 1834 e 1835. De Pernambuco passou esta denominação de *canabos* para o Pará, e d'alli para o Maranhão.

## CAPITULO IV.

Rompimento da desordem tendo a sua frente o vaqueiro Raymundo Gomes; seu caracter e importancia social. Primeiras providencias do governo.

Aos 13 de Dezembro de 1838, na villa da Manga, situada na margem esquerda do Iguará, comarca do Itapueurú, apresentou-se um certo Raymundo Gomes, homem de côr assás escura, acompanhado de nove da sua raça; arrombaram a cadeia da villa, e soltaram os presos criminosos. Existiam na villa vinte e tantas praças ás ordens do sub-prefeito, as quaes iscadas do mesmo espirito, se encorporaram a Raymundo Gomes. Começou logo este rebelde a prender commissarios, e a pregar contra os prefeitos e contra o presidente, a quem pretendia derribar, e em seu logar levantar o vice-presidente, conhecido por opposicionista.

Que mão occulta dirigia este drama não se póde duvidar. Era Raymundo Gomes incapaz de tomar por sí uma tal resolução, posto que por seus habitos muito proprio para executal-a. Nascido no Piahy, e filho dessa raça crusada de Indios e negros de que tratámos; criado no campo entre o gado que pastorava; prestando sua faca ás vinganças proprias e alheias; leigo nas lettras humanas; apenas conhecido por alguns assassinatos, de que vivia impune pela perversidade dos costumes que relatámos e inefficacia das leis, não se arrojaria a perturbar a tranquillidade publica por

motivos politicos, sem estranho impulso; e quando o ousasse, abortaria sua audacia, a não encontrar o decidido apoio, que incontestavelmente lhe foi dado. Instrumento estúpido de um cego partido que cuidou poder, quando lhe aprouvesse, fechar o dique da colera popular, Raymundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteo-se em chefe do partido Bemteví! e os que o levantaram do pó da terra se envergonharam de sua obra.

Chegou a nova deste facto á capital da provincia, e um dos informantes escreveu: „Parecerá talvez a V. Ex.<sup>a</sup> que tenho dado maior importancia do que devêra a similhante acontecimento, o que não duvido; mas é porque ainda tenho em fresca memoria as desgraças e penosos sacrificios que custaram á provincia as desordens de Antonio João Damasceno\*, *que não tiveram por certo melhor principio do que esta.*“

Mandou logo o presidente trinta praças sobre os sediciosos, as quaes tarde chegaram pela grande distancia. Entretanto, só no fim de cinco dias da data da revolta se ergueo naquelles contornos uma força de quarenta homens para suffocar a rebellião. Raymundo Gomes e os seus, protegidos pelos vereadores da camara da villa da Manga, e pelo juiz de paz Coelho, se evadiram no dia 17, levando o armamento e os petrechos roubados, e pozeram-se em marcha via da Chapadinha.

\* Chefe da revolta em 1832.

Assim pois, nove criminosos assassinos impunemente se levantaram, roubaram, e proclamaram em uma villa por espaço de cinco dias, e não appareceo quem lhes resistisse!

## CAPITULO V.

Do procedimento do Sr. Camargo; parte falsa dada ao ministerio; sua demissão.

Os que governam por meios obliquos e tortuosos estimam ás vezes estas revoltas de pouca monta em principio; porque no triumpho d'ellas ganham popularidade, e mostram energia ante os olhos dos amedrontados, que são muitos. Fez o presidente Camargo publicar na folha official\* todas as participações deste facto, que do interior da provincia lhe foram dirigidas; encheo-se de susto a capital; o temor augmentou o perigo; os facciosos cobraram animo para novas tentativas, e no meio do geral receio elle só tudo confiava e esperava de seus prefeitos; talvez convencido que com pouca agua se extinguiria o incendio, baldo de combustiveis; fatal erro que dão origem a tantas calamidades! Como o grito dos sediciosos era exhalado contra elle e sua administração, conveio-lhe apresental-os como um bando de salteadores, sem côr

\* *Publicador Official* de 29 de Dezembro de 1838.

politica. Na verdade não mereciam elles outro titulo; mas eram os atiradores de um partido descontente que os impellia, e o nucleo da rebellião, que foi engrossando pelo pouco caso de uns e temor de outros.

O presidente Camargo officiado para a côrte ao ministro do Imperio, e relatando todo o acontecimento, ajuncta desdenhosamente: „Desta povoação (a Chapadinha) consta que se evadiram de novo os rebeldes ao approximar-se a força encarregada de os bater, e comquanto ainda não se saiba o ponto em que se tenham estabelecido, marcha *tanta tropa* em seu seguimento, que é muito provavel que *até se consiga a capturação de todos elles*. É do meu dever certificar a V. Ex.<sup>a</sup> que este tumulto, desprezível pelos individuos que n'elle figuram, insignificante pela fraqueza dos meios de que podem dispôr, á esta hora estará terminado, *noticia que brevemente transmittirei a V. Ex.<sup>a</sup>*“\*

Cabia aqui uma reflexão, mas continuemos a ler esta parte: „Entretanto similhante acontecimento nenhuma alteração fez na ordem, nenhum abalo deo nos animos, e *nem uma consequencia promette, &c.*“

Eis como se antolhavam as cousas a este presidente pouco providente, ou ao menos pouco sincero e cauteloso. Elle havia promettido transmittir com brevidade a noticia do fim do que elle chamava *tumulto*, e com effeito, logo no seguinte mez escreveo

\* Officio do presidente Camargo de 8 de Janeiro de 1839.

para a côrte que os rebeldes tinham sido destroçados, e diz: „Perseguidos continuamente aquelles malvados pelas tropas enviadas desta capital e de diversos pontos da provincia para batel-os, viram-se obrigados a atravessarem o rio Parnahyba, em um ponto a quatro leguas distante da villa do mesmo nome, na provincia do Piahy; mas o respectivo prefeito\*\*, que com antecedencia eu tinha mandado prevenir, sahindo-lhes ao encontro com cento e cincoenta homens, os desbaratou, matando e ferindo não poucos, aprisionando alguns, e afugentando outros, que mais cedo ou mais tarde serão também presos, pois são bem conhecidos. Com a aniquilação destes desordeiros ficou a provincia no gozo da mais completa tranquillidade; pedindo a verdade que assevere que ainda mesmo quando elles se achavam com as armas nas mãos, pouco abalo no socego e confiança publica davam, á vista das providencias que a tempo foram empregadas, e prometiam o resultado que por fim viemos a colher.“

Esta participação de certo não foi inspirada pela boa-fé, por quanto foi feita dez dias antes da chegada do novo presidente que o vinha substituir, e por quem já o Snr. Camargo esperava quando traçou o primeiro officio, annunciando que brevemente daria satisfactorias noticias.

\* Officio do presidente Camargo, de 16 de Fevereiro de 1839, ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.

\*\* O coronel José Francisco de Miranda Ozario.

Nada se havia colhido de suas providencias; Raymundo Gomes, posto que repellido pelo prefeito da Parnahyba, existia em campo, assolando de novo o interior do Maranhão, de volta do Piahy, e tudo se achava em peor estado. Mas é manha dos governantes temporarios justificar sua administração, e carregar sobre seus successores os males que deixam.

## CAPITULO VI.

Posse do novo presidente Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello; seu engano. Grande desenvolvimento da rebellião. Apparecimento de Balaio. Destroço dos Anglicos. Temores de ser a capital sitiada.

Em 26 de Fevereiro chegou ao Maranhão o novo presidente, o Snr. Manoel Felizardo de Souza e Mello\* que vinha substituir o Snr. Camargo. Tomou posse no dia 3 de Março, anniversario da posse do seu antecessor. Por este influenciado, acreditou que a provincia estava em paz, e escreveu para a côrte\*\*: „A provincia goza de tranquillidade e socego, estado que parece duradouro, attenta a boa indole dos seus

\* Tinha sido presidente do Ceará, d'onde fôra removido para o Maranhão.

\*\* Officio do presidente Manoel Felizardo, de 4 de Março de 1839 ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.

habitantes.\* E logo d'ahi a onze dias<sup>o</sup> vio-se obrigado a desmentir a parte que inadvertidamente havia dado pela sua muito boa-fé em palavras de interessado, quando a corrupção dos nossos costumes pedia mais criterio e malicia.

Repellido Raymundo Gomes da Parnahyba, atravessou o rio do mesmo nome, e com maior sequito apresentou-se na comarca do Brejo. Outro rebelde á frente de numeroso grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades; foi este o celebre Balaio\*\*, que dêo seu nome a todos os rebeldes. Motivos de vingança o arrastaram ás fileiras da rebellião. Contam que duas filhas suas tinham sido desfloradas por um certo Guimarães, official de commissão que da villa do Itapucurú-mirim marchára com um golpe de gente, para atacar Raymundo Gomes na Chapadinha logo em principios da revolta. Balaio, posto que de baixa esphera e pobre, assim ferido na sua honra, jurou lavar com sangue a nodoa de suas filhas; cheio de indignação publicou a sua deshonor, excitou os animos de amigos e conhecidos, atrahio gente, e repetia a linguagem dos faceiosos, — que aquelles homens da legalidade, vendidos aos Portuguezes, queriam exterminar

\* Officio do presidente Manoel Felizardo, de 15 de Março de 1839, ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.

\*\* Manoel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, assim appellidado pelo seu officio de fazer e vender balaio.

os de sua côr; que suas vidas, honra, bens, pátria e liberdade, não tinham outro recurso senão o das armas. Dest' arte collocou-se Balaio á testa de um enxame de rebellados, e começou a semear por onde passava destruições e mortes. Nenhum outro o avantajou nas crueldades, que muito o enfurecia a sêde implacavel de vingança.

Já então se dizia que a força inimiga subia a quatrocentos homens, e d'ahi progressivamente foi sempre augmentando: evitando o encontro com as nossas tropas, só cuidavam os seus chefes de roubar as fazendas, armar-se, e engrossar as suas turmas com quantos se iam levantando e adherindo á causa da revolta, cujo espirito, emanado de um partido da capital da provincia, ia achando corpo em toda a sua extensão. Correspondencias e insinuações se apanharam em poder de emissarios capturados que provam o que escrevemos.

Approximava-se Balaio da villa do Rosario, na margem esquerda do Itapuecurú, e os seus habitantes, amedrontados com essa noya, evacuaram a villa, e se refugiaram uns na fortaleza da Vera-Cruz, á meia legua de distancia na margem do mesmo rio; outros na capital, deixando suas casas entregues ao furor daquella cáfila.

Aos 15 de Março de 1839 o presidente Manoel Felizardo mandou o major Feliciano Antonio Falção, official de grande credito pelas qualidades de sua pessôa, e com elle uma força de quarenta homens,

e o nomeou commandante em chefe das tropas da legalidade, as quaes eram de duzentas e cincoenta praças; e porque cada vez mais crescia o susto e o numero dos rebellados, expedio no dia 21 do mesmo mez um hiate e um lanchão com sessenta e tres soldados e marinheiros pelo Munim até á villa do Icatú, com o fim de protegel-a.

De pouco proveito eram estes mesquinhos socorros; porque os rebeldes não se davam em ataque, e sempre errantes, de emboscada cahiam sobre as nossas pequenas partidas, e logo deixavam o campo, tanto que as debandavam. Um grande damno recebemos então. O capitão Pedro Alexandrino, que á frente de cento e setenta e tres praças se achava no lugar denominado Angicos, comarca do Brejo, tendo ahi feito junção com o tenente-coronel João José Alves de Souza, foi assaltado inopinadamente pela força de Balaio, passante de mil homens, que os destroçou completamente; e ahi praticaram os rebeldes actos de horror, arrancando os olhos, cortando as orelhas e pedaços de carnes ao capitão Alexandrino, ao tenente-coronel Souza, e a outros officiaes nossos, ainda vivos, que assim atrozmente martyrisados morreram no meio das maiores angustias. Os que escaparam com vida das cento e sententa e tres praças, foram por elles capturados, e com elles se ligaram.

A nova deste desastre infundio o susto em todos os animos, e as boas esperanças se desvaneceram.

Começou então o presidente Manoel Felizardo a ver quão falsas eram as suas conjecturas, inspiradas pela má fé, e mandou cobrir a capital com fortificações, e cruzar algumas canhoneiras, temendo que se passassem os rebeldes á ilha do Maranhão, e tomassem a capital; e como já anteriormente houvesse exigido soccorro de tropas á algumas provincias, chegou-lhe por aquelles dias um batalhão de Pernambuco, forte de trezentas e vinte praças, que logo fez marchar para o interior. Já então lavrava o boato de que se achava a cidade de Caxias sitiada; e os rebeldes, em crescente numero, cada vez mais audazes pelas victorias havidas, a maiores empresas se arrojavam, deixando após si o pranto, a morte, a destruição e o incendio; e quantos a elles se não ligavam iam sendo victimas de sua brutal ferocidade.

## CAPITULO VII.

Caxias, seu assedio e desastres.

Caxias, outr'ora Aldêas-Altas, era o florecente emporio do interior do Maranhão e do Piauhý; a mais rica e commercial cidade da provincia depois da capital; notavel pelo luxo dos seus habitantes e descomedimento de muitos, e mais notavel ainda por ser o theatro de contínuas e diurnas vinganças e assassi-natos: demora á sessenta leguas ao suéste da capital,

na margem direita e oriental do Itapuecurú, tendo em seu rosto na opposta margem a freguezia de Trezidella, que a domina. Em toda a longa extensão desse rio principal se descobrem propriedades, fazendas, aldéas e villas, e como o terreno que devassa é o mais fertil e muito cortado por seus braços, a que chamam *igarapés*, é tambem a parte mais povoada e a mais rica de todo o Maranhão. Só a escravatura computa-se em cerca de vinte mil Africanos; o que muitas vezes ameaça o socego público, subtrahindo-se parte d'elles ao jugo do senhorio, e aquilombando-se nas matas, d'onde em sortidas vão roubar as fazendas circumvisinhas, sendo necessario força armada para captural-os. E não foi isto um dos pequenos males da presente rebellião; porquanto, fugitivos os fazendeiros, deixavam á mercê dos rebeldes seus casaes e escravos, e estes se aproveitaram do ensejo para fugir ao trabalho das lavouras devastadas, e foram acoutar-se daquelle lado da costa entre a barra da Tutoya e o Priá, onde em um numero passante de tres mil, e capitaneados pelo negro Cosme, tido por feiticeiro, grandes devastações fizeram; e disto trataremos em mais competente logar, que por enquanto se iam elles para ahi accumulando, sem attrahir a attenção do governo, todo occupado em negocio de maior monta.

Caxias, a cidade do crime, o refugio dos facinorosos, o dominio de pequenos bachás que a seu grado decidiam das alheias vidas, estava acostumada a ver

assassinatos todos os dias. Almas piedosas lhe auguravam grandes desgraças em punição de seus crimes, e quiz Deos que ella fosse o theatro sanguinolento de todos os horrores da rebellião, talvez para correção de seus costumes depravados, e seus futuros melhoramentos.

Tudo em Caxias attrahia os rebeldes; sua mesma posição central, suas riquezas, munições, sympathias e immoralidade convidavam a que a fossem sitiár.

Toda a população errante e aventureira das comarcas do Brejo, Itapucurú, Caxias e Pastos-bons, excitada pela cubiça, tinha engrossado as partidas dos facciosos, e avaliava-se o seu numero em seiscentas cabeças, que cercavam a malfadada Caxias, todas meditando a sua ruína.

Marchavam para soccorrel-a o major Falcão com a gente do seu commando de guardas nacionaes e de policia; o major José Thomaz Henriques á frente do seu batalhão de Pernambuco, e tudo montava a setecentas praças debaixo do commando em chefe do tenente-coronel Junqueira. Estavam em caminho estrada de Caxias, quando chegou á capital a infeliz nova de que aquella cidade se tinha rendido á força sitiante, e que o sangue corria em todas as suas ruas; ao mesmo tempo, para cumulo de infelicidade, propagou-se outra nova de que mil rebeldes, vindos da Parnahyba, intentavam desembarcar na ilha do Maranhão, e atacar a cidade de S. Luiz, capital da provincia. Tão fataes

noticias foram dous golpes mortaes nos animos dos seus habitantes, que, assim perdidas as esperanças, varados de susto, já se julgavam nas garras daquelles monstros sanguinarios, e logo foram tudo dispondo para sua fuga. Não menos o presidente Manoel Felizardo se vio perplexo no meio de tantos terrores a um tempo espalhados, e esquecendo-se das desgraças de Caxias, mandou, para tranquillisar os animos, contra-marchar a força de setecentos homens que já em caminho estava para aquella cidade, com o fundamento de cobrir e defender a capital de qualquer invasão, que muito se receiava: pediu mais gente ás provincias do Sul; mandou a escuna *Legalidade* ao Pará com o mesmo fim; mandou desmontar e encravar a artilharia da fortaleza de Santo Antonio da Barra, e a do baluarte da cidade; tanto era o medo que d'ella se servissem os rebeldes em tomando a capital, que por assim dizer já com antecendencia o terror lhes entregava!

Algumas destas medidas de nenhum modo podem ser relevadas; a contra-marcha da força, o desmontamento e encravamento da artilharia, mostram inconsideção ou grande falta de confiança nos habitantes da capital, na qual, além de sua posição elevada, cercada de agua, e de facil defensão, havia dous batalhões de guardas nacionaes, e muita gente que podia pegar em armas. Entretanto Caxias nadava em sangue; vida, bens e honra, tudo ia sendo devorado pelas hor-

das devastadoras, que friamente as maiores crueldades praticavam sem piedade da infancia, da velhice e da virgindade. Entre os terriveis canibae notava-se o feroz Ruivo, que fazia garbo de andar coberto de sangue, e de apregoar o numero dos seus assassinatos perpetrados no dia.

Em dinheiro e fazendas computa-se o prejuizo daquella cidade em quatro mil contos! Bem caro pagou Caxias seus crimes passados. Muitos viram nesse flagello a maldição celeste invocada pelas victimas de sua perversidade; que assim castiga o Céu os reiterados crimes de uma raça prevaricadora; assim muitas cidades se annihilaram! assim destas desgraças colhem os homens grandes e terriveis lições para o futuro. Praza ao Céu que esta se não perca.

### CAPITULO VIII.

Da tomada de Caxias; o que ali se passou. Emissarios dos rebeldes ao presidente; suas requisições.

Caxias, populosa, rica, bem municuada, e de facil defensão, tendo de um lado o rio Itapucurú, e do outro altos morros que a cobrem, não se teria rendido á força sitiante se alli não houvesse indifferentes mal cuidadosos no futuro, que se furtavam a todos os sacrificios, e traidores que com os chefes rebeldes se car-

teavam, e os soccorriam com polvora e viveres. Depois de quasi dous mezes de assedio e de repetidas escaramuças, mais desalentados os habitantes pela indecisão e fraqueza do que pela fome, vergonhosamente capitularam, e nos dias 30 de Junho e 1.º de Julho entraram os rebeldes na cidade. Um dos seus caudilhos, Livio Lopes, intimou ao prefeito João Paulo Dias Carneiro que lhe entregasse a chave da igreja de Nossa Senhora dos Remedios, que profanada servia de armazem de polvora; e assim se apoderaram os invasores de trezentos barris de polvora, de quarenta mil cartuxos embalados, de armamento, de duzentos armazens de fazendas, casas, vidas, e tudo enfim que alli existia. E á vista de tantos meios de resistencia, de tantos recursos, com que podiam fazer rosto e repellir os sitiantes, facil é a conclusão, para quem mesmo outros documentos não tivesse, de que si algumas auctoridades e principaes habitantes não eram conniventes com os rebeldes, ao menos por medo com elles transigiam.

Dest'arte acampados os Bemtevis na segunda cidade da provincia, armados e municidados á custa dos vencidos, senhores de tantas vidas, do principal rio, e das comarcas de Caxias, Pastos-bons e Brejo, arvoraram um conselho composto do abegão Raymundo Gomes, Balaio, e Ruivo, e dos mais caudilhos da mesma estofa, tão ferozes como estupidos, em cujo nome dictava-se a lei. Prenderam logo todos os lega-

listas, e roubaram o que quizeram. Expediram depois emissarios ao presidente Manoel Felizardo, com instrucções para com elle entabolarem negociações. Chegaram á capital esses plenipotenciarios, posto que debaixo de guarda desde a villa do Itapucurúmirim, e em palacio se apresentaram com os papeis que traziam ao presidente, os quaes aqui transcrevemos.

„Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — O conselho militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos commandantes das forças do partido Bemteví, que conta seis mil homens bem armados e municidados, tomou por medida salutar e mui conveniente ao socego da provincia mandar perante V. Ex.<sup>a</sup> uma deputação composta dos Srs. João Fernandes de Moraes, Hermenegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José Martins, padre Raymundo de Almeida Sampaio, Brazileiros probos e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os desejos e votos do partido Bemteví, os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a constituição e o throno augusto de Sua Majestade o Imperador; e muito confia que V. Ex.<sup>a</sup>, convocando immediatamente a Assembléa provincial, haja de adoptar as medidas que se propõe, porque ellas são sem duvida a declaração da vontade da provincia. Caxias, 10 de Julho de 1839. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello. — Seguem-se as assignaturas.“

Além deste officio do conselho militar, vejamos o seguinte discurso da deputação, cujo original temos ante os olhos. „Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — O partido denominado Bemteví, que parecia fraco, mas que tem adquirido forças e muitos elementos de resistencia a outro qualquer que o pretenda supplantar, havendo á custa de esforços e trabalhos conseguido apoderar-se e tornar sua toda a provincia maranhense, respeitando sempre as leis e o throno augusto de Sua Majestade o Imperador, nos manda em deputação perante V. Ex.<sup>a</sup> a representar a V. Ex.<sup>a</sup> o estado de engrandecimento em que se acha, e as medidas que julga convenientes ao bem da provincia, a fim de que V. Ex.<sup>a</sup>, tomando-as na devida consideração, as adopte para salvar a provincia das immensidades de males que a ameaçam, si ellas não forem approvadas. Não ha duvida, Ex.<sup>mo</sup> Sr., que alguns excessos praticou este partido no seu começo; hoje porém que elle acaba de tomar Caxias, onde se municia de oitenta mil cartuxos embalados, mil armas, peças de artilharia, e mais de trezentos barrís de polvora, apoiado em seis mil homens, apresenta uma barreira irresistivel, e manifesta a vontade da provincia. Assim, Sr., o partido Bemteví, querendo sustentar os objectos mais caros aos bons Brasileiros, nos manda perante V. Ex.<sup>a</sup> offerecer-lhe as instrucções juntas que nos deo, e muito confia que V. Ex.<sup>a</sup>, como muito interessado no socego da provincia, haja de lhe dar uma resposta satisfactoria, ou as condições

que julgar convenientes, porque a deputação está auctorizada a recebel-as ou modifical-as.“

Que os membros desta deputação eram Bemtevis, este discurso o prova, e mais ainda a confiança n'elles depositada, posto que desse labéo se defendessem.

Vejamos as instrucções do conselho militar á deputação. „Art. 1.<sup>o</sup> O conselho militar e tropa reconhece e respeita o governo de Sua Majestade o Imperador, as leis e a constituição do Imperio.

Art. 2.<sup>o</sup> O conselho militar declara que o povo e tropa, que se acha reunido e se conserva com as armas nas mãos, não tem outras vistas mais que pedir ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. presidente da provincia abrogação das leis provinciaes que criaram as prefeituras, e offenderam a lei geral sobre a organização de uma guarda nacional, além dos artigos seguintes.

Art. 3.<sup>o</sup> Que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. presidente da provincia, reunindo extraordinariamente a Assembléa provincial, conceda uma amnistia áquellas pessôas que de qualquer modo se acham compromettidas na presente lucta, por quanto ellas só tem por fim lançar por terra aquellas leis, que ameaçam as liberdades patrias.

Art. 4.<sup>o</sup> Pede ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. presidente da provincia oitenta contos de réis em dinheiro, para indemnisação da tropa, por quanto a contribuição imposta aos habitantes desta cidade (Caxias), que lhe fizeram a mais decidida opposição, não é sufficiente para supprir o deficit dos respectivos prets.

Art. 5.º Que os presos de Estado que se achavam em custodia, sendo processados legalmente, respeitando-se o fôro de cada individuo, conforme a constituição do Imperio e leis existentes, sejam obrigados a cumprir suas sentenças, havendo recursos d'ellas na fórma da codigo do processo.

Art. 6.º Que saiam da provincia os Portuguezes, propriamente fallando, ficando sómente os adoptivos, a quem não será permittido os empregos publicos, a venda de armas de qualquer natureza, munições ou quaesquer outros generos *combustiveis*, sobpena de serem tomados pela fazenda publica, com denuncia ou sem ella, e por isso inhabilitados de pegar em armas em qualquer occasião.

Art. 7.º Que d'entre as forças Bemteví sejam considerados em seus respectivos postos aquelles officiaes de melhor conducta, e que mereçam a opinião, assim do governo como do publico, para serem empregados nos corpos da provincia.

Art. 8.º Que o conselho militar obriga-se a fazer depôr as armas, logo que estas requisições sejam adoptadas pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. presidente da provincia e Assembléa provincial, podendo admittir-se aquellas modificações que a deputação entender fazer, em cumprimento dos interesses e dignidade do partido Bemteví.“

Taes foram as requisições feitas em nome de um partido com as armas nas mãos, algumas anti-constitucionaes pela sua materia, outras vergonhosas para o governo, e todas indignas de serem aceitas.

## CAPITULO IX.

Da maneira porque foram recebidas as proposições dos rebeldes. Uma conferencia em palacio entre o Dr. Sá e o professor Sotéro. Da opinião publica sobre o presidente, e censuras que lhe faziam.

Do modo porque foram recebidas estas proposições, e do occorrido entre o presidente e os commissarios nada consta officialmente, limitando-se aquelle a enviar para a côrte uma copia destes artigos, e a noticia da divisão entre os rebeldes Livio Lopes e Balaio, por ganhar este grande preponderancia, pretendendo matar todos os presos de Caxias, e entregar a direcção da rebellião a homens de côr: e ajuncta que havia dito á commissão que o governo geral não era vingativo e sequioso de sangue; e que si Livio, ou outro chefe dos faeciosos se unisse ás forças da legalidade, ou batessem logo os outros, não só teriam o perdão do que haviam feito, como seriam tradados com alguma attenção; e termina este officio\* dando, como sempre, boas esperanças, que com a mesma facilidade iam sendo desmentidas pelos acontecimentos subsequente.

É porém notorio, e os jornaes deram fé, que em uma noite larga conferencia houve em palacio entre o doctor Joaquim Franco de Sá, juiz de direito da comarca de Alcantara, e o director do Lycêo Maranhense, Francisco Sotéro dos Reis, redactor do *Inves-*

\* Officio de 3 de Agosto ao ministro do Imperio.

*tigador Constitucional*; o primeiro indicado como opposicionista liberal, o segundo, como muito aferrado ao governo forte. A esta conferencia, occasionada pelo encontro imprevisto dos dous, como ambõs confessam em exposições defensivas que pelos periodicos fizeram, assistio o presidente, que teve a coragem de não proferir palavra, e de em silencio ouvil-os sem descobrir o seu pensamento. Sustentou o Dr. Sá a necessidade de se convocar extraordinariamente a Assembléa provincial, que antes de tempo, e sem haver concluido a lei do orçamento para o financeiro anno de 1840 a 41, se havia encerrado por sí mesma. Opinou, que a pretexto de se concluir essa lei, se devia reunir os dispersos membros da Assembléa, derogar a lei dos prefeitos, e tomar outras medidas para acalmar o espirito da revolta. O professor Sotéro, parecendo concordar com isso, queria em troco que passasse igualmente na Assembléa provincial a suspensão de garantias, e um credito de vinte contos (outros dizem de oitenta) para despesas occultas, e d'aqui brotou a divergencia entre os dous. Diz-se que o professor Sotéro propunha essa medida, porque sorrateiramente machinava a quéda do presidente, escrevendo elle e seus amigos para a cõrte, pedindo o general Andréa, que por seu character violento e decisivo lhe parecia mais adaptado á accasião, e contava que o general se entregaria todo á gente que o invocava, e vexaria o partido opposto; e consta que car-

tas appareceram neste sentido. O certo é que o presidente Felizardo, pela sua indecisão e docilidade, a nenhum dos partidos convinha. Já o descontentamento apparecia, e pouca confiança n'elle depositavam.

Retiraram-se os dous a final, sem que aquella entrevista e debate fundisse proveito algum para os publicos negocios, e nem ao menos servio para adoçar a acrimonia dos partidos, os quaes proseguiram a reciprocamente accusações e invectivas. Dalli em diante foi sempre mingoando o credito do governo, que apesar das boas intenções, por sua fraqueza vacillava entre oppostas exigencias. Não o pouparam desde o principio; seu relatorio á Assembléa provincial, em 3 de Maio, soffreo rigorosa e circunstanciada analyse do redactor da *Chronica* \*, o qual suppondo-o obra do secretario, que muito odiado era, desabou contra este todo o pêso da critica esmagadora, notando falsidades, e até copiosos erros de linguagem e incorrecções de estylo; e censurou o Presidente por haver de confiança prestado sua assignatura a uma obra — de estylo *pedantesco*, de *máo gosto*, *deturpado* por não poucos *barbarismos*, e em geral *languido* e *empeçado*, concorrendo para dar ao todo do discurso *uma physionomia burlesca*, certas *puerilidades* e *distracções* que parecem inveríveis em um documento de sua natureza tão grave, e que devêra ser feito *com todo o esmero e*

\* O destincto escriptor João Francisco Lisboa.

*cuidado*.\* E allega como irresistivel prova de ser producção do secretario (que havia servido com o Sr. Camargo, de quem era protegido) o dizer elle no artigo — Tranquillidade publica — *que reappareceram os desordeiros em principio de sua administração*: o que na verdade é uma falsidade sem honra e proveito para quem tal dizia; por quanto havia elle tomado posse no dia 3 de Março, e os officios do interior noticiando o reapparecimento dos rebeldes na provincia eram de 26 de Fevereiro, decorrido ainda no tempo do ex-presidente Camargo. E já atraz fica dito o quão de boa-fé andava o Presidente em todas estas cousas, não prevendo, como devia, as consequencias; e este erro desde o principio não pouco concorreo para os mais erros de sua fraca administração em tão melindrosa crise; até que a final um novo ministerio o julgou inapto para pacificar a provincia.

## CAPITULO X.

Progressos da rebellião e seus horrores.

Assim iam as cousas na capital, emquanto no interior da provincia o geral desalento cedia o campo ás hordas devastadoras, que ufanas não atacavam sem victoria, e com tanta rapidez lastravam, que sua podiam chamar toda a provincia, theatro miserando

\* *Chronicas*, n.ºs 141, 146 e 148 de Junho de 1839.

de seus horrores e latrocinios, onde punham em practica quantos flagicios inventa a perversidade do coração humano para tormento de suas victimas. Um só factó apontarei: a um misero ancião octogenario cortaram o ventre, e n'elle coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas; esta recordação horrivel de um supplicio tartareo foi feita ante os olhos dos filhos e da esposa do desgraçado velho; e nem o deixaram os frios algozes, que galhofavam, sem o ver exhalar o ultimo expiro no meio de crueis vascas e dolorosos gritos da familia, que além deste martyrio foi espancada em despedida. A tanto chega a cruel fereza do coração humano! Probres mulheres indefesas eram açoutadas; moças manchadas ante os olhos de seus progenitores, e assassinadas se resistiam; roubados os bens e incendiadas as casas e lavouras, e todos os dias chegava á capital a nova de uma desgraça; cousas estas que mais facilmente elles praticavam, do que nós podemos escrever; que si tantos exemplos de iguaes crimes nos não mostrasse a historia de povos civilisados em épochas de feroz delirio, estamos que as almas sensiveis duvidariam da veracidade destes.

## CAPITULO XI.

Da chegada do coronel Sergio para commandante das forças. Sahida deste e do presidente para o Icatú; e do desastroso ataque das Aréas.

Devolvia-se o mez de Julho de 1839 quando a S. Luiz do Maranhão chegou o coronel Francisco Sergio de Oliveira \*, vindo do Pará, nomeado pelo governo geral para commandante em chefe das forças em operações no Maranhão. Mais de vinte dias demorou-se elle na capital sem marchar para o campo da guerra, até que obrigado foi por um novo desastre.

A villa do Icatú, situada á margem direita do rio Munim, oito leguas distante da capital, achava-se sitiada por terra por avultada copia de sediciosos, que em suas costumadas correrias devastavam todo aquelle quadro de terreno que se estende do oeste a léste, desde a margem direita do Munim até o igarapé Jacarehy, ficando-lhe ao norte a bahia de S. José, que do continente separa a ilha de S. Luiz, onde está a capital, e ao sul outro igarapé, que desemboca no Munim; de modo que aquelle quadro de terra parece uma ilha presa ao suéste do continente. Em todo este terreno havia para mais de oitocentos rebeldes que ameaçavam a capital, e que talvez não tentassem um desembarque pôr falta de lanchas, e tambem porque algumas canhoneiras nossas crusavam aquellás aguas em protec-

\* Era então tenente-coronel, hoje brigadeiro.

ção da ilha capital. O destemido tenente Antonio de Sampaio\* ia commettendo temeridades entre os facciosos, causando-lhes grandes damnos, até que em uma sortida encontrou-se com numerosa cáfila, que em debandada fez recuar a sua tropa com perda de muitos.

O presidente, que tanto como o povo temia a tomada da cidade de S. Luiz, vendo tão perto o perigo, oito leguas apenas arredado, resolveo-se a fazer um esforço, e acompanhado do coronel Sergio, commandante em chefe das forças, e do tenente-coronel Isidoro Jansen Pereira, com todo o seu batalhão de guardas nacionaes, forte de trezentas praças, e de setenta homens de primeira linha sob o commando do tenente-ajudante João Paulo de Miranda\*\*, marcharam todos no dia 6 de Agosto para o Arapiranga, logar da ilha a seis leguas da capital, em frente da bahia de S. José, onde embarcaram, e no dia seguinte chegaram á Villa-velha do opposto lado da bahia, e situada no quadro de terra de que fallámos, a tres leguas da villa do Icatú. Desembarcados todos na Villa-velha, ahí acharam dous batalhões de primeira linha, um sob o commando do major Feliciano Antonio Falcão\*\*\*, outro sob o do capitão Ernesto Emi-

\* Era então alferes, hoje capitão.

\*\* Hoje capitão.

\*\*\* Hoje tenente-coronel, commandante do 5.º batalhão de fuzileiros do exercito.

liano de Medeiros \*\*, e ambos debaixo das ordens do tenente-coronel João Raymundo Carneiro Junqueira: era esta aquella força que em marcha para Caxias retrocedêra por ordem do presidente, para vir cobrir a capital, como atraz fica dito.

No dia 8 houve alli parada das tropas, e no commando d'ellas foi investido o coronel Sergio; e finda esta solemnidade, mandou o coronel que o tenente Sampaio com um golpe de gente fosse explorar o caminho: o que feito, regressou logo depois com um homem dos seus ferido em um tiroteio havido com os inimigos. Occupava-se o commandante Sergio com o mappa topographico, e traçou um plano de ataque dividindo suas forças, das quaes parte devia ir por terra e outra por agua; mas como tratassem primeiro de distribuir as rações aos soldados, e grande demora houvesse em fazer a carnagem par isso, já a maré estava em preamar, e o capitão-tenente da armada Boldts apresentou a difficuldade de se effectuar um desembarque naquelle dia, por vir a faltar agua quando chegassem no logar denominado o Jacarehy. Burlado o plano, e perplexo o commandante Sergio consultou com o presidente, e nada resolveram por aquelle dia, na tarde do qual pelas cinco horas embarcou-se o presidente para bordo do hiate *Vinte e oito de Julho*, com toda a sua companhia, e um corpo de voluntarios com o titulo de Pedro II., formado de

\* Hoje major do L.º batalhão de fuzileiros do exercito.

doctores e bachareis, sob seu commando, e fez-se á véla via do Munim.

Ao despontar o infausto dia 9, ordenou o commandante a marcha das tropas por terra, estrada do Icatú. Ia na vanguarda o major Falcão com o seu batalhão, e depois de poucas horas de marcha, descobriu a guarda avançada um espia dos rebeldes, que logo fugio, e teve de sustentar um tiroteio com a vanguarda dos contrarios, que luctando recuaram até suas trincheiras, as quaes cortavam o caminho em uma volta ou cotovello que fazia, estendendo-se ellas para os dous flancos. Eram estas trincheiras de tres pés de altura, construidas de páos e folhas, e torneadas por dentro de um fosso com bastante fundo para cobrir um homem agachado, e onde occultos os rebeldes esperavam a nossa gente, que alli esbarrando, foi recebida com uma descarga de mosquetaria, que pôz fóra de combate perto de trinta soldados da guarda avançada. O major Falcão, como por falta de vento que varresse a fumaça, nada via do que se passava na vanguarda, mandou saber que obstaculo havia, e instruido do caso ordenou que o capitão Simão Antonio Alves, com a primeira companhia do seu commando e um guia, fosse pelo flanco direito da trincheira, e cahisse sobre a retaguarda do inimigo; fazendo ao mesmo tempo avançar a segunda companhia pela frente, em soccorro da guarda avançada. Reanimou-se o fogo por este lado, contando o major

com o rompimento do cordão dos flanqueadores; mas por fatalidade, o capitão não cumprindo a ordem, veio desculpar-se, allegando que não podéra romper o espêsso mato, sendo n'elle ferido. Derrotada ficou a segunda companhia; seguiram-se a terceira e a quarta, que o mesmo damno soffreram. O estoico major não recuava, apesar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhados no caminho. Quiz a vanguarda retroceder, tão desalentada estava, mas elle conteve-a, e forçou-a á nova investida; e nisto ouviu-se uma descarga dos dous batalhões que após marchavam, um de guardas nacionaes do commando do tenente-coronel Jansen, e outro do capitão Ernesto que cobria a retaguarda. Entre estes vinha o coronel Sergio, commandante em chefe, que parecia não haver previsto aquelle encontro, como se marchasse por estrada amiga; nem déra instrucções ao major para o que occorresse: entretanto as cornetas destes corpos correspondiam ao toque de avançar da corneta da vanguarda, e certamente não tocavam ellas sem ordem.

Convém relatar todas as circumstancias deste desastroso ataque, conhecido com o titulo das Arêas, nome do logar: o mais infausto que houvemos, em que passante de mil homens ficaram sem entrar em combate, muitos mortos e outros baleados; por quanto depois lançou-se a culpa deste desastre sobre o major Falcão; como si alli não fosse um commandante em chefe, que devêra delinear o ataque, e prever as occorrencias.

Estando as cousas naquelle transe, depois de duas horas de fogo, sem que dos corpos da retaguarda apparecesse official algum ou ordem do coronel Sergio, o major Falcão, já ferido, ouvindo o toque das cornetas, resolveo-se a ir saber do coronel o que determinava, recommendando que sustentassem a refrega. Estavam os dous batalhões prolongados a um de fundo, e em meio marchava o corajoso alferes Sampaio, que então vinha com novo cordão de flanqueadores para contornar as trincheiras. Encontrado o commandante em chefe, expoz-lhe o major os desastres da avanguarda, e o como elle se achava ferido; pelo que nomeou aquelle um official superior para substituir o major no commando do batalhão empenhado no combate; negou-se o official, e o mesmo fez outro após nomeado. Tal era a disciplina, que nem o commandante em chefe sabia o que fizesse para sustentar as suas ordens, nem havia quem o obedecesse. Por felicidade, depois de tantos damnos acertou que naquelle intervallo o alferes Sampaio com os seus flanqueadores, rompendo o bosque antes de chegar ás trincheiras, o inimigo o presentisse, e em fuga evacuasse o ponto. Então reanimou-se a coragem nos corações cobardes, e o coronel Sergio proseguio a sua marcha com os dous batalhões que não luctaram.

Alli ficou o major Falcão, posto que ferido, arrecadando os destroços da guerra, e reunindo seus sol-

dados. E logo o cirurgião procedeo a um curativo tão miseravel como o combate, por não haver ambulancia de sangue sufficiente, e lhe não chegarem as mãos para tantos baleados; e alli mesmo tiveram os mortos sepultura no fosso das trincheiras inimigas, onde a morte os sorprendêra. Depois postos em marcha os illesos, levando ás costas os feridos, chegou aquelle funebre cortejo ao logar denominado Ribeira, onde impaciente e já acampado o coronel Sergio os esperava com toda a mais gente. Por falta de todas as commodidades estiveram alli os feridos dezeseis horas, deitados sobre a terra fria até o seguinte dia, expostas suas grandes feridas ao ar, e já cobertas de insectos; até que a final foram transportados para bordo das embarcações, e só então o primeiro tenente d'armada Angelo Custodio Ramos de Oliveira, franqueando alguns medicamentos que alli tinha, com suas próprias mãos ajudou no curativo ao cirurgião Teixeira Pinto. E pois que não teremos outra occasião de fallar do primeiro tenente Ramos, victima mais tarde do ignorante zelo de um charlatão, aqui tributamos á sua memoria esta saudosa lembrança pelo muito que fez em sua vida.

Embarcados todos os feridos, navegaram para a villa do Icatú, já evacuada de rebeldes, onde o segundo tenente d'armada Curvêllo d'Avila, commandante de uma canhoneira, não menos que o primeiro tenente Ramos, desvelou-se com os enfermos, e posto que

enfermo tambem se achasse, por cruzar de longo tempo aquellas aguas entre mangues e brejos tão insalubres, não se poupou a fadigas para soccorrer aquellos infelizes. Já então o presidente tinha desembarcado, e depois chegou o coronel Sergio, que por terra marchára com a tropa, e alli demorou-se o presidente alguns dias, até que aos 18 do mesmo mez regressou para a capital com a sua guarda do batalhão de Pedro II, ficando alli o commandante em chefe com toda a mais gente de guerra. Deixamos aberto o campo ás reflexões sobre este desastroso episodio do ataque das Arêas, de que apenas omitimos, por poupar vergonhas, minuciosos incidentes pouco dignos de escriptura.

## CAPITULO XII.

Dispersão dos rebeldes em diferentes grupos. Evacuação de Caxias e do Icatú. Entrada no Maranhão do major Clementino de Souza Martins.

Cada vez mais se ia ennegrecendo o horizonte maranhense: com os destroços da legalidade nutria-se a rebellião, e o governo já de animo quebrado, exhausto de forças, e pouco acreditado, vans tentativas fazia, quando o infausto ataque das Arêas veio ainda mais estreitar o circulo das timidas esperanças.

Achava-se na villa do Icatú a maior parte das nossas tropas, tendo á sua frente o cammandante em

chefe; mas os rebeldes, que não aspiravam á gloria dos combates, e sim á vantagem na rapina, promptos se deslocavam em face de arriscadas empresas; e como nenhuma intelligencia entre elle se movesse, nem plano politico bem concebido tivessem, andavam devastando tudo como quadrilhas de barbaros salteadores, capitaneados por differentes caudilhos, que obravam sem concerto, dado que Raymundo Gomes gozasse nominalmente das honras de general em chefe.

Depois da desastrosa refrega de que acabámos de fallar, muitos dos bandidos tomaram o caminho do Iguará, onde se reuniram, e foram outros para Caxias levados pela avidéz do saque; mas aquella cidade tendo sido completamente roubada e destruida, nada alli havendo que podesse excitar a cubiça de salteadores errantes, foi deixada pouco a pouco, e os rebeldes restantes foram expulsos, e alguns presos pelos habitantes, que só então reagiram: os que pelos invasores tinham sido encarcerados, compraram suas vidas a pêso de ouro, e muitos passaram lettras para seu resgate.

Livio Lopes, que mais que todos se enriqueceo, e Balaio, marcharam para as margens do Parnahyba, com intento de oppôr-se ás tropas do Piauhy, que sob o commando do major Manoel Clementino de Souza Martins entraram em Maranhão pela comarca de Pastos-bons, cortando dest' arte a retaguarda do inimigo que assolava aquella comarca. Raymundo Gomes e Coque desceram de Caxias, e na altura de S. José,

oito leguas acima do Itapucurú-mirim, retirou-se o segundo para sua casa, com o fim de gozar tranquillo do fructo de sua rapina; e Raymundo Gomes avistando uma partida nossa, furtou-se em precipitada fuga ao combate.

Devemos notar que os rebeldes tambem recrutavam, e os constrangidos por esse geito, não colhendo fructo nas suas fileiras, desertavam para as nossas, e o numero destes apresentados ao commandante do Icatú subia a trezentos homens. O mesmo Coque e um Domiciano Ayres se entragaram ao governo, e continuaram a fazer a guerra a seus antigos companheiros de Caxias.

A nova destes ultimos acontecimentos, posto que só na apparencia favoraveis, animou o governo e a capital, que já não temia que a tomassem os rebeldes; o que deo azo aos partidos, até alli pelo temor aplacados, a que agora se reavivassem, e disto mesmo se queixou o presidente para a côrte. Entretanto claro é que os negocios empeioravam, e cresciam as difficuldades com a extravasação dos rebeldes em grupos. Emquanto elles com todos os seus chefes estavam reunidos, podiam as nossas tropas sitial-os, e impedir ao menos que o espirito revolucionario se propagasse pelas comarcas até alli isentas; desde que se dividiram em hordas errantes de salteadores, de necessidade as nossas tropas se deviam tambem dividir em partidas exploradoras, e não havia forças sufficientes

para perseguil-os, guarnecer todas as villas e povoações que podessem ser atacadas, e servir-lhes de refugio. Deste retalhamento de forças de parte a parte resultou fraqueza e difficuldades para nós, vantagem para elles, que nada tinham que guardar e assegurar, e iam alvorotando toda a provincia, tomando á força os generos de que necessitavam, destruindo o que não podiam levar, e fugindo sempre depois dos primeiros tiros, quando com as nossas partidas se encontravam; accrescendo que nascidos e criados por esses sertões, melhor lhes conheciam as trilhas e refugios; e as nossas tropas, pela mór parte expedicionarias de outras provincias, estranhavam o clima e o terreno, adoeciam com muita facilidade, e constantemente um terço d'ellas estava impossibilitada de servir; e muitas vezes em um acampamento ao numero dos sãos excedia o dos enfermos, sem que cirurgião e botica houvesse para os soccorrer.

### CAPITULO XIII.

Principio da desordem na comarca de Pastos-bons. Críme de Militão Bandeira de Barros. Do acontecido nas villas da Chapada, Riachão e Pastos-bons.

Temos de passagem tocado em Pastos-bons, e por não cortar o fio da narração não consignámos ainda um facto assás escandaloso, que foi o co-

meço da revolta naquella comarca, o que agora faremos.

Militão Bandeira de Barros, tenente-coronel da guarda nacional, nomeado pelo ex-presidente Camargo, exercia na villa da Chapada as funcções de juiz municipal, e de orphãos, e interino de direito: auxiliado pelo juiz de paz João Paulo Cortez, tendo ambos alguma força á sua disposição, obravam segundo as inspirações do capricho e do interesse. Em uma reunião do jury, tratando-se do sorteamento para juizes de facto, o vigario Antonio do Rosario Cardozo lançou em rosto ao dito Militão a terrivel verdãde de haver elle nascido escravo, e ter sido fôrro por seu senhor e pai, querendo por aquelle modo excluil-o. Militão jurou vingar-se, posto que não fosse eliminado. Aos 15 de Janeiro de 1839 foi o vigario assassinado em sua propria casa por quatro soldados que seguiam a um meirinho, o qual primeiro lhe dêo a voz de preso, seguindo-se logo a descarga a pretexto de resistencia. Militão e o juiz de paz Cortez mandaram depois prender em alheio districto alguns amigos do padre, que vociferavam contra aquelle attentado, e arteiramente os dous começaram a espalhar que essas pessoas tentavam a morte ao dito Militão, e na denuncia contra ellas foram testemunhas os mesmos satellites assassinos do vigario. Mas porque as cousas não sahisses muito ao geito de Militão, cheio este de terror, mandou soltar um dos presos, de nome Manoel Jorge, e para

captar-lhe a benevolencia, quiz repartir com elle o despojo do morto, offerecendo-lhe uma obrigação de divida do dito Jorge ao fallecido vigario. Jorge denunciou tudo ao sub-prefeitô do logar, a quem entregou o credito recebido das mãos de Militão; e este vendo tão mal parado o seu negocio, officiou logo ao prefeito da comarca Francisco Dias Carneiro, pedindo-lhe tropa, a pretexto de conter a desordem da villa da Chapada. O prefeito enganado mandou que o capitão Diogo Lopes de Araujo Sales, juiz de paz do segundo districto, dêsse a gente que podesse e um official que a commandasse. Foi esta gente, e taes cousas houve, que o official, receioso de ser assassinado, evadio-se á meia noite, e de tudo deo conta ao prefeito, que, já bem informado, officiou ao juiz de paz do segundo districto ácima indicado, para que fosse fazer corpo de delicto sobre o assassinato do vigario, processando os seus auctores; o que a este competia, por ser complice no crime o juiz de paz do primeiro districto: isto feito, foram declarados auctores Militão e os quatro soldados, e complice o juiz Cortez.

No acto da prisão resistio Militão com os seus aggregados; não obstante foram transportados os criminosos para a cadêa da villa de Pastos-bons, por não havel-a na da Chapada. O pai, os irmãos, todos os parentes e amigos de Militão se rebellaram então, e tomaram o partido Bemteví, que já causava grandes estragos á provincia. Um grupo rebelde, entrando na

villa de Pastos-bons, soltou todos os presos, e entre elles a Militão, que pondo um *balaio* na cabeça, começou a dar vivas ao partido que daquillo tirava o nome, e depois de levantar bastante gente, deixando a comarca muito alvoroçada, veio entregar-se ao presidente, cuidando ser assim perdoado, e á sombra do crime politico escapar á pena merecida pelo assassinato do vigario. O presidente porém recebendo parte contra elle, o mandou recolher em uma prisão, d'onde escrevia elle aos seus noticiando o que na capital occorria, a fraqueza dos seus defensores, e além destas noticias enviava polvora em gígos de louça\*; e pois que nisto tocámos observemos que por estes e muitos outros factos nenhuma duvida temos que havia na capital quem occultamente soccorresse os rebeldes.

Os parentes de Militão e um grande numero de seus amigos e aggregados, todos rebeldes, cerca de 500 homens, entraram no dia 8 de Março na villa do Riachão; arrombaram a cadeia, queimaram o tronco, apoderaram-se de muitas casas, e fizeram algumas mortes, até que o capitão Diogo Lopes de Araujo Sales, naquella villa entrando aos 26 do mesmo mez, os expellisse. Eis como particulares offensas e intrigas causam ás vezes calamidades publicas; e em tão vasto territorio como é o nosso, sendo as molas do governo

\* Nós vimos uma de suas cartas, escripta da capital em 23 de Outubro a qual foi enviada de Pastos-bons, e existe na secretaria do governo da provincia.

muito fracas, é de absoluta necessidade a moralidade nas pequenas auctoridades, que de ordinario são causas da perturbação dos povos. E não poucos juizes de paz capitanearam os rebeldes que devastaram o Maranhão.

A comarca de Pastos-bons foi inteiramente assolada pelos Balaíos, que se espalharam até o Piauhý e Goyaz, onde depois foram perseguidos, como adiante se verá.

#### CAPITULO XIV.

Morte do major Clementino de Souza Martins. Caxias cai de novo em poder dos rebeldes.

O major Manoel Clementino de Souza Martins, sobrinho do visconde da Parnaíhyba, presidente da provincia do Piauhý, havia entrado com forças daquella provincia pela comarca de Pastos-bons, e depois de repetidos encontros e refregas com os inimigos, sempre com vantagem sua, veio cercar o entrincheiramento de Balaío no Morro-agudo, e quando contava com a victoria foi mortalmente ferido e ali acabou sua gloriosa carreira. Sua morte foi geralmente lastimada pelos amigos da ordem, e com ella se ensoberbeceram os rebeldes. Qual fosse a falta que este bravo official fizesse, melhor nos dirá quem no meio da campanha reconheceo as terriveis consequencias. O coronel João

Paulo Dias Carneiro, prefeito de Caxias, depois de ter comprado sua vida aos rebeldes a peso de ouro, achava-se na passagem de Santo-Antonio, provincia do Piauhy, onde fôra reunir alguma gente para socorrer o Maranhão, e dalli escreveu ao presidente \* : „Emquanto o major Clementino á frente de uma força de oitocentos homens bateo os rebeldes da nossa provincia, as cousas iam melhorando, e o povo todo corria para as fileiras da legalidade; porém depois da morte deste grande homem tudo peiorou, e as forças legaes da nossa e dessa provincia (Piauhy) diminuíram rapidamente, e os rebeldes tornaram a apparecer em campo, em maior numero e mais animosos do que d'antes, e nada podemos fazer desde então senão conservarmo-nos na defensiva. O malvado Balaio, que se conservava entrincheirado nas temiveis matas do Morro-agudo e Baixão, sabendo da fraqueza das nossas forças, deixou aquella posição, e appareceo de subito em Caxias, fazendo retirar-se d'ella a pequena força da guarnição da cidade; *matou a quantos encontrou, sem distincção de sexo, nem de idade*, além de muitas pessoas que morreram afogadas pela precipitação com que quizeram passar o rio para o lado opposto da cidade.“

Eis pois Caxias de novo entregue á voracidade desses bandoleiros, que n'ella entraram a 9 de Oitubro em numero de quatrocentos, capitaneados pelo facino-

\* Officio de 20 de Oitubro de 1839 ao presidente Manoel Felizardo.

roso Balaio, que alli morreu de um tiro disparado por um dos seus, em occasião que roubavam a casa de um Suisso, onde mataram quatorze pessoas.

Queixavam-se todos da morosidade dos movimentos e da falta de providencias da parte do governo, que entretanto se desfazia em ordens e officios. Mas quando os poderes se acham divididos, principalmente em épocas criticas, e que a primeira auctoridade não tem meios para se fazer respeitar, ordens não criam homens, não disciplinam tropas, nem dão movimento a ellas. „E para lamentar (escreveo o prefeito de Caxias em 10 de Novembro) a tardança das cansadas tropas que me consta d'ahi terem sahido em soccorro da infeliz cidade de Caxias, porque até hoje ainda não apparecem, nem noticia tenho d'ellas; causa esta de ter sido pela segunda vez arrasada esta cidade. . . . . Eu apezar de velho, cansado e mortificado de trabalhos, ainda conservo com armas nas mãos quinhentos homens, inclusivo um soccorro de cento e cincoenta com que me auxiliou o presidente do Piauly, não podendo este soccorrer-me com maior numero por estar guarneecendo suas fronteiras, e *mórmente por ver que elle só não póde pacificar toda a provincia do Maranhão sem que V. Ex. dé começo.*“

Neste mesmo officio queixa-se o prefeito de falta de munições e armamento; e fazendo uma pintura das desgraças de muitas familias que viviam occultas nas matas, ajuncta: „tudo por esperarem

que V. Ex. dêsse exactamente as providencias necessarias.“

Para expôr com exactidão o estado da provincia, e não para materia de accusação, extráctamos estes officios. Sabemos que no meio de tantas desordens os espiritos alvorotados mais facilmente accusam e lamentam, do que se resolvem e obram; e como pouca tropa havia, e os cofres estivessem esgotados, todos viam o mal sem lhe saber dar remedio.

## CAPITULO XV.

Providencias inexequiveis do commandante das forças.

Não esperdiçaremos horas em contar todos os pequenos tiroteios de que resultavam um ou dous feridos ou mortos de parte a parte. O coronel Sergio havia deixado em Agosto a villa do Icutú, foi até á do Itapucurú-mirim, e veio estabelecer seu quartel-general na do Rosario. Tinha-se persuadido o coronel que toda a provincia era rebelde, e claramente o dice em officio ao presidente\*: „Devo fazer chegar ao conhecimento de V. Ex. que a população desta provincia se acha dividida em duas classes, a primeira mais grada, e a segunda de gente mais baixa: os que pertencem á primeira classe, ou são conniventes com os

\* Officio de 11 de Outubro de 1839.

rebeldes, ou são indifferentes; a segunda é uma massa compacta em opposição ao governo. Lance V. Ex. suas vistas nessa capital, verá entulhada dos melhores proprietarios destas ribeiras, que bem podiam ajudar em tudo quanto fosse possivel e compativel com suas graduações, idades e estados.“

Não exagerava muito o coronel Sergio; porque os mesmos que se intitulavam amigos do governo eximiam-se do serviço. Teve o presidente uma entrevista com o coronel commandante das forças, e concertaram ambos no que deviam fazer. Em consequencia disto, o coronel, regressando á villa do Rosario, publicou em 26 de Outubro o celebre edital declarando rebeldes todos os habitantes das margens do Itapucurú e do Munim que no prazo de vinte dias se não apresentassem ás forças legaes; e dizia nesse edital: „Os proprietarios, fazendeiros e mais moradores situados á margem direita do río Itapucurú farão retirar de suas propriedades para a margem esquerda os seus escravos, gados, criações e todos os mais objectos que pela sua importancia poderão servir de utilidade aos rebeldes. E todas as pessoas a quem pertencer o conhecimento deste edital, que d'elle forem contraventores, serão perseguidos como feras, e por tal motivo arrasadas as suas propriedades, que se reputarão asylo e beneficio dos salteadores, assassinos, inimigos do governo.“

Esta ordem era tão absurda como inexequivel, e só servio para excitar clamores contra quem a promulgava. A maior parte dos habitantes das margens dos dous ríos, debaixo do jugo dos rebeldes, não podiam facilmente obedecer ao chamado do commandante em chefe, quando as forças deste não ousavam ir desafrontal-os; e quanto á mudança de uma margem do Itapucurú para outra, era inteiramente impossivel; porque os proprietarios estavam todos refugiados na capital; e como cumpririam tal ordem? Para que casas, para que terras transportariam extraordinario numero de escravos, gados, criações, &c., de que se alimentariam tantás vidas? Não faltaram em consequencia deste edital accusações terriveis contra o coronel Sergio; e a *Chronica*, jornal do *partido Bemtevi*, bem entendido, analysando seus actos, lançou sobre elle a responsabilidade do empeioramento dos negocios da provincia.

O presidente estranhou o pensamento e a fórma rancorosa do edital, e mandou publicar pelos jornaes a sua censura; queixou-se o coronel deste procedimento do presidente, que por seu character vacillante lhe censurava o que havia com elle combinado na entrevista de que fallámos.

Em communicações officiaes encontrámos documentos, que nos induzem a crer que o coronel Sergio ignorava os movimentos dos rebeldes, e mesmo o das forças leaes. O presidente, escrevendo ao tenente

coronel Favilla, diz\*: „Faça todos os esforços para dar sempre parte ao commandante das forças expeditionarias das suas circumstancias, e das do inimigo; porque, segundo vou observando, *elle ignora completamente* que nos achamos em frente de todas as forças rebeldes, que talvez existam do Iguará para baixo.“ Igual pensamento exprime officiado ao proprio commandante das forças!\*\*

Por este tempo a villa do Icatú tinha de novo cahido em poder dos rebeldes, e computava-se o seu numero em mil e quatrocentos; para retomal-a foi nomeado o major Luiz Antonio Favilla, servindo de tenente-coronel da guarda nacional\*\*\*: habil e destro official para este genero de guerra, que se cobrio de gloria em muitos tiroteios, e a quem se deve o levantamento do cerco da dita villa, sendo a sua força de cento e sessenta homens, com notavel desproporção com a dos rebeldes. Alli estabeleceo o seu quartel o dito tenente-coronel Favilla, continuando sempre a explorar as matas circumvisinhas.

Muito se acreditava tambem o tenente-coronel José Thomaz Henriques, sempre em continuas marchas e refregas, para os lados do Iguará e do Brejo.

\* Officio do presidente Manoel Felizardo, de 19 de Outubro de 1839.

\*\* Officio do presidente Manoel Felizardo, de 19 de Outubro de 1839, ao coronel Sergio.

\*\*\* Hoje tenente-coronel graduado, commandante do 4.º batalhão de caçadores de 1.ª linha.

## CAPITULO XVI.

Divergencia entre o presidente e o commandante das forças expedicionarias : ambos se mostram incapazes de continuar a guerra. Considerações sobre o estado da provincia.

Assim iam as cousas lentamente, e a divisão dos poderes entre o presidente e o commandante militar muito concorria para a morosidade das operações, posto que em rigor podesse o commandante das forças obrar no campo livremente como julgasse necessario. O coronel, mais que o presidente accusado pelos diarios de um partido da capital que, segundo a opinião dos contrarios, havia promovido a desordem, manifestava pensamentos que criminavam o presidente: consentio e protegeo mesmo a publicação de uma pequena folha com o titulo — *O Militar* —, que se repartia no acampamento, todo em abono seu e descredito da primeira auctoridade provincial; e o que é mais, era o pagador das tropas o redactor dessa folha. O presidente sempre pusillanime soffria os amargores das invectivas de fraqueza que lhe dirigia o commandante militar; e a tudo o que possamos dizer excede este officio, que transcrevemos para documentar o que dizemos.

„Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Debalde trabalhamos para suffocar a rebellião desta provincia; debalde são todos os esforços feitos por V. Ex.<sup>a</sup> e pelas tropas imperiaes

para esmagar a cabeça da hydra que devora a interessante provincia do Maranhão; semelhantes á aquelle que querendo derribar uma arvore, em vez de a decepar pelo tronco, começou por fustigar os ramos e as folhas, assim estamos nós praticando, e occupados com os ramos da provincia, deixamos intacto o tronco dessa arvore, que é a capital, d'onde os rebeldes recebem o influxo e todos os recursos dos fautores da rebellião, que ahí se centralisam para espreitar os movimentos do governo e atizar a discordia, promovendo descaradamente a intriga, insubordinando o povo, e desconceituando aquelles que precisam de força moral; e bem convencido estou que a rebellião não chegará a seu termo enquanto V. Ex.<sup>a</sup> não tomar medidas fortes; eu me glorio de que esta verdade tem V. Ex.<sup>a</sup> reconhecido. O indifferentismo da maior parte dos membros influentes dos corpos da sociedade, a insubordinação da guarda nacional da capital, o atraçãoamento ao governo, a ponto de saberem os rebeldes até da quantia exacta que vinha para o campo, são os precusores que confirmam o que venho de dizer. Si V. Ex.<sup>a</sup>, como sei, reconhece esta verdade, e não se delibera a lançar mão de medidas de salvação, então escusado é estarmo-nos a cansar, ainda mais expondo as nossas vidas e exaurindo o thesouro, sem que de tudo se tire resultado algum proveitoso á feliz sorte do paiz: si os publicos declamadores e apóstolos da rebellião, si os seductores até dos corpos de outras

provincias que nos mandam auxilios, si os que insubordinam a guarda nacional da capital, si os que vendem polvora, munições e armamentos, si os indifferentistas não são punidos, si emfim na provincia do Maranhão se não recruta, e nem se faz que grande parte de seus habitantes prestem-se ao serviço; o que fazer? Luctar contra todos esses elementos que se augmentam com a bondade de V. Ex.<sup>a</sup> é o mesmo que querer-se vencer impossiveis. Ex.<sup>mo</sup> Sr., sou coagido pelas circumstancias a fallar verdades duras. Eu já em officio de Oitubro findo fiz conhecer a V. Ex.<sup>a</sup> que o governo em crise não póde, não deve ser aquelle dos tempos ordinarios e bonançosos; a crise augmenta, e qual será o seu termo? Cumpre que V. Ex.<sup>a</sup>, removendo todos os obstaculos que se oppoem ao termo da guerra, se disponha, digamol-o assim, a sacrificar-se para o fim de satisfazer a importante missão de seu cargo, salvar a provincia do Maranhão, restituir-lhe socego, paz e tranquillidade. V. Ex.<sup>a</sup>, pela sua sabedoria, bem conhece os meios de remover os males que pesam sobre todos, e que por isso ocioso é eu os minute. Reflecta V. Ex.<sup>a</sup> que com pouca força moral e physica, e sem que para supprir essa falta o governo mande e se faça respeitar e obedecer, em vez de esperar, de pedir, e de condescender, nada se conseguirá a prol da causa de nossos empenhos. Como pois tudo está nas mãos de V. Ex.<sup>a</sup>, eu descanso na esperanza de que serei attendido e os meus votos

serão accitos. — Deos guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Quartel do commando em chefe das forças expedicionarias na villa do Rosario, 6 de Novembro de 1839. — III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello, presidente da provincia. — Francisco Sergio de Oliveira, tenente-coronel, commandante das forças expedicionarias.“

Si estas e outras quejandas accusações alguma cousa provam contra a primeira auctoridade da provincia, revelam igualmente quebra de animo, incerteza e desesperação da parte do commandante das forças, e disto dá exuberante prova o trecho de outro officio escripto pouco depois \*: „Estando já esgotados todos os recursos ao meu alcance, na falta dos meios de que careço para evitar que o cancro que corróe o corpo da provincia não lhe toque o coração, eu torno a reiterar os meus anteriores pedidos com urgencia, começando por exigir a remessa dos habitantes de Caxias e do Codó, que tem illudido as ordens de V. Ex.<sup>a</sup>, por estarem ao alcance de que as suas occupações e sem duvida a falta de quem bem ajude a V. Ex.<sup>a</sup> afasta de si a vigilancia, que havendo-a, os tornaria mais respeitadores da boa fé de V. Ex.<sup>a</sup>“ Pedindo depois que o presidente lhe enviasse soccorro de algumas praças, ajuncta: „que são agora a ancora de salvação.“

\* Officio do commandante das forças ao presidente, com data de 18 de Novembro de 1839.

Escusam de commentarios estes trechos. O presidente, respondendo, menciona os soccorros que já havia mandado, e diz\*: Conheço a situação em que V. S.<sup>a</sup> infelizmente labora, e sei que não a deseja encarecer, nem exagerar, mas nada posso fazer para melhora-la, attentos os poucos recursos que tenho, e por isso muitas vezes me vejo obrigado a limitar-me a medidas que pouco adiantam, e a enviar-lhe soccorros que apenas servem para manifestarem os bons desejos de que me acho animado.“

É o presidente, é o chefe do governo provincial quem assim falla, escreve e patenteia sua fraqueza a quem tão fraco e embaraçado se via, e como elle se limitava tambem a medidas que pouco ou nada adiantavam! Eram as duas primeiras auctoridades a quem estava confiada a pacificação da provincia, que mutuamente confessavam terem esgotado todos os recursos, e que se julgavam na cruel collisão de serem testemunhas impotentes da desgraça do resto da provincia! Rigoroso dever de historiador nos obriga a confessar que, si inaptos se elles julgavam, muito mais os julgavam todos\*\*. Sem força e sem conceito, estavam atados e perplexos a cada passo.

\* Officio de 29 de Novembro de 1839.

\*\* Como não me foge da idéa que de contemporaneos e para contemporaneos escrevo, muito me receio do labéo de injusto accusador, e por isso, e pelo que tenho de dizer, transcrevei aqui o seguinte extracto de uma correspondencia official do barão da Parnahyba,

Entretanto a revolução se estendia a toda a provincia, contagiando as limitrophes, ou antes hordas devastadoras do Piahy e Ceará se passavam para o Maranhão, e os daqui para essas provincias. Pãra flagello do Brasil bastava a pertinaz guerra do Sul, que por espaço de cinco annos tantos milhares de vidas nos ha custado. A do Pará e da Bahia não pouco sangraram a já pobre seiva da nossa prosperidade, e esta do Maranhão já ia ultrapassando os limites de

presidente do Piahy, ao Sr. Luiz Alves de Lima: „A politica seguida pelo antecessor de V. Ex.<sup>a</sup> (o Sr. Manoel Felizardo) de tal maneira me desgostou, que tinha já assentado de lhe não communicar cousa alguma do que nesta provincia se passava: uma tibieza em suas ordens, uma imperdoavel falta de correspondencia para commigo, e finalmente outros factos seus, causaram grandes prejuizos a essa e a esta provincia; direi sómente desta que é elle causa de hoje não ter eu mil homens capazes do serviço da guerra! Entretendo todas as forças que lhe chegavam em torno da capital, abandonava o resto da provincia á sanha dos salteadores; e baldadas foram minhas requisições para que fizesse avançar forças a occupar Caxias, afim de, combinadas com as minhas, baterem os rebeldes nessa comarca tão desprezada.

„Deixei finalmente de escrever-lhe; e vi-me na necessidade de retirar minhas forças para as fronteiras, onde as contive no meio de epidemias; ralando-me comtudo o coração o abandono em que ficavam tantas victimas innocentes, em cujo soccorro ás vezes fazia partir alguma tropa. Lancemos porém sobre isto um véo: meus votos estão satisfeitos. A Providencia deparou a V. Ex.<sup>a</sup> para salvar as reliquias de um povo innocente: preste-me os soccorros que puder, e conte com os que estão á minha disposição; e estas duas provincias infestadas escaparão á tormenta e embates da fortuna. Ouvi dizer que V. Ex.<sup>a</sup> virá até Caxias e entrará no theatro da guerra, e tal noticia me foi grata, porque conheço quanto a legalidade lucrará com tal medida, e consequentemente o credito de V. Ex.<sup>a</sup> — Oeiras, 7 de Março de 1840.“

uma insurreição popular. A continuarem as mesmas auctoridades, infallivelmente a capital da provincia soffreria sorte igual a de Caxias, o que só da deliberação dos rebeldes dependia; e si elles a tanto se arrojassem, animados como andavam, não haveria ali com que fazer-lhes rosto; porque já atraz fica dito como os seus habitantes possuidos de temor só meditavam na fuga, e o ter o presidente mandado desmontar e encravar toda a artilharia do baluarte e da fortaleza prova o seu nimio receio de ser a cidade tomada, e disposição de abandonal-a aos revoltosos.

## CAPITULO XVII.

Novo ministerio. Nomeação do coronel Luiz Alves de Lima\* para presidente e commandante das armas do Maranhão: modo lisongeiro porque foi recebido.

O ministerio de 19 de Septembro, á cuja frente se achava o Sr. Vasconcellos, depois de haver ostentado um luxo caprichoso de arbitrio, baqueou em consequencia de domesticas intrigas. Outros ministerios se levantaram, sem importancia historica ou politica, até que em 16 de Maio de 1839 organisou-se um gabinete, do qual fez parte o conde de Lages\*\*, que

\* Hoje marechal de exercito e Marquez de Caxias.

\*\* Morreo marquez do mesmo titulo.

pela quinta vez tomou a gerencia dos negocios da guerra, de tantos cuidados então, e para a repartição do Imperio entrou o Sr. Galvão, com aura de entendido em politica.

Era até alli o Rio-grande do Sul a pedra de toque dos ministerios, que em vão se afadigavam, mandando contínuos socorros de forças e dinheiro, sem que ao menos boas esperanças colhessem.

Começaram os diaristas da capital a seriamente occupar-se com os negocios do Maranhão, que por mal pesados ao principio, como sempre acontece, nenhum valor lhes deram. Particulares correspondencias, cidades e villas tomadas, fazendas devastadas, contínuos horrores, inefficacia do governo provincial, assustaram o povo, e desenganaram o ministerio á cerca da possibilidade da pacificação desta parte do Imperio, si continuasse nas mãos em que se ella achava.

Reconheceo tambem o governo geral a necessidade de confiar a um só homem a presidencia e commando das armas, para evitar dest'arte delongas e intrigas, observadas agora e em outras identicas circumstancias. A escassez porém de militares de superior patente, aptos para tão importante missão, é entre nós uma das maiores difficuldades em semelhantes crises: os mais nomeados tinham feito vergonhosas provas, aproveitando-se de sua posição para illicitamente negociar com a fazenda publica, (que mais não ousou eserever). Depois da desorganisação do

exercito faltaram os incentivos do brio militar, relaxaram-se as molas da subordinação, cahio a disciplina, a fortuna antepoz-se á honra, a ganancia substituiu ao pundonor, e dando os chefes destes exemplos, avultavam subalternos imitadores.

Entre alguns nomes apresentados em conselho dos ministros lembrou-se o mesmo Regente do coronel Luiz Alves de Lima, official sem nodoa, que havia nove annos commandava o corpo municipal permanente da côrte, e cujos talentos militares eram assás louvados, e se engrandeceram na guerra da independencia na Bahia, e em cinco annos de campanha em Montevidéo. Nem menos valiosos eram seus serviços prestados á tranquillidade publica, restabelecida e sempre crescente, emquanto aos seus cuidados esteve entregue, desde o principio da regencia de seu illustrado pai, o marechal de campo Francisco de Lima e Silva, até aquella data. Á sua bem merecida reputação de bravo, integerrimo e disciplinador, reunia um character nobre e firme, que inspirava inteira confiança.

O coronel Luiz Alves de Lima foi pois nomeado presidente e commandante das armas para o Maranhão, e com poderes para entrar no Piahy e Ceará, ficando sob suas ordens todas as forças que nestas provincias operavam. Mal espalhou-se no Rfo de Janeiro tão grata nova, foram a elle offerecer-se muitos officiaes de armas differentes para o acompanhar na expedição

pacificadora do Norte; elle porêem escolheo os mais prestantes e de reconhecida probidade.

Aos 22 de Dezembro de 1839 sahiram do Rio de Janeiro o brigue *Beranger* com tropas e petrechos de guerra para o Maranhão, e a barca de vapor *S. Sebastião* com o coronel Lima e muitos officiaes, e o doctor Francisco de Souza Martins, presidente nomeado para o Ceará. Ventos contrarios desnortearam o brigue, que foi arribar a Montevidéo, e a barca de vapor á Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo, d'onde depois de tres dias seguio a sua róta, tocando na Bahia, Pernambuco, e mais provincias que a esta parte demoram, até o Rio-grande do Norte, onde ao abicar na barra, aos 16 de Janeiro, quebrou a quilha em um penedo occulto n'agua, assás perigoso nas marés baixas. Reconhecida a impossibilidade de poder a barca continuar a viagem pelo grande damno que soffreo, alli ficámos doze dias na cidade do Natal, até que de Pernambuco chegou o brigue-escuna *Guararapes*, comboiando uma escuna com tropas para a provincia rebellada, e alli tocára para receber o contingente de cem homens daquella provincia. A bordo do brigue fizemo-nos á véla em 28 de Janeiro; deixámos no Ceará o doctor Souza Martins, que rendeo o presidente João Antonio de Miranda, removido para a provincia do Pará, e continuando nossa viagem, ancorámos no porto do Maranhão a 4 de Fevereiro de 1840: a 5 desembarcámos com toda a solemnidade devida

á pessoa do novo presidente e commandante das armas, que no meio de geral contentamento tomou posse no dia 7 de Fevereiro, com todas as formalidades do estylo.

Os que já de nome e fama o conheciam, alegremente o saudaram, e os diarios da provincia, a quem não eram occultas as eminentes qualidades do novo chefe, em seu favor se dispuzeram; e desde já notaremos que nunca a seu governo fizeram a menor opposição e censura, antes sempre o exaltaram, e nisto cada partido quiz sempre avantajar-se ao contrario. Tanto é certo que o grande homem que no desempenho de seus sagrados deveres não mira a qualquer outro fim, impõe silencio á mesma inveja e á intriga. Os grandes homens se mostram nas grandes occasiões, como os pequenos n'ellas desaparecem.

### CAPITULO XVIII.

Politica do presidente. Estado lamentavel em que se achava o exercito. Providencias que cortaram despezas inuteis: restabelecimento da disciplina.

Já empossado da presidencia e do commando das armas do Maranhão, dirigio o Ex.<sup>mo</sup> Sr. coronel Lima uma proclamação \* á toda a provincia, annunciando

\* Proclamação. — Maranhenses! Nomeado presidente e commandante das armas desta provincia, por carta imperial de 12 de Dezembro de 1839, eu venho partilhar das vossas fadigas, e concorrer quanto em mim couber para a inteira e completa pacificação desta bella parte do Imperio

não só a sua posse, como seu pensamento politico e a marcha que pretendia seguir; o que muito convinha, por estar então a provincia dividida em dous partidos rancorosos, que mutua guerra se faziam. Nunca auctoridade alguma tão fielmente cumprio sua promessa de rectidão e de imparcialidade: „Maranhenses (diz a proclamação), mais militar que politico, eu quero até ignorar os nomes dos partidos, que por desgraça entre vós existam.“ E nisto mesmo mostrou elle que comprehendia a bôa politica, tão bem como a sciencia da guerra. Foi essa idéa accita e louvada pelos par-

Um punhado de facciosos, ávidos de pillagem, pôde encher de consternação, de lucto e sangue, vossas cidades e villas! O tórro, que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos, concorreo para que se engrossassem suas hordas; comtudo, graças áProvidencia e ás victorias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu numero começa a diminuir diante das nossas armas. Mais um esforço, e a desejada paz virá curar os males da guerra civil.

Qualquer que seja o estado em que se achem hoje os rebeldes, eu espero com os soccorros que o governo geral vos envia, e com a força que me acompanha, fortificar nossas fileiras, e não abandonar-vos enquanto os não houver debellado. Eu passo a fazer os melhoramentos que julgo necessarios ao nosso exercito, e com a maior brevidade possivel me collocarei á sua frente. Maranhenses! mais militar que politico, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existam. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos; e confiando na Divina Providencia, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que fôr mister para triumpho da nossa sancta causa. — Palacio da Presidencia na cidade de S. Luiz do Maranhão, 7 de Fevereiro de 1840. — Luiz Alves de Lima.

tidos, que, apezar de suas vertigens, ostentam sempre apparencias de justiça e de imparcialidade, quando mesmo exigem sacrificios destas virtudes sociaes em favor de seus caprichos.

Ha nos governos livres certos homens, que se julgam os representantes de facto e de direito de vontades que nunca teve o povo em cujo nome fallam; estes tentaram chamal-o a sí; o presidente porê m tão firme permaneceu no seu fundamento, que os acerrimos partidistas recuaram, e reconheceram ser a força do seu animo igual á justiça e actividade de seus movimentos na guerra, e desenganados de qualquer parcial apoio louvaram a rectidão de seu procedimento.

Muitas vezes porê m o character e bôas disposições da primeira auctoridade são alteradas pelo circulo em que gyra, e por aquelles que devem cumprir suas ordens: para evitar tropeços desta origem nascidos, mui escrupulosamente o sagaz presidente escolheo os officiaes que o acompanharam; e como o secretario do governo que existia na provincia fosse pessoa assás malquista, e votada a um dos partidos, com o fundamento de obter votos para deputado, o presidente já prevenido, e não querendo ver mallogrados seus esforços, conservando juncto a sí pessoa que lhe era tão estranha, momeou-me secretario do governo, na certeza que em leal amigo encontraria dedicação e conformidade de politica. Assim collocado á testa da

Secretaria do governo, pude consultar todos os documentos relativos ao começo desta rebelião, e testemunhar sua marcha e desfeixo.

Saltava aos olhos a irregularidade da divisão das forças que na provincia operavam: apparatusas brigadas sem gente; os chefes vencendo gratificações correspondentes a seus titulos, e os soldados percebendo, além dos soldos e etapas, rações dobradas, segundo se intitulavam casados; e soldado havia que até dez rações recebia, a pretexto de igual numero de suppostos filhos: velhos e inertes officiaes das extintas milicias, fugitivos de suas casas, viviam nos acampamentos com soldo e gratificações de campanha, sem que de proveito fossem.

Nenhum mappa do pessoal e do material havia; de modo que se pagava sem saber a quem, e ao capricho de quem facilmente abuzar podia dessas irregularidades. Já começava a faltar gado e generos para tantos desperdicios, e esta falta sensivel lhes augmentava o preço. Cada commandante de partida entrava nas fazendas, tirava o que queria, segundo a menor prohibidade de cada um, e grandes eram os queixumes contra muitos, que não desdenhavam aproveitar-se do terror dos fazendeiros. No meio de tantas desordens estavam os cofres esgotados; a divida avultava, e por falta de pagamento negavam os fornecedores os seus generos a credito. Para oppôr um dique á torrente caudalosa dos extravios, ordenou o presidente e com-

mandante das armas que as forças empregadas na pacificação da provincia se intitulassem — Divisão pacificadora do Norte, — e se compuzesse de tantas columnas volantes quantas fossem necessarias; começando por distribuil-as em tres columnas compostas de batalhões provisórios, segundo um plano o mais economico dado na sua primeira ordem do dia. As tropas que occupavam as comarcas de Caxias e Pastos-bons ficaram pertencendo á primeira columna, e d'ella foi nomeado commandante o coronel Sergio (ex-commandante em chefe). A brigada do tenente-coronel José Thomaz Henriques reduzio-se á segunda columna sob o commando do mesmo tenente-coronel, que operava na Vargem-grande e na comarca do Brejo: e o tenente-coronel Favilla, que tambem commandava outra brigada, ficou commandando a terceira columna, que occupava a villa do Icatú e as margens do rio Munim.

Para dar exemplo da rigorosa e necessaria economia que estabelecia, tomou para sí um só ajudante de ordens, que tambem servia de secretario militar\*; e encarregou o tenente-coronel de engenheiros Antonio Nunes de Aguiar\*\* das duas repartições de ajudante-general e de quartel-mestre-general, com os unicos vencimentos de official de engenheiros em campanha; e entregou o commando da guarnição da capital e a

\* O tenente Agostinho Maria Piquet.

\*\* Hoje Brigadeiro.

instrucção geral da guarda nacional ao coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães\*. Determinou que nenhum commandante de columna tivesse direito ás gratificações de commandante de brigada senão quando a força de seu immediato commando excedesse a mil praças; que não tivesse direito ás gratificações de commandante de corpo o official que menos de trezentas praças commandasse; e que se não reputasse companhia as menores de cincoenta: que as praças destinadas á guarnição das fortalezas, pontos e villas, não tivessem as vantagens das em operações. Auctorisou os commandantes de columnas e dos corpos a recrutar nos districtos em que se achassem, e que as praças novamente recrutadas não fossem abonadas de soldos sem que primeiro se enviasse uma relação d'ellas ao quartel-mestre-general, com todas as declarações, para que este a rubricasse e communicasse ao pagador das tropas. Que as relações de mostra assignadas pelos commandantes de companhias fossem examinadas e rubricadas pelos commandantes dos corpos e columnas, e finalmente pelo quartel-mestre-general. Mandou pôr em execução a tabella de 28 de Março de 1825, que marça as rações de etapa. Extinguiu o commissariado-geral\*\*. Criou commissões\*\*\* compostas dos commandantes das columnas e de cidadãos mais nota-

\* Hoje brigadeiro.

\*\* Ordem do dia n.º 27, do 1.º de Abril de 1840.

\*\*\* Ordem do dia n.º 6, de 15 de Fevereiro de 1840.

veis dos logares para avaliação e compra de gados e mantimentos, cujos documentos eram assignados pelos membros d'ellas. Organizou hospitaes nos acampamentos, e um geral na capital. Nomeou medicos, cirurgiões e capellães para todos os acampamentos e corpos; criou um deposito de tropas na capital; e além destas sabias providencias, que diminuiram inuteis despezas e extravios que até alli se faziam, publicou outras muitas ordens para restaurar a disciplina, manter a economia no exercito, favorecer a lavoura, e o commercio da capital com o do interior da provincia\*.

Todas estas e outras providencias, faceis de dizer, muitas difficuldades e opposição encontrariam, si outro menos determinado em vencer obstaculos do uso as quizesse pôr em pratica; porque quando entre nós se trata de economia, e como estas que cortaram a metade das despezas, não faltam descontentes que se julgam lesados, porquanto o impudente desfructe da fazenda publica tem-se tornado entre nós cousa trivial e ordinaria. E quantos por ahi andam mui elevados e prazenteiros, que se não pejam de ostentar improvisadas riquezas, não abonadas por outra industria e commercio, como si já lhes não pesasse o rotulo infamante de sua mal adquirida posse, patente aos olhos de todos!

\* Ordens do dia n.º 4 e 9, de 12 e 21 de Fevereiro de 1840.

## CAPITULO XIX.

Distribuição dos rebeldes e das forças leaes. Primeiros movimentos militares ordenados pelo presidente e commandante das armas.

Já dicemos que nenhum mappa havia do pessoal das nossas forças; mas por um calculo approximativo avaliava-se de quatro a cinco mil homens; e menos se podia saber o exacto numero dos rebeldes, que modestamente se computava em cinco ou seis mil\*, distribuidos pelo modo seguinte. Perto de dous mil na comarca do Brejo, desde a Tutoya até o Morro-agudo: igual porção na comarca de Pastos-bons, e diferentes grupos ao lado de Caxias, cuja cidade logo depois da posse do novo presidente foi pela segunda vez evacuada pelos rebeldes, entrando n'ella o coronel Sergio, que alli estabeleceu seu quartel do commando da primeira columna. Como os rebeldes não defendiam ponto algum, tambem não tinham acampamentos fixos, e fugitivos se apinhoavam para os lados menos explorados, cahindo de improviso nas fazendas, para se refazerem do necessario, e atacando as villas e pontos fracamente guarnecidos, para tomarem algumas armas e munições. Este geito de guerrear obrigava o governo a ter sempre as villas e pontos bem guarnecidos, além das partidas exploradoras para todos os lados; por

\* Muito mais de seis mil existiam, como depois verificou-se.

consequinte necessitavamos de dobradas forças, e as existentes não bastavam, além de estarem mal armadas, mal municidas e vestidas, e muitas praças quasi nuas, no que se não distinguiam dos rebeldes. Vinham companhias inteiras só de calças rôtas ou camisas, e de correame de couro cru sobre a pelle; uns só com espadas e outros com armas de caça, e bem condizia a disciplina com o grotesco de seus uniformes. Todos os nossos pontos ameaçados pelo inimigo estavam guarnecidos em proporção da pouca gente de guerra que então tínhamos. Eram essês pontos a Tutoya, Priá, Icatú, Rosario, Itapucurú-mirim, Aldêa-velha, Santo-Antonio, Caxias, rio Alpercata, Vargem-grande, Miirim, Campos de Anajatuba, a capital e outros intermediarios menos importantes. As tropas do Piauhy occupavam a villa da Parnahyba, Passagem da Repartição, em frente da villa do Brejo, barra do Poty, Santo-Antonio: todos estes pontos e outros occupados no Piauhy demoram á margem direita do rio Parnahyba, que separa as duas provincias.

Nos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1840 tinham os rebeldes convergido para a comarca do Brejo, cuja villa era por elles occupada, e ahi não tínhamos força alguma. Pelo que ordenou o general ao tenente coronel Luiz Antonia Favilla, commandante da columna acampada no Icatú e encarregada de cobrir a capital, que alli deixando um forte destacamento, avançasse pelo lado da Miritiba e Bella-agua, e per-

seguisse os rebeldes que naquelles logares se achavam; do que resultou serem elles destroçados, e muitos se apresentarem ao dito tenente-coronel. Mandou que o tenente-coronel José Thomaz Henriques, commandante da columna acampada na Vargem-grande, guarnecesse convenientemente aquelle ponto e o da villa da Manga, e marchasse para a Chapadinha contra a força dos rebeldes Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino, combinando seus movimentos com os das tropas legaes sob a direcção do tenente-coronel Manoel Antonio da Silva\*, que se achava além do Parnahyba (provincia do Piauhý), a quem ordenou que atravessasse aquelle rio, entrasse na villa do Brejo, e atacasse pela retaguarda os mencionados Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino; devendo estas duas forças fazer junção na villa do Brejo, batidos que fossem os rebeldes. Destas operações tão bem ordenadas resultou a occupação daquella villa, como adiante veremos. Ordenou mais o presidente ao coronel Sergio, commandante da columna acampada em Caxias, que, fortificando aquella cidade de modo tal que não deixasse probabilidade de ser retomada (para o que lhe mandou um official-de engenheiros, artilharia, armamento, dinheiro e mais munições de guerra e de bocca), fizesse marchar quatrocentos homens em perseguição dos rebeldes, para o lado do Morro-agudo, na direcção do Brejo, afim de envolver entre esta força e as dos tenentes-coro-

\* Hoje coronel.

neis José Thomaz Henriquez e Manoel Antonio da Silva, de que fallámos, os rebeldes fugitivos que para aquella parte se dirigissem. Determinou outrosim ao coronel Sergio que abrisse communicações pela barra do Poty com as forças do Piauhy; que explorasse as matas de Pastos-bons, e se communicasse com o tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Sales.

Toda a tropa que o presidente pôde levantar nas comarcas de Alcantara e Vianna mandou-a marchar para o Miirim, sob o commando do capitão de artilharia Sergio Tertuliano Castello Branco\*, afim de deixar intactas aquellas importantes comarcas; e expedio para a villa do Icatú um batalhão formado com os contingentes que trouxera das provincias por onde passára, cujo commando entregou ao major de commissão Luiz José Ferreira\*\*. E tendo assim tudo disposto para marchar para a campanha, entregou o commando militar da capital ao distincto coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães, com instrucções para poder obrar em qualquer occorrença.

\* Hoje major.

\*\* Hoje tenente-coronel e commandante do 8.º batalhão de caçadores de 1.ª linha.

## CAPITULO XX.

Primeira sahida do presidente para a campanha. Movimento e marcha das tropas do Icatú e Itapucurú-mirim para a Vargem-grande e Caxias. Tentativa dos rebeldes sobre o Pará. Noticias do Piauhy. Desastre da Miritiba.

Na madrugada do dia 7 de Março sahio o presidente da capital, acompanhado do seu estado-maior: chegámos ao meiodia á villa do Paço de Lumiar, e continuámos até á villa de S. José dos Indios, onde pernoitámos. Alli nos esperava o capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa, \* commandante da divisão naval, e outros officiaes de marinha. Apesar da copiosa chuva da estação, embarcámos no crástino dia para o Icatú. Todas estas villas são miseraveis, e a de S. José não passa de algumas palhoças de pescadores. Do Icatú, á margem do Munim, fez o presidente marchar quinhentas praças sob a obediencia do maior Feliciano Antonio Falcão, que desde o desastroso ataque das Arêas ficára sem ser empregado, por intrigas de que foi victima, sendo aliás official moço, honrado e severo de costumes, posto que não experimentado, por ser esta a primeira guerra que fazia: o presidente porém, que se não deixava illudir por insinuações, descobrindo as boas qualidades de sua pessôa, o tirou do esquecimento, quasi da morte, e lhe quiz dar esta occasião

\* Hoje Almirante e Visconde de Tamandaré.

de restabelecer seu credito: ordenou-lhe que fosse com aquella gente reforçar a columna do centro, acampada na Vargem-grande, que devia tomar a villa do Brejo, como atraz fica dito, e bater o grupo rebelde de Pedro Alexandrino. Fez igualmente sahir daquella villa um troço de duzentas praças, capitaneadas pelo arrependido Domiciano Ayres, com o fim de rechassar os negros aquilombados na direcção da costa, entre a Miritiba e as Preguiças, perto da Tutoya; e tendo dado outras providencias sobre economia e disciplina, de novo embarcámos para a villa do Rosario, margem do Itapucurú, onde tres dias nos demorámos. É esta villa talvez a mais importante e fertil de toda a provincia, posto que mal construida, como todas as outras.

O presidente inspeccionou todos os pontos collocados á margem do Itapucurú até á villa do Itapucurú-mirim, onde chegámos aos 16 de Março, sempre debaixo de grande aguaceiro. Dalli expedio para Caxias o batalhão de artilharia forte de trezentas praças, sob o commando do major José Vicente de Amorim Bezerra,\* para daquella cidade poder marchar igual força sobre Pastos-bons, afim de encorporar-se ás tropas do tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Sales, e impedir que os rebeldes daquella vasta comarca atravessassem o Tocantins, e se acou-

\* Hoje tenente-coronel e commandante do 4.º batalhão de artilharia a pé de 1.ª linha.

tassem no Pará, como tentavam, e onde achariam grandes meios de nos fazer a guerra por longo tempo. O cauteloso presidente, sciente deste plano do inimigo, officiou logo ao presidente do Pará, indicando-lhe a conveniencia de mandar guarnecer a margem esquerda daquelle rio, que separa as duas provincias, para em tempo evitar o contagio da rebellião; do que sortio bom resultado. Para o Piahy passavam-se os rebeldes, vadeando o Parnahyba, posto que alguns pontos nossos houvesse na margem direita desse rio; mas a sua longa extensão não podia ser guardada convenientemente, e em qualquer parte se deixa o rio atravessar por pequenos cascos, ou mesmo a nado. E como disto soubesse o presidente, mandou para aquella provincia repetidos soccorros de tropas, armamento, munições e dinheiro.

Na tarde do dia 23 de Março mandou o presidente marchar da villa em que se achava a companhia de imperiaes marinheiros, sob o commando do primeiro tenente da armada Manoel Luiz Pereira da Cunha, com direcção para a Vargem-grande, e na madrugada seguinte cavalgou elle para o mesmo lado. Alli chegando, recebeu a noticia de ter sido o ponto da Miritiba assaltado pelos rebeldes na noite do dia 19 daquelle mez. Devia aquelle ponto estar guarnecido por duzentas praças sob o commando do capitão João Luiz de Castro e Gama: elle porém sem reflexão alguma mandou em explorações cento e cin-

coenta homens, deixando apenas cincoenta, dos quaes alguns enfermos, e outros distantes do entrincheiramento, occupados em pesca e salga de peixe para proveito do dito capitão, que nesse commercio illicito aviltava a sua patente. Fica isto dito para exemplo e correcção de muitos officiaes baldos de honra e de capricho militar, que na guerra e na paz procuram tirar vantagens pecuniarias. Como isso soubessem os rebeldes, o atacaram ás dez horas da noite, e o infeliz capitão, sem ter quem defendesse o ponto e a sí, pagou com a vida a sua relaxação; roubaram os rebeldes o que acharam, e nos tomaram alguns cunhetes de cartuxame e as poucas armas que alli havia.

Logo que esta noticia chegou ao presidente, expedio elle o primeiro tenente da armada Pereira da Cunha com a companhia de imperiaes marinheiros para o Icatú, com ordem de seguir para a Miritiba, e como já tivesse conferenciado com o tenente-coronel José Thomaz Henriques, determinando-lhe o que devia fazer para tomar a villa do Brejo, deixou o acampamento da Vargem-grande no dia 29 daquelle mez, e no seguinte chegou a Itapucurú-mirim, que daquelle ponto dista doze leguas. Nesta villa central, bem situada á margem direita do rio, e toda entrincheirada por ordem de presidente, havia estabelecido seu principal deposito de munições e viveres, para facilmente socorrer todos os pontos, e um hospital onde se tratassem os enfermos dos proximos destacamentos, que

não tinham cirurgiões e commodidades necessarias. Dalli descemos pelo rio até á villa do Icatú, d'onde expedio novas partidas para a Miritiba, dalli distante treze leguas, e outra para a Bella-agua.

## CAPITULO XXI.

Revolta da villa de Paranaguá, no Piahy: considerações sobre o estado da rebelião: falta de recursos.

Além do desastre da Miritiba, e da tentativa dos rebeldes sobre o Pará, recebeo o presidente ainda na Vargem-grande noticia official de que a villa de Paranaguá, no Piahy, estava rebellada, apresentando uma força de seiscentos homens, que era mais que sufficiente para acarretar outros muitos, e sublevar toda aquella provincia, já semeada de revoltosos. Este acontecimento nada mais era do que o proseguimento de uma rebelião crescente desde seu principio e nunca re-freada, e que nem havia tocado ao apogêo do seu completo desenvolvimento e grandeza. O que se collige do grande e progressivo numero de rebeldes; dos muitos logares ainda não contaminados e sem forças para resistir-lhes; da nossa pouca e mal armada gente de guerra; das participações de todos os commandantes militares e auctoridades do interior das duas provincias, das quaes algumas citámos e outras temos

ante os olhos; da correspondencia official do presidente do Piauhy\*; dos costumes desses homens que na rapina achavam todos os recursos, além do que, amoldados

\* III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Quando em meu officio para V. Fx.<sup>a</sup> datado de 21 de Março ultimo dice eu que tristes eram as circumstancias do Piauhy, não o considerava comtudo no imminente perigo em que se acha hoje. Os desordeiros de Paranaguá, que a principio se mostravam receiosos de encarar minhas forças, agora audazes com a incremento que tem tomado a revolta, e animados pela junção de grandes partidas dos rebeldes de Pastos-bons, e proximidades de outras, marcham a atacar as minhas alli postadas, e a esta hora ou terão travado batalha, ou lhe teremos cedido algum terreno, o que será em verdade para sentir, mas irremediavel: porque a fraqueza numerica das forças legaes e a pouca munição que tem, lhes não dão logar a resistirem a forças muito mais superiores. Nestes apuros não sei com que opporei tropeços ás pretensões de taes tresloucados, e si, como creio, forem as forças dos sublevados do Paranaguá muito superiores ás que tenho em sua frente, muito é para temer um successo funesto ás nossas armas, porque havendo-se ellas collocado nas raias dos municipios de Jeromenha e Paranaguá, para impedir o contagio da revolução naquelle, vejo\* que as partidas dos de Pastos-bons dividem-se em avultados grupos; e quando uns procuram juntar-se com os sublevados, outros occupam o importante ponto do Urussuhy, que quasi cobre a resguarda das minhas forças, e parece que sómente aguardam a occasião, em que se ellas batam com os primeiros, para lhes darem pela retaguarda, ou pelo menos cortarem-lhes a communicação com esta capital, ou com os pontos que ficam a éste, o que lhes não será difficil! Para evitar este mal seria preciso que á minha disposição estivessem recursos de maior entidade; mas tendo apenas nesta capital cem armas, e carecendo de munição sufficiente para sua defeza quando seja aggreddida, só V. Ex.<sup>a</sup> poderá removel-o fazendo sem perda de um momento marchar uma força de cem praças bem municiaadas na direcção da villa de Jeromenha, d'onde tomará o destino que as circumstancias exigirem &c. Piauhy, 7 de April de 1840.\*

á vida errante em meio dos seus bosques, quasi nós, não soffriam as necessidades das nossas tropas submettidas á disciplina. Assim pois, longe de estar expirante a rebellião, novo vigor adquiria, e tal era o estado em que achámos a provincia. Entretanto o Sr. Manoel Felizardo que, como vimos, innocente fôra illudido pelo seu antecessor em Março de 1839, officiou para a côrte em 5 de Fevereiro de 1840 (um dia depois de já estarmos no Maranhão!), dando mui boas novas, e até marcando breve prazo para a completa pacificação; o que lhe não attribuímos á inteira má-fé, nem á vangloria de engrandecer seus serviços; porque certos estamos que desde o começo de sua administração, dando elle sempre noticia do crescimento espantoso da rebellião, arrematava com lisongeiras promessas, que logo se desmentiam; e como foi elle o portador deste seu ultimo officio, que nenhuma embarcação sahio do porto de S. Luiz para o do Rio de Janeiro antes da barca que o transportou no seu regresso á côrte, explanou quanto fôra de desejar que tão agradavelmente se realizasse. Não teriam aqui logar estas observações si o governo imperial, que lhe deo inteiro credito, se não descuidasse de socorrer esta provincia, pensando estar tudo concluido, e deixando o Sr. Luiz Alves a braços com mil difficuldades, sem lhe enviar os pedidos de armamento e dinheiro; de geito que, além de quatrocentas armas, outros tantos fardamentos, alguns officiaes e praças

que o acompanharam, cento e cincoenta contos de réis em dinheiro, e a barca de vapor *Fluminense*, para servir nos ríos da provincia, nada mais lhe mandou; vendo-se o presidente obrigado a comprar por alto preço armamento e munições de guerra e de bocca para seis mil homens! Da facilidade com que vemos as cousas resultam ás vezes graves damnos. O que seria do Maranhão e do Piauhý si o Sr. Luiz Alves, imitando os seus antecessores, se conservasse na capital da provincia, e attenuando em sua mente o mal, lhe não acudisse com prompto e efficaz remedio! Por esta facilidade e menosprezo, a faisca da villa da Manga incendiou toda a provincia, e nove bandidos levantaram mais de nove mil! Em um povo desmoralizado e corrupto, como o nosso, pelos máos exemplo de tantos mil pequenos empregados de sua mesma natureza, não ha febre que em delirio não acabe, nem delirio que não termine em grande devastação e mortandade.

## CAPITULO XXII.

Tomada da villa do Brejo: grande ataque nas matas do Egypto e Curimatá, no Piauhý.

Apezar das copiosas chuvas de Abril e Maio, andaram numerosas partidas das tres columnas em continuas explorações, e muitos encontros e tiroteios tiveram com os magotes errantes, sempre com prejuizo

destes. Segundo o plano de ataque do presidente, marchou o tenente-coronel José Thomaz Henriques para a villa do Brejo, enquanto do acampamento da Sapucaia, além do Parnahyba, seguia o tenente-coronel Manoel Antonio da Silva, procurando ganhar a margem esquerda do rio. Das tropas deste passaram o rio trezentas e vinte praças para occupar a villa do Brejo, e foram recebidas com o fogo de mil e duzentos rebeldes, capitaneados pelo caudilho Pedro Alexandrino, que pouco a pouco recuando, e cuidando ser esta a unica força que os acossava, deixaram os nossos entrar para melhor depois acorrilhal-os; mas quando contavam que se rendessem os nossos pela fome, foram d'improviso acommettidos por trezentos Pernambucanos, commandados pelo major Antonio Gomes Leal, que fazia a guarda-avançada da columna de novecentos homens do tenente-coronel José Thomaz Henriques, e em poucos minutos os dispersaram completamente, matando e ferindo os que resistiam; e assim tomou-se a villa do Brejo.

Continuaram as explorações naquela comarca com tanta assiduidade, que as partidas daquella columna se encontravam com as de Caxias. Atravessaram os rebeldes o Parnahyba, e Raymundo Gomes acoutou-se em uma fazenda denominada Conceição, além do rio, onde reunindo a sua gente, preparava-se para voltar ao Maranhão. „Por communicações interceptadas aos rebeldes (escreveo o presidente para a

côrte\*), sei que seu plano é contra-marchar e procurar reunir-se, para todos junctos atacarem um dos nossos pontos do Itapucurú ou do Munim, onde elles sabem que tenho menor força, afim de se municiaarem e se armarem; mas creio que não conseguirão (só si houver alguma traição da parte dos defensores), pois que todos os pontos estão fortificados, e com guarnição sufficiente para se defenderem de qualquer ataque.“ A parenthesis deste periodo mostra a previdencia do general, que sem temor do perigo receiava alguma perfidia; o que desde já notamos pelo que adiante escrevemos.

O bravo tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, á frente de um troço de duzentos homens, entrou no territorio do Piahy, depois de bater os rebeldes nos logares denominados Cabeceiras, Cristas, Remanso, Lagôa do Meio, Curral-velho, Bocca-da-Mata, Curralinho, Macaco, Barro-vermelho, e fez junção com as forças daquella provincia, commandadas pelo coronel José Feliciano de Moraes Cid, e com elle de acôrdo assaltaram a 7 de Maio o inimigo em numero de dous mil, entrincheirado nas matas do Egypto e Curimatá. Sustentou o tenente Lorena o assalto pela retaguarda, e o coronel Cid investio pela frente, resultando a derrota dos desordeiros no Piahy; muitos alli ficaram sem vida, e mais de mil, entre elles

\* Officio de 16 de Maio de 1840, dirigido ao conde de Lages-ministro da guerra.

Raymundo Gomes, atravessaram o Parnahyba e de novo vieram acoutar-se no Maranhão. Depois deste ataque fizeram-se trezentos e trinta e sete prisioneiros, além de duzentas e sessenta e cinco mulheres e quatrocentas e oitenta e nove crianças que os acompanhavam.

Por esse mesmo tempo o major Luiz José Ferreira acommetteo os bandidos no ponto da Tabatinga, estrada das Preguiças, onde existiam quatorze trincheiras; foram elles derrotados, e arrasados seus entrancheiramentos.

### CAPITULO XXIII.

Abertura da Assembléa provincial. Marcha do Presidente para a Miritiba: ataque do Matão-grande.

O presidente, já de volta na capital, abriu no dia 3 de Maio a Assembléa provincial, apresentando o seu relatorio das urgentes necessidades da provincia, o qual com muitos signaes de consideração foi geralmente acolhido; e o corpo legislativo provincial, encetando seus trabalhos, sempre de acôrdo com o presidente, sem o menor vestigio de opposição, decretou algumas leis uteis, conforme as propostas do relatorio.

Com o pequeno triumpho que alcançaram os rebeldes na Miritiba, começaram elles animosos a

pender para aquelles lados, e tambem porque perto da costa achavam recursos na pesca, e bastante gado nas fazendas circumvisinhas. A maior parte dessas hordas era de negros sublevados sob a direcção do facinoroso Cosme, fugitivo da cadêa da capital; e o numero d'elles já passava de mil, que pelo egoismo dos senhores mais sustos davam que os mesmos rebeldes livres, não só pelos prejuizos que já soffriam os proprietarios, como pelo temor que desencaminhassem os que ainda se conservavam debaixo do jugo senhorio.

Fundado era esse receio, porque não se descuidavam os aquilombados de attrahir os outros, e o seu numero continuamente crescia.

Tinha o presidente os olhos sobre aquelle ponto da provincia proximo á capital, e por falta de gente não marchava sobre elle, que não ousava distrahir as tropas occupadas em outros pontos longinquos e importantes. Com grande difficuldade reunio trezentas e quarenta praças, entrando neste numero a companhia de imperiaes marinheiros, e com ellas a bordo do vapor *Fluminense* sahio da capital aos 17 de Maio, com intento de fazer um desembarque na Miritiba, e dirigir elle mesmo o assalto; mas já alli não estavam os barbaros errantes, que só se demoravam em um lugar em quanto alli havia com que satisfazer suas imitadas necessidades.

Estava todo o terreno alagado, e apezar disso marchou o presidente para o Priá; dalli mandou se-

guir a pequena força que o acompanhava até á Ribeira, quarto leguas além, onde o inimigo se tinha entrincheirado: travou-se a peleja, e depois de duas horas de fogo deixou-nos elle o entrincheiramento, alguns mortos, e sangue que maiores prejuizos annunciava. Continuou a nossa partida exploradora sob a direcção do capitão Joaquim Pereira Chayes Garalhada, até que por falta de viveres, e por se ter molhado todo o cartuxame na passagem do rfo Ribeira, assás abundante e crescido com as contínuas chuvas, vio-se obrigado a demorar-se no logar — Matão-grande —; e quando se preparava a seguir para a Bacaba, dalli distante legua e meia, foi a nossa partida acommetida pelos rebeldes em grosso numero, que por uma desconhecida trilha chegaram ás sete horas da noite. Travada a refrega em grande confusão e desordem, prolongou-se até ás tres horas da madrugada: com todas as armas brigaram, e mesmo aos sôcos e facadas, e incendiaram-nos o abarracamento; mas afoutando-se alguns dos nossos bravos atravez das chammas, salvaram todo o cartuxame. O vil inimigo ouvindo o toque das cornetas, que em diversos logares soavam, persuadio-se talvez ser maior a nossa força, cuja corajosa resistencia o desconcertava, e posto fosse elle tão numeroso que bem podiam tres dos seus lutar com um dos nossos, mal começou a bruxolear o dia, procuraram na fuga o salvamento, deixando dezenove mortos e muitos rastos ensanguentados.

Nós lamentámos a perda do benemerito capitão Manoel José da Fonseca e de nove soldados.

O presidente, que por longo tempo não podia estar ausente da capital, por ter de sancionar a lei do orçamento para aquelle anno financeiro, e outras que se promulgassem, regressou no dia 24 daquelle mez, deixando alguns pontos occupados naquella costa, e uma canhoneira para protegel-os.

#### CAPITULO XXIV.

Revolta da villa do Itapucurú-mirim: plano dos revoltosos: ataque do Gaiola: consequencias favoraveis desta revolta.

Fallámos em alguns capitulos, e particularmente no numero 19, do miseravel estado das nossas tropas, a quem se deviam fardamentos e soldos de seis e nove mezes. Soffriam estas pobres machinas de guerra com inaudita coragem e resignação todas as privações e miserias: mas qualquer mais ousado poderia chamal-as á revolta, e toda a actividade, rigor, ou bondade de um general não se estende a impossiveis. O presidente, que temia o descontentamento da tropa, e não se julgava livre de alguma perfidia, não cessava de requisitar ao governo imperial dinheiro e munições: mas o governo todo occupado com a guerra do Sul, desdenhava a do Norte.

Por falta de pagamento de soldo sublevou-se em 14 de Junho a guarnição militar da villa de Itapucurú-mirim; prendeo alta noite com força armada os seus officiaes, incluso o major commandante Carlos Augusto de Oliveira\*, que bastante enfermo se achava. Com tão infausta nova espalhou-se de subito o terror por onde ella mais ou menos alterada passava, e assombrada ficou a capital. No dia 16, em que recebeo o presidente esta noticia, mandou logo ordens a todos os pontos circumvisinhos que fizessem com toda a brevidade seguir forças contra os revoltosos que da villa se haviam senhoreado, e nesse mesmo dia sem demora alguma, levando da guarnição da capital um destacamento, partio a bordo do vapor *Fluminense* para o ponto sublevado, onde desembarcou vinte e quatro horas depois. Julgamos dever expôr todas as circumstancias desta revolta, que a não ser como foi tão rapidamente abafada, teria brotado as mais funestas consequencias.

João do Rego Barros, segundo-sargento de caçadores de montanha, resentido de haver sido preterido pelo ex-presidente, premeditou vingar-se na primeira occasião: para isso attrahio o sargento quartel-mestre do batalhão provisório do Itapucurú-mirim Antonio Cyriaco dos Passos, o primeiro-sargento da Bahia Ezequiel Luiz da França, e o sargento-brigada Carlos

\* Hoje tenente-coronel graduado, commandante do 4.º batalhão de fuzileiros do exercito.

Ilseiber (Alleão assalariado), subornou os soldados, e excitou-os a que exigissem seus soldos atrasados. Como por uma medida tomada pelo major commandante da praça, em consequencia do apparecimento de alguns pasquins em que se davam vivas aos Bemtevis, permanecessem os officiaes durante a noite repartidos pelos pontos avançados, facil foi a um signal dado, pelas tres horas da madrugada, apoderarem-se os soldados de seus officiaes, desarmal-os, e pôl-os em custodia, com tanto respeito porém que os não offenderam. Ficou o sargento Rego Barros e seus companheiros senhores da villa, e logo expediram para a Bella-agua uma mulher, e para o Caraubal um proprio com mensagem aos rebeldes, que Barros esperava em soccorro seu; e por isso, e para não causar alarma antes que elles chegassem, mantinha tudo em apparente socego. Entretanto dirigio um officio ao major commandante da villa (que apezar de sua grave enfermidade deixou o leito ao signal de rebate, e por elles fôra preso), pedindo prompto pagamento de soldos, declarando ao mesmo tempo que si o não fizesse, não responderia elle pelo resultado. O major, temendo arriscar a villa e o ponto rico de munições, que bem se podiam avaliar em cerca de duzentos contos de réis, por ser alli como já dicemos o principal deposito, e querendo acalmar a desordem por meios brandos, que outros não tinha, alcançou dos habitantes um emprestimo da necessaria somma para aquelle pagamento.

Nem por isso depozeram os sediciosos as armas, que dado o primeiro passo de insubordinação, inevitavel é o segundo, e outros muitos se encadeam; descuidaram-se porêem, e muitos se entregaram a bebidas, e os officiaes tiveram assim occasião de se evadir de suas prisões, e nos visinhos pontos se recolheram. O capitão Manoel Lopes Teixeira Junior e mais officiaes que vieram ter á villa do Rosario, deixando alli o major em perigo de vida, subiram pelo rio com cem praças daquella villa, e foram atacar os sublevados, enquanto de todos os lados marchavam outras partidas sobre elles. Como esta força commandada pelo capitão Lopes inopinadamente os atacasse, parecendo aos sediciosos ser mais copioso o seu numero, achando-se elles sós, sem o soccorro dos rebeldes que tardavam, amedrontados não ousaram resistir, e foram todos desarmados e presos. Vendo porêem depois ser tão diminuta a força sitiante, planejaram arrombar a fraca prisão, e atacar pela retaguarda a nossa gente, quanto esta fosse para as trincheiras defender a villa dos rebeldes com quem contavam, e que deviam chegar por aquelles dias.

Aconteceo porêem, por felicidade nossa, que o seu emissario a Raymundo Gomes não pudesse a elle chegar, por estar este chefe com os seus sitiado no Caraubal pelas nossas forças, e regressou com esta noticia. Mas a mulher que partira para a Bella-agua chegou ao seu destino, e deo relação do caso;

e os rebeldes desde logo, em numero passante de trezentos, atravessaram o rio Munim com direcção para o Itapucurú-mirim, e esbarraram no ponto da Gaiola com um destacamento nosso, apenas de quarenta praças, commandado pelo tenente Fortunato José da Costa, e alli travou-se viva peleja. Como a nossa pequena força estava entrincheirada em frente de uma casa que lhe servia de quartel, os rebeldes torneando-a lançaram-lhe fogo. Com o incendio pela retaguarda e com o fogo de trezentas armas pela frente, os nossos quarenta heroicamente resistiram pelo largo espaço de dezoito horas consecutivas. Doze rebeldes ficaram mortos sobre o campo, muitos foram feridos, e os mais desalentados retrocederam, deixando completa victoria aos quarenta bravos, dos quaes só quatro foram levemente feridos.

Emquanto tudo isto acontecia, já o presidente se achava no Itapucurú-mirim, fazendo castigar os revoltosos e submettendo á conselho de investigação os cabeças; guarneceo a villa com novas tropas, e deixando-a tranquilla, regressou para a capital no dia 25 do mesmo mez.

Este pernicioso acontecimento, que ao principio encheo de terror toda a provincia, muito servio, pela rapidez com que foi suffocado, e o exemplo do castigo, para maior disciplina da tropa, infundir confiança na população, e desconcertar as tentativas dos rebeldes. E como todos os officiaes sabiam que o

activo presidente não admittia desculpas de impossiveis e de difficuldades, andava tudo com tanta rapidez que admirava.

E grande foi o exemplo do tenente Fortunato José da Costa, até alli fabula do exercito pela sua cobardia, e a quem o presidente confiando-lhe o ponto da Gaiola só com quarenta praças, ordenou que morresse antes do que se rendesse, fosse qual fosse o numero dos rebeldes que o atacassem; e dalli em diante ninguém quiz ser somenos que o tenente Fortunato, que em premio do grande serviço que naquelle ensejo fizera foi nomeado capitão effectivo.

## CAPITULO XXV.

Miseria do exercito, e falta de soccorros e de politica do ministerio.

Com portarias e palavras não se mantêm a guerra, nem se pacificam revoltas; e o presidente via com grande dôr o estado de miseria de suas tropas, os cofres esgotados, e reiterava seus pedidos de soccorros ao governo geral.

Em 21 de Julho escreveu elle para a côrte o seguinte\*: „V. Ex.<sup>a</sup> já está informado que a guerra

\* Officio dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, então ministro da guerra.

nesta provincia é toda de emboscadas e de explorações, e que estas se fazem no meio das matas, onde se fortificam os rebeldes. Durante os seis mezes de inverno, que não servio de obstaculo á marcha das operações, estragava-se o fardamento com extraordinaria facilidade, e muitos soldados não compareciam na fórma pela nudez em que estavam: constantemente via-me forçado a fazer algumas remessas, que não chegavam a todos. De oitocentos fardamentos que na côrte verbalmente requisitei, só recebi quatrocentos para vestir seis mil homens\*, de que se compõe a força do meu commando! Não tive outro recurso senão comprar algum, bem como armamento, por ter recebido sómente oitocentos; no que gastei não pequena quantia. Cento e oitenta contos de réis, que d'ahi trouxe, mal chegaram para pagamento de dous mezes de soldos atrasados, e hoje não posso continuar a pagar a tropa por falta de dinheiro, o que já deo motivo á revolta de Itapuecurú-mirim; nem me é possível manter rigorosa disciplina, quando os soldados, mal cobertos, estão ha cinco e seis mezes sem receber cousa alguma, expostos ás chuvas e ao sol no meio das matas, atravessando rios e charcos, de que resulta o numero de quasi dous mil doentes, que constantemente enchem os hospitaes. Além disto, os fornecedores, temendo a mesma falta de nossos meios, recu-

\* Então compunha-se a força de seis mil homens, e pouco a pouco subio a oito mil.

sam vender seus generos, e agora muito mais receiosos estão com a determinação do ex-ministro da fazenda de não se pagarem as dividas atrasadas nesta provincia sem que se decrete somma para isso, e só querem negociar a dinheiro á vista, e por exorbitante preço. Em virtude desta citada ordem nem eu posso pagar os soldos atrasados sem que V. Ex.<sup>a</sup> me envie dinheiro e ordem expressa. Além de todas as necessidades desta provincia, tive e tenho tambem de attender ás do Piauhy; e por differentes vezes para alli remetti dinheiro, que somma em trinta e dous contos quinhentos e setenta mil réis, além de armamento, munições, botica, &c. Todas estas difficuldades me collocam em grandes apertos, e vejo-me obrigado a rogar a V. Ex.<sup>a</sup> haja de mandar mensalmente para esta provincia a quantia de sessenta contos de réis sem o que ser-me-ha difficil continuar a manter a disciplina em que tenho esta divisão. Toda a minha vigilancia e fiscalisação para evitar desperdicios apenas me tem servido de sustentar as cousas até este ponto; porém emfim isso só não basta, é necessario que V. Ex.<sup>a</sup> me attenda e me preste algum auxilio.“

Este officio já não encontrou no ministerio da guerra o Sr. Salvador José Maciel, que succedera ao conde de Lages. Outros muitos officios sobre este assumpto antes e depois endereçou o presidente ao ministerio, sem que fosse attendido como devêra. O mesmo não praticou o digno presidente de Pernambuco, o Sr.

Francisco do Rego Barros\*, que sempre desvelado satisfez a todas as exigencias de tropa, dinheiro e munições feitas pelo Sr. Lima.

Não podemos relevar um facto, que assás prova o pouco caso e falta de politica de alguns ministros. Tinha o ex-presidente Manoel Felizardo remettido para a côrte uma porção de rebeldes notaveis, apanhados com armas nas mãos, e cuja presença era perniciosa na provincia: o ministerio de então agraciou-os, e os fez regressar, e elles de volta reuniram-se ás hordas devastadoras.

Queixou-se disto o presidente Lima, enviando com praça um numero muito mais copioso para servir no exercito do Sul, e dos quaes dizia — „Muitos parecerão pela sua idade inaptos para o serviço militar; entretanto nas turmas dos revoltosos a velhice não se acobarda, antes se recommenda pela ferocidade de character e longo habito do crime.“ Que fez o ministerio? Mandou soltar a todos nas ruas do Ríó de Janeiro, com licença de irem para onde quizessem! Era o ministerio de 24 de Julho de 1840. Acharam estes criminosos protecção em algumas pessôas notaveis do Maranhão que na côrte permaneciam; e as reiteradas reclamações do presidente em favor das tropas legaes, que sob o peso do trabalho e da miseria gemiam, foram desattendidas: mas não se des-cuidava o ministro de recommendar que se não casti-

\* Hoje Visconde da Boa-vista.

gassem os rebeldes; descuidou-se sim de mandar os devidos soccorros aos que, fieis aos seus juramentos e sujeitos á disciplina, bebiam aguas infectas, e andavam vestidos de lodo e de poeira em defesa daquelles mesmos que promoveram a desordem. Gloria a quem a merece.

Depois da posse do presidente e commandante das armas, organisaram-se os primeiros mappas do pessoal e material do exercito, e mensalmente se remettiam para a côrte. Em 21 de Julho escreveu o presidente: \* „Á vista dos mappas que agora remetto verá V. Ex.<sup>a</sup> que tenho seis mil homens; mas releva notar que destes, dous mil estão constantemente nos hospitaes, e dos quatro mil restantes a maior parte compõe-se de rebeldes apresentados; além de haver muito má gente, que só serve para fazer numero, e em quem pouco confio. A tropa de 1.<sup>a</sup> linha é que contém o rosto, e a que mais se expõe, e por isso é tambem a mais sacrificada nos ataques; e si V. Ex.<sup>a</sup> não mandar para aqui os recrutas feitos nas provincias de Pernambuco para o norte, brevemente estarei reduzido só a servir-me com a gente apresentada. Descontando V. Ex.<sup>a</sup> os doentes e inutilizados, verá que não ha tropa sufficiente para guarnecer tantos pontos que não podem ser abandonados, e andarem partidas volantes em explorações; e posto que os rebeldes

\* Officio dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, e recebido pelo Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

fossem expulsos de todas as villas, ha comtudo pelas matas grandes e numerosos magotes, que espiam o menor descuido nosso, e procuram sublevar os escravos das fazendas por onde passam; partido que em extremo adoptou Raymundo Gomes, por se ver sempre acossado e já falto de recursos, posto que em principio se não quizesse ligar á escravatura. Por falta de gente e armamento não fiz um desembarque na Miritiba, onde existem mais de tres mil rebeldes, entre livres e escravos que alli se vão amontoando.“

Tudo foi baldado: era então ministro da guerra o Sr. Francisco de Paula Cavaleanti de Albuquerque!

## CAPITULO XXVI.

Occupação da comarca de Pastos-bons: correspondencia com Raymundo Gomes: diminuição dos rebeldes. O negro Cosme e seu quilombo. Marcha do presidente para a Vargem-grande. Providencias importantes, suas vantagens.

Temos dito que não cessavam as nossas explorações, e prolixidade fôra citar mais de trinta tiroteios mensaes, de que resultavam mortos e prisioneiros rebeldes, e grandes perdas de suas cavalgaduras.

O major José Vicente de Amorim Bezerra, que á frente do seu batalhão de artilharia da Bahia seguíra do Itapucurú-mirim para Caxias, como vimos, marchou daquella cidade para a vasta comarca de Pastos-bons,

e occupou a villa da Passagem-franca, e dali mandou destroçar os revoltosos bem entrincheirados no Jacarandá.

O tenente-coronel Diogo Lopes, que por diverso caminho tambem operava naquella comarca, entrou finalmente na villa do mesmo nome, debellando em sua marcha numerosas manadas; entre estas uma de novecentos rebeldes. Muitos prisioneiros fizeram, e abriram communicações com Caxias e o Piahy. Melhoraram tambem os negocios daquella provincia com as vantagens nesta colhidas. Das tropas do dito tenente-coronel Lopes entrou uma partida na villa de Carolina, em Goyaz, perseguindo algumas hordas que já naquella provincia se encorporavam; e deixando-a em socego, regressou com cento e vinte e tres prisioneiros. Os caudilhos Gavião, João da Matta, Mocambira, Tempestade e outros muitos de que temos fallado, foram por mais de uma vez battidos e destroçados em todo o mez de Junho, perdendo sempre muitos dos seus sequazes.

Com estes continuos revezes começavam a desanimar os sediciosos, e só tratavam de fugir, vendo o damno certo e a morte em toda parte; e como os que d'elles se desligavam, e ás nossas forças se apresentavam, eram logo armados e empregados contra os seus proprios companheiros, desfalcavam-se sensivelmente as fileiras dos rebeldes, e vigoravam-se as nossas.

Raymundo Gomes, vendo-se tão mal parado, e desconfiando dos seus, dirigio uma representação assignada por alguns caudilhos, pedindo perdão, exigindo comtudo certas condições inattendiveis. Voltou-lhe o presidente com uma proclamação que lhe servia de resposta, ordenando que sem condição alguma deposessem todos as armas para serem perdoados, e no caso contrario continuaria a perseguil-os até exterminal-os. Mandando esta resposta, fez ao mesmo tempo marchar uma força da 3.<sup>a</sup> columna para sustental-a.

O chefe dos rebeldes, como visse que nenhuma importancia se havia dado á sua representação, quiz alardear força, e replicou que ainda se não julgava em estado de depôr as armas; porquanto contava vinte mil soldados, alludindo sem duvida aos escravos das margens do Itapueurú, que elle tratava de sublevar e attrahir a sí. Pelo que, sobre seu grupo deo a nossa partida e o dispersou: postos em fuga, encontraram-se no Alegrete, aos 9 de Agosto, com outra partida nossa, e aqui foi Raymundo Gomes completamente batido; e quarenta dos seus satellites, e dous caudilhos, sendo um d'elles o proprio irmão do chefe a quem chegou a citada proclamação, se apresentaram humildes ao nosso destacamento victorioso.

Raymundo Gomes porém, que pelos seus crimes duvidava do perdão, evadio-se sem armas, sem bagagem, sem comitiva e quasi nú, e foi offerecer-se ao negro Cosme, que o metteo em golilha, e descobrindo

lhe a habilidade de fazer polvora, o empregou naquelle exercicio, sempre em guarda.

O negro Cosme, o facinoroso fugitivo das cadêas da capital, começava a ser então a importante figura que mais assustava os fazendeiros, por achar-se á frente de tres mil escravos por elle sublevados. Assignava-se — D. Cosme, tutor e imperador das liberdades bemevís! — proclamava á escravatura, dava titulos e postos; estabeleceo uma escola de ler e escrever, e aquilombado nas cabeceiras do Río-preto, comarca do Brejo, na fazenda da Lagôa-amarella \*, tinha piquetes avançados, e mandava partidas roubar e insurgir as fazendas circumvisinhas. Estavam as cousas neste ponto, e o presidente, que tudo dispunha para um golpe decisivo, deixou a capital no dia 9 de Agosto, e em 12 apresentou-se pela segunda vez no acampamento da Vargem-grande, trinta leguas ao suéste da capital: então alli commandava a 3.<sup>a</sup> columna o major Feliciano Antonio Falção, por se haver retirado da provincia o tenente-coronel Favilla.

Daquelle acampamento despachou o presidente seis partidas exploradoras, algumas d'ellas contra os aquilombados. Duzentos rebeldes, sob a direcção de um certo Candido, se apresentaram ao presidente, e

\* Esta fazenda pertencia a Ricardo Navia, a quem o Cosme obrigou a dar carta de alforria a duzentos escravos seus, e o conservava como seu criado, e a final, desconfiando de sua fidelidade, assassinou-o.

outros muitos depois os imitaram. Como desejasse o presidente haver os escravos sem grande mortandade, por ser isto mais conforme com os interesses dos senhores, tratou de por meio de emissarios, introduzir entre elles a zizania, e não poucos voluntariamente se entregaram; e como não confiasse muito nesta traça, mandou o capitão Ricardo Leão Sabino e Domiciano Ayres á frente de duas pardidas que os cercassem a um tempo: resultou desse ataque sessenta e um prisioneiros, além de cavallos e outros objectos; e dispersou-se todo aquelle quilombo.

Por um emissario soube o presidente que Francisco Ferreira Pedroza, chefe de mil e setecentos facciosos acoutados na Bella-agua, desejava apresentar-se, por já não poder sustentar-se, e temer não ser perdoado; mandou certificar-lhe que o accitaria com a condição de fazer primeiro algum serviço em desconto de haver empunhado as armas contra o governo; que fosse bater os negros, e depois se apresentasse. Assim elle obrou; os negros em debandada e fugitivos depois do ataque da Lagôa-amarella, correram para a Bella-agua cuidando alli achar apoio, e acharam a morte e a sujeição. Foi sempre politica do presidente impedir a junção dos rebeldes com os escravos, indispondo-os contra os segundos, o que de certo foi uma felicidade para a provincia.

Raymundo Gomes, que se achava preso na Lagôa-amarella em poder do Cosme, e que por este fôra a

final sentenciado á morte, achou occasião de evadir-se no dia mesmo em que, segundo elle depois narrou, devia das mãos daquelle criminoso receber o castigo dos seus crimes: quiz porêr sua fortuna que nesse dia fossem atacados os negros que, como elle, só procuravam em precipitada fuga furtar-se á morte, e dalli foi elle embrenhar-se na Miritiba.

Da Vargem-grande fizemos uma jornada á villa da Manga, duas leguas distante; villa tão sombria, enferma e deserta, que em vendo-a se nos apertou o coração no peito, e só respirámos quando lhe demos costas: tão triste e escuro alli começa o Munim, que por um lado a cinge, recebendo as aguas do Iguará e Rio-preto, que profundamente nos melancolisou, e só nos desejámos d'alli fóra, e bem longe. Depois foi o presidente ao *Páodeitado*, estrada do Caraubal, onde collocou um destacamento para segurar o livre transito daquella communicacão com Caxias, para onde dias depois seguirira, si não occorresse o que expendemos no seguinte capitulo.

## CAPITULO XXVII.

Noticia da declaração da maioridade de Sua Majestade  
o Imperador, e como foi recebida.

Aos 23 de Agosto estava o presidente de volta na Vargem-grande, e por despachos da côrte a elle dirigidos recebemos naquelle dia a noticia da declaração da maioridade de Sua Majestade o Senhor D. Pedro II, e de todos os acontecimentos que na côrte tiveram logar em 23 de Julho findo. Logo alli mesmo mandou o presidente formar em grande parada a 3.<sup>a</sup> columna, e á sua frente saudou com vivas e salvas de artilharia e fuzilaria tão agradável noticia, e officiou para todas as columnas, pontos militares e auctoridades, para que as mesmas demonstrações festivas se fizessem; e por este acontecimento regressou com todo o seu estado-maior para a capital, onde chegámos a 27 daquelle mez, e foi o presidente acolhido com muitas demonstrações de enthusiasmo; e pondo o pé em terra, no meio de numeroso concurso que o saudava, soltou primeiro tres vivas a Sua Majestade o Imperador, que foram cobertos por outros muitos tanto ao monarcha como a elle. Mandou celebrar solemne Te-Deum, ordenou grande parada, cortejo e festas, e deo á sua custa um espectaculo no theatro da capital, rico e extraordinariamente preparado, e

alli espalhou uma proclamação \* que por esse acontecimento fizera, annunciando tambem o estado decadente da guerra. Mandou á côrte uma commissão militar comprimentar a Sua Majestade Imperial por parte da divisão pacificadora de terra e mar, composta do tenente-coronel de engenheiros Antonio Nunes de Aguiar, seu ajudante e quartel-mestre general; tenente coronel da guarda nacional Isidoro Jansen Pereira; major do estado-maior do exercito Feliciano Antonio

\* Proclamação. — Maranhenses! Uma nova época abrio-se aos destinos da grande familia brasileira: Sua Majestade o Imperador empunhou o sceptro da governança e assumio os direitos que pela constituição do Estado lhe competem. Declarado maior, cil-o emfim como um symbolo de paz, de união e de justiça, collocado á frente da nação que o reclamava. No interior da provincia, no meio dos bravos que defendem vossos bens e vidas, encontrou-me tão lisongeira nova; e si os deixei para correr a vós, como por elles d'aqui me havia ausentado, é para confirmar o que sabeis, participar do geral regosijo e augmental-o, si é possível, com a noticia da quasi extincção da guerra civil, restando apenas da terrivel tempestade uma nuvem negra que, apezar de carrancuda, breve será dissipada. Maranhenses! um sublime pensamento deve agora inflammar o coração brasileiro; asperima foi a longa experiencia: aproveitai-a. Amor ao Imperador, respeito ás leis, e esquecimento de vergonhosas intrigas, que só tem servido para enfraquecer-vos: um só partido emfim, — o do Imperador —; e no vosso entusiasmo repeti mil vezes:

Viva Sua Majestade o Senhor D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

Viva a nossa sancta religião.

Viva a constituição do Estado.

Palacio do governo na cidade de S. Luiz do Maranhão, 27 de Agosto de 1840.

Assignado Luiz Alves de Lima.

Falcão, commandante da 3.<sup>a</sup> columna; capitão-tenente Jezuino Lamego Costa, e do 1.<sup>o</sup> tenente da armada nacional Manoel Luiz Pereira da Cunha; ficando o prestante coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães interinamente no logar do ajudante e quartel-mestre general, e o major José Lucas Soares Raposo da Camara no interino commando da 3.<sup>a</sup> columna.

## CAPITULO XXVIII.

Estado da guerra. Inutilidade dos meios de conciliação com os rebeldes. Desordem de Vianna, e sahida do presidente para aquella villa.

Na sua proclamação annunciava o presidente o estado decadente da rebellião. Raymundo Gomes tinha-se occultado; Pedroza obedecia ao presidente; muitos rebeldes á força haviam deposto as armas inimigas, e nas nossas fileiras serviam; os negros andavam debandados, e seu numero diminuia todos os dias; tudo annunciava a proxima extineção da guerra civil, e apenas existiam embrenhados tres grupos de rebeldes mais tenazes, e esses já baldos de recursos e faltos de viveres e munições; a peste começava a ceifal-os, e o propinquo inverno lhes roubaria o ultimo asylo das matas. Julgou o presidente poder arrancar de seus covís este resto desvairado e foragido, offerecendo-lhe palavras de ordem com a noticia de

haver o joven Imperador empunhado o sceptro da governança; e para isso, além da citada proclamação, impressa em grande copia, mandou espalhar entre elles e por toda a provincia uma pastoral, que a rogo seu fizera o Exm.º bispo D. Marcos. Inutil foi a experiencia; que muito de acôrdo andam os sentimentos religiosos dessa bruta gente com o seu amor á ordem e respeito ás auctoridades: homens são que nem as divinas, nem as humanas cousas veneram, e só por medo se curvam á força. Nem a palavra da igreja, annunciada pela voz do prelado, nem a do presidente, nem o nome do monarcha poderam desarmal-os; só a força a isto os obrigaría, e necessario foi activar a guerra, já mais facil por termos então oito mil homens com os apresentados de suas proprias fileiras, que se desfalcavam, como dicemos.

Em todas as comarcas da provincia foi festejada a noticia da maioridade, sem distincção de partidos. Os Bemtevís porêm, que se curvavam com o peso das accusações do contrario partido, o qual em rosto lhes lançava a guerra civil e seus horrores, apoderaram-se com mais afouteza deste novo acontecimento para sahir do opprobrio em que viviam, e poder, á som do grande nome, melhor triumphar nas proximas eleições, unica causa das antigas desavenças e mira dos novos esforços. Um pequeno incidente, si nestes casos ha pequenas cousas, aconteceu na villa de Vianna, cabeça da comarca do mesmo nome, incidente

nascido do enthusiasmo que cada partido queria acintosamente mostrar pelo monarcha, e do qual funestas consequencias surgiriam, si tão pura não fosse a fonte d'onde emanava, tão solemne a occasião, e tão prudentes as auctoridades.

Divididos em dous grupos festejavam os Vianenses a nova que animava o espirito publico, dando vivas aos objectos caros á nação. Em frente do grupo bemteví achava-se o ex-deputado Estevam Raphael de Carvalho, espirito inquieto e phantastico, que redigira o pequeno jornal de cujo titulo se serviam os rebeldes; lembrou-se este cidadão, na presença do grupo cabano, estante em frente do quartel, de soltar o seguinte brado, que fielmente copiamos de uma representação sua, que apressada e preventivamente para justificar-se dirigio ao presidente; dizia: „Viva o partido que fez a independencia, que triumphou em 7 de Abril de 1831, que tornou a triumphar a 23 de Julho deste anno, dispensando a menoridade do Senhor D. Pedro II, partido que nesta provincia se chama — bemteví.“

Sua intenção neste longo brado era sem duvida ligar o partido bemteví ao da maioridade, com o qual nenhuma relação tinha; dar-lhe nova direcção, e salvá-lo com este artificio. Applaudiram os contrarios as primeiras idéas do brado, mas ouvindo a palavra de discordia — bemteví — romperam em — fóra partido de assassinos e de malvados! — e cansados de gritar se retiraram, cada qual temendo que no meio do distur-

bio e ceulema fosse brandido o ferro assassino, que desta vez porêm ou não existia, ou ficou em ocio, ou arrebatado por alguma auctoridade desapareceo da mão que o empunhava.

Chegou essa noticia ao presidente no dia 11 de Setembro, e nesse mesmo dia rapidamente partimos para aquella villa, onde chegámos tres dias depois. Foi alli o presidente bem recebido, e conferenciou separadamente com todas as auctoridades e principaes habitantes que sobre o resto influem, e com todos usando de linguagem franca, reprovou-lhes os excessos. Colligindo que ambos os partidos contavam com o apoio da pequena força da guarda nacional que alli existia, tomou por medida salutar substituil-a por igual numero de praças de 1.<sup>a</sup> linha que levava, e um official de confiança, não dado á politica, e regressámos trazendo as praças substituidas; e esta visita do presidente seguroou a tranquillidade daquella comarca.

Nenhuma villa do Maranhão leva vantagem sobre outra pela limpeza e decencia; não passam de mal arruadas palhoças barreadas, e raramente entre ellas se eleva uma pobre capella, quasi sempre deserta, ou predio de alvenaria; servem as praças publicas de redís de animaes domesticos, e o mato que as assalta e escorece estende-se ás vezes mal cortado pelas suas ruas de arêa e cavadas de barrancos.

A intriga divide as familias; curtas e mesquinhas idéas politicas exacerbam os animos; só se ouve

dizer: — é um ladrão, um malvado, um assassino. Eis o que é Vianna, aliás bem collocada sobre uma eminencia fertil, mirando-se em um vasto e piscoso lago, que nas suas enchentes do inverno quasi a converte em ilha, e em mar toda a vasta campina, risonha no estio e abundantemente coalhada de mandas de gado e de immensas aves de especies varias, e serpenteada por um rio assás tortuoso e fundo, que confunde suas aguas com as do Miarim, célebre pelas suas *pororócas*. A politica e a indolencia inutilisam todos estes favores da Providencia, e pobres vivem no meio da abundancia.

## CAPITULO XXIX.

Grande ataque na comarca de Pastos-bons, e seus resultadòs: derrota completa e mortandade dos rebeldes, e de muitos dos seus caudilhos. Morte do bravo tenente Conrado: ultimo e decisivo plano de ataque. Decreto de amnistia.

As quadrilhas que divagavam pela vasta comarca de Pastos-bons reuniram-se em numero de mil e duzentos no sitio denominado — Detraz da Serra —, onde se fortificaram. Como disto tivessem noticia o coronel Diogo Lopes de Araujo Sales, chefe de legião daquella comarca, e o major Bezerra, commandante militar da villa de Pastos-bons, resolveram, combinaram, e dispozeram uma sortida por diversas vias: o

coronel á frente de uma partida, e o tenente de artilharia Isidoro José da Rocha Brasil á testa de outra, deixaram aquella villa, e depois de muitas difficuldades superadas, fizeram junção, aos 19 de Agosto, meia legua arredados do inimigo. Com o costumado denôdo investiram os nossos ás contrarias trincheiras, e apezar da pertinaz resistencia, foram os rebeldes forçados a ceder suas fortes posições, deixando setenta e tres mortos, entre os quaes cinco caudilhos, que se intitulavam officiaes, e vinte e nove prisioneiros com alguns chefes; ficaram tambem quarenta mulheres, duzentos cavallos, cem sellas e outras miudezas. Os fugitivos desceram para a comarca de Caxias, e pretendendo passar o Itapucurú no lugar denominado — Sêcco das Mulatas — foram completamente derrotados pela partida do impavido tenente Sampaio. Não foram estas as ultimas refregas, outras muitas e menores sustentámos, das quaes resultaram em totalidade uns duzentos mortos, e o quadruplo de prisioneiros entre livres e escravos. Em um desses combates lamentámos a morte do muito bravo e honrado tenente Conrado José de Lorêna Figueiredo, de quem o presidente mandou fazer honrosa menção em sua ordem do dia \* : citaremos tambem o joven e destemido

\* Ordem do dia n.º 61. Quartel da presidencia e do commando das armas na cidade do Maranhão, 15 de Outubro de 1840. — S. Ex.ª o Sr. coronel presidente e commandante das armas da provincia manda publicar, para conhecimento da divisão pacificadora do seu

alferes José Justiniano de Castro Rabello, que dese-  
joso de imitar o tenente nos nobres feitos e genti-  
lezas, foi atraçoadamente baleado em uma perna pelo  
feroz Gavião, de que lhe resultou fractura comminu-  
tiva e aleijão para toda a sua vida.

Por este tempo tambem o facinoroso Pedro Ale-  
xandrino, que á testa de seiscentos salteadores tão

commando, que uma partida da 2.<sup>a</sup> columna, sob o mando do tenente  
Conrado José de Lorêna Figueiredo, tendo debandado um grupo  
rebelde que existia no Bom-Jesus, estrada do Munim, avançou para  
as Mangabeiras, e logo adiante deste logar encontrou outros grupos  
rebeldes, que foram levados debaixo do fogo dos nossos soldados  
até as Cacimbas, onde, não obstante haver engrossado o numero  
daquelles malfeitores com outra porção delles que alli havia, foram  
completamente destroçados, com perda consideravel de feridos, e um  
prisioneiro que entre elles era alferes: da nossa parte tivemos dous  
soldados levemente feridos, e o valeroso Lorêna, um sargento e dous  
soldados mortos. S. Ex.<sup>a</sup> está profundamente magoado pela perda deste  
tão bravo e benemerito official, que tendo-se tanto distinguido nos  
combates dos Cajueiros, Mutuns, Brejo, Matas de Curimatá, Egypto,  
Curral-velho, Lagôa do meio, Remanso, Cristas, Cabezeiras, Cajazei-  
ras, Santa-Rosa, Bananeiras, Boqueirão, Curiaça, Baixa-fria, Breginho  
e outros muitos áquem e além do Parnahyba, e tendo sempre causado  
consideravel prejuizo aos rebeldes em centos de mortos, feridos e pri-  
sioneiros, victimas da sua coragem e bem concebidos planos, como com-  
mandante de diferentes partidas; acabou seus gloriosos dias em 25 de Se-  
tembre proximo passado, aos primeiros tiros de um punhado de bandidos!

S. Ex.<sup>a</sup> vai levar á presença da Sua Majestade e Imperador  
os muito bons serviços prestados por aquelle honrado e bravo official  
implorando para a sua familia os bem merecidos premios, a que tinha  
indisputavel direito tão digno militar. — Assignado *Munoel de Souza  
Pinto de Magalhães*, coronel encarregado das repartições de aju-  
dante e quartel-mestre-general.

temível era, morreo de uma apoplexia; e foi preso o sanguinario Ruivo.

Com poucos negros andava o Cosme, sem achar refugio em parte alguma; porque além de mil e tantos escravos capturados, outros muitos mortificados pela fome, fadigas e sustos, tomaram por melhor partido voltar a seus senhores.

Assim pois descontando mil e setecentos rebeldes de Pedroza, os quaes posto que não apresentados obedeciam ao presidente, e de commum acôrdo com os nossos andavam afoutos na captura dos escravos, apenas existiam uns mil e tantos bandidos cercados por todos os lados, já nos ultimos arrancos, e acoutados em algumas matas, onde a peste dos sarampos, que por toda a provincia se estendia, espantosamente os ia ceifando, mais que ás nossas tropas, que tinham quartéis, hospitaes, e medicos em seu serviço; e tal era o miseravel estado daquelles infelizes, que em um dos seus acampamentos de novecentos homens morreram cento e onze sarampentos em nove dias. Entretanto tão desassisados e estupidos eram, ou antes tão criminosos, que temiam depôr as armas. Dispunha tudo o presidente para dar o ultimo e decisivo golpe, fazendo marchar parte da 1.<sup>a</sup> columna e destacamentos de outros pontos sobre a comarca do Brejo, e já se preparava a seguir para Caxias, não só com este intento, como tambem para dar providencias ácerca dos generos roubados pelos rebeldes e depois reto-

mados, que alli existiam em deposito, e eram demandados pelos seus donos, quando recebeo da côrte o decreto de amnistia; de que felizmente foi elle o proprio portador, porque necessario lhe foi, como bem dice em um dos seus officios \*, preparar os animos dos infelizes habitantes de Caxias, tristes e consternadas victimas ainda cobertas de lucto, que só se consolavam com idéas de vingança, e viam seus bens gozados por verdadeiros rapinadores, que se aproveitaram da occasião, e se salvaram á sombra do crime politico; e por certo sentimentos de christã piedade e de compaixão pelos proprios algozes não podiam animar aquelles corações ulcerados, e tão recentemente offendidos.

### CAPITULO XXX.

Viagem do presidente a Caxias: providencias alli dadas.

Aos 22 de Oitubro sahimos de novo para o interior da provincia com destino para Caxias. Na villa do Rosario estivemos um dia, e dous na do Itupucurúmirim; onde o presidente, além de algumas ordens que dêo sobre a campanha, e para que aproveitasse o imperial indulto, foi com o vigario, e membros da commissão por elle nomeada para cuidar na edifica-

\* Officio de 3 de Dezembro de 1840, dirigido ao Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, então ministro do Imperio.

ção da nova matriz, escolher e marcar o lugar em frente da melhor praça da villa, e dispôz tudo para lançar a primeira pedra da igreja.

Em uma gabarra (especie de lanchão de fundo chato) continuámos a nossa viagem pelo Itapuecurú acima; bastante incommoda e lenta foi ella; e posto que o rio nesta calorosa estação assás pobre estivesse de suas aguas, e em certos logares tão vadoso que mais não tinha de palmo e meio, era a sua correnteza de tres milhas. Navegámos por meio de varas que robustos Africanos, quasi nós, empurravam compassadamente, firmando uma das extremidades no alvéo do rio, e a outra contra os peitos, que com este exercicio calejam; insano trabalho desde a madrugada até que a noite lhes traz o descanso; e é para ver como fumegam os corpos dessas machinas humanas, e quando mais aquecidos estão, atiram-se ao rio, assim se refrescam, e molhados retomam o trabalho.

Todos os pontos de ambas as margens, desde a ultima villa até a do Codó, a saber: Cantanhede, Pirapêmas, Croatá, Urubú, e finalmente Codó, foram inspeccionados pelo presidente e substituido todo o velho e quebrado armamento por novo que levava. Dous dias antes de chegarmos ao ultimo destes pontos occorreo no — Sêcco das Mulatas — o desbaratamento dos rebeldes, acoçados e fugitivos de Pastos-bons.

O dia de Todos os Sanctos e o de Finados nos demorámos na nominal e enferma villa do Codó, que

mal se compõe de duas duzias de pardieiros esgarrados ao longo da margem, sem igreja ou logar reservado para os mysterios da religiãõ, de que pouco se cuida; e em uma varanda aberta e ventilada assistimos á celebração da missa: o vento apagava as velas do altar portatil, desfôlhava o missal, levantava a pala de cima do calix, punha tudo em desordem, e obrigava o celebrante e o acolyto a continuos movimentos.

Continuámos a viagem no dia 3, e cavalgámos quatorze leguas seguidas por um terreno pedregoso, pobre e inculto, ao lado esquerdo do rio, semeado de algumas esparsas carnaubeiras e outras arvores pouco alterosas, e atravessado de grandes a grandes espaços de longas e vastas fileiras de elegantes buritís, entremeados de outras palmeiras, em cujas raizes encontra sempre o viajante amiga sombra e agua agradavel e fresca. Chegámos na manhã seguinte á freguezia de Trezidella, em frente de Caxias, de que é arrabalde, e atravessando o rio, fomos naquella cidade recebidos com todas as demonstrações de alegria não só pela 1<sup>a</sup> columna alli acampada, como pelos habitantes ainda cobertos de lucto, e que apezar disso festejaram com tres noites de luminarias a primeira visita de um presidente áquella cidade do deserto, que um anno antes estivera salpicada de sangue e de cadaveres inseultos, e suas casas servindo de abrigo aos salteadores. Horrorosos factos alli colhemos de inaudita crueldade.

Dalli mandou o presidente cercar o acampamento rebelde em S. Francisco, onde se achavam os tres caudilhos Pio, Tempestade e Couco, á frente de 900 homens, e intimar-lhes que depozessem as armas si queriam ser perdoados, e senão, que a um só d'elles não daria quartel. Como vissem elles que tão perto se achava quem tão rapido se apresentava em toda parte, tão pesado lhes fôra, e tão facil executava o que dizia, cederam a esta intimação, pedindo vinte dias para reunir toda a sua gente espalhada e escondida; o que lhes não póde negar o presidente, por conceder o decreto de amnistia o prazo de sessenta dias. Remetteo-lhes então muitos exemplares do decreto, com o preceito que não disparassem um só tiro durante as trégoas, e ordenou ao major Ernesto e mais commandantes de partidas sitiadas que os não perdessem de vista, para que não illudissem elles a expectativa, pois que os vinte dias pedidos mais parecia artilosa manha que necessidade.

Como em sua politica previdente e cautelosa procurava o Sr. Lima frustrar todas as tentativas, impedir futuras insurreições, e obstar a alliança dessa gente bruta com os escravos aquilombados, consentio temporariamente o uso das armas aos rebeldes rendidos, que com as nossas partidas quizessem ir perseguir e capturar os negros do Cosme, o qual por esse tempo andava proclamando por aquelles lados. Dest'arte chamou em serviço nosso boa parte daquella gente, e colheo,

como sempre, felizes resultados. Mandou depois para todos os logares grande copia do decreto de amnistia, e ordenou a todas as auctoridades civís e militares que déssem guias aos apresentados, depois de tomalhes as armas, conformando-se em tudo com as disposições do mesmo decreto.

Muitos juizes de paz, antigos complices dos revoltosos, e algumas auctoridades civís pouco zelosas, começaram a esmo a conceder guias sem tomar o armamento aos rebeldes; e por isto de preferencia os procuravam, e ora de suas guias se serviam quando impunemente queriam transitar entre os nossos, ora de suas armas, quando queriam roubar; e por este geito era illusoria a apresentação, e de funestas consequencias o imperial indulto: pelo que o presidente sabendo disso dous mezes depois, vio-se obrigado a ordenar que nos logares onde houvesse commandante de columna se abstivessem de dar guias as auctoridades civís, e mandou que estas lhe remetterssem a relação nominal e explicativa dos já por ellas amnistiados; e só assim pôde fazer valiosa a apresentação.

Tendo feito, com sua presença e ordens, relevantes serviços á comarca de Caxias, restabelecendo as camaras municipaes, as auctoridades civís fugitivas, e obrigando a apparecer muitos objectos roubados ás igrejas e aos particulares, regressámos para a capital, onde chegámos a 25 de Novembro; occorrendo du-

rante esta viagem importantes e extraordinarios acontecimentos, que passamos a narrar.

### CAPITULO XXXI.

Perfidia de Raymundo Gomes: seu plano de surprender o presidente no regresso de Caxias: tentativa contra a villa do Rosario.

Sabia Raymundo Gomes que em Caxias se achava o presidente, e que aberto estava o prazo de sessenta dias para se apresentarem os que quizessem gozar dos favores da amnistia, cuja maior pena para os cabeças da rebellião era evacuar a provincia temporariamente; e assentou em sua mente de abegão que, fingindo querer apresentar-se, poderia approximar-se impunemente, tomar uma das villas á margem do Itapucurú, cortar a marcha regressiva do presidente, prendel-o mesmo, e reanimar dest'arte o agonizante espirito da rebellião; e quando fossem burlados os seus temerarios projectos, contava com a certeza da amnistia, á sombra da qual tentava o que até alli não ousára.

Depois que com vida pôde Raymundo Gomes milagrosamente escapar ao imminente supplicio que lhe destinava o negro Cosme, tinha-se elle ligado a Pedroza, quando este chefe rebelde ainda não obedecia ao governo; e verificando-se isto depois, deixou aquella

companha, alliando á sua arrojada empresa uns trezentos aventureiros, entre os quaes o velho Matroá e outros caudilhos, quasi todos cabôclos da aldêa de S. Miguel, que demora á margem do Itapucurú, entre o Rosario e o Itapucurú-mirim, e com este sequito veio surprender ás duas horas depois da meianoite de 10 de Novembro o destacamento da aldêa, tambem de cabôclos: alli roubaram uma canôa que pelo rio passava, e fizeram tres mortes.

Vaidoso com este facil successo, mandou um emissario e um mal-traçado officio ao commandante da villa do Rosario, declarando que numerosas tropas o acompanhavam, e que elle pacificamente deseja entrar na villa, e promettia não matar nem roubar; e após marcharam todos e vieram cercar a villa, sem comtudo ousar atacal-a, que tal não era o seu intento; levantaram uma bandeira branca, e por novos emissarios pediram entrada sem depôr as armas. Não consentio que assim entrassem o major Augusto Cesar da Rocha, commandante daquella villa, que já havia recebido um aviso de Pedroza annunciando-lhe o intento do perfido, e isto mesmo havia o major communicado para a capital ao coronel Magalhães, por se achar o presidente em Caxias, e só com demora de quinze dias poderia ser disto sabedor. Entretanto respondeo ao traidor que, si receiava depôr as armas, aguardasse no *Pai-Simão* a chegada do presidente, e elle se encarregava de enviar-lhe o necessario alimento para a

sua gente; e no caso contrario, resistiria com fogo, si tentassem entrar armados.

Em inuteis correspondencias passou todo aquelle dia (11 de Novembro), e á meianoite chegou o vapôr *Fluminense* com o soccorro de tropas da capital: saltou em terra o capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa com a tropa que o acompanhava, e no seguinte dia intimou aos rebeldes que enfim se decidissem, ou a depôr as armas, ou a romper o fogo; que não ousavam os nossos ser os primeiros, porque se não dicesse que hostilmente haviam acolhido a quem fiado no imperial decreto pacificamente se apresentava. Pedio Raymundo Gomes algumas horas para deliberar; concedeo-se-lhe toda a manhã até o meiodia; mas nada! Começaram os da villa a suspeitar; e o commandante das forças navaes, de acôrdo com o major Rocha, mandaram o capitão Benedicto Antonio Pernambuco com cem praças cortar-lhes a retaguarda, para no caso de perfidia impedir-lhes a fuga.

Com effeito, só pretendia o traidor illudir a bôa-fé do commandante da villa, entrar armado, e em horas propicias ao crime praticar os seus assassinatos; e como nada alcançasse, foi-se retirando pouco a pouco, começando pelos que mais atraz ficavam, de modo que não fossem vistos pelas nossas sentinellas avançadas. Deveriam esbarrar os malvados ante a partida do capitão Benedicto, si este se não tivesse embriagado a ponto de cahir, demorando a sua mar-

cha, e por este modo destruiu toda a operação. Em caminho teve o presidente vagas noticias desses successos, e apressando a marcha chegámos ao Rosario no dia 19, e logo dalli expedio diversas partidas exploradoras sobre os fugitivos, e conseguiu a captura de muitos, e apresentação de outros, que isto tomaram por melhor partido: entre estes veio o ajudante de José Thomaz, em quem muito confiava Raymundo Gomes, e este foi para a Miritiba, onde infructuosamente tentou igual perfidia.

## CAPITULO XXXII.

Falta de viveres e de dinheiro. Posição de Raymundo Gomes.  
Intrigas eleitoraes.

Correo o mez de Dezembro sem novidade da campanha digna de ser aqui apontada. Eram as maiores a absoluta falta de dinheiro para a compra de mantimentos necessarios á tropa, a escassez de todos os generos e o seu alto preço; a peste que ia ceifando toda a provincia, e a intriga por causa das proximas eleições. Em 5 de Janeiro officiou o presidente para a côrte expondo as criticas circumstancias em que se achava, e queixando-se da falta de soccorro do ministerio, que o collocava nos maiores apertos, quando já d'elle reclamava alguma tropa disponivel para a campanha do Sul.

Não estava a difficuldade em enviar essa tropa; mas como vestir-a? como pagar-lhe seus atrasados soldos? como dar-lhe de comer, e afretar embarcações, si não havia dinheiro? Facil é dizer *faça*, mas o fazer não é palavra que se solte ao vento, e si no ordenar sem proporcionar os meios está a sciencia de bem governar, então facil cousa é o governar.

Vamos a Raymundo Gomes. Tinha-se elle refugiado na Miritiba, em companhia do velho Matroá e mais cem homens, e alli cercados e esfaimados foram obrigados a depôr as armas, excepto Raymundo Gomes, que com mais alguns se encovaram, não podendo dar um passo sem cahir em poder das nossas partidas, ou nas mãos de algum dos seus, que na esperança de premio já o procuravam; assim acorrilhado, vendo certa a morte, mandou por um emissario pedir ao presidente perdão para se apresentar; ao que respondeu-lhe que sem susto se apresentasse, marcando-lhe para isso um prazo.

Estavamos no mez de Janeiro de 1841, e o dia 9 havia sido marcado para as eleições primarias. Os dous partidos fervorosos empregaram todos os meios praticaveis com a miseravel e ridicula lei das eleições; nenhum d'elles se julgava tão forte, que justa e legalmente podesse vencer; nenhum contava com o apoio do presidente, que comquanto fosse candidato de ambos, no que só concordavam, solemnemente lhes havia declarado que renunciava a espontanea votação

que lhe offereciam, si era com a condição de parcial interferencia, contraria aos seus principios e á independencia de seu character; que elle todos os meios injustos reprovava, e os impediria no que podesse.

Qual dos dous partidos mais se avantajasse nas irregularidades e intrigas, difficil cousa é de dizer, e longo fôra o narrar todos os abjectos meios de que lançaram mão. Alguns do partido Bemteví, chrismado em imperialista ou maiorista, mandaram convidar Pedroza para que com toda a sua gente viesse votar na villa do Icatú, e não depozessem as armas sem esta condição; e o mesmo Pedroza andava na chapa dos eleitores por aquella freguezia. Informado o presidente deste indigno trama, e não julgando prudente deixar a capital nos dias da mal entendida soberania do povo, para alli despachou o commandante das forças navaes, com um consideravel troço para impedir a entrada de tão numeroso grupo armado, que no meio da popular vertigem poderia alli causar grandes desordens; e outrosim porque esta gente, dado que obedecesse, não havia comtudo largado as armas, nem alli havia passado a septuagesima, antes naquelle tempo nos guerreava. Chegou Pedroza ás trincheiras da villa com um sequito de mil homens, e o commandante das forças navaes lhe intimou que fôra e arredado d'ella fizesse alto, e logo déssem de mão as armas si pretendiam entrar: fez elle alto, mas declarou que não se desar-

maria sem que primeiro se entendesse com o presidente, a quem só obedecia.

### CAPITULO XXXIII.

Sahida do presidente para Icatú e Miritiba : apresentação de Pedroza e de Raymundo Gomes. Prisão do Cosme. Fim da guerra.

Concluidas as eleições primarias, que se fizeram sem morte, sahio o presidente aos 11 de Janeiro para Icatú, bem decidido a obrigar aquella gente a depôr as armas, pacifica ou hostilmente; e alli desembarcando mandou chamar Pedroza, e d'elle soube não só do plano de ingerencia no collegio eleitoral daquella villa, senão tambem da repugnancia de grande parte de seus sequazes em depôr as armas a que estavam affeitos; e que muito temia qualquer rompimento si isto se tentasse; que para elle era certa a morte, si tal lhes fosse commetter. Ao que o presidente resolutivo replicou que fosse, e fizesse logo entrar toda aquella gente armada como estava, que mais réplicas não admittia; e dispondo logo todas as suas forças em ordem de batalha, para o que dêsse e viesse, foi elle espectral-a nas trincheiras.

Entraram elles em pelotões com armas carregadas e escorvadas de novo, mais varados de temor que cheios de confiança, e em entrando, á voz imperativa

do nobre presidente iam elles humildemente depondo ás armas a seus pés; e assim se recolheram novecentas armas. Tão esfarrapadas e famelicias vinham aquellas miseraveis criaturas, que causavam piedade aos vencedores, e por muitos dias só cuidaram de comer e repousar.

Dalli seguio o presidente para a Miritiba, onde se embrenhára Raymundo Gomes, e por uma escolta o mandou buscar á sua presença. Insignificante era a sua figura; quasi negro, a que chamamos fula, baixo, grosso, pernas arqueadas, testa larga e achatada, olhar timido e vacillante, pouco atilado de entendimento, voz baixa e humilde, nenhuma audacia de conspirador; e posto fosse o chefe dos sediciosos, mais obedecia que mandava, e nunca marchou á frente dos seus em momento de peleja, e na retaguarda se conservava, prestes sempre a fugir e a evitar o perigo; nem foi de todos o mais ladrão e cruel, antes comparado a outros parecia humano. Primeiro que elle se apresentou o velho Matroá, todo curvado com o peso de cento e vinte annos de idade e de crimes, arrastando uma longa espada, entretanto audaz, e fazendo alardo de ter entrado em todas as grandes e pequenas revoltas do Norte durante a sua vida: falleceo este velho depois de um mez de sua apresentação. Depozeram as armas na Miritiba mais de setecentos rebeldes, todos elles quasi nús e sem munições de guerra, excepto as armas. Chegou a tres mil o numero dos apresentados em

todos os nossos pontos, e findo o prazo dado ainda se capturou na comarca do Brejo uma cáfila de trezentos bandidos, que em attitude hostile se conservavam.

Para complemento da pacificação da provincia foi preso no logar denominado Calabouço, districto do Miirim, o infame negro Cosme, e os demais que o acompanhavam, ficando alli mortos uns cincoenta pela tenaz resistencia que fizeram. Cosme foi entregue á justiça, e Raymundo Gomes, depois de amnistiado, assignou termo de evacuar a provincia por oito annos, sendo-lhe designada a de S. Paulo para sua residencia.

Em ordem do dia n. 68, de 19 de Janeiro, mandou o presidente annunciar a pacificação da provincia, e para cortar as despezas e alliviar a lavoura dos grames que havia soffrido, reduzio os corpos provisorios á metade da sua força, dando preferencia no licenciamento aos administradores, feitores, vaqueiros, mestres de barcos, aos casados e filhos de viúvas.

Não podemos deixar de aqui transcrever, como importante documento do estado da provincia, o officio que dirigio o presidente ao ministro do Imperio, annunciando o fim da guerra civil. „Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup>, para que chegue á presença de S. M. o Imperador, que á custa de grandes e penosos sacrificios chegou a seu termo a guerra civil, que deixa devastada toda esta provincia. Si por um lado justos são os motivos para nossa alegria, por outro lado elles se attenuam á vista do miserando

aspecto da assolada provincia novamente ceifada pela peste, ameaçada pela fome, e coberta de familias outr'ora ricas, hoje reduzidas á miseria. Em dous annos de crua guerra intestina, em que se não cuidou de lavoura, em que passante de oito mil homens armados contra o restante da provincia só cuidavam de rapinar, destruir e matar, os fazendeiros e criadores de gado abandonaram seus cazaes, e trataram de salvar a vidas: os escravos sem feitores se aquilombaram, e guiados pelo infame Cosme e outros cabeças seguiram as pisadas dos rebeldes; os generos encareceram, e emfim se apresenta a fome, consequencia inevitavel de tantas desordens. A capital ha muito está fornecendo o interior de generos, que parcamente e por alto preço recebe de fóra, Extraordinario numero de viuvas e de crianças mendigantes reclamam soccorro do Estado: muitos rebeldes apresentados, e que já viviam de miseravel caça e de fructas silvestres, estão hoje nos nossos acampamentos arraçoados, e recusam os — passes — porque não teem onde se abriguem, nem meios de subsistencia. Tenho licenciado grande parte das minhas tropas, preferindo os casados da provincia, não só para que elles possam ir curar de suas lavouras, como porque me faltam meios para sustental-os. As nossas tropas ha dous annos que não recebem fardamento, e ha seis mezes que estão por pagar. Todos os sacrificios se fizeram, e eu sustentei a disciplina, criei corpos, ajudado com a força da vontade, e com o exemplo de

actividade, e de abnegação de todas as commodidades; mas chegou o inverno, e copiosas aguas começaram a inundar toda a extensão da provincia; nada se colhe neste tempo; a fome e a peste estão comnosco: só na capital mais de mil crianças tem sido victimas do sarampo nestes ultimos tres mezes, e em um acampamento falleceram em nove dias cento e onze apresentados. Tenho requisitado mantimento á provincia de Pernambuco, mas não me chega em quantidade. A V. Ex.<sup>a</sup> me dirijo e encarecidamente rogo prompto soccorro de viveres, porque temo que a desesperação se una aos flaggellos existentes. Deos gurade a V. Ex.<sup>a</sup>. Maranhão, 5 de Janeiro de 1841. — Es.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. — *Luiz Alves de Lima.*“

### CAPITULO XXXIV.

Intrigas eleitoraes. Com o fim da guerra augmentaram-se as intrigas dos partidos.

Tiveram os maioristas ou bemtevis seis collegios e só tres os cabanos, e por este unico facto, attenta a immoralidade geral e a indignidade dos vigarios\*, pertencia aos primeiros a victoria; porque livre lhes era

\* Exceptuo deste numero o vigario da freguezia da Sé da capital, o Rev.<sup>mo</sup> padre Francisco José Pereira, unico que por principios de probidade não consentio no augmento dos votantes.

augmentar o numero dos eleitores, e com duas ou tres actas differentes tratava cada collegio de fazer jogo. Os cabanos, de posse dos melhores empregos da provincia, tendo assento na Assembléa provincial, na camara municipal da capital, e na mesa da sancta casa da Misericordia, cujos bens muitos d'elles impudentes desfructavam, não podiam resignar-se a perder, e não podendo tambem vencer, trataram com visiveis irregularidades dar motivo a que se annullassem as eleições, na esperanza que em outro presidente achariam talvez decidido apoio, indispensavel para o triumpho de sua causa; e começaram logo por elevar o seu collegio de Itapucurú-mirim a 1:499 eleitores, collegio este que quando muito só cincoenta poderia dar.

Já não estimavam os contrarios estas irregularidades, porque segura tinham a sua causa, e não queriam arriscal-a; para contrabalançar porém aquelle numeroso collegio, elevaram o seu de Vianna a 1:500 eleitores, na hypothese que se houvesse annullação, recahiria ella tão sómente sobre estes collegios visivelmente falsos, ficando os demais valiosos; e quando mesmo oppozessem e arriscassem tres dos seus collegios contra tres dos cabanos, ainda lhes sobejavam para vencer outros tres, não alterados.

Pela mesma villa de Vianna, cuja maioria da povoação é dedicada ao partido bemteví, fabricaram os cabanos na capital uma acta falsa, assignada pelo

vigario e o juiz de paz do mesmo partido, que daquella villa fugiram na vespera das eleições para não assistir ao triumpho do partido maiorista, e com tanta impudencia que esse mesmo vigario e o juiz de paz haviam em audiencia declarado ao governo a sua fuga e receios (diziam elles) de serem assassinados, e igual parte havia dado o prefeito daquella villa.

Via o presidente com magoa estes perfidos manejos e ignominiosos procederes, e manifestou em particular a sua indignação aos auctores de taes cabalas; e como elles temiam a influencia do presidente na côrte, e que demittisse os seus agentes empregados, recuaram e apresentaram as outras actas verdadeiras, posto que já primitivamente elevadas no numero de eleitores que proporcionalmente cada collegio devia dar. Foi isto um novo e grande serviço feito á paz do Maranhão. Feita a apuração geral, sahiram eleitos deputados: o presidente com unanimidade de votos, o Dr. Joaquim Franco de Sá, o coronel Manoel Telles da Silva Lobo, e o Dr. Manoel Jansen Ferreira; e primeiro suplente Manoel Odorico Mendes\*. Notaremos por ultimo que nos seis collegios bentevis houve unanimidade na escolha e votação de seus candidatos, e muita divergencia nos tres collegios do partido cabano; prova este facto, si não melhor escolha, ao menos combinação e mais razão para que vencessem aquelles.

\* Distincto poeta, insigne traductor de Virgilio, e mui digno de respeito pelo seu nobre character.

## CAPITULO XXXV.

Observações geraes sobre o governo do Sr. Luiz Alves de Lima. Conclusão.

Havemos concluido a historia da revolução de dous annos da provincia do Maranhão, nascida, como vimos, das pretensões de dous partidos rancorosos; partejada pela parcial e decisiva protecção de um presidente; sustentada pela ignorancia das massas brutas postas em movimento; animada pelo espirito de rapina; prolongada pela negligencia, impericia e fraqueza dos que a ella se oppozeram em principio; suffocada emfim no seu maior ponto de desenvolvimento pelos corajosos esforços e sacrificios do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz Alves de Lima; justificada pelo triumpho nas eleições do partido que lhe deo o nome, e por fim amnistiada pelo governo imperial; ficando para o presente uma lição infructifera, escripta com caracteres de sangue, e para o futuro um documento dos nossos desregramentos e immoralidade do tempo.

Para completar este quadro historico faremos algumas observações sobre a administração civil do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz Alves de Lima, além do que temos semeado em toda esta escriptura de seus trabalhos e pericia militar.

São sempre mais ou menos copiados os homens que a Providencia colloca á testa dos povos, e nas

pequenas cidades e villas mais proficuos são os bons exemplos que a doctrina. Em nenhuma porêm destas virtudes foi escasso o nosso Presidente; a severidade de seus costumes e a dignidade de seu proceder lhe acataram bem cedo geral respeito e estima, e obstaram o descomedimento dos publicos funcionarios. Seus puros sentimentos e sua presença em todos os actos religiosos inspiraram mais veneração ao culto publico; e neste artigo muito se distinguio; e como a irrelição de mãos dadas com a ignorancia dos povos são duas calamidades que comsigo arrastam o desregramento da vida, curou elle de plantar o sancto temor de Deos, para abonancar os costumes.

Dispensamo-nos de expôr todas as suas providencias sobre estes e outros pontos de sua administração, porque no fim desta memoria transcreveremos como epilogo o importante relatorio de seus feitos ao seu successor no acto da entrega da presidencia, e vamos mencionar sómente o que alli não transluz.

No dia 2 de Abril, em que reza a igreja pelas sete dôres da Mãe do Redemptor, fomos á villa do Itapuecurú-mirim, e alli lançou o presidente a primeira pedra da igreja matriz com invocação a Nossa Senhora das Dôres, e fez-se a solemnidade segundo o ritual romano: é a pedra de palmo e meio, bem quadrada, e tem na face superior a data do anno e as iniciaes do presidente L. A. L., e para as obras dessa

igreja fez elle de seu bolso um avultado donativo, além do que se colheo pela subscripção entre os parochianos, e do que elle mandou dar pelo cofre da provincia. Por outras muitas igrejas arruinadas distribuio elle consignações para seus reparos e paramentos.

Foi sua politica franca, liberal, conciliadora e previdente, e a ella se deve a prompta extincção da rebellião, que bastantes elementos tinha para mais longa existencia.

Por sua severa economia poupou a fazenda grandes e copiosas sommas; nunca foi contradieta a sua justiça, nem levemente alterada a sua premeditada imparcialidade; e tendo concluido a sua nobre missão de pacificador, pediu a Sua Majestade o Imperador e aos ministros do imperio e da guerra demissão, que só lhe foi concedida depois de reiteradas instancias, e já pelo novo ministerio organizado em 23 de Março de 1841, composto do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Senador Candido José de Araujo Vianna \*, no Imperio, o deputado José Clemente Pereira, na Guerra, o Senador Miguel Calmon du Pin e Almeida, na Fazenda \*\*, o Senador Marquez de Paranaguá, na Marinha, o Deputado Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho \*\*\* nos Estrangeiros.

Foi nomeado presidente para o Maranhão o Dr. João Antonio de Miranda, que já o tinha sido no

\* Hoje Visconde de Sapucahy.

\*\* Hoje Marquez de Abrantes.

\*\*\* Morreo Senador do Imperio e Visconde de Sepitiba.

Ceará e no Pará, e a este fez o Sr. Lima entrega do governo civil da provincia, no dia 13 de Maio de 1841, passando ao mesmo tempo o commando das armas interino ao coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães, até que chegasse o coronel Francisco José Martins, nomeado pelo governo geral para o succeder naquelle commando.

### CAPITULO XXXVI.

Exposição feita ao Dr. João Antonio de Miranda pelo coronel Luiz Alves de Lima na occasião de entregar-lhe a presidencia da provincia.

„Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Neste momento devolvo a V. Ex.<sup>a</sup> a presidencia desta provincia inteiramente restituída á paz, depois de dous annos de calamitosa guerra civil; neste momento para mim de repouso, grande responsabilidade começa a pesar sobre V. Ex.<sup>a</sup>.

Diminuta é a minha gloria de ter concorrido para a pacificação desta parte do Imperio, á vista da que caberá a V. Ex.<sup>a</sup> em sustentar a paz, curar dos seus interesses, e promover os germens de sua prosperidade.

Permitta-me que neste momento eu passe em revista alguns factos do meu governo, não por vaidade de querer-me apresentar como norma a V. Ex.<sup>a</sup>, cujas luzes respeito, e já brilharam na presidencia de duas

provincias, e cujas eminentes qualidades assás foram apreciadas por Sua Majestade o Imperador; sim porque é já uso, e quasi um dever, expôr ao novo presidente o que se retira o estado em que deixa a provincia, e indicar ao mesmo tempo as suas mais urgentes necessidades. Esta publica exposição de quem já nenhuma influencia exerce, sujeita á critica dos entendidos, podendo ser contestada, applaudida, ou reprovada, tem a grande vantagem de servir como de thermometro da opinião publica ao novo presidente.

Graças á Divina Providencia, que se apraz ás vezes de dar-nos grandes e terriveis lições, dias serenos volveram ao horisonte desta provincia, ainda debilitada pelos suôres de sangue de seus dias de lucto e de angustia.

Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados; todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para fóra da provincia; restabeleceo-se a ordem; fui sempre respeitado e obedecido; não tive opposição de partido algum; todos os empregados e chefes de repartições desvelaram-se em cumprir os seus deveres durante o tempo do meu governo; mas não me ufano de haver mudado os corações, e suffocado antigos odios de partidos, ou antes de familias, que por algum tempo se acalmam, e como a peste se desenvolvem por motivos que não prevemos, ou não nos é dado dissipar.

Sou militar, e como tal sempre obedeci e obedecerei ás auctoridades legalmente constituidas, e não

podendo, nem devendo eximir-me do commando das armas desta provincia em tempo de guerra, em que o governo imperial julgou conveniente chamar-me, acci-tei igualmente a presidencia, que me foi dada, na persuasão de que assim mais util seria.

Tomando pose no dia 7 Fevereiro de 1840 estabeleci logo como regra de meu procedimento manter rigorosa disciplina nas tropas do meu comman-do, fiscalisar e economisar as despezas da guerra, cum-prir e fazer cumprir sem discrepancia todas as leis do Estado, e não me envolver de modo algum em ques-tões de partidos, distinguindo os homens pelos seus merecimentos e qualidades, sem me importar com suas opiniões: servindo de paradeiro ás exigencias dos partidos, quebrei-lhes a força, e ambos me coadju-varam.

Examinei escrupulosamente os actos do meu antecessor; procurei descobrir suas intenções, e não o desacreditei para realçar-me, antes no que pude sus-tentei o que elle havia feito; porque entendo que o espirito do governo deve ser um, posto que variem os homens. Tudo isto fiz tão rigorosamente como digo, e ainda hoje me não arrependo de assim haver prati-cado; mereci a confiança e a publica estima, sem que necessario me fosse recorrer a outros meios; eis a maior recompensa de minhas fadigas.

Meu illustre antecessor, entregando-me a presi-dencia desta provincia, assegurou-me que seis mil

rebeldes naquella época a devastavam; numero sempre crescente, e nunca maior antes daquella data; porque si alguns se entregavam ou eram capturados, outros em maior copia se levantavam e os substituiam; e isto mesmo se deduz de sua correspondencia official, que se acha na secretaria deste governo. Mostrou-me depois minha propria experiencia que bem longe estava de ser exagerado esse computo, como ao principio julguei, a ponto de acreditar que só existiam tres a quatro mil. Si calcularmos em mil os seus mortos pela guerra, fome e peste, sendo o numero dos capturados e apresentados durante o meu governo passante de quatro mil, e para mais de tres mil os que reduzidos á fome e cercados foram obrigados a depór as armas depois da publicação do decreto de amnistia, temos pelo menos oito mil rebeldes: si a estes adicionarmos tres mil negros aquilombados sob a direcção do infame Cosme, os quaes só de rapina viviam, assolando e despovoando as fazendas, temos onze mil bandidos, que com as nossas tropas luctaram, e dos quaes houvemos completa victoria. Este calculo é para menos e não para mais; toda esta provincia o sabe.

Não citarei as circumstancias da guerra, que d'ellas fazem menção as minhas ordens do dia que impressas correm, e os meus officios que achará V. Ex.<sup>a</sup> na secretaria; direi o que me cumpre dizer para explicação e defesa do meu procedimento. Encontrei os cofres esgotados; uma divida avultada, e invencivel

repugnancia dos fornecedores em dar os seus generos a credito, pela demora dos pagamentos e ainda mais pela lei dos exercicios. Computavam-se nossas forças, por não haver mappa algum, em quatro mil homens mal armados, pessimamente vestidos, alguns quasi nus, faltos de seis a nove mezes de soldos; a fome ameaçava as nossas tropas e a capital; interceptadas as communicações com o interior; as comarcas do Brejo, Caxias, Pastos-bons, e parte da do Itapucurú cobertas de grossas manadas de rebeldes e negros aquilombados; a todos estes males procurei dar prompto remedio.

Elevei a divisão pacificadora a oito mil homens, com os apresentados e recrutados; estabeleci hospitaes em todos os acampamentos, e melhorei o central na capital, nos quaes constantemente se tratavam dous mil enfermos. Contractei medicos, cirurgiões e capellães; criei um deposito de tropas na capital; aboli as apparatusas brigadas, e o commissariado-geral de viveres, nomeei para o subsituir commissões compradoras; e graças á boa economia não avultaram as despezas com este accrescimo de forças; finalmente restabeleceo-se a ordem nesta provincia e na do Piauhy, que assás foi soccorrida com tropas, munições, dinheiro, &c., que daqui enviei repetidas vezes, sendo bem mesquinhos os meios de que podia dispôr, e a proposito devo aqui declarar que muito me valeo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco do Rego Barros, presidente de Pernambuco, que desvelado attendeo ás minhas requisições.

Finda a guerra, reduzi as forças desta provincia, e já para o Sul mandei mil e quinhentas praças: mas julgo, e não sei si V. Ex.<sup>a</sup> julgará commigo, que por algum tempo se devem conservar, como medida de prevenção, todos os destacamentos que actualmente existem, até que os amnistiados se restabeçam de todo nos seus antigos habitos de paz e de trabalho, o que em dias se não pôde conseguir; porque os ociosos de que a provincia abunda, faltos de meios, naturalmente os procuram na rapina, e já depois da guerra apresentou-se nos confins da comarca de Pastos-bons, perto do Piauhy, uma quadrilha de desertores, dirigida por um certo Felix Pascoa, com intento de roubar e de executar algumas vinganças; mas é bem provavel que já hoje tenha cahido em poder de nossas partidas, que o perseguem além do Parnahyba, provincia do Piauhy, para onde se refugiou.

Creio tambem que, para segurança e policia das comarcas de Caxias e Pastos-bons, se deve aquartelar na cidade de Caxias um batalhão de linha, que dê os destacamentos para os outros logares do interior; e com este intento mandei fazer os necessarios commodos, e já alli se acha o batalhão de artilharia da Bahia, que eu pretendia interinamente conservar naquella cidade.

A comarca do Brejo é a que mais contém em suas matas grande copia de ociosos, e com menos de quinhentas praças se não fará a sua policia: destas

devem existir cem na villa do Brejo, e outras tantas no Satuba, Mocambo, Chapadinha e Barro-bermelho, para que destes pontos saiam partidas volantes, que assegurem as communicações, e tirem aos ociosos toda a probabilidade de poder andar em quadrilhas de salteadores.

Para evitar a invasão dos selvagens colloquei na villa de Vianna uma companhia de caçadores de montanha, que dá um destacamento de vinte homens para o rio Capim, onde as fazendas sem este apoio soffreriam os ataques das hordas indigenas.

Procurei elevar o corpo de policia ao seu estado completo, por assim julgar necessario, e ser para isso auctorizado pela lei provincial n.º 90, e creio que só assim será elle sufficiente para policia a capital, e dar destacamentos á cidade de Alcantara, e ás villas de Guimarães e Icatú.

Colloquei na villa do Codó a 1.ª companhia de caçadores de montanha, para explorar as matas daquelle districto, onde em todos os tempos se aquilombam os escravos fugidos.

Ocupado com a guerra, inspeccionando todas as columnas, sempre em movimento, não me esqueci comtudo de outros muitos interesses da provincia. Algumas leis decretadas pela Assembléa provincial deste o n.º 86 até 99 contém medidas de alta importancia por mim reclamadas.

Todas estas leis foram logo postas em execução. Citarei, por exemplo, a limpeza do rio Urú, o grande

concerto da cathedral e de outras muitas igrejas, o reparo de algumas fontes publicas da capital, parte da calçada da Rua Grande; e tendo eu visto e lastimado o miseravel estado de quasi todas as matrizes da provincia, e não podendo com a modica quantia decretada pela Assembléa provincial fazer todos os concertos de que ellas necessitavam, nomeei commissões de pessôas abastadas dos logares para promover subscripções entre seus comparochianos, e cuidarem no concerto das velhas igrejas e edificação de novas. Além do que expuz á Assembléa legislativa provincial no artigo — Culto publico — do relatorio que apresentei na proxima passada sessão, offereço á consideração de V. Ex.<sup>a</sup> um longo e luminoso officio do Ex.<sup>mo</sup> bispo diocesano com data de 10 de Março.

Expedi o major de engenheiros Fernando Luiz Ferreira, com um missionario, instrucções e todo o necessario para estabelecer uma colonia de Indios no Pindaré, para o que me havia convencionado com o chefe Guajajára Maraapé, que á esta capital mandei chamar, e me prometteo a coadjuvação de quatrocentos arcos que lhe obedecem. Espero que esta colonia, de grande vantagem para os indigenas e segurança das fazendas daquelles arredores, mereça a protecção de V. Ex.<sup>a</sup> e a approvação da Assembléa provincial.

Querendo o cidadão Franciseo Ferreira de Carvalho estabelecer uma fazenda de lavoura no alto Miirim, na passagem denominada Inson, e fundar

naquelle logar uma povoação livre, afim de domesticar os Indios, ou impedir as suas correrias, e facilitar dest' arte o transitó e navegação daquelle río até hoje pouco communicado, pedio a este governo a exempção por dez annos de dizimos e tributos provinciaes sobre generos de cultura daquella nova colonia, e a dispensa do recrutamento e de qualquer serviço militar em tempo ordinario: concedi esta ultima graça, por estar em minhas attribuições, e querer animar toda empresa desta natureza; mas dependendo as primeiras da approvação das Assembléas geral e provincial, a V. Ex. está reservado sollicital-as, si assim o julgar conveniente.

Desejoso de promover a navegação dos principaes ríos da provincia por meio de barcos de vapor, pedi á Assembléa provincial a reforma da lei sobre este importante negocio, a qual pela mesquinhez da protecção que offerecia não convidava ao empresario João Diogo Sturz, que outras condições exigia: foi essa lei com effeito reformada e ampliada pela de n.º 91, mas nem assim anima o dito empresario, que me expóz ultimamente as difficuldades que encontra; estes papeis offereço á consideração de V. Ex.ª

Duas grandes obras demanda altamente esta provincia: a primeira, que desde já attrai toda a attenção, é o estado do porto desta capital, que se vai obstruindo com grandes bancos de aréas que continuamente se accumulam, a ponto que nas marés baixas apenas se

nota um pequeno canal, que serpenteia por entre esses vastos comoros. Nelles naufragam annualmente grandes e pequenas embarcações com grave prejuizo da fazenda publica e particular, e si não se empregarem barcas de escavação, fechar-se-ha em pouco tempo este porto ao commercio nacional e estrangeiro.

A segunda é a abertura de um canal entre o igarapé Arapahy e Bacury, cuja planta já existe traçada, e será entregue a V. Ex.<sup>a</sup> Si houvesse dinheiro teria eu começado esta obra, não só pela grande vantagem que resultaria á capital, como para occupar um grande numero de braços ociosos, que com a paz ficam nesta provincia.

Outras muitas obras de igual importancia está pedindo a provincia, como sejam estradas, pontes, limpeza dos ríos navegaveis, fontes publicas, &c., e sobre isto offereço ás meditações de V. Ex.<sup>a</sup> varios officios de diversas auctoridades.

Taes são as mais urgentes necessidades materiaes da provincia: quanto ás moraes, ácima de todas se eleva a religião, de que vivem esquecidos os habitantes das villas e dos campos, talvez por falta de sacerdotes, que poucos ha, e desses poucos raros com os predicados para o sancto ministerio, de modo que nem ha exemplo evangelico que edifique, nem pregação que christianise.

Além das providencias em que fui em parte coadjuvado pela Assembléa provincial, a quem não posso

negar meus agradecimentos pelo empenho com que unanime acolheo minhas propostas, dei outras cuja responsabilidade ou louvor sobre mim só devem recahir. Entre estas citarei a derrocação das grandes pedras da cachoeira que tanto difficultava o livre transito do rio Itapucurú, onde muitas canôas naufragavam, aproveitando as pedras quebradas para o concerto da fortaleza da Vera-Cruz, que lhe fica á margem. Mandeí abrir um canal no logar desse rio denominado Mojó. Nestas duas obras de reconhecida utilidade empreguei os escravos capturados, antes de serem reclamados por seus senhores, e alguns prisioneiros rebeldes, e só despendi o necessario para compra de instrumentos. Não fallarei no entrincheiramento de algumas villas e logares; no desencravamento e reparos novos da artilharia das fortalezas e do baluarte, desmontada por ordem do meu antecessor, quando temia que fosse a capital tomada pelos rebeldes; no grande concerto do palacio do governo, que achei tão arruinado que impossivel era habital-o; no concerto e limpeza do quartel do campo de Ourique, e do velho armazem da polvora. Para não alongar este catalogo direi por fim que mandei organizar e corrigir o mappa da provincia com os fragmentos que obtive de mãos particulares; fiz melhorar a planta desta cidade, e mandei levantar a de Caxias com suas novas fortificações, e os mappas dos ríos Itapucurú e Miarim; e destes trabalhos foram encarregados o

major Fernando Luiz Ferreira, o capitão José Joaquim Rodrigues Lopes, o 1.º tenente João Vito Vieira da Silva, todos do corpo de engenheiros, e o capitão Manoel Lopes Teixeira junior, de artilharia; e de alguns destes mappas deixo copias na secretaria do governo.

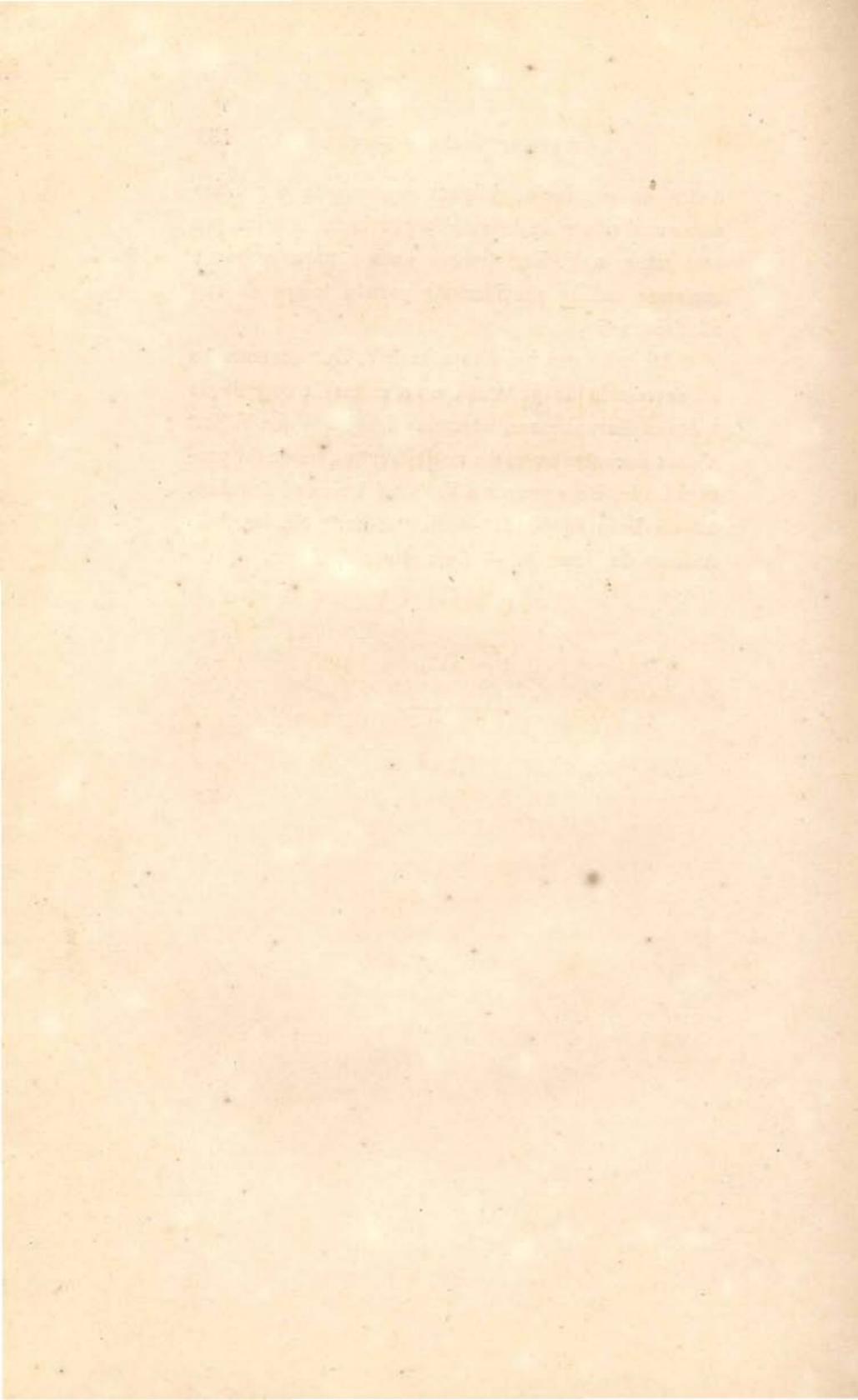
Posto seja a guerra uma calamidade publica, e ainda mais a guerra civil, tambem é ás vezes um meio de civilisação para o futuro, e a par de seus males presentes alguns germens de beneficio deixa. Pela rapidez dos movimentos e continuas marchas communicam-se os homens, estreitam-se as relações, e vigoram-se os animos inertes. Algumas pontes se levantaram no theatro das operações militares; citarei, por exemplo, a da Paulica, de mais de cem pés de comprimento, feita toda pelos soldados da 2.ª columna, sem nada despender a fazenda publica. As villas se entrincheiraram, e a fachina limpou as matas de vegetação ociosa que as invadiam e sobre ellas accumulavam vapores contrarios á saude; activaram-se os correios, augmentou-se a necessidade de correspondencia, e esta repartição rende hoje mais do que em outros tempos.

Restabelecida a paz nesta provincia, pedi ao governo imperial a minha demissão, e desde Janeiro tenho por ella instado; e assim esperando todos os dias pelo meu successor, e faltando-me em tempo as necessarias informações para o relatorio das necessi-

dades da provincia, julguei conveniente e politico adiar a abertura da Assembléa provincial, e deixo por este modo a V. Ex.<sup>a</sup> livre o campo para propôr e reclamar sabias providencias para o tempo de sua administração.

De tudo que hei dito achará V. Ex.<sup>a</sup> documentos na secretaria do governo, e na memoria recente de todos os Maranhenses, e termino desejando que V. Ex.<sup>a</sup> n'elles encontre o mesmo acolhimento que me foi prodigalisado. Deos guarde a V. Ex.<sup>a</sup> S. Luiz do Maranhão, 13 de Maio de 1841. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Antonio de Miranda. — *Luiz Alves de Lima.*

---



OS INDIGENAS DO BRASIL

PERANTE A HISTORIA.



MEMORIA

OFFERECIDA

AO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO  
ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

EM 1859.



# OS INDIGENAS DO BRASIL

## PERANTE A HISTORIA.

---

### MEMORIA.

#### I.

Os documentos escriptos sobre os indigenas do Brasil devem ser julgados pela critica, e não aceitos cegamente.

Quando no estudo da historia, religião, usos e costumes de um povo vencido e subjugado outros documentos não temos além das chronicas e relações dos conquistadores, sempre empenhados em todos os tempos a glorificar seus actos com apparencias de justiça, e a denegrir as suas victimas com imputações de todos os generos, engano fôra si cuidassemos achar a verdade e os factos expostos com sincera imparcialidade, e devidamente interpretados.

Essa verdade estreme não resalta a maior parte das vezes nem mesmo nas paginas dos historiadores nacionaes dos povos mais cultos; os quaes, contaminados do espirito de partido, ou se deixam seduzir por theorias a priori, e por ellas julgam os acontecimentos, amoldando-os á sua feição; ou por elles im-

pressionados apaixonadamente senteceam, sem mais indagar e pesar as causas que os produziram. Do mesmo modo desfiguram as crenças, e infamam os usos e costumes estranhos, sendo que de ordinario só nos parecem razoaveis os nossos.

Si livres de qualquer preconceito, só pondo a mira na verdade, lemos attentamente a historia de qualquer nação estrangeira, e seguimos a filiação logica e natural dos successos, bem como o espirito das reflexões dos escriptores, á vista mesmo dos factos expostos presumimos ás vezes razões occultas, e formulamos juizos bem diversos dos que lemos. A historia, tal como os homens a escrevem, é o mais das vezes como um processo pleiteado por interesses contrarios, que varia de arrazoado segundo o intento, e a dialectica dos advogados; e tanto póde claudicar o historiador nas suas reflexões e interpretações, como na exposição dos factos. Para que estes sejam comprehendidos, e fallem por si mesmo, carecem de todas as suas circumstancias; e uma só omittida por descuido, ignorancia, ou malicia, errado irá o raciocinio, injusta e falsa a conclusão.

Si fossemos julgar das virtudes do christianismo pelas diatribes dos adoradores de falsos deoses, daria-mos razão ao polytheismo; mas não nos esqueçamos que os vencedores querem ter toda a razão do seu lado, mesmo quando levantam fogueiras; e o historiador é um juiz recto, e não o panegyrista da victoria a todo custo.

Quando pois se nos apresentam documentos varios, provenientes de um só lado, cumpre-nos procurar a verdade pela critica, e por um methodo indirecto, notando sempre as contradicções, como fazem os juizes no acareamento das testemunhas; cingir-nos aos factos principaes em que todos estão de acordo; desviar reflexões e epithetos affrontosos, e admittir como verdade todo o bem que dizem do inimigo. As accusações que mutuamente se fazem os de um mesmo lado, divididos por interesses contrarios, justificam o terceiro sem voz para defender-se, e são para o historiador sincero novas fontes de verdade.

Não estamos nós vendo como se escreve a historia contemporanea? Como se alteram os factos passados debaixo dos nossos olhos? Si pois os partidos politicos de uma mesma nação civilisada, capitaneados por homens superiores, com baldões e calumnias se não poupam; que cega confiança nos hão de inspirar essas pinturas de um povo estranho, feitas pelos seus oppressores?

As noticias que sobre os indigenas da America, e com especialidade os do Brasil, nos deixaram os primeiros Europeos que d'elles escreveram, são tão contradictorias, que as não podêmos aceitar todas sem exame. De ordinario esses narradores de cousas novas, que se não recommendam pela sua sciencia e desinteresse, tendem mais a notar as cousas ridiculas e extravagantes que exageram, do que o boas e razoa-

veis que calam. O amor ao extraordinario os leva a hyperboles e fabulas; acham homens monstros, sem lei nem grei, como acham gigantes e amazonas.

Si alguns escriptores modernos, por simples conjecturas bem ou mal fundadas, se julgaram auctorisados a recusar o testemunho do grande padre Vieira, quando parece avultar a população dos indigenas do Brasil, a matança que n'elles se fazia para captivos, e a crueldade dos seus colonisadores; porque admittiremos a esmo o que em contrario dizem outros que não valem tanto como o celebre jesuita, a quem o Brasil e as lettras são devedores de assignalados serviços?

O que não póde a prevenção! Locke, philosopho tão respeitavel, empenhado porém a negar as idéas innatas, grande escolho da sua doutrina, foi achar apoio em algumas palavras de Lery para dizer que os selvagens do Brasil nenhuma idéa tinham de Deos! Apoiado nesse mesmo escriptor, e em outros muitos, não duvido sustentar o contrario com mais fundamento que o philosopho inglez; e não só essa, como outras muitas verdades postas em duvida, obscurecidas e negadas.

É certo que Lery diz categoricamente que não tinham os selvagens conhecimento do verdadeiro e unico Deos; o que em rigor na bocca de um protestante só significa que não tinham de Deos uma idéa qual a teem os philosophos. Mas tratando das suas

erradas crenças, e dos seus falsos prophetas, destroe a nossos olhos a pecha de atheismo; como veremos adiante quando examinarmos esse ponto.

## II.

O fim deste trabalho é rehabilitar o elemento indigena que faz parte da população do Brasil.

O elemento europeu, que constitue uma parte da população do Brasil, e ao qual devemos o incremento da nossa civilisação, tem por sí a historia gloriosa dos seus antepassados, desde que, herdeiros dos remanentes da civilisação grega e romana que combateram, deixaram por esse mesmo combate o estado selvagem em que viviam.

Esse elemento não necessita hoje de rehabilitação aos olhos da philosophia. Elle domina por toda parte, e vòu, a travez dos mares, até onde a cubiça lhe acena alguma preza. Seus mesmos erros e crimes se acham sufficientemente compensados por illustres e apregoados feitos que assignalam a sua marcha invasora, a par de muitas devastações e mortes.

No mesmo caso porém se não acha o elemento indigena, a quem muitos negam não só a sua importancia na população, colonisação e prosperidade do paiz, como tambem as noções de Deos e de justiça, e alguns nobres sentimentos, que naturaes julgamos no

homem, e não o producto da cultura, e do artificio social.

Mostrar esse elemento tal como elle é, ou ao menos tal como se nos elle apresenta; rehabilital-o aos olhos da philosophia e da historia, é o fim a que agora me proponho; não que o seu sangue me circule nas veias, e por elle me falle; mas porque falla-me no coração o amor á humanidade, e n'alma a voz da verdade. Nem consentirei que venham outros affectos perturbar a serenidade de tão desinteressada tentativa.

Esta reabilitação implica a refutação de alguns erros que se teem assoalhado contra os nossos indigenas, por um desses caprichos a que andam foreiros os homens; e sem essa referencia ao que se acha escripto, pareceria extemporaneo e sem causa o nosso trabalho, como o de quem academicamente se cansasse a combater uma hypothese gratuita de sua propria lavra.

Um livro recente e notavel de auctor brasileiro que estimamos, e cuja attenta leitura nos suggerio estas reflexões, reúne e abona todas quantas accusações andam espalhadas por paginas diversas contra os nossos selvagens, concedendo-lhes apenas insignificantes virtudes, como penhor de imparcialidade.

Não fallar desse livro por temor de parecer criticar uma obra de compatriota nosso, quando tão poucos são os que pelas letras nos dão gloria, e

tantos os que por inveja procuram destruil-a, seria uma dissimulação transparente, quasi signal de despreso, e de injuria ao nome e merito do auctor desse livro.

As arvores frondosas e de solidas raizes supportam bem, sem curvar-se, o peso das parasitas que n'ellas se escoram, e absorvendo-lhes alguma ceiva, compensam os aggravos que fazem, attrahindo sobre ellas os olhos dos indifferentes, que assim mais lhes admiram a corpulencia. De mais, estou persuadido que ainda mesmo convertidas em censuras as nossas citações, não desmereceriam a gloria desse illustre escriptor, antes o tornariam mais conhecido e apreciado como merece.

A morte dos livros não é a critica; é o silencio da indifferença e da inveja com que são recebidos. Para evitar essa mortal indifferença, e provocar o barulho da critica, escreveo J. J. Rousseau, por conselho de Diderot, esse tão citado discurso contra a civilização; e dest'arte conseguiu a celebridade que desejava. Com os ouvidos do philosopho de Genebra ouça o auctor da *Historia Geral do Brasil* o pequeno ruído da nossa voz, e consinta de bom grado que a elle nos acostemos, para dar vida e actualidade ás nossas reflexões.

É certo que os inimigos da gloria alheia applaudem, na falta de injuria, as leves observações que se fazem aos invejados, como saboream as crianças qual-

quer migalha de doce: mas com essas observações decoram um nome que desejariam morto, e alguma cousa apprendem, como o infante toma o remedio pelo mel que o envolve,

*E dall'ingano suo vita riceve.*

Podemos pois, na parte refutativa da these que sustentamos, sem offensa do illustre auctor da *Historia Geral do Brasil*, extractar do seu livro as proposições que tivermos de confutar, em vez de desenterral-as de escriptores já mortos; tanto mais que nos não limitaremos a isso; pois que n'elle achamos adminiculos para a parte affirmativa, que é o fim a que nos propomos.

### III.

Historia geral do Brasil, pelo Sr. Varnhagen. Si cabe aos nossos selvagens o titulo de indigenas. Considerações sobre as antiguidades americanas.

O Sr. Varnhagen, incansavel pesquisador de antigos documentos, e que quasi sempre viveo longe da patria em serviço d'ella, transportando-se com a imaginação aos tempos coloniaes, constituiu-se o mais completo historiador da conquista do Brasil pelos Portuguezes, e o panegyrista da civilização, mesmo a ferro e fogo, pelo captiveiro dos povos brasilios, com quem não sympathisa, talvez por não conhecel-

os; e a quem ás vezes tudo nega, até o titulo de indigenas, chamando-lhes *vindiços alienigenas*, como para lhes não dever caridade alguma.

Tomando o vocabulo *indigena* no sentido absoluto que lhe dá o historiador, não sei que povo no mundo se possa hoje chamar indigena; a menos que não haja alguns descendentes de Adão que sempre no Paraíso terrestre se perpetuassem. Mas quem possui os documentos historicos da genealogia desse povo?

Como porém o historiador declara que—as sanctas escripturas estão mui ácima da historia mundana, e nós devemo-nos contentar por ora com o facto geologico de que o homem appareceo sobre a terra em todos os continentes estudados antes desse deluvio, ou ultimo cataclismo que ella soffreo; — não vejo em tal caso razão porque, mesmo na accepção rigorosa desse vocabulo, negue elle *a priori* aos Indios o titulo de indigenas; podendo ser que descendam de algum Adão americano; sendo essa a conclusão mais logica que devia tirar quem se contenta com o facto geologico mencionado, e acha irrisorio entrar em investigações sobre a precedencia dos povos que viviam neste continente.

Confesso porém que, na difficuldade em que se acha a ethnographia de demonstrar a unidade, ou a pluralidade da raça humana, prefiro como mais plausivel a tradição biblica, tanto a essas conjecturas de alguns naturalistas e philologos á vista de differenças

e modificações physicas exteriores, que a sciencia cabalmente explica; como a esse facto geologico, que não é o que mais embaraça; pois que a presença de milhões de povos no continente americano, sem que saibamos donde vieram, fallando linguas que ainda se não reduziram a nenhuma das antigas conhecidas, não impede que o historiador, e outros muitos os considerem como aborigines, e os façam descendentes dos Egypcios, dos Carthaginezes, dos Indios, das dez tribus de Israel, e de quantos povos antigos se conhecem.

Mas nem por isso lhes recusaremos a denominação de indigenas, consagrada pelo uso, para melhor distinguil-os dos mais conhecidos vindicos alienigenas depois de Cabral; e só neste sentido empregaremos esse termo, como o historiador os chama Barbaros por variar o estylo; até que algum sabio, tomando como inspiração divina o pensamento do immortal Colombo, com boas razões o desenvolva, e dê por demonstrado ser a America o berço do genero humano, donde emigraram os descendentes de Adão a povoar o resto do mundo; e enriquecidos de ardua experiencia, voltem a perfazer o circulo da sua longa peregrinação, e completar a sua civilização no primitivo Eden, que assim tenha de recolher o fructo dos trabalhos de todos os seus filhos.

Infelizmente porém os Barbaros da Europa que aniquilaram o colossal imperio dos Incas; que devas-

aram tantas cidades florescentes do Mexico e do Perú, e tantos monumentos destruíram, com tão estúpida ferocidade nos roubaram as melhores paginas que nos poderiam guiar na pesquisa da antiguidade americana. Comtudo, á vista dessas ruínas eloquentes de Cusco, Teaguanaco, Utatlam, Tulha, Tenochtitlam, Culhuacan, e Tezcuco, essa Athenas americana, onde Summariava, primeiro bispo do Mexico, invejoso da gloria attribuida a Omar, amontoou em uma praça todos os documentos da historia, da litteratura e das artes, e todos os manuscritos, hieroglyphos e pinturas dos Azteques, e ergueo uma pyramide que entregou ás chammas; á vista dessa multidão de cidades, de canaes, de pontes, de pyramides, do papel de pita, cartas geographicas, e divisão do anno em 365 dias, e dessa maravilhosa estrada de quinhentas leguas de Cusco ao Quito, por entre montanhas, talhada nas rochas, e guarnecida de arsenaes, fortalezas, templos e hospicios para os caminhantes; á vista dessas gigantescas ruínas descriptas por Garcilasso, Humboldt, Kingsborough, e outros viajantes; documentos incontestaveis de uma civilisação de character antigo e original, que denuncia gerações successivas e seculos para ter chegado a esse ponto de grandeza e esplendor; á vista de todos esses factos, tão facil nos é suppor essa civilisação anterior, como contemporanea da mais antiga civilisação da India e do Egypto.

Como a America se achava povoada, e em parte civilisada desde remotissimas éras, que a historia e a imaginação não attingem, e completamente ignoramos donde procederam os seus primeiros incolas; não ha razão para que nós, vindicões alienigenas, como taes tambem os tratemos. Indigenas lhes chamam todos os geographos, e si essa designação lhes não cabe, tambem a ninguem mais pertence.

Como de mais, é um facto que o genero humano ignora scientificamente a sua origem, o seu berço, e o seu primeiro estado, devemos crer que esse mysterio sobre o seu passado, bem como o que envolve o seu futuro, entròu nos planos da Providencia. E bem pôde ser que, tendo havido no principio um só continente, uma só raça, uma só lingua, date a dispersão das famílias, a variedade de fórmás, e multiplicidade de linguas da fractura e separação da terra em varios continentes povoados, separação devida a esse grande cataclismo á que remonta a tradição dos povos, e de que vemos incontestaveis documentos geologicos. Assim, cada continente, fragmento do unico primitivo, terá uma raça indigena, sem que por isso deixe de haver unidade na especie humana, e o que entre os povos americanos parece indicar precedencia de outros povos que reputamos mais antigos, talvez apenas seja uma prova de contemporaneidade de civilisação, e da conformidade do espirito humano no seu primitivo e espontaneo desenvolvimento.

Dir-se-ha que isto não passa de conjectura. Assim é, mais ao que se reduzem todas as opiniões contrarias? E serão ellas porventura mais razoaveis?

#### IV.

Conclusões que podemos tirar da carta de Vaz de Caminha. Justiça, ordem social, e fôrma de governo dos indigenas do Brasil.

Quando eu leio a celebre carta de Vaz de Caminha, escripta de Porto-seguro no 1.º de Maio de 1500; esse primeiro e sincero documento sobre os povos brasílios, noto a segurança, de que se maravilha o escrevente, com que elles andavam entre os Portuguezes. Signal evidente de que não estavam habituados a suspeitar ciladas e perfidias.

Onde reina a malicia está o receio,  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Noto a facilidade com que trocam os seus arcos e flexas por cousas insignificantes e inuteis, até por folhas de papel! Prova de grande amor a cousas novas e curiosas. Noto o respeito com que assistem á missa, ora em pé, ora de joelhos; beijam a cruz, segundo vem fazer aos Portuguezes; e esse dentre os indigenas que fallando aos seus, mostrava o altar, e apontava com o dedo para o céo, „como quem lhes dizia alguma cousa de bom“, segundo a expressão de Ca-

minha. Prova de que tinham idéa de alguma divindade celicola, a quem referiam o simulacro estranho que viam, comprehendendo a sua significação; o que não fariam si não tivessem a menor idéa de Deos e de culto.

Noto finalmente que se acharam, como diz o mesmo escriptor: „choupaninhas de rama verde como as de entre o Douro e Minho, e uma povoação central com nove ou dez casas de madeira com as ilhargas de táboas, e tão compridas como a não capitana“. Prova de que viviam em sociedade.

O que os descobridores portuguezes acharam em Porto-seguro, foram depois achando com maior desenvolvimento por todo o vasto Brasil: homens simples, de boa fé, hospitaleiros, trabalhadores, e sempre dispostos a se unir a elles, si os não maltratavam.

Não concordo pois com o Sr. Varnhagen quando diz: „a unica crença forte e radicada que tinham esses selvagens era a obrigação de se vingarem dos estranhos que offendiam qualquer da sua alcatéa“. E convertendo, por direito de historiador, esse espirito de vingança em religião dos indigenas, tira d'ahi argumento contra a tolerancia em materia de religião. Dest'arte um habil romancista prepara os factos para as conclusões que deseja tirar.

Mas essa fraternidade com que todos de uma mesma *taba*, ou povoação, tomam parte na offensa, e no desaggravo de um só d'elles, o padre Aspilcueta

que a nota, não a converte em religião', e apenas diz: „teem tal *lei* entre sí, que recebendo o menor d'elles uma injuria dos christãos, se junctam todos a vingal-a“.

Mas essa lei os honra! O direito internacional dos povos civilisados ainda hoje consagra o uso das represalias por offensa ou damno causado a um dos seus membros; do que tanto abusam os grandes Estados da Europa, que pela voz dos canhões proclamam seus direitos.

Essa *sympathia natural*, que liga os individuos de uma mesma tribu, é o instincto da associação, a base fundamental da civilisação, e o gremem da justiça; e não ha de que fazer censuras si esse sentimento benevolo é tão forte no coração do homem livre. A destruição de Troia não teve por motivo senão a vingança de uma injuria; por motivo quasi semelhante expulsaram os Romanos os Tarquínios, e destruíram a realleza; e outras muitas guerras e devastações nem se quer se coonestam com iguaes visos de justiça.

No estado social chamamos vingança o acto pelo qual o offendido se desforça por suas proprias mãos: mas si é o magistrado, ou o governo quem em nome da sociedade inflinge a pena ao delinquente, e desagrava o offendido, justiça e não vingança chamamos a esse acto. Apesar da similhança, mui differentes são os dous actos, pelas determinações que os produzem,

e os sentimentos que inspiram nos circumstantes. No primeiro caso, constitue-se o homem juiz em causa propria, e executor apaixonado de sua propria sentença; o odio que revela o torna reprehensivel. No segundo caso, desaparece a individualidade, anti-social por natureza; é um estranho, é a sociedade quem julga, sentencêia e pune. O acto de todos a todos parece bem, e a sympathia que inspira o justifica aos nossos olhos.

Si pois todos os de uma mesma taba se reúnem para castigar o aggressor de um de seus membros, ao espirito de justiça, e não ao de vingança, havemos de attribuir esse procedimento. E porque converteremos em crime nos selvagens o que é virtude nos povos civilizados? Tem a moral universal principios oppositos, applicaveis segundo o nosso gosto ás diversas condições dos homens?

Consignemos pois como uma primeira verdade que os indigenas viviam em um regular estado social; e si bem não tivessem leis escriptas, como tambem as não tinham os Lacedemonios, com quem em algumas cousas se parecem, comprehendiam que deve a sociedade prestar apoio e protecção a qualquer de seus membros. Esta sociedade, além do ministro da sua religião, o payé, tinha um chefe politico electivo, que na guerra assumia o poder supremo, e na paz submettia-se á decisão de um conselho de anciãos que consultava. A declaração de guerra, a sentença de

morte, e a transmigração eram por determinação desse conselho.

Eis o que dizem todos os escriptores, sem exclusão do nosso historiador. D'onde podemos concluir sem a menor duvida que os Indios tinham idéas de justiça, e de ordem social, e uma soffrivel fórma de governo\*.

Digam embora os que taes factos em seus escriptos memoram que elles não tinham fórma de governo algum; porque as paginas dos factos observados desmentem as das invectivas.

## V.

Da vingança além dos umbraes da eternidade attribuida aos indigenas. Suas erenças religiosas. Contradições em que cahiram Lery e Soares. O espirito humano é o mesmo por toda parte. Exemplo de Lord Byron.

Não pretendemos converter os nossos indigenas em grandes philosophos; mas longe estamos de suppollos tão irrationaes que digamos com o Sr. Varnhagem: „não passava sua metaphysica mais além do innato

\* Quant á la police de nos sauvages, c'est une chose incroyable qui ne se peut dire, sans faire honte à ceux qui ont les lois divines et humaines, comme étant seulement conduits par leur naturel, quelque corrompu qu'il soit, s'entretiennent et vivent si bien en paix les uns avec les autres. *Lery* pag. 303.

terror aos trovões e raios; . . . e nenhum indicio se descobre entre os Tupis de *deismo*, si bem não faltem muitos de *diabolismo*“ (T. 1.º pag. 123.)

Assim dizendo, consola-se porêem o historiador, assegurando-nos que „a vingança além dos umbraes da eternidade, si por um lado não prova bons dotes do coração, descobre que estes povos, ou antes os seus antepassados, tinham idéas superiores ás do instincto brutal dos gôzos puramente positivos do presente“. (T. 1.º pag. 122.)

Feliz achado de idéas superiores ás do instincto brutal dos gôzos presentes, por meio da vingança além dos umbraes da eternidade! De tão grande honra não julgou dignos esses miseraveis, e a concede antes aos seus antepassados, sem duvida mais illustrados para conceber a sublimidade dessa atroz vingança;

*Que do sepulchro os homens desenterra;\**

e de que nos deo hediondo exemplo o colerico Estevam VI, mandando desenterrar, julgar, decapitar e lançar no Tibre o cadaver de Formoso, seu antecessor.

Em favor da religião, e da moral, em honra mesmo da humanidade, estimariamos que o historiador descobrisse essas idéas superiores reveladas por erenças e praticas mais humanas, que aos povos brasílios não faltavam; como lhes não faltava a idéa de

\* Camões, *Luziadas*.

um Ente Supremo, criador do universo, e de uma alma que ao corpo sobrevive; a despeito do que dizem os que, para barbaramente caçal-os e captival-os, começavam por suppol-os animaes sem alma, e necessitaram que um Papa os declarasse individuos da verdadeira especie humana.

O nosso historiador, que recorre não sei a que dicionario para declarar que Tupi significa *tio*, diz com a mesma segurança: „ao raio que temiam designaram por *tupam*“; apezar de que todos os vocabularios da lingua Tupi dêem *Tupam* ou antes *Tupâna* como o Deos dos povos brasilios, e não significando raio, que de outro modo se exprime. Porém a palavra existia; era preciso dar-lhe outra significação, porque a de Deos não quadrava ao historiador, pela simples razão que elle „não crê concebessem (os selvagens) a idéa de um Ente superior, immortal e infinito a reger este infinito orbe“\*. Dest'arte, fiel indagador da verdade, decide em virtude da sua particular opinião, e não á vista dos factos, e documentos. Tão grande e nobre idéa quer elle que a devamos á civilisação. Nós porém a reivindicamos em favor da espontaneidade do espirito humano; não por opposição aos principios do historiador, mas por ser esta a nossa convicção, conforme já o declarámos em outros escritos, e com mais clareza nos *Factos do Espirito Humano*.

\* Tomo 1.º pagina 123.

Grande força tem a verdade! Logo adiante, esquecendo-se do espirito de vingança, unica fé dos selvagens, e que lhes negára a idéa de um Ente superior, o nosso historiador, que lhes concede muito *diabolismo*, falla dos nunes invisiveis Curupiras, Juruparis, Anhangas e outros! De geito que esses ignorantes, sem idéa alguma de cousa que transcendesse ao sensivel, como os Egypcios, os Gregos, e os Romanos civilizados, tinham nunes para todas as cousas; isto é, nada comprehendiam sem uma causa superior e invisivel, que se revela em todos os phenomenos da natureza! Mas isso mesmo é ter idéa de Deos. Nem os maiores theistas melhor o comprehendem.

A pluralidade dos nunes, que nada mais é do que a personificação vulgar ou poetica dos attributos varios da divindade, não destroe a primeira concepção da causa suprema que se patenteia em todas as cousas; como as differentes concepções artisticas não destroem, antes realisam a idéa do bello. Os povos mais cultos, que adoram a um só Deos unico e bom, nem por isso deixam de attribuir grande influencia aos anjos, aos demonios, á sorte, e á boa ou má estrella, etc.

Menciona mais o historiador o respeito com que limpavam as picadas, e preparavam as festas, quando os Payés, a quem denomina bruxos e feiticeiros, porque não quer que sejam sacerdotes nem physicos, se

dispunham a visitar as povoações. Exactamente como fazemos, quando os Bispos se dispoem a visitar as cidades, villas e aldeias das suas dioceses. O que tudo prova que os Brasilios tinham crenças, religião e culto; e disso, sem que o queiramos, nos asseguram testemunhas oculares, e entre estas o padre Aspilcueta, citado pelo historiador.

E elle mesmo confessa que esses payés que viviam em brenhas e tijupares, longe dos povoados, e cada qual tinha auctoridade sobre um grande districto, se inculcavam com dominio sobre os animaes aggressores do homem; e affirma com Gabriel Soares que intimidavam os Barbaros com agouros taes, que de pasmo vinham a morrer\*. Assim os dous escriptores tão avessos aos Indios, concedem-lhes a fé no sobrenatural, que ao principio lhes négavam!

E como morreriam elles de pasmo, sem essa fé robusta na palavra do payé, confirmada por algumas praticas estranhas e mysteriosas, de que Simão de Vasconcellos cita alguns exemplos?

Quanto melhor fôra que Soares tivesse memorado alguns casos desses agouros e mentiras, como lhes chama; já que nos excita a curiosidade, dizendo: „Muitas vezes acontece apparecer o diabo a este gentio, em logares escuros, e os espanca, de que morrem de pasmo (nem é para menos) mas a outros não faz mal, e lhes dá novas de cousas não sabidas“\*.

\* Gabriel Soares. Capit. CLXI, pag. 323.

Aqui temos Soares tão credulo como esse gentio de quem zomba; e o que mais é, sem razão quando diz que os payés „pela maior parte não sabem nada; e para se fazerem estimar e temer tomam esse officio, por entenderem com quanta facilidade se mette em cabeça a esta gente qualquer cousa“. Esse entender dos payés mostra conhecimento do coração humano, e habilidade politica. E não é qualquer cousa, antes muito de espantar, o ser espancado sem ver por quem, e receber novas pelo diabo de cousas não sabidas! E que muito fossem elles credulos, si Soares, Portuguez e catholico, attribuindo a embuste o que conta, confirma o que pretende negar!

No mesmo caso está o protestante Lery, que escreveo antes d'elle. E pois que o seu testemunho foi neste ponto invocado por um grande philosopho, que attendeo mais á sua conclusão, que á sua exposiçõ de factos, convém que saibamos que Lery affirma, mais de duas vezes, que os selvagens do Brasil não só acreditam na immortalidade d'alma, senão que estão persuadidos que depois da morte vão as almas dos benemeritos folgar além das altas montanhas, em bellos jardins, (os campos Elysios dos poetas, diz elle); emquanto que as dos cobardes, que não defenderam a patria, (a expressão é d'elle) são levadas por Aynan (Anhangá) que sem cessar as atormenta.

Eis aqui já as idéas de céo e de inferno: de um premio e de um castigo futuro, e de uma justiça divina e eterna.

Lembrarei de passagem que essas *altas montanhas azues*, de que fallam os escriptores, é uma expressão figurada com que os Tupis designam as nuvens do céu, além das quaes collocam a mansão da eterna bemaventurança.

Tambem Lery dá como certo o apparecimento, sob diversas fórmas, desse espirito maligno *Aygnan*, que lembra o Ahriman dos antigos Persas, principio do mal, opposto a Oromase; e falla do medo que d'elle teem os Indios, a quem espanca. Trata os Caraíbas de falsos prophetas, e os compara aos frades mendicantes (*porteurs de rogaton en la papauté*); os quaes fazem crer aos selvagens que, por communicação com os espiritos, não só lhes podem dar força para vencer seus inimigos, como fazer crescer as raizes e os fructos. Menciona as offrendas feitas aos Marácas, aos quaes attribuem alguma sanctidade, acreditando que nesses instrumentos lhes falla um espirito quando os tangem; e conclue descrevendo uma grande festa triennial, ou quatriennial, a que assistio por acaso com mais dous Francezes; solemnidade que faz lembrar as convulsões dos fanaticos jansenistas, sobre a sepultura do diacono de Paris, no cemitorio de São Medard, no seculo passado.\*

\* Expondo o que diz Lery ácerca das crenças dos Indios, traduzimos ás vezes as suas proprias palavras. Não obstante transcreveremos aqui um trecho, onde esse escriptor resume o seu parecer: „Presupposant doneques que nos Ameriquains, quoy qu'ils ne le confessent, estant conveincus en eux mêmes qu'il y a quelque Divinité,

O espirito humano é o mesmo por toda parte. A crença no sobrenatural, o amor ao maravilhoso, ligam-se á idéa de um poder immenso, invisivel; exaltam-lhe a phantasia, e decidem de uma parte de seus actos e de sua vida. A civilisação, a cultura nada póde ás vezes contra essa natural tendencia. O homem é um ente religioso e supersticioso, como é racional e social. A historia de todos os povos, as biographias de homens illustres de todas as nações estão cheias de provas desta vertade. As sciencias mesmas que condemnam os preconceitos, fazem seu cabedal de muitas crenças, que se vão substituindo umas por outras, a titulo de progresso: hypotheses para alguns philosophos, verdades para os que mais se cuidam sabios! E os que mais zombam das crenças alheias são muitas vezes bem atormentados pelas suas proprias.

ne pourront pretendre cause d'ignorance; outre ce que j'ay ja dit touchant l'immortalité de l'ame, laquelle ils croyent: le tonnerre dont ils sont espouvantez et les diables, qui les tourmentent; je monstreray encores en quatrieme lieu, nonobstant les grandes et obscures tenebres ou ils sont plongez, comme ceste semence de Religion, (si toutes fois ce qu'ils font merite ce titre) bourjonne et ne peut estre esteint en eux. Pag. 268. " Acrescentaremos o que diz sobre este mesmo assumpto outro antigo escriptor francez, o padre Yves d'Evreux. „C'est done chose assuree que ces sauuages ont eu de tout temps la connoissance d'un dieu . . . Ils ont eu après vne croyance naturelle des Esprits tant bons que mauuais . . . Ils croient l'immortalité de l'ame, laquelle tandis qu'elle informe le corps, ils appellent An et aussi tost qu'elle a lessé le corps pour s'en aller en son lieu destiné, ils la nomment angouere." Voyage dans le Nord du Brésil.

O celebre Lord Byron passava por sceptico; entretanto o auctor das memorias sobre a sua vida nos diz: „Byron crê sinceramente em visões sobrenaturaes; porque sua physionomia toma uma expressão grave e mysteriosa quando elle enceta questões desta natureza. Contou-me elle com o sangue frio da convicção que o espectro de M. Shelly, em um jardim lhe apparecera. Os homens mais sabios, os mais habéis logicos, caiem ás vezes na superstição; exemplo seja Johnson“\*.

E quantos outros se poderiam citar? Mas continuemos a recolher alguns factos mais dos nossos indigenas.

## VI.

Explicação de varios usos dos Tupis por occasião da gravidez e parto das mulheres. Exemplo de preconceitos de povos cultos. Resumo das praticas mais notaveis dos Indigenas. Porque temiam os trovões. Diferença entre — Tupá e Tupana —.

Apresenta ainda o Sr. Varnhagem os nossos indigenas como tão respeitadores do mysterio da geração, que o marido da mulher pejada se abstinha de caçar, por não matar alimaria prenhe; e pelo mesmo motivo respeitavam então os ovos dos passaros, prefe-

\* La contesse de Blessington.

rindo morrer de fome ao violar os preceitos da sua crença ou superstição.

Morrer antes do que destruir o germen de uma vida animal que se desabrocha, quando o seu proprio germen se desenvolve no ventre maternal, não é um facto indifferente e sem importancia! Alguma idéa religiosa, ou grande sentimento de piedade se associa a essa pratica. Si porém, como na Europa culta ainda hoje se crê de máo presagio o sal entornado na meza, tinham elles para sí que a morte dada por suas mãos a um germen era de fatal agouro para a vida do filho que esparavam, e o conjuravam com sacrificio da sua: que immenso amor paternal não revela essa pratica!

Si elles porém acreditassem que em tal caso deviam matar muitos animaes, destruir muitos germen, derramar muito sangue, para que lhes nacessem os filhos robustos e guerreiros: não accusaria essa superstição instinctos ferozes e carniveros, e dureza do coração? Pois bem, o uso contrario não só denuncia amor paternal, como tambem bondade d'alma, e uma nobre crença, que os favores do céo só por actos humanos se empetram.

Um uso havia entre elles, que á primeira vista parece ridiculo e absurdo: era o de se deitarem os maridos nas redes, e pôrem-se em dieta, quando as consortes davam á luz os filhos; emquanto ellas robustas se iam banhar ao río, e se entregavam aos trabalhos domesticos.

Si porêm nos lembrarmos que durante a prenhez das mulheres se abstinham os maridos do prazer da caça, pelo receio de matar alimaria em igual estado; e o quanto por isso viviriam inquietos, impacientes e sofregos por verem o termo dessa abstenção; não admira que, á vista do feliz resultado do seu longo sacrificio, experimentassem grande commoção do animo, e abalo do corpo, que os levasse ao repouso: como a nós acontece após grande excesso de prazer e de dôr moral. Essa agitação quasi febril era aviventada pelas visitas e parabens dos amigos, que vinham todos felicitar os paes; signal que não era indifferente a uns e outros o crescimento da prole. Não tendo elles outros moveis de repouso senão as redes, n'ellas reclinados ou deitados recebiam as visitas. Como, apezar da pouca sciencia physiologica, diziam que os filhos eram antes dos paes que das mães, não admira tambem que tomassem o sossobro que soffriam como um signal da affecção natural da paternidade, que lhes cumpria acalmar com repouso e dieta, sendo que em taes casos não é grande o appetite. Demos ainda, si quizerem, que exaggerassem um pouco o abalo do prazer da paternidade; do mesmo modo que as pessoas ricas e de boa sociedade exageram a dôr natural que experimentam pela morte dos parentes, cobrindo-se de lucto, e recebendo pezames com as janellas cerradas, e ás escuras, para que se não veja a lagrima ausente

substituída por um suspiro voluntario, de mais facil expressão.

O que uns fazem por necessidade da natureza, outros o fazem por imitação; generalisa-se a pratica, e o uso a exagera.

Ainda hoje os Napolitanos sangram-se, e adietam por qualquer triste impressão que recebam; e não pelo mal que sintam, senão pelo que imaginam lhes virá infallivelmente sem essa cautella. E esse imaginar lhes traz o mal, si o não evitam como entendem.

Um pintor bastante intelligente e desabusado, vinha á minha casa em Napoles fazer um retrato. Um dia pintando mostrava-se afflicto e incommodado. — O que tem? perguntei-lhe.

Pois não sabe? Meu irmão foi roubado por uns ladrões que lhe entraram em casa nos arredores de Portici. Recebi hontem esta noticia; não sagreime, e hoje estou de tal modo que nada faço que preste.

E o que tem o roubo de seu irmão com a sangria? — Essa é boa! voltou-me elle. É cousa sabida: quando alguém recebe alguma má noticia, sangra-se logo, senão, azeda-se o sangue, e fermenta a biles“.

Melhor acontecêo a um ministro estrangeiro naquella côrte, no tempo que alli estive. Trouxe-lhe um mestre alfaiate uma casaça nova a provar. Achava o ministro que lhe ia mui desageitada, e com acrimo-

nia mostrava os defeitos e as pregas; com o que se moía o alfaiate, que não ousava desabafar-se. Nisto veio um criado anunciar uma visita importante. Arranca o ministro a casaca, veste a sua, e vai ao salão, dizendo ao artifice que espere. De volta o não achou. Mas eil-o que entra com a mão esquerda ligada e suspensa em um lenço. — O que é isso? — Perguntalhe o ministro. — V. Ex., responde o pobre homem, dice-me cousas tãz desagradaveis, que não tive remedio senão ir sangrar-me“. Ha sangradores em Nãpoles em todas as ruas.

Tenho notado que homens estoicos nos seus sofrimentos physicos e desgraças são ás vezes mui ternos e compassivos e até fracos nos prazeres. Os que insensíveis na guerra vêm correr rios de sangue, enternecem-se ás vezes com as lagrimas de uma criança; e os indigenas do Brasil, que ostentavam tanto estoicismo nas suas doenças, e nos tormentos do seu corpo, podiam por isso mesmo ser mais sensiveis ao abalo da paternidade.

Estes usos e costumes, além de outros muitos, taes como o religioso respeito ás virgens até a idade da puberdade; a protecção á familia e aos orphãos; as regras seguidas nos seus casamentos; a fraternidade em que conviviam os de uma mesma *taba*, „condição mui boa para frades franciscanos“ como diz G. Soares; a hospitalidade e generosidade sem limite até com os seus inimigos; a veneração aos seus can-

tores, que seguros viajavam poetisando e cantando por entre os contrarios, bem agasalhados de todos, como os trovadores da idade media; o dever estoico de se mostrarem grandes soffredores nas doencas, nos trabalhos, e até na morte; como si algum Zeno tivesse aberto escola nestes bosques, o que prova grande imperio da vontade sobre o corpo, requinte da dignidade varonil, que mereceo a admiração de Leibnitz; esses mesmos sacrificios humanos, á imitação dos Tyrios, Carthaginezes e Gaulezes, mas não tão multiplicados e horrorosos; a arrogancia que devia ostentar a victima, bem tratada e nutrida, toda enfeitada, vociferando que já estava vingada pelo mal que lhes fizera, e contente assoberbava a morte; a maça de páo que lhe davam, instrumento de desesperada defeza com que lhe levantavam o animo á resistencia, para não parecer cobarde o sacrificador com quem luctava; como nós damos por fórma um advogado ao réo de morte, já de antemão condemnado no espirito dos juizes; emfim, as suas mesmas cerimoniaes funebres; as mulheres e as filhas desgrenhadas, com os cabellos esparsoes sobre os rostos, pranteando após o cadaver do marido e do pai; e os varões levando ás costas o corpo da esposa ou da irmã até a sepultura, por suas proprias mãos abertas; as maiores honras aos chefes, em cuja cova depositam as suas armas de guerra, e alimento, e ao lado da qual mantêm o fogo por algum tempo: tudo prova que a metaphysica dos

povos brasílios, para servir-me dessa expressão do Sr. Varnhagem, passava muito além do terror aos trovões e raios.

Nem elles temiam esses phenomenos physicos, a que estavam tão habituados pela sua frequencia nestes climas, senão porque os consideravam como manifestações das iras de Tupan. Porque não temiam elles o mar agitado? E si na presença desses meteoros, que junctos se patenteam no espaço, no meio do apparatus sublime da desordem da natureza, sob um céo tenebroso, espantados diziam — Tupã-çunanga! Tupã-beraba! ou simplesmente, Tupan! tambem nós em taes casos cheios de terror exclamamos — Deos! E errado iria quem julgasse que applicamos esse nome ao phenomeno sensível.

Como elles acreditavam que havia um nume para o pensamento, outro para os caminhos, outro para os desertos, outro talvez para o mar; acreditavam tambem haver um superior a todos, que vibra o raio, e despara os trovões; é Tupan, o seu Jupiter Tonante.

Farei aqui um reparo, que me parece importante. Os escriptores modernos confundem hoje a palavra *tupá* com *Tupan*, ou antes *Tupana*, como ouvi pronunciar a muita gente no Maranhão e no Pará, onde este termo é muito vulgar, e como está escripto no Diccionario portuguez e brasileiro, significando — Deos, — emquanto que *tupá* tem alli o significado

de *trovão*. Esta differença existe, não a inventamos nós. Ora, a terminação *ana* os Tupis a empregavam em alguns casos de preferencia á terminação *ara*, que corresponde á nossa desinencia em *or*, e serve para indiciar o sujeito que exerceita a acção do verbo, como se lê na grammatica da lingua brasilica pelo padre Figueira \*, sem porêem explicar a differença que ha entre as duas desinencias *ana* e *ara*, como existe na nossa lingua entre *ante* e *or*, como por exemplo — caminhante e caminhador, — que não dizem a mesma cousa. Por conseguinte, *tupá* significando trovão, *Tupana* contracção de *tupá-ana*, significa litteralmente o Trovejador, ou melhor o Tonante, como poeticamente dizemos. E neste caso não só os termos das suas linguas exprimem precisamente a mesma idéa por nomes verbaes semelhantes, como tambem ha alguma analogia nas vozes.

Não e menos de notar, que hayendo no céo sol, lua, estrellas, raios, e relampagos, designem o Tupis o Nume celeste pelo attributo do trovão, como os Gregos e Romanos! Serão estas coincidencias devidas ao acaso?

\* Os verbaes em *ara* significam a pessoa que faz: ex; juca-çara o matador alguns acabam em *ana*. Fig: gram: pag 72.

## VII.

Moral dos Tupis, Hospitalidade, e Estoicismo. Como receberam elles os companheiros de Cabral e de Martim Affonso.

A hospitalidade e generosidade sem limites até para o inimigo, que podia entrar, comer, e dormir em qualquer taba sem o menor receio de ser aggreddo, até que se declarasse ao que vinha; tão patriarchal costume, si não era um preceito da sua religião, a que jamais faltavam; si não era a manifestação espontanea da bondade de seus corações; era pelo menos o resultado de um conhecimento reflectido, do quanto deve o homem ser magnanimo e compassivo com o seu semelhante, e não repellir, offender e trahir a quem, mesmo inimigo, cheio de confiança o procura. Nisto se resume o doctrina do christianismo; caridade com o proximo. Assim todos os christãos imitassem neste ponto a esses a quem chamam selvagens.

De qualquer modo considerada, essa pratica nimiamente humana, bem como o seu estoicismo, os honra, e revela outras muitas virtudes correlativas. Com effeito, o roubo era entre elles desconhecido, e tido em horror o adulterio; não espancavam suas mulheres e filhos; e jamais matavam seus animaes domesticos, *xerimbabos*, que por prazer criavam.

Dos que assim praticavam injusto é dizer como alguns escriptores, que eram falsos, infieis, desconfia-

dos, e nenhuma idéa tinha de san moral. Os factos citados por esses mesmos escriptores depoem contra as suas arguições; e sem sahirmos do livro que analysamos, podemos achar convincentes provas em favor do que dizemos.

Nem o nosso historiador lá para sí pensará de outro modo; disso nos persuadimos; porém, no seu excessivo amor á civilisação, quer a esta attribuir todos os bens, esquecendo-se momentaneamente que a civilisação mesma é o resultado da bôa natureza humana, que tende sempre a aperfeiçoar-se.

O homem mesmo selvagem nunca deixa de ser um ente racional e moral; em sua alma, bem como em seu corpo, existem todos os attributos naturaes que o constituem nosso irmão; e si lhe falta nesse estado o desenvolvimento da intelligencia nas sciencias e nas artes, e algumas grandes virtudes, raros dotes de bem poucos entre os povos civilizados, em compensação porém o não mancham grandes vícios e crimes que entre estes se observam; porque a cultura desenvolve tudo, o bom e o máo, a virtude e o vicio. Oxalá assim não fosse!

Com que confiança e innocencia receberam os indigenas os da companhia de Pedro Alvez Cabral! O espectaculo estranho dessas náos alterosas, e desses homens armados de ferro, lhes não inspirou a menor suspeita e medo. Vaz de Caminha, na sua veneranda carta, os mostra lançando a um aceno os seus arcos

em terra, e apresentando-se em grande numero, desarmados, para dissipar os receios dos Portuguezes, a quem em outras occasiões ajudam a fazer lenha e aguada para os navios. Mas essa bôa fé e benevolencia para com estrangeiros desconhecidos são para o homem civilisado attributos da ignorancia! A vista de tanta bôa fé não pôde Caminha deixar de dizer: „são mais nossos amigos, que nós seus!“

Quando Martim Affonso chegou pela primeira vez á bahia do Rio de Janeiro em 1531, (Pedro Lopes seu irmão é quem relata, e o nosso historiador o transcreve) mandou quatro homens pela terra dentro: „e foram e vieram em dous mezes... Foram até darem com um *grande rei* e senhor de todos aquelles campos; e lhes fez muita honra e veio com elles até os entregar ao capitão, e lhe trouxe muito crystal.“ Eis como esses selvagens, não tanto como os pintam, hospedavam, honravam, e presenteavam a estrangeiros desconhecidos, que em troco os captivaram, e lhes ensinaram a desconfiar do seu semelhante civilisado! Com razão diz o grande lyrico portuguez apostrophando a Cabral.

Aos povos que te hospedam.

Ignaro de futuro os grillhões lanças\*.

Com toda a franqueza confessa Lery, que mais seguro vivêra entre esses povos a quem chamam sel-

\* F. Elysis. Ode á liberdade.

vagens, do que estaria em alguns logares da sua França\*.

Si depois se tornaram esquivos, desconfiados e cruéis; si pagaram traições com traições, agradeçamos ás duras lições dos seus mestres europeos, que ao som das espingardas, em nome da civilisação, lhes deram logo a escolha o captivo ou a morte.

### VIII.

Nosso respeito á civilisação. Efficacia das leis positivas como interpretações e complemento das leis naturaes. Falsa theoria ácerca da ambição e cubiça de alguns donatarios do Brasil. Principal merito da historia.

Filho da civilisação, admirando as suas maravilhas, gozando dos seus dons, nem por pensamento, nem por zombaria pretendo imitar o philosopho de Genebra, nesse seu discurso em favor do estado selvagem, verdadeiro brinco de uma imaginação caprichosa, como o elogio da loucura feito por Erasmo. Mas por amor dessa civilisação mal definida, que é o idolo do nosso historiador, não irei quasi ao ponto de accusar a Providencia de haver abandonado a especie

\* Je me fierois, et me tenois lors plus á seureté entre ce peuple que nous appellons sauvages, que je ne ferois maintenant en quelques endroits de not'e France e avec les François desloyaux et degenez. Lery pag. 326.

humana só á mercê de instinctos ferozes, dizendo como elle „sem os vinculos das leis e da religião o triste mortal propende tanto á ferocidade, que quasi se metamorphosea em fera\*.“

E essas leis, essa religião de que falla o nosso auctor, não são as leis naturaes do entendimento, dos sentimentos moraes, e dos instinctos humanos, dadas por Deos ás suas criaturas racionaes, para guial-as neste mundo, e servir-lhes de norma ás leis sociaes positivas, segundo as circumstancias em que os collocasse a liberdade de que as dotou. Não; essas leis, o escriptor as define logo, porque não fiquemos em duvida sobre o seu pensamento, „são as leis á que o homem quiz voluntariamente sujeitar-se, depois de mui tristes soffrimentos do mesquinho genero humano, antes de as possuir\*.“

Taes sendo os principios do historiador, não admira que tão poucas sympathias mostre por povos que não tinham leis escriptas; e que não saiba porque ha poetas, e até philosophos que ás vezes fazem a satyra da civilisação, descobrindo algumas virtudes no estado selvagem, sem que por isso vejam nesse estado a maior felicidade humana. Os brocados da civilisação encobrem muitas miserias, e a poucos chegam; e prestam-se mais á satyra que as pobrezaas do selvagem.

Mas, o conhecimento desses mui tristes soffri-

\* Tom. 1.º pag. 133.

mentos, antes da promulgação de leis voluntarias, suppõe um genero humano constituido em sociedade; suppõe tradicção, experiencia, idéas de justiça e de ordem, boas intenções, e possibilidade de melhorar de posição pelo exercicio da intelligencia, e pratica do bem, por instincto, e livre determinação da vontade; suppõe por conseguinte uma civilisação primitiva, independente de leis escriptas.

E devemos nós crer que sem essas leis tudo era miseria, soffrimento e brutalidade? Que nada havia por onde se guiasse o homem? Como pois o triste mortal, quasi metamorphoseado em fera por falta de leis e de religião, inventou religião e leis, sem idéas de Deos, de ordem e de justiça? É como si me dicessem que antes da logica como arte, e da moral como sciencia, não havia logica no entendimento, nem sentimentos moraes no homem!

Creio na efficacia da religião e das leis; mas essas a que voluntariamente quiz sujeitar-se o homem só o moralisam, só o aperfeçoam, quando são verdadeiras interpretações, e complemento das leis naturaes dos sentimentos moraes espontaneos da especie humana; leis e sentimentos que pelo menos tanto actuam no homem selvagem como no civilisado.

Não foi em virtude dessas leis naturaes que as mães espartanas desamoradas condemnavam ao Bathro os filhos que enfermos e defeituosos nasciam; nem pela pratica dessas leis que tanto nos horrorisa a

historia de todos os povos. Religiões e leis conheço eu por esse mundo que mais que a selvajaria em feras metamorphoseam os homens.

Creio na liberdade humana, e na grandeza das suas obras; mas ai dos homens si a Providencia os tivesse deixado só á mercê da sua vontade, e sujeitos ás unicas leis da sua livre fabrica.

Não presumo que seja o nosso historiador secretario de Thomaz Hobbes; porê m no seu horror á guerra da selvageria, professa ás vezes os mesmos principios e paradoxos de moral e de politica, ao nosso ver funestos, que o levam a recommendar com instancia o emprego da força, e a louvar a ambição e a cubiça, que depois, do zelo religioso, „são, diz elle, os outros dous sentimentos da humanidade no emprender obras grandes.“\*

Resta a saber que obras grandes são essas que se comprehendem por ambição e cubiça, esses dous moveis de tantos crimes, de tantos roubos, de tantas guerras, e de tantas mortes.

Apezar da theoria que se descobre nesse modo de fallar do historiador, acreditamos mui sinceramente que não foi por ambição e cubiça que elle „levantou o pensamento á ardua tarefa de escrever a historia do Brasil; mas sim, como diz, pelo desejo de prestar esse serviço ao paiz em que nasceo“. E tanto mais o acreditamos quanto igual sentimento nos anima, e

\* Tom. 1.º pag. 154.

sabemos por desanimadora observação e treste experiencia que não é escrevendo obras sérias que entre nós se alcançam honras e riquezas. Outro é o caminho da ambição e da cubiça que os habilidosos trilham com vantagem.

Não somos daquelles que reduzem todos os actos humanos ao interesse individual. Como ninguém é poeta, philosopho, mathematico por livre determinação da sua vontade, mas sim por uma propensão natural do seu espirito; como por igual disposição da nossa natureza amamos a verdade, o bello, o justo, os pais, os filhos, os amigos, e a patria: podemos tambem por igual impulso praticar actos de valor, e emprehender obras grandes sem ambição e cubiça. As vantagens colhidas em tal caso não destroem a pureza do motivo, como as perdas do cubiçoso não sanctificam seus calculos egoisticos.

É pois de sentir, por amor da moral, que só por falta de ambição e de cubiça, Pedro de Compos, donatario de Porto-seguro, não merecesse do historiador tanta consideração como lhe merecêo Duarte Coelho, donatario de Pernambuco, dizendo do primeiro: „faltava-lhe igual parte de ambição e de cubiça, que são os outros dous sentimentos da humanidade no emprehender obras grandes.“ E conferindo ao segundo as honras de severo e virtuoso, porque „tinha além de um coração robusto a necessario ambição, e mediana cubiça para lidar com vantagem no campo da

gloria e da fortuna que se lhe apresentava, e augmentar os capitaes de uma e outra que já na Ásia lhe haviam cabido por varias terras e navios que tomára, e apresára\*.

O historiador nem sequer disfarça e doura um pensamento, que é hoje bem acolhido, e que si por todos fosse applicado e praticado produziria a conflagração geral da sociedade. Lembra-se porém da conveniencia da poesia, quando aconselha a concessão de brazões de armas! Virtuoso é pois quem cheio de ambição, e levado da cubiça, lida no campo da gloria e da fortuna, e augmenta seus capitaes, tomando terras, e apresando navios! Um feliz corsario será um heróe virtuoso aos olhos da moral? Eis uma virtude que os nossos selvagens não tinham. Em uma satyra tomaríamos esse encomio por ironia.

Entretanto o historiador transcreve o trecho de uma carta de Duarte Coelho, que para a Côrte se

\* Não sabemos si ha exactidão no que diz desse donatario, quanto as terras e navios que tomára e apresára na Ásia. O certo é que o historiador, guiando-se por G. Soares e outros, parece ter desprezado o reparo de Ayres do Casal, que assim se exprime: „Querem alguns escriptores que Duarte Coelho Pereira militára na Índia, quando parece que elle nunca lá tinha ido; porque o Duarte Coelho de que falla Barros e Faria, e que fez acções illustres naquella região, não tinha o sobrenome de Pereira, e morréo nas mãos dos Mouros, na ilha de Sumatra, depois de padecer naufragio na bocca do rio Calapa, onde ia construir uma fortaleza em 1527. (T. 2 pag. 138.)

Si esse Duarte Coelho que esteve na India morréo com effeito em 1527, claro está que não póde ser o donatario, que veio para o Brasil em 1533. Mas isso pouco importa ao nosso caso.

queixava da „negra cubiça do mundo ser tal que turba o juizo dos homens.“ O que me faz crer não attribua o donatario á cubiça o zelo que o animava pela prosperidade da sua Capitania.

Si porêm o historiador está persuadido que havia com effeito mais ambição e cubiça, que qualquer outro sentimento, nos corações desses homens, e os não accusa, em attenção aos serviços que mesmo sem boas intenções fizeram ao paiz; essa caridade, que não obriga a converter em virtude a cubiça, e que póde ser interpretada em prejuizo da moral publica, auctorisa a que igual caridade lhe peçamos em favor dos pobres indigenas, pouco dispostos a serem victimas da ambição e da cubiça de estrangeiros.

O merito da historia não consiste só no encadeamento dos factos, nomes e datas. E a isso se não reduz o nosso historiador. Consiste mais que tudo na justa apreciação dos homens e dos acontecimentos, e na melhor lição moral e politica que possa servir ao aperfeiçoamento da ordem social, impedindo-a que recaia nos mesmos erros do passado. O historiador hade ser philosopho para bem indagar e julgar; poeta para bem sentir; moralista para bem doutrinar, e politico para bem applicar.

Ha na historia tres cathogorias de verdade: a dos factos, a das intenções, e a das conclusões moraes e politicas do historiador. A exactidão historica não ha de ser tal como a do daguerreotypo, que á força

mesmo de sua momentanea e passageira fidelidade, desfigura o semblante, não dando a expressão ordinaria, que é a vida propria da physionomia, e do retrato; e menos ainda como a da caricatura, que sacrifica as fórmas naturaes á força da expressão exagerada e caprichosa. E neste caso estão as pinturas incongruentes que fazem dos nossos selvagens.

## IX.

Artes e industrias dos indigenas conservadas até hoje. Imparcialidade do Sr. Varnhagem a este respeito.

Si achamos sem esforço, mesmo nos documentos contrarios, que os povos brasilios tinham idéas sublimes, quaes a de um Ente supremo, criador do universo, ao qual, segundo Thevet, tambem davam o nome de *Monan*\*, ou talvez Monhangara, que significa criador; e de uma alma, *anga*, distincta do corpo, e que deste pela morte se separa; si achamos festas religiosas que nada tinham de absurdas, pois que de ordinario se reduziam á musica, canticos e dansas, e aos discursos dos payés, que fallando em nome de

\* Eis como se exprime Thevet: „La première cognoissance donc, que ces sauuages ont de ce qui surpasse la terre est d'un qu'ils appellent *Monan*, auquel ils attribuent les mesmes perfections que nous faisons à Dieu, le disant estre sans fin et commencement, lequel a creé le ciel, la terre et tout ce qui est en iceux.

Tupana, e dos seus numes subalternos, e praticando algumas feiticarias, exaltavam a imaginação desses povos, e n'elles aviventavam o sentimento do maravilhoso; si achamos uma sociedade imperfeita sim, porém regularmente constituida para paz e para guerra, prestando apoio a seus membros; si achamos estoicismo e hospitalidade, virtudes tão admiraveis; achamos tambem muitas artes e industrias, de que se aproveitaram os europeos, e que ainda não foram substituidas e esquecidas por outras melhores.

A selvageria completa é uma ficção, ou uma decadencia e aberração temporaria do estado normal do homem, que d'ella tende sempre a sahir voluntaria e instinctivamente, como de um estado de enfermidade. E nesta convicção, tenho como mais verdadeira a theoria de Frederico Schlegel, fundada no estudo da natureza intellectual e moral do homem, do que a de Virey e de Lamarck, que me parece tão falsa como degradante.

O Sr. Varnhagem, com quem felizmente nem sempre estamos em desacordo, aprecia devidamente, quanto lh'o permittia o plano da sua historia, esses elementos da civilisação dos indigenas. Em vez de enfraquecer essas apreciações, indicando-as nós mesmos, teremos o prazer de realçar este trabalho, transcrevendo aqui as suas proprias palavras, tão cheias de verdade e de convicção que as tornam eloquentes.

„Dos barbaros adoptaram os colonos o uso do milho, e da mandioca, e de todos os meios de cultivar e preparar essas duas substancias alimenticias. Delles adoptaram tambem o uso frequente da farinha da raiz da mandioca, e das folhas da planta que dá essa raiz, isto é, a maniçava, como hortaliças e para o mesmo fim empregavam as folhas do tayá ou taioba. Além disso cultivavam os carás e inhames, e sobre tudo o excellente aipim, ou mandioca doce. . . .

„Na primitiva construcção das casas, em vez de pregos, se adoptou a timbópeba, para segurar as ripas, conforme usavam os Indios em suas construcções. Tambem se adoptaram as proprias fórmãs de suas cantaras ou vasos de barro para trazerem agua do rio e das fontes: e em outros artigos domesticos foi a adopção dos usos tão excessiva que até com elles vieram seus proprios nomes de lingua tupi, os quaes para sempre no Brasil accusam sua procedencia. . .

„A atrevida jangada de Pernambuco, similhavel aos pangaios da Africa oriental e da India, que ainda hoje acomette nossos mares, com pasmo do viajante europeu, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeirissimos, mal unidos, que vão quasi debaixo da agua, navegando dias e dias longe da vista de terra \*. As ligeiras ubás de cortiça

\* Eu mesmo, por um temporal desfeito, vi-me obrigado com mais dous companheiros, a fazer uma viagem de tres horas sobre uma dessas jangadas, na província das Alagoas, para ganhar o vapor que

que deslizam sobre as aguas; as soberbas canoas feitas de um só tronco cavado, que ás vezes se arrostam pelo alto mar de uma para outras de nossas provincias, e que remadas a vinte pás por banda, poderiam porfiar em velocidade com a galeota imperial para não dizermos com um vapor dos nossos dias; bem como as balsas de molhos de timbó ou periperi; o que vem a ser senão remanescentes da industria selvagem? A humilde canoinha, pouco maior do que uma arteza caseira, e tal como ainda hoje a vemos nos sacos e conchas em que remanseam as nossas pintorescas bahias, ou caudelosos rios, movida brandamente pela *yacuman* do indolente pescador, sentado á pópa, e apupando de quando em quando com o rouco busio *uatapy*, ou outra busina, com que imagina attrahir o peixe, da mesma fórma que o pastor dos Alpes attrahe o seu rebanho\*. O uso que ainda se faz

longe estava da costa; e no qual continuamos a viagem do Rio de Janeiro ao Maranhão, em 1840. E havendo alli canoas de pescadores preferiram os praticos da terra a jangada, como mais segura em tão grosso mar.

\* O effeito do busio sobre os peixes não me parece ser imaginario. Os selvagens são grandes observadores da natureza. Eu vi no jardim real de Caserta, em Napoles, o homem que cuida dos peixes do grande tanque, bater com um bastão na borda de pedra desse tanque, e ao som das pancadas virem os peixes receber o alimento que lhes era destinado. Eu mesmo repeti a experiencia, mas sendo o meu bastão differente, e dando um som diverso, poucos peixes acudiram. Ao toque de uma sineta, em Veneza, voam todos os pombos á praça de S. Marcos a receberem o alimento, que alli em certas horas se lhes distribue.

desta busina; o emprego do fortissimo fio de tucum, adoptado de preferencia para as linhas de pesca e para a rede puçá, ou jararé; o uso de tinguijar os rios, e dos gequis nos caneiros, tudo foi adoptado dos que estavam por esta terra.

„O que dizemos da navegação e da pesca com mais razão applicariamos á caça, si os colonos não viessem munidos de instrumentos de invenção de recente data, — as armas de fogo; e ainda assim muito teve que aprender do Barbaro o colono caçador, não só para ser mateiro, isto é, para saber andar no mato, como para conhecer muitas industrias especiaes da da mesma caça, tanto de monteria como de volateria.

„Assim forçoso nos é conhecer que a nova industria se deixou absorver judiciosamente pela dos Indios em tudo que tinha de aproveitavel. A frequencia da rede symbolisa ainda o triumpho dos usos que pareceram de todo razoaveis.“ (T. 1. pag. 171).

Talvez que todo o segredo da acção do busio sobre os peixes consista em que ao som do *uatapy*, lançassem os Indios punhados de iscas ao mar, com que attrahiam os peixes, habituando-os a esse reclamo; e que ficasse a tradição do busio, e esquecida a das iscas.

## X.

Experiencia, e praticas scientificas dos Indigenas. Perfeição da sua lingua.

A estas bellas paginas que acabamos de ler, e que ainda não dizem tudo; porque a historia não entra no interior da vida domestica e industrial dos povos; podemos acrescentar que descobrimos tambem entre os indigenas do Brasil conhecimentos scientificos, que denotam contínua observação da natureza, transmitidos depois a filhos.

Não era em vão que elles „olhavam para as phases da lua, e alguns a festejavam em certas conjunções“; porque essa observação lhes servia tanto para os seus plantios, como para o córte das madeiras de que faziam as suas enormes canôas, casas, instrumentos musicos, domesticos, e de guerra.

É d'elles a observação confirmada pelos nossos fazendeiros, que as madeiras, para que durem, hão de ser cortadas no mingoante, que si o forem em outro tempo, facilmente empenam e apodrecem. No mingante plantavam a mandioca e os carás; e na lua nova o milho, os feijões e a cana. Augusto de Saint-Hilaire achou essa pratica mui seguida na Provincia do Espirito-Sancto onde ha grande copia de Indios; e d'ella faz menção no tomo 2.º pagina 248 da sua *Via-gem nos Districtos Dramatinos*; mas por engano

attribue essas idéas aos agricultores europeos, que ao contrario aqui as acharam.

Dos Indios é o conhecimento da influencia que exercem certas phases da lua na acção de alguns anthelminticos indigenas, do que afinal se convenceram os nossos medicos praticos, que ao principio disse zombavam.

Ainda para as grandes pescarias não lhes era indifferente o conhecimento do estado da lua, e como os Israelitas e os Gregos mediam o tempo pelas suas revoluções periodicas, e contavam por annos lunares\*. E talvez o uso da meia lua de osso polido, que ao peçoço traziam pendente, fosse pela virtude que a esse astro attribuiam, servindo-se como de um talisman da sua imagem.

Si não assentassem os nossos chronistas que tudo era ignorancia e abusões nos selvagens, teriam recolhido muitas observações curiosas, em vez das superficialidades que notaram. Mas talvez que para mais não chegasse a sua perspicacia.

Vastos e acertados eram os seus conhecimentos medicos e botanicos. Como meios hygienicos usavam methodicamente dos banhos frios, de manhã e de tarde; das sangrias, e do fogo durante a noite em suas

\* Ils scavent bien ainsi retenir, et conter leurs ages par lunes  
*Lery*. pag. 100.

E Yves d'Evreux diz — Il n'y a gueres d'Estoiles au Ciel qu'ils ne connoissent: Voyage dans le Nord du Brésil. Cap. XIX.

habitações terreas; e jamais consentiam impureza sobre os seus corpos.

A mudança periodica das suas tabas, o que faz que os julgassem nomades, e que se effectuava para uma milha distante do logar, que por algum tempo deixavam reverdecer e expurgar-se, não tinha por fim senão mudar de ares, e evitar o desenvolvimento de de molestias endemicas e epidemias, que se germinam nas impurezas e immundicias de todos os residuos de um grande accumulamento de gente, em um logar fixo. Assim na Europa mudam-se os ricos todos os annos da cidade para o campo, e do campo para a cidade, segundo as estações, e só o não faz quem não póde. Dos Indios é, e não por nós supposta, a razão das suas transferencias de domicilio\*.

Como meios therapeuticos conheciam a efficacia da dieta, das emissões sanguineas, e dos calmantes nas molestias inflammatorias: dos sodorificos, deaphoreticos, e depurativos nas humoraes. Tinham especificos e topicos para todas as molestias que os affligiam.

D'elles passou a toda a Europa civilisada o conhecimento e emprego da quina, da salsaparrilha, da ipicacuanha\*\* e do oleo de copaíba; e a nós outros

\* Si vous leur demandez pourquoi ils remuent si souvent menage; ils n'ont autre reponse sinon dire qu'ils changeant ainsi d'air ils s'en portent mieux. *Lery, pag. 306.*

\*\* A ipicacuanha deo nome e riquezas ao Dr. hollandez Adriano Helvetius, avô do philosopho desse nome, que para divulgar o segredo

muitos remedios especiaes, como a capeba, a caroba, o maririçô, e cem outros empregados por todas essas roças; além dos que trazidos ultimamente ao Rio de Janeiro pelo prestante Sr. Moniz\* tão mal recompensado, foram analysados e experimentados com grande proveito pelo illustrado Dr. Silva, lente da nossa escola de medicina, cuja perda chora a sciencia, que lhe deveria uma materia medica toda brasilia, si a morte o não achasse mais cuidadoso da sciencia, que da sua propria vida. Com que satisfação, eu que apenas o conhecia, aqui lhe consagro estas poucas palavras, em signal do amor e respeito que tributo a todos os ami-

das curas que fazia com essa droga, teve, além de titulos honorificos, uma gratificação de mil luizes de ouro que lhe deo Luiz XIV, rei de França.

\* O Sr Moniz, o homem da natureza, como o chamavam, fez a sua custa repetidas viagens pelos nossos sertões, por entre varias tribus selvagens, que sempre bem o recebiam, e de cada vez que voltava ao Rio de Janeiro, trazia feixes deervas medicinaes de que se servem os indigenas, que lhe ensinavam o caso e o modo de applical-as. Desinteressado como os filhos dos bosques, dava a todos, pedindo que as experimentasse; e creio que só o Dr. Silva se deo seriamente a esse estudo. Dahi data o conhecimento e applicação do páo-pereira, da japecanga, do ipé, e da casca do jaquitibá etc. etc. Nunca merecêo do governo o menor signal de reconhecimento! Igual recompensa teve o illustre Ayres do Casal, do qual para nossa vergonha, diz Augusto de Saint-Hilaire: Casal, au milieu de ses travaux, n'a menagé ni ses forces, ni ses moyens pecuniaires; je ne sache pas qu'il ait reçu des Brésiliens aucune marque de reconnaissance, ni qu'aucun souverain l'ait jamais récompensé. *Voyage dans les districts des diamans. T. 2. pag. 314.*

gos da humanidade. Possa o seu exemplo achar imitadores que completem a sua obra.

Não menos que os Europeos eram os nossos indigenas apreciadores de bebidas espirituosas; porém mais habeis do que elles, sabiam-nas fabricar de varias especies de fructas, raizes e grãos, em falta de vinhas. Pelo que diz o chronista Vasconcellos: „parece certo que algum deos Baccho passou a estas partes a ensinar-lhes tantas especies de vinhos, que alguns contam trinta e duas“. Entre estes citaremos apenas o do ananaz e o do cajú, que rivalisam com os melhores do Rheno em côr e sabor. É pena que nesta industria não imitemos aos indigenas, e que paguemos um tributo ao estrangeiro por esses seus vinhos falsificados, que não valem os que poderíamos fabricar saborosos e estomaticos de tantas especies de fructas que possuímos.

Não mostrará ainda invenção e industria a arte de fazer nascer pennas amarellas nos papagaios, arrancando-lhes as verdes, e ungingo-lhes a pelle núa dizem que com sangue de rans? A arte de embebedar o peixe, e fazel-os subir á flor d'agua, pelo emprego do timbó? A arte de desenvolver o fogo, cravando um páo em outro? A arte de fazer, e vidrar os seus vasos de barro; de envernisar e pintar as suas cuias; de lavrar e marchetar de dentes e pedrinhas os seus instrumentos? e de tecer as suas bellas redes de algodão, ou de palha?

Eu vi em Napoles antigos vasos etruscos desenterrados com o feitio exacto das nossas moringas de dous bicos; e o embutido das urupemas dos selvagens fórma o desenho linhear a que chamamos grega.

A idéa de extahir um pingue e sanissimo alimento de uma raiz tão venenosa como é a mandioca, cuja presença na terra definha todas as plantas pela sua exalação, e cuja agua mata todos os viventes, de certo que não é cousa que entre pelos olhos! A idéa de convertel-a em farinha por um processo tão simples como engenhoso, é tão extraordinaria, revela tanta sciencia, que os Indios mesmos attribuiam tão grande invenção a esse afamado Sumé, que em épocas remotas lhes ensinára tal segredo, como os Gregos attribuiam á Ceres o ensino da cultura do trigo. É que o espirito humano, no seu primitivo estado de espontaneidade, não deslumbrado pelo orgulho da sciencia, maravilha-se da sua propria obra, e nada comprehende sem o influxo divino, manifestado em algum ente de especie superior! Eis porque os poetas invocam a inspiração divina, e mais que o commum dos homens confiam na Providencia, que em tudo se revela.

As sciencias e artes mais uteis aos homens não as ignoravam estes gentios. Mui limitada porém era a sua jurisprudencia tradicional, porque lhes faltavam as condições essenciaes de toda a nossa complicada jurisprudencia; isto é, a propriedade, a cubiça, e a sophisteria.

A sua lingua é tão suave, elegante e copiosa, que segundo a opinião dos que a cultivaram e grammaticaram, não lhe levam vantagem a Grega e a Latina. „*Lingua* (diz Montoya) *tan copiosa y elegante, que con rason puede competir con las de fama.*“ E Simão de Vasconcellos exclama: Em que escolas aprenderam, no meio dos sertões, tão acertadas regras de grammatica, que não falta um ponto na perfeição da praxe de nomes, verbos, conjugações activas e passivas? Não dão vantagem nisso as mais polidas artes dos Gregos e Latinos\*.

Pelo som e significação de muitos dos seus vocabulos, e formação de palavras compostas, tem ella alguma analogia com a lingua de Homero. Lery referindo-se a um interprete que sabia perfeitamente a lingua tupi, attribue essa pericia não só ao ter elle vivido sete ou oito annos no paiz, como ao saber a lingua grega, e acrescenta: da qual esta nação dos Tupinambás tem algumas palavras\*\*. Pobre nos parece hoje essa lingua, á vista dos minguados vocabularios que possuímos; mas os Indios exprimiam tudo com facundia e abundancia, e n'ella metrificavam; e confessa Soares que eram copiosos, e tinham muita graça no fallar.

Não lhes faltavam palavras para designar todas

\* Chronica da Comp. de J.: Liv. 1.º § 110.

\*\* Dont este nation des Toupinamboults a quelques mots  
*Lery pag. 340.*

as especies de animaes e plantas, das quaes já corrompidas nos servimos, e muitas entraram nos domínios das sciencias naturaes.

O escriptor que acabamos de nomear, mencionando dez especies de abelhas da terra, as designa com os nomes da lingua tupi, os quaes explicam algumas das suas respectivas qualidades; e o mesmo acontece com mil outros individuos dos reinos animal e vegetal. E não prova isso estudo da natureza? Em nós seria isso zoologia e botanica, seria sciencia.

Toda a differença desses homens da natureza a nós filhos da civilisação, é a do menos ao mais para alguns. Não havendo entre elles differenças e graduações de classes e de fortunas, passava a sciencia oral a todos, segundo as suas naturaes aptidões. Todos tinham igual parte no trabalho e no descanso. Entre nós, pela desigualdade das classes, e das posses, estão as sciencias, as artes, as industrias, o mando, e a ociosidade repartidas pelos mais afortunados; e a massa bruta, sem saber lêr, condemnada pela ordem social ao trabalho e á miseria que a materialisa, achase em peor condição que o selvagem, tanto pelo espirito como pelo corpo, e por mais ignorante que este seja nunca é tão estúpido e brutal como a maior parte dos camponezes da Europa\*.

\* Ces nations de Amerique, quelques barbares et cruelles qu'elles soyent en vers leurs ennemis, ne sont pas si farouches, qu'el-

## XI.

## Captiveiro e emprego da força.

Por amor dessa civilização, que por ora apenas consiste no augmento extraordinario da fortuna de poucos á custa do trabalho insano de muitos, aconselha o nosso historiador o captiveiro dos indigenas pelo emprego da força; ao passo que, com sobeja razão, altamente condemna o captiveiro dos Africanos. Mas neste ponto, parecendo dar armas aos partidistas desse trafico, ou talvez por não accusar a cubiça dos proprietarios de escravos, do que resulta augmento da patria riqueza, descobre que os Africanos foram feitos pela Providencia para supportar o captiveiro, dizendo: „Esses povos pertencentes em geral á região que os geographos antigos chamavam Negricia, distinguem-se sobre tudo pela facilidade com que supportam o trabalho no littoral do Brasil, facilidade proveniente da sua força physica, da similhaça dos climas, e não menos do seu genio alegre, talvez o maior dom com que a Providencia os dotou para supportar a sorte que os esperava\*.“

Si a Providencia lhes fez esse dom, prevendo a

les ne considerent en tout ce qu'on leur dit avec bonne raison . . . Et de fait quant au naturel de l'homme, ie maintien qu'ils discourent mieux que ne font la plus part des paysants, voire que d'autres de par deça, qui pensent estre bien habiles. *Lery. pag. 290.*

\* Tomo 1.º pag. 184.

sorte que os esperava, porque se revolta o historiador contra a ordem providencial, querendo, por uma inversão caprichosa, a liberdade dos Africanos, em troca da dos indigenas nossos conterraneos, a quem de certo negou Deos as qualidades precisas no escravo? Não me parece esse o melhor methodo de advogar a justa causa da liberdade desses infelizes. Tampouco não sei si os Africanos, victimas da sua côr, acham o nosso clima igual ao das adustas terras em que nasceram, e si o seu genio é alegre: o que sei é que forçados trabalham pelo medo do castigo; que seu canto é uma lamentação continua, tão triste como o seu aspecto, e que nada os regosija tanto como uma carta de alforria.

É de notar que a respeito dos Indios reprova o historiador „a mal entendida philantropia dos reis e dos jesuitas, e os demorados meios da catechese;“ o seu desejo fôra que se empregasse a força, sempre a força, essa soberana razão dos fortes contra os fracos, e os abandonassemos á *cubiça de quem os quizesse arrebanhar!*

Essa cubiça arrebanhando criaturas humanas, como si fossem alimarias, assás tingio de sangue o vasto continente americano, e assás revolta a razão e a sensibilidade.

Para justificar o emprego da força em favor da cubiça, esse seu grande meio civilizador, allega tão grave escriptor a opinião de prelados e governadores, sem descriminar os meios coercivos que podem acom-

panhar a catechese, do barbaro meio da força bruta, empregada pela cubiça, que não soffre demoras. Mas quando todos os governadores do mundo assentassem ser justa a razão das espingardas em favor da ambição e da cubiça, nem por isso se daria por convencida essa razão divina que nos aclara, e que não cedeo á luz das fogueiras da chamada saneta-inquisição.

Posso enganar-me, como me persuado ás vezes que outros se enganam; mas ousou declarar que não sympathiso com as idéas moraes e politicas da *Historia Geral do Brasil*, e a não acho imparcial e veridica na parte relativa aos Indios, e ao modo porque os trataram. Mas si não tenho motivos para victoriar os seus oppressores, não unirei por isso minha voz ao côro dos que os accusam. Em uns e outros respeito os nossos antepassados; a uns e outros devemos o que somos. Bons ou máos, constituem o passado do Brasil; e nenhuma nação conhecida teve mais illustres fundadores. De certo; nem os Indigenas deste continente eram tão ferozes, tão incultos, tão selvagens como os barbaros do norte da Europa, nem os Portuguezes tão degenerados como os Romanos da decadencia.

O que porêm não deixa de causar espanto, é a parcialidade extemporanea com que se tenta hoje justificar crimes inuteis, que encheram de horror as almas generosas dos proprios compatriotas daquelles máos que os praticavam!

## XII.

Grandes serviços prestados ao Brasil pelos seus naturaes.

Exame de um axioma de estatistica em relação á população indigena.

Em que estado estaria hoje o Brasil, qual seria a sua população, as suas riquezas, a sua prosperidade e unidade, e por conseguinte a sua importancia como nação, sem o adjutorio immenso dessa multidão de braços indigenas, que impediram a sua divisão, expulsando os Francezes e Hollandezes do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, e do Maranhão? Teriam podido as limitadas forças portuguezas só por sí tomar uma parte do Brasil á França, e outra parte á Holanda, sem esses milhares de Indios que com ellas valorosamente combateram? Não, de certo; porque apesar do reconhecido valor dos Portuguezes, que a ninguem cede, o numero de braços lhe era necessario para lutar com vantagem contra inimigo que dispunha dos mesmos meios bellicos, e de maiores forças.

Si o Brasil é hoje uma nação independente; si uma só lingua se falla em seu vasto territorio, em grande parte o devemos ao valor dos nossos indigenas, que aos Portuguezes se ligaram.

Pretendendo o Sr. Varnhagem demonstrar o quanto está hoje o Brasil mais povoado do que no tempo em que começou a sua colonisação, verdade de que não duvidamos, nem nos admiramos; e que por

consequente nem chegariam a um milhão os Indíos que percorriam nessa epocha o nosso vasto territorio, invoca um axioma conhecido da estatistica, — que em qualquer paiz a povoação só toma o devido desenvolvimento, quando os habitantes abandonam a vida errante e nomade, para se entregarem á cultura da terra com habitações fixas. — Como si esse principio tivesse inteira e contraria applicação aos primeiros incolas brasilios.

De grande peso fôra esse aphorismo na balança dos nossos calculos estatisticos, si os Indios não cultivassem a terra, e não fossem „tão limpos, gordos e tão formosos que não póde mais ser,“ como se exprime Caminha; si elles, os Arabes errantes, e os Africanos procriassem menos, e mais do que os nossos fossem seus filhos sujeitos a molestias e á morte\*; si as necessidades materiaes dos homens dos bosques, e de modestos pescadores de piscosos mares e rios fossem as mesmas dos luxuriosos habitantes das cidades, quando o que sobeja a cem daquelles não chega ás vezes a um só destes; como si o historiador mesmo não citasse o testemunho de Acunna, que faz menção de „uma grande taba ou povoação de uma legua, que forneceo á sua expedição quinhentas fanegas de farinha,“ isto é, dous mil alquei-

\* Diz Lery que os Indios tinham como *formigueiros* de filhos, que eram menos sujeitos a molestias do que nós, e muitos chegaram até a idade 120 annos.

res. O que prova quanto os Indios agricultavam e fabricavam, não só o necessario para sua subsistencia, como ainda o superfluo para dar ou permutar. E essa grande taba, ou cidade, que não era a unica, communicava-se com outras por caminhos abertos e transidados. Mais uma prova de que viviam em sociedade, com grandes centros de moradas fixas.

Habituamo-nos tanto a considerar os indigenas como selvagens errantes sem lei nem grei, a despeito do que em contrario sabemos, que continuamos a raciocinar como si elles com effeito assim fossem; talvez pelo estado de decadencia a que se acham reduzidos os que por esses sertões se refugiaram.

De mais, não é a alimentação que consome a maior parte do producto da terra, e esgota as riquezas das nações; é o luxo, esse luxo prejudicial á prosperidade e moralidade das familias, cancro corrosivo, que faz que venha a terra a faltar ás necessidades facticias dos que a não cultivam, e ás reaes dos que mais a regam com o suor de seu rosto.

Em terras, mares, e ríos tão abundosos, mesmo com pouca cultura, não faltaria sustento para quatro ou cinco milhões de sobrios habitantes. O que porém, bem o sabemos, não prova que os houvesse; mas prova por esse lado a possibilidade de os haver, e destróe a base do calculo contrario.

As regras da estatistica, que longe estão de serem axiomas de geometria, dado que mais ou menos certas

em geral e abstracto, soffrem comtudo grandes descontos, por circumstancias attenuantes, quando se applicam; e que muito, quando em tal caso tambem os soffrem as verdades mathematicas!

Ponde em um logar dez casaes de colonos com moradas fixas, roteando e amanhando a terra, para deixar um legado aos filhos; e em outro logar dous ou tres casaes de nomades, supprindo o pouco cultivo do solo com a pesca e a caça; e no fim de alguns annos poderão os primeiros, por calamidades diversas, estar todos extinctos, e os segundos em grande augmento de familia.

Si o nosso historiador, ou alguem, nos soubesse dizer em que época e com quantas familias começou, no Brasil, a população dos seus indigenas, ou aborigenes, saberiamos então ao justo si elles iam em augmento, ou em decrecimento quando aqui chegaram os Portuguezes. De outro modo é fazer castellos no ar.

Nem presumamos que as guerras dos selvagens entre sí, antes dessa época, eram exterminadoras, como depois o foram pela politica europea do açulamento das tribus umas contra as outras, para enfraquecel-as; „no que se punha mais esperanças que em Deos vivo“, como se exprime o venerando Nobrega. Essas guerras ante-coloniaes, não movidas pela cubiça, e amor de conquistas, não passavam de exercicios guerreiros, escaramuças, e torneios de bravos.

Em geral os naturaes da America, tanto os mais, como os menos civilisados, não apresentam esse espirito de destruição que assignala a marcha de outros povos. Balbi, referindo-se ás observações de Humboldt, diz: „os Tolteques, que esse celebre viajante chama elegantemente os Pelasgos do Novo Mundo, os Chichimeques, os Nahuatlaques, os Acolhues, os Tlascalteques, e os Azteques fizeram excursões do norte ao sul do novo-continente quasi contemporaneas ás que succederam na parte occidental do antigo continente; mas por uma singularidade bem notavel, em vez de levar, como estas, a ruina e a morte; em vez de soffocar a civilisação, as emigrações americanas assignalavam a sua passagem pela cultura, pelas artes, e instituições sociaes, de que existem vestigios incontestaveis entre os povos do noroeste. Não menos notavel é o facto que a Dinamarca, a Suecia, e a Russia ainda jaziam na mais profunda ignorancia, quando os povos de Anahuac tinham já feito grandes progressos na civilisação, e representavam brilhante papel entre as nações do Novo-Mundo.“

Esta tendencia dos povos americanos á civilisação, signal da docilidade do seu character mais propenso á conservação que á destruição, não foi desmentida pelos selvagens do Brasil, que facilmente se ligavam aos Portuguezes, aldeavam-se, e cegamente obedeciam aos jesuitas, á cuja voz abandonavam suas usanças e ritos. Que outros povos selvagens, só pelo influxo da palavra

de alguns homens desarmados. constituiriam em poucos annos uma nação pacifica e agricola, como o afamado imperio guaranito\*?

Não digamos pois que viviam os selvagens em continuas guerras, devorando-se uns aos outros; e que essas circumstancias, bem como a falta de cultura da terra, os empedião de prosperar.

Si e desenvolvimento da população depende da maior cultura da terra, e de habitações fixas, tambem é incontestavel que a maior cultura e o ubi certo dependem do augmento da população; que é sem duvida o que obriga a partilha do solo, e a fixação do meu e do teu; e por isso tratamos de reforçar a população com a introducção de braços estrangeiros, e não queremos esperar o grande milagre do augmento da população só da cultura das nossas terras, e das nossas habitações fixas.

Mas, dizer-se que o maior desenvolvimento da agricultura depende do crescimento da população, seria uma verdade palpavel e trevial, que salta aos

\* Este natural pendor dos indigenas do Brasil á civilisação foi tambem notado pelo padre Yves d'Evreux, que entre elles vivéo nos annos de 1613 e 1614, e consagrou dous Capitulos da sua obra a demonstrar com factos a grande aptidão dos nosso selvagens para todas as artes e sciencias, e pratica da virtude; e diz no Capit. XVIII „Je tiens qu'ils sont beaucoup plus aisez á civiliser, que le commun de nos Paisans de France.“

Voyage dans le Nord du Brésil, par Yves d'Evreux. Nova edição publicada em Paris em 1864.

olhos de todos; emquanto que a proposição contraria, que faz proceder a população da cultura da terra, parece um grande achado da estatística, uma dessas verdades transcendentales, fóra do alcance do vulgo. O certo é que ambas estas proposições são verdadeiras, como é incontestavel que o homem vive porque come, e come porque vive.

Não deixaremos as nossas reflexões sem o apoio da auctoridade de uma grande intelligencia, que deo regras seguras ás sciencias experimentaes; é Bacon de Vérulam, que ha mais de duzentos annos escreveo, e fallando dos Barbaros que invadiram o imperio romano, assim se exprime:

„Entre estes povos não esperava o homem, para casar-se, adquirir primeiro meios de vida, como acontece entre os povos civilizados: a população crescia indifferentemente sem relação aos recursos do paiz . . . Cousa analogo succede na nação Suissa, cujo solo montanhoso, e a fórma republicana do governo fazem multiplicar muito além dos seus meios de subsistencia\*“. Ao que attribue o philosopho a emigração desses povos.

Estas razões attenuantes, senão contrarias ao principio estatístico de Malthus, teem inteira applicação ás tribus brasilicas; accrescendo em seu favor a vastidão, fertilidade, e alguma cultura da terra.

\* Lettre au Roi Jacques, sur la veritable grandeur de la Grande Bretagne.

A proposito desses axiomas de estatística, lembra-me agora ter lido em um afamado historiador, que o melhor meio de descobrir o berço do genero humano é procurar qual foi a patria do trigo. Isto porque geralmente se crê que o homem e o trigo são oriundos d'Asia. Como si os primeiros homens, em qualquer outra parte do mundo, não podessem ter nascido e vivido, antes que alli fossem descobrir o trigo selvagem nas montanhas de Cachemira e no Thibet. Si Deos tivesse dado ao genero humano o Brasil por berço, poderiam os nossos primeiros pais, bem como os nossos indigenas, ter vivido seculos á custa de tantas raizes, de tantos fructos e grãos, além da caça e da pesca, sem precisarem do trigo.

Nada podemos saber de positivo, ácerca da população indigena brasilense, por meio de regras estatisticas. Quantos milhões de Europeos e de Africanos para o Brasil teem vindo ha tres seculos! Quantos milhões de crianças aqui teem nascido durante esse longo periodo! Entretanto a nossa população actual apenas monta a oito milhões de almas, apesar da progressiva cultura das terras, e de habitações fixas. Sabemos nós si o resultado não seria relativamente o mesmo, sem todos esses contingentes e condições?

Parecerá talvez absurda esta questão? A morte que faz maior ceifa nos novos vindos, não affeitos ao clima e aos usos da terra, como melhor se vio por occasião da febre amarella e do cholera-morbo; o

celibato, e as privações a que são condemnados os escravos, e quantos por obrigação ou cubiça se votam a improbas fadigas, enfraquecem-lhes a fecundidade, impedem a sua propagação, e fazem que o numero de Africanos que actualmente possuímos seja muito menor que a somma dos importados, e da sua prole aqui nascida durante tres seculos.

Diz Balbi que o Brasil, durante muitos annos consecutivos, tirou da Africa passante de cem mil negros por anno; o que só em vinte annos fazem dous milhões. Mas como esse trafico começou com a sua colonisação, podemos suppor sem exaggeração, que em tão longo periodo nos dêsse a Negricia cinco milhões de escravos; e apezar da sua procriação nos nossos climas, não temos hoje um milhão de negros, devendo pelas regras da estatistica ter multiplicado a sua prole.

O mesmo ha de ter acontecido com os Europeos; dos quaes muitos trataram primeiro de enriquecer-se para se casarem; outros depois de enriquecidos voltaram aos patrios lares, além dos que sem prole morreram. De modo que o elemento indigena, muito maior no começo da colonisação, multiplicando-se sempre, puro ou mistiço, será o que mais avulta na nossa população, como veremos.

## XIII.

Varios destinos dados aos indigenas. Calculo approximativo da quantidade dos que se christianisaram. O typo indigena actualmente.

Grande parte tomaram os selvagens na cultura das nossas terras, e grande apoio prestaram ás nascentes povoações, nucleos de quasi todas as nossas cidades e villas. O historiador porêem parece attenuar esses relevantes serviços quando diz: As nossas povoações e cidades teem crescido ha tres seculos com os milhões de braços vindos d'Africa\*.

Si assim fosse, estimariamos que não tivessem crescido tanto; porque além do horror que nos inspira qualquer prosperidade devida a um crime, essa escravaria africana concorre tanto para o nosso augmento e moralidade, como os máos alimentos concorrem para a manutenção e saude do corpo.

Mas quantos centenares de braços indigenas, tirados á nossa lavoura, foram no principio vendidos e expatriados em troca desses africanos, trabalhar em outras possessões portuguezas de além-mar?

Os donatarios eram auctorisados „a captivar gentios para o seu serviço e de seus navios, e a mandar d'elles a vender á Lisboa até trinta e nove cada anno, livres de siza.“

\* Tom. 1.º pag. 97.

Quantos mais, além desses, mandariam, donatarios e colonos, pagando a siza? Que abuso se não faria dessa auctorisação, facil e pingue fonte de riqueza em que se saciava a gana dos particulares com proveito da mãe-patria, e que explica o furor e a vingança dos indigenas, trahidos e arrancados dos seus tejupares?

O nosso historiador cita um pedido de Duarte Coelho para mandar á metropole um certo numero de escravos, livres de siza, e diz que não sabe si Indios ou Africanos. Pois o donatario havia de reexportar Africanos para Lisbôa, donde elles vinham, e onde se vendiam por melhor preço que no Brasil? Claro está que eram Indios, além daquelles que podia mandar exemptos da siza, que os demais pagavam.

Ao mesmo tempo que vinham mais estupidos e submissos escravos africanos para o Brasil, iam daqui os Indios servir em Portugal, e trabalhar nas suas colonias das ilhas da Madeira, e do Cabo-Verde.

Era então Lisbôa um grande mercado de escravos, onde todos davam entrada para o pagamento da siza. Testemunha de vista, Nicoláo Clenard, que foi mestre do Infante D. Henrique, diz em uma de suas cartas: „Creio que ha em Lisbôa maior numero de mouros e negros, que de brancos . . . . Ha viveiros de escravos em todas as casas.“

Apezar desse desfalque e escoamento da população indigena do Brasil, sem fallar da mortandade da guerra que se fazia aos Indios para preal-os e captival-

os; da quebra na sua procriação, tanto por essas desordens, como pelas correrias e desassocego em que foram postos; ainda ficaram milhares e milhares de braços indios em todas as provincias, para rotear os bosques, remar as canôas, roçar as terras, trabalhar nos engenhos, abrir estradas, e servir em todas as casas; e não nos apresenta a historia uma só acção, um só feito grande ou pequeno, sem o efficaz apoio dos indigenas em triplicado numero dos Europeos: e muitas vezes vemos oito ou dez mil Indios debaixo das ordens de quatrocentos Portuguezes, sem que destes recebessem a menor recompensa. Gabriel Soares, tão abonado pelo Sr. Varnhagen, que d'elle nos dêo uma castigada edição, diz-nos com toda a sinceridade: „E por outra parte mantem-se este gentio com *nada*, e anda logo dous e tres dias sem comer; pelo que os que são escravos dão pouco trabalho aos seus senhores pelo mantimento, antes elles mantem os senhores, fazendo-lhes suas roças, e caçando, e pescando ordinariamente\*.“

Quem assim falla era Portuguez e fazendeiro, e tinha escravos gentios.

Para se apreciar aproximativamente a quantidade do elemento indigena que se incorpora na actual população do Brasil, e a sua proporção com os outros dous elementos, europeu e africano, basta considerar que além dos milhares de Indios que trabalhavam e guer-

\* Gabriel Soares, pag. 318 .

reavam em serviço de centenaes de colonos europeos, que todos possuíam muitos desses captivos, só as missões dos jesuitas da Bahia, desde aquella cidade até Camamú, elevavam-se a dez, no tempo de Men de Sá; e missão havia que contava cinco mil neophytos; e escolas em que havia trezentos piaziños sabendo ler e escrever, como o refere o Sr. Varnhagen, escorado na auctoridade do proprio Governador Men de Sá.

„Dizia-se talvez exaggeradamente, que passava de trezentos mil os Indios que vieram presos para S. Paulo desde 1614 até 1639.“ Sem contar os da provincia, tanto das missões como dos particulares.

O Governador Pedro Salema, investindo uma vez contra os Tamoyos do Cabo-Frio, recolheo-se ao Rio de Janeiro com oito ou dez mil prisioneiros, que naturalmente, como era uso, se repartiram pelos que o auxiliavam nessa empresa, e foram de grande reforço á povoação da futura capital do Imperio.

Pois que fallamos nos Tamoyos do Rio de Janeiro, lembraremos que tão numerosa era essa tribu, e tão povoada esta parte do Brasil em 1557, que Lery nomeia vinte e duas *tabas*, ou villas como lhes chama, onde estivera e mercadejara só nas margens do Guanabara, além de outras muitas mais centraes; e entre as maiores a de nome *Ocaranten*, merecêo-lhe o titulo de bella e grande villa, *beau et grand village*.

O chronista Vasconcellos nomeia um grande numero de chefes selvagens, que christianisados se

tornaram celebres e afamados pelos serviços que prestaram á causa da civilisação: „Todos famosos, diz elle, e principaes de grandes povos; dos quaes se affirma, punha em campo cada qual d'elles de vinte até trinta mil arcos: que foram grande presidio nosso nas capitancias de Itamaracá, Parahiba e Rio-grande, &c.\*“

„Os Loyolistas na época da extincção regiam dezenove aldeias de Indios sobre as margens do Amazonas e seus confluente, onde os capuchinhos tinham quinze, os carmelitas doze, os mercenarios cinco; como lemos em Ayres do Casal, a quem parece pouco seguro o jesuita André de Barros, quando pretende persuadir-nos que os seus collegas regiam trinta e oito aldeias com quarenta mil Indios baptisados, além de vinte e quatro outras em que se estava ainda catechizando em 1661.“

Recorremos a estastão modestas, como incompletas informações, porque de proposito não queremos citar a auctoridade de Americo Vespucio e do padre Vieira, que decidiriam logo a questão em nosso favor; visto que escriptores modernos, sem outro fundamento mais que certas regras de estatistica, a que attribuem evidencia e infallibilidade mathematica, duvidam da veracidade do testemunho dos que elevam a milhões os Indios que povoavam o Brasil na época do seu descobrimento. Sem que neguemos o valor relativo dessas regras geraes de estatistica, atraz fica demons-

\* Chronica da Comp. de J. Llv. 2. § 2.

trado que ellas não se oppoem ás asserções dos que avultam a população dos Indios. E si não se oppoem, como evidente parece, resta a simples questão de facto; e neste ponto, si dermos hoje por suspeitos os escriptores mais conspicuos e illustrados, e não interessados em occultar o numero de seus escravos e de suas victimas, não teremos outro recurso senão conjecturar, á vista dessas noticias esparsas, dadas sem malicia.

Si podessemos ir por todas as Provincias do Imperio, contando as aldeias, e numerando os Indios christianisados e domesticados, em serviço das cidades, villas, fazendas, navegação, excurções militares em prol da civilisação, veriamos o quanto em maior copia se fundiram na actual população do Brasil, multiplicando-se sempre mais que os outros dous elementos. Os caracteres physicos do grosso da nossa gente assás revela a sua origem indigena, com especialidade nas provincias do norte e centraes, onde mais puro se conserva esse typo. Nas provincias do sul, os descendentes das numerosas tribus Guaranis e Tapes em pouco ou nada se distinguem hoje dos Europeos, a não ser pelas suas fórmas athleticas.

Si os colonisadores seguissem o exemplo dos padres da companhia, que tambem dos Indios se serviam com muito proveito; si imitassem ao menos aos Francezes, que os tinham por amigos; si não quizessem avidos enriquecer-se do pé para mão, teriam dispensado os braços africanos, importados pela sor-

dida cubiça, e pagos com o sangue indigena; maior quantia de Indios se teriam christianisado sem tanta carnificina, e mais augmentada estaria hoje a nossa população, sem a escura mescla da raça de Cham, cuja maldição como que recai sobre o seu proprio trabalho, em maior damno dos que a escravizam. Não teria mesmo faltado aos colonos quem os servisse como captivos, transmissiveis com a gleba; porque a despeito de todas essas tardias declarações de liberdade dos Indios, dizia do pulpito o padre Vieira: „No Brasil, sendo todos os naturaes, não só por natureza, mas por repetidas leis, isentos do captiveiro, os avós morrendo os deixam por captivos aos filhos, e os pais morrendo aos netos \*.“

O Sr. Varnhagen, attenuando o mais que pôde o elemento indigena da nossa população, para attribuir o seu desenvolvimento á civilisação, e á cultura da terra por braços estrangeiros, diz comtudo: „A gente de origem europea, posta em contacto com a da terra, não a extinguiu, absorveo-a, amalgamou-se com ella. Tal é a verdadeira razão porque de nossas provincias desapareceo quasi absolutamente o typo indico.\*\*“

Esse amalgama de proporções tão desiguaes no principio, não fez, nem podia fazer desaparecer o typo predominante pela quantidade, que ainda hoje é o mais geral, e cujas fontes, não extinctas em nossos

\* Serm. 4.º Xavier acordado.

\*\* Tom. 1.º pag. 204.

bosques virgens, ainda defluem para os nossos povoados, e engrossa as fileiras do nosso exercito, e a chusma da nossa marinha. O historiador reconheceria esse typo sem difficuldade, si em vez de conjecturar do seu gabinete, viajasse pelo interior das nossas provincias. Mas a religião, a lingua, as leis, os novos habitos sociaes, e o esquecimento do passado, fazem que todos se julguem Brasileiros, sem indagar a sua origem, que não sendo questão politica, mas de simples curiosidade historica, péde ser tratada sem paixão e sem preconceito.

Si os Europeos que no Brasil vieram tentar a sorte, ou aqui ficassem, ou abastados regressassem aos patrios lares, procriaram, e deixaram descendentes mestiços e não mestiços, que hoje ignoram a sua origem obscura; não menos procriaram os indigenas livres e servos, em relação correspondente ao seu maior numero, e indifferença ás riquezas, ao dote, e ás commodidades facticias da vida; e muitos dos nossos homens mais illustres e titulares blasonam dessa origem, que nada tem de vergonhosa.

## XIV.

## Conclusões historicas.

Não ha hoje a menor razão porque desconheçamos a importancia da parte indigena na população do Brasil; e menos ainda para que apaixonados declame-mos contra selvagens, que por direito natural defendiam sua liberdade, independencia, e as terras que occupavam. Pacificos e hospitaleiros ao principio, provocados se enfureceram, e retribuiram o mal com o mal. Assim fazem todos os homens. Seus erros, seus crimes, suas crueldades não nos espantam, si bem o lamentemos: porque a historia das nações civilisadas da Europa habituou-nos a maiores horrores, a maiores atrocidades, de que pasmariam os nossos selvagens, não atormentados pela sêde da cubiça e do mando, que perverte e corrompe o coração do homem. E entre os que matam para escravisar, dominar e enriquecer-se, e os que matam e morrem, pugnando pela propria vida e liberdade, pende a justiça em favor dos segundos, que mais despertam o sentimento do bello moral, nunca de sobra no afan vulgar da vida.

Por isso é que os feitos dos indigenas offerecem argumento sympathico á nossa poesia nacional. E como bem notou o Sr. Odorico Mendes: „os selvagens, rudes e de costumes quasi homericos, podem prestar bellos quadros á epopéa\*.“ O parecer de tão abali-

\* Virgilio Brasileiro. Notas ás Bucolicas, pag. 72.

sado critico, que nos dêo Virgilio em Portuguez, e lucta para interpretar Homero, é de tanto peso, que decide só por si qualquer duvida. Feliz me julgo de pensar como elle, que sabe o que é uma epopéa.

De mais, a terra é quem dá a nacionalidade a seus filhos, e não as raças adventicias que a povoam; e dessa nacionalidade não são excluidos os que primeiros aqui nasceram antes dos filhos dos seus conquistadores.

Sei com o Sr. Varnhagen „quanto cumpre na historia não desculpar os erros, e quanto os exemplos que nos levam a aborrecer o vicio são quasi de tanta instrução como os que nos fazem enamorar das acções virtuosas“; e por isso mesmo lembra-me que não corrompem tanto os máos exemplos dos povos incultos, como os dos que se dizem civilisados, e tenho como grave erro attenuar os crimes destes com o reparo de que “esses heroes da antiguidade, que em geral só contemplamos pelo aspecto maravilhoso, tambem praticaram muitas crueldades, e muitas injustiças.“

Sim; mas esses heróes não eram christãos; religião e seculos d’elles nos separam. Nós os não admiramos hoje pelos seus crimes historicos, mas pelas virtudes com que os saneou a poesia, que cria o seu heróe; e esse privilegio não compete á historia. Imital-os hoje na sua prosaica crueldade, só prova que os homens movidos pela ambição, e levados da cubiça,

se metamorphoseam em feras contra os seus semelhantes mais fracos.

O Sr. Varnhagen, que tem justos titulos á nossa gratidão, não julga offender a pessoa alguma, manifestando com franqueza as suas opiniões, contrarias ás de outros que diversamente pensam: não ha de pois offender-se que com igual franqueza exprimamos as nossas convicções em questão puramente historica e philosophica; convicções corroboradas pela attenção com que lemos o seu livro, a que damos todo o valor devido.

As obras vulgares, como os abortos, nascem por assim dizer já mortas; são logo enterradas para sempre sem que mais se pense n'ellas; mas as que nascem viáveis, e teem futuridade, podendo influir sobre os nossos juizos, pedem serio exame: tanto mais quando felizmente vivem os seus auctores, e podem melhoral-as.

Em conclusão destas observações diremos que, si compararmos estes selvagens com os homens eminentes dos povos cultos, e os da classe media; a vantagem é toda destes. Mas si os compararmos a essa immensa população ignara e embrutecida da Europa, em que o habito da miseria, da obediencia, da servidão, e do rude trabalho da terra sem descanço, e sem luero sufficiente para matar-lhe a fome, extingue pouco a pouco todos os nobres sentimentos, e a idéa mesmo de que são homens; a vantagem é toda dos nossos sel-

yagens, que na independencia do seu caracter, na força da sua vontade, na altivez do seu espirito, e no garbo do seu porte, conservam todos os bellos attributos da especie humana.

Vimos selvagens, apenas sahidos dos nossos matos, vestidos em um dia á nossa maneira, afazerem-se de repente aos nossos costumes; e á excepção da lingua ninguem os tomaria por incultos filhos dos bosques.

Quando estive no Maranhão em 1840, como Secretario do Governo, veio á cidade uma porção de Indios Guajajáras, com o seu chefe de nome Maracapé, que pouco mais teria de 30 annos, trazidos por um guia que os levou ao palacio do Governo. O Presidente, que então era o Marquez de Caxias, e desejava aldeal-os no Pindaré, mandou-os logo vestir com mais asseio, e dêo ao chefe um velho uniforme militar; assim ornado com elegancia, o collocou á sua mesa. Fazia gôsto vel-o com que dignidade natural, sem o menor constrangimento, comia de garfo e faca, e com que fineza nos observava para imitar-nos. Notando que todos os convivas, antes de beber o primeiro calix de vinho, faziam uma saúde ao General Presidente, tomou elle o seu copo pelo pé, levou-o á altura do peito, murmurou um som, e inclinando a cabeça para o Presidente, bebeo o seu vinho, e logo após enxugou os labios com o guardanapo. Não cessavamos de admirar a intelligencia e perspicacia desse selvagem tão senhor

de sí, que por nenhum acto parecia estranho á sociedade em que pela primeira vez se achava.

Em geral os nossos Indios são dotados de grande instincto de observação e de imitação; com facilidade apprendem todas as artes; são mui affeioados, e tendem sempre a ligar-se connosco; e sem a perseguição a ferro e fogo que os afugenta dos centros civilizados, estariam hoje todos fundidos na nossa população.

Pela religião, e pela musica, de que são amantissimos os indigenas; por meios brandos, e algumas dadas de instrumentos agrarios, e de avellórios, facil nos fôra attrahil-os, e aldeal-os, si, em vez de contractar Barbadinhos para catechisar as viuvas das nossas cidades, tratassemos seriamente de catechisal-os e chamal-os á civilisaçã e ao christianismo. Si elles nos não déssem logo muitos braços á lavoura, e á nossa marinha, dariam seus filhos, já sujeitos ás nossas leis, e fallando a nossa lingua, e nós cumpriríamos assim um dever que nos impoem a religião, a moral, a civilisação, e o patriotismo.

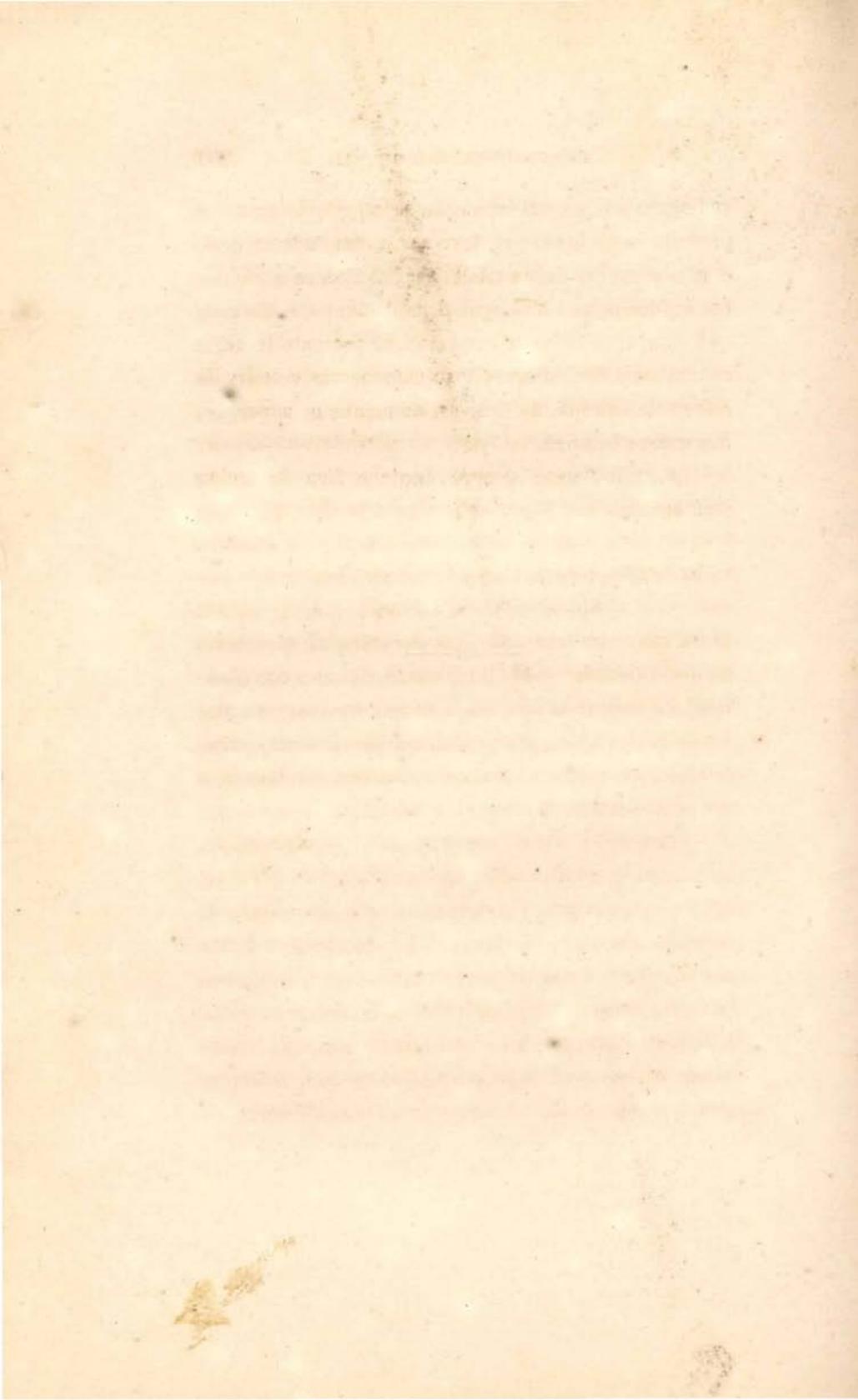
É uma divida sagrada, contrahida pelos nossos maiores, e por nós, que em pleno gôzo estamos das terras tomadas aos pais desses infelizes, que privados hoje do litoral, e dos mares e ríos que navegavam, vivem separados, em pequenos grupos, sem communição entre sí, embrenhando-se cada vez mais, e sem meios para se aperfeçoarem, si os não soccorrermos.

Esta empresa não seria difficil, ingloria, e sem

vantagens, si na sua execução se calculasse menos o proveito immediato, que deve ser o resultado natural, e não o movel de uma bôa acção. Mas os espiritos, dominados pelas idéas egoisticas do tempo, estão mais que nunca voltados a empresas de prompto lucro, e acham mais facil e proveitoso mandar vir colonos do refugio da Europa, ao tiral-os, ao menos uma porção, dos nossos bosques.

A razão, como sempre, tarde e fóra de tempo será ouvida.





## ADVERTENCIA.

O Discurso que aqui transcrevemos sobre a Historia da litteratura do Brasil sahio pela primeira vez impresso em 1836 no Nitheroy, Revista Brasiliense, e o destinavamos a servir de introdução a uma obra com esse titulo, da qual mais alguns artigos appareceram depois em uma folha periodica do Rio de Janeiro; trabalho que emprehendemos no enthusiasmo da juventude com o fim de chamar a attenção da mocidade brasileira para o estudo dos documentos esquecidos da nossa limitada gloria litteraria, o excitava ao mesmo tempo a engrandecel-a e releval-a com novos escriptos originaes, que mais exprimissem nossos sentimentos, religião, crenças e costumes, e melhor revelassem a nossa nacionalidade.

Tivemos a fortuna de ver bem depressa realisarse a nossa patriotica idéa, não obstante a fraqueza do organo juvenil que a proclamava. A originalidade do engenho brasileiro appareceo logo com todo o brilho nos inspirações dos Senhores Porto-alegre, Gonsalves Dias, Dr. Macedo, Teixeira e Souza, Norberto da Silva, e de tantas outras felizes intelligencias, e completados foram as nossas indagações historicas com os importantes trabalhos do já mencionado Snr. Norberto, e

do Dr. Fernandes Pinheiro, e não menos com os bellos Elogios historicos e muitas noticias biographicas que o incansavel Snr. Dr. João Manoel Pereira da Silva publicou nos seus *Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*.

Ultimamente um sabio philologo allemão, o Dr. Ferdinand Wolf, conhecedor profundo da litteratura dos povos de origem latina, notando o extraordinario desenvolvimento da nossa nestes ultimos tempos, pela quantidade de obras desconhecidas na Allemanha que a Commissão scientifica da fragata *Novara* levou do Brasil á Vienna, encarregou-se de mostrar á Europa no seu *Brasil Litterario*\* que já possuímos uma litteratura propria, que pelo seu character especial se distingue da portugueza. Esta obra escripta com toda a imparcialidade de um juiz tão idoneo como competente, é o mais seguro e completo guia nesta materia tanto aos nacionaes como aos estrangeiros.

\* Le Brésil Littéraire, Histoire de la Littérature Brésilienne, suivie d'un choix de morceaux des meilleurs auteurs, par Ferdinand Wolf. Berlin, A. Ascher & C. 1863.

# DISCURSO

## SOBRE A HISTORIA DA LITTERATURA DO BRASIL.

### I.

A litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas idéas, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua gloria, e o reflexo progressivo de sua intelligencia; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superficie da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a litteratura aos rigores do tempo para annunciar ás gerações futuras qual fôra o character e a importancia do povo, do qual é ella o unico representante na posteridade. Sua voz como um echo immortal repercute por toda parte, e diz: em tal epocha, debaixo de tal constellação, e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja gloria só eu a conservo, cujos heróes só eu os conheço; vós porêem si pretendeis tambem conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espirito desse povo, e uma sombra viva do que elle foi.

Cada povo tem sua litteratura propria, como cada homem seu caracter particular, cada arvore seu fructo especifico; mas esta verdade incontestavel para os primitivos povos, algumas modificações comtudo experimenta entre aquelles cuja civilisação apenas é um reflexo da civilisação de outro povo. Então, como nas arvores enxertadas, vêm-se pender dos galhos de um mesmo tronco fructos de diversas especies; e posto que não degenerem muito os que do enxerto brotaram, comtudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos da mesma especie. Em tal caso marcham a par as duas litteraturas, e distinguir-se póde a indigena da estrangeira.

Em outras circumstancias, como as aguas de dous ríos que em um confluente se annexam, as duas litteraturas de tal geito se alliam que impossivel é o separal-as. A Grecia, por exemplo, tinha uma litteratura que lhe era propria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma litteratura toda filha de suas idéas, uma litteratura emfim toda Grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Italia, ou a Hespanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição. Além da litteratura que lhe é propria, dessa litteratura filha de sua civilisação, originaria do christianismo, nós ahi vemos outra litteratura, que chamamos enxertada, e

que não é mais do que uma lembrança da mythologia antiga, e uma recordação de costumes que não são seus; e não só as duas litteraturas marcham a par, como muitas vezes o mesmo poeta se vota á cultura de ambas, e como diz Tasso fallando do magico Ismeno.

Anzi sovente in uso empio e profano  
Confonde le due leggi a se mal note.

Para prova da terceira proposição, no caso em que as litteraturas de modo tal se mesclam, que não é possível separal-as, vemos na litteratura romantica da Hespanha uma mistura de idéas cavalherescas e arabicas, restos da antiga civilisação dos Arabes; algumas vezes si ella é christã na sua materia, é arabica quanto a fórma.

Mas não são estas as unicas modificações que entre os diversos povos experimenta a litteratura; outras ha que da natureza mesmo do homem, da civilisação e do progresso dependem; porque seja qual fôr a modificação que soffra a litteratura, ha sempre algum accordo entre ella e as circumstancias peculiares e temporarias do povo a que pertence e da intelligencia que a produz. Assim a litteratura é variavel como são os seculos; similhante ao thermometro que sóbe ou desce segundo o estado da atmospherá.

Por uma especie de contagio uma idéa lavra ás vezes entre os homens de uma mesma epócha, reunem todos em uma mesma crença, seus pensamentos se

harmonisam, e para um só fim tendem. Cada epocha representa então uma idéa que marcha escoltada de outras que lhe são subalternas, como Saturno rodeado dos seus satellites; essa idéa principal contém e explica as outras idéas, como as primissas no raciocinio contém e explicam a conclusão. Essa idéa é o espirito, o pensamento mais intimo de sua epocha, é a razão occulta dos factos contemporaneos.

A litteratura abrangendo grande parte de todas as sciencias e artes, e sendo ella filha e representante moral da civilisação, é mister um concurso de extensos conhecimentos para se poder traçar a sua historia geral ou particular, e não perder-se de vista a idéa predominante do seculo, luminoso guia na indagação e coordenação dos factos, sem o que a historia é de pouco valor, e seu fim principal illudido.

Applicando-nos agora especialmente ao Brasil, as primeiras questões que se nos apresentam são: qual é a origem da litteratura brasileira? Qual o seu character, seus progressos, e que phases tem tido? Quaes os que a cultivaram, e quaes as circumstancias que em diversos tempos favoreceram ou tolheram o seu florecimento? É pois mister remontar-nos ao estado do Brasil depois do seu descobrimento, e d'ahi pedindo conta á historia, e á tradição viva dos homens de como se passaram as cousas, seguindo a marcha do desenvolvimento intellectual, e pesquisando o espirito que a presidia, poderemos apresentar, senão

acabado, ao menos um verdadeiro quadro historico da nossa litteratura.

Mas antes de encetar a materia uma consideração aqui nos demora, e péde o caso que a explanemos. Logar é este de expormos as difficuldades que na execução deste trabalho encontrámos. Aquelles que alguns lumes de conhecimento possuem relativos á nossa litteratura, sabem que mesquinhos e expassos são os documentos que sobre ella se podem consultar. Nenhum nacional, que o saibamos, occupado se tem até hoje de tal objecto. Dos estrangeiros Bouterwech, Sismonde de Sismondi, e Mr. Ferdinand Denis alguma cousa disseram. O primeiro apenas conhecia Claudio Manoel da Costa, de quem alguns extractos apresenta; o segundo inteiramente se pautúa pelo primeiro, e a menção que faz de alguns Brasileiros fôra mesmo excluída do plano da sua obra sobre a Litteratura do Meiodia da Europa, si n'ella não entrasse como um apendice á historia da litteratura portugueza. No resumo da historia litteraria de Portugal e do Brasil por Mr. Ferdinand Denis, posto que separadas estejam ellas, e porventura mais extenso desenvolvimento offereça a segunda, comtudo basta um lance d'olhos para ver-se que ainda está longe de ser completa, servindo apenas para dar uma idéa a estrangeiros.

Eis tudo o que sobre a litteratura do Brasil se tem escripto até hoje; si só por isso nos guiassemos, na impossibilidade em que ficariamos de nada poder

acrescentar, teríamos preferido traduzir esse pouco; o que de nada serviria para a historia. Empenhados em dar alguma cousa mais meritoria, começámos por estudar a nossa historia, e desde ahi encontrámos grandes embaraços para o nosso escopo. Necessario nos foi a leitura do immenso trabalho biographico do Abade Barbosa, para podermos achar por acaso aqui e alli o nome de algum Brasileiro distincto no meio dessa alluvião de nomes colleccionados ás vezes com bem pouca critica. Ainda assim convinha ler suas obras; eis ahi uma quasi insuperavel difficuldade. Embalde por algumas d'ellas, de que tínhamos noticia, investigámos todos as Bibliothecas de Pariz, de Roma, de Florença, de Padua, e de outras principaes cidades da Italia que vesitámos; foi-nos preciso contentar-nos com o que podemos obter. Acresce mais que dos nossos primeiros poetas até ignoramos a epocha do seu nascimento, que tanto apreço damos nós aos grandes homens que nos honram, desses homens cuja herança é hoje nossa unica gloria. Essa difficuldade já foi reconhecida pelo illustre editor do *Parnaso Brasileiro*\* cujo trabalho tão digno de louvor muito servio-nos. Emfim, depois de um longo e enfadonho estudo, vimo-nos quasi reduzidos, sem outro guia mais que o nosso proprio juizo, a ler e analysar os auctores que podemos obter, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim á que nos propomos.

\* O fallecido Conego Januario da Cunha Barbosa.

Todos estes tralhos e obstaculos mencionamos não com o fito de realçar o merito deste bosquejo, mas sim para merecer desculpa das muitas faltas e penurias que se notem, e outro sim para que, á vista de tal incuria e mendiguez, mais zelosos sejamos em pesquisar e conservar os monumentos de nossa gloria para a geração futura, afim de que nos não exprobre o nosso desmazelo e de barbaros nos não accuse, como com razão o poderíamos fazer em relação aos nossos maiores.

Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A gloria de uma Nação que existe, ou que já existio, não é senão o reflexo da gloria de seus grandes homens. De toda a antiga grandeza da patria dos Ciceros e dos Virgílios apenas nos restam suas immortaes obras, e essas ruínas que tanto attraem os olhos do estrangeiro, e no meio das quaes a moderna Roma se levanta, e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madama de Staël: — A gloria dos grandes homens é o patrimonio de um paiz livre; depois que elles morrem todos participam d'ella.“

O apparecimento de um grande homem é uma epocha para a historia; e semelhante a uma joia preciosa, que só possuímos quando podemos possuil-a, o grande homem jamais se apresenta quando o não merecemos. Elle póde existir no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a sí mesmo, como o ouro

nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para adquirir o seu valor; e a incapacidade que o desconhece, o annulla. Empreguemos os meios necessarios, e teremos grandes homens. Si é verdade que a recompensa anima o trabalho, a recompensa do genio é a gloria; e segundo um bello pensamento de Madama de Staël: — O genio no meio da sociedade é uma dôr, uma febre interior de que se deve tratar como verdadeira molestia, si a recompensa da gloria lhe não adoça as penas.“

## II.

O Brasil, descoberto em 1500, jazêo tres seculos esmagado debaixo da cadeira de ferro, em que se recostava um Governador colonial com todo o peso de sua insufficiencia, e de seu orgulho. Misquinhas intenções politicas, por não dizer outra cousa, dictavam leis absurdas e iniquas que entorpeciam o progresso da civilisação e da industria. Os melhores engenhos em flor morriam, faltos desse orvalho protector que os desabrocha. Um ferrete ignominioso de desapprovação, gravado na fronte dos nascidos no Brasil, indignos os tornava dos altos e civis empregos. Para o Brasileiro, no seu paiz, obstruidas e fechadas estavam todas as portas e estradas que podiam conduzil-o á illustração. Uma só porta ante seus passos se abria;

era a porta do convento, do retiro, e do esquecimento! A religião lhe franqueava essa porta; a religião a fechava sobre seus passos, e o sino que o chamava ao claustro, annunciava tambem sua morte para o mundo. O genio em vida sepultado, cercado de mysticas imagens, apenas saía para catechizar os Indios no meio das florestas virgens, ou para prégar aos colonos nos dias de repouso as verdades do Evangelio. Mas emvão; as virtudes do christianismo não se podiam domiciliar nos corações desses homens encharcados de vicios, e tirados pela maior parte dos carceres de Lisbôa, para vir povoar o Novo-Mundo. Deos nos preserve de lançar o opprobrio sobre ninguem. Era então um systema o de fundar colonias com homens destinados ao patibulo; era basear uma Nação nascente sobre todas as especies de vicios e de crimes. Taes homens para seus proprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, e inepta para tudo. Quanto aos Indios, esses infelizes perseguidos eram á ferro e fogo, como si fossem animaes ferozes; nem elles em outra categoria eram considerados pelos seus arrebanhadores. Sabe-se que necessario foi que uma bula do Papa Paulo terceiro os declarasse verdadeiros homens, e capazes por isso da fé de Christo; sem o que talvez os Europêos os houvessem de todo exterminado! Da barbaridade de taes homens traça Simão de Vasconcellos um quadro bem triste, dizendo: „Os Portuguezes que alli já estavam, e começavam a povoar esses logares, viviam a modo de gentios; e os

gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei de Christo: e sobre tudo, que viviam aquelles Portuguezes de um trato vilissimo, salteando os pobres Indios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se d'elles, e avexando-os contra todas as leis da razão.“ E mais abaixo diz ainda: „Viviam (os Portuguezes) do rapto dos Indios, e era tido o officio de salteal-os por valentia, e por elle eram os homens estimados\*.“

Tal era o estado daquelles tempos! Que podemos nós ajunctar a essas citações? Tal era toda a industria, arte e sciencia dos primeiros habitantes portuguezes das terras de Sancta-Cruz! Triste é sem duvida a recordação dessa epocha, em que o Brasileiro, como lançado em terra estrangeira, duvidoso em seu proprio paiz vagava, sem que dizer podesse: isto é meu, neste logar nasci! Envergonhava-se de ser Brasileiro, e muitas vezes com o nome de Portuguez se acobertava para ao menos apparecer como um ente da especie humana, e poder alcançar um emprego no seu paiz. Dest'arte, circumscripto em tão curto estadio, estranho á nacionalidade, e sem o incentivo da gloria, ia este povo vegetando occulto, e arredado da civilisação.

Quem não dirá que Portugal com esse systema oppressor só curava de attenuar e enfraquecer esta immensa colonia, porque conhecia sua propria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não

\* Chronica da Companhia de Jesus, liv. I, pag. 56.

dirá que elle temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse e lhe offuscasse a gloria? Assim é que um barbaro senhor algema seu escravo, receoso que elle lhe fuja, e só lhe desprende os braços para seu serviço em rusticos trabalhos. A Economia politica tem combatido victoriosamente o erro que desde muito grassava na politica, que um povo não póde prosperar se não á custa de outro povo, e com sacrificio de tudo que o rodeia; politica essa que á imitação dos Romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exercêo sobre o Brasil.

O tempo sancionou as verdades que a historia e a memoria recente dos factos nos recordam, e o tempo, proseguindo em sua marcha, irá mostrando qual é o destino que a Providencia tem marcado a este Imperio da America. A Deos não praza que esse perigoso fermento que entre nós gyra, esse germen de discordia, resaibo ainda de não apurada educação, e sobre tudo a escravidão, tão contraria ao desenvolvimento da industria e das artes, e tão perniciososa á moral, não empeçam sua marcha e engrandecimento.

Parecerão talvez estas considerações fóra do objecto a que nos propomos; mas intimamente a elle se ligam, e o explicam. Ainda uma vez e por outras palavras diremos, que o nosso proposito não é traçar chronologicamente as biographias dos auctores brasileiros, mas sim a historia da litteratura do Brasil; que

toda historia, como todo drama, suppõe uma scena, actores, paixões, e um factó que progressivamente se desenvolve, que tem sua razão, e um fim; sem estas condições não ha historia, nem drama.

Ao través das espessas trevas em que se achavam envolvidos os homens neste continente americano, viram-se alguns espiritos superiores brilhar de passagem, bem semelhantes e essas luzes errantes que o peregrino admira em solitaria noite nos desertos do Brasil; sim, elles eram como pyrilampos que no meio das trevas phosphoream. E poder-se-ha com razão accusar o Brasil de não ter produzido intelligencias de mais sobido quilate? Mas que povo escravizado pôde cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias e o ardor das feridas sua existencia torturam? Que colono tão feliz, ainda com o peso sobre os hombros, e curvado sobre a terra, a voz ergêo no meio do universo, e gravou seu nome nas paginas da memoria? Quem não tendo a consciencia da sua livre existencia, só rodeado de scenas de miseria, pôde soltar um riso de alegria, e exhalar o pensamento de sua individualidade? Não; as sciencias, a poesia e as bellas artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo; irmãs da gloria, fogem do paiz amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar pódem.

Si reflectirmos, veremos que não são poucos os escriptores para um paiz que era colonia portugueza;

para um paiz onde ainda hoje o trabalho do litterato, longe de assegurar-lhe com a gloria uma independencia individual, e um titulo de mais ao reconhecimento publico, parece ao contrario desmerecel-o, e desvial-o da liga dos homens positivos, que desdenhosos dizem: é um poeta! sem distinguir si apenas é um trovista, ou um homem de genio; como si dicessem: eis ahi um ocioso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o com a sua mania.

Ahi canta o poeta por mera inspiração celeste, por essa necessidade de cantar, para dar desfôgo ao coração. Ao principio cantava para honrar a belleza, a virtude, e seus amores; cantava ainda para adormentar as amarguras d'alma; mas logo que a idéa da patria apparecêo aos poetas, começaram elles a invocal-a para objecto dos seus canticos. Sempre porêm como o peregrino no meio dos bosques, que vai cantando sem esperança de recompensa, o poeta brasileiro não é guiado por nenhum interesse, e só o amor mesmo da poesia e da patria o inspira. Elle pôde dizer com o epico portuguez:

Vereis amor da patria, não movido  
De premio vil.

Si em total esquecimento muitos d'elles existem, provêm isso em parte da lingua em que escreveram, que tão pouco conhecida é a lingua portugueza na Europa, e principalmente em França, Inglaterra e Al-lemanha, onde mais alto sôa o brado da fama e colos-

sal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recahir a censura, que tão prodigos somos em louvar e admirar os estranhos, quão mesquinhos e ingratos nos mostramos para com os nossos, e deste geito visos damos que nada possuímos. Não pertendemos que a esmo se louve tudo o que nos pertence, só porque é nosso; vaidade fôra insupportavel; mas por ventura vós que consumistes vossa mocidade no estudo dos classicos latinos e gregos, vós que lêdes Racine, Voltaire, Camões ou Filento Elisio, e não cessais de admirar-os, muitas vezes mais por imitação que por propria critica, dizei-me, apreciastes vós as bellezas naturaes de um Sancta Rita Durão, de um Basilio da Gama, e de um Caldas?

Toca ao nosso seculo restaurar as ruínas e reparar as faltas dos passados seculos. Cada Nação livre reconhece hoje mais que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma Nação é engrandecer-se moralmente, é desenvolver todos os elementos da civilisação. É pois mister reunir todos os titulos de sua existencia para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos da sua genealogia para na presença do soberano fazer-se credor de novas graças. Si o futuro só pôde sair do presente, a grandeza daquelle se medirá pela deste. O povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como tudo o que n'elle se passa, esse

povo ficavá sempre na immobilidade do imperio Indochinez.

Nada de exclusão, nada de desprezo. Tudo o que poder concorrer para o esclarecimento da historia geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração. Jamais uma Nação poderá prever o seu futuro, si não conhece o que ella é comparativamente com que ella foi. Estudar o passado é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar para um futuro mais brilhante. Nada de exclusão; a exclusão é dos espiritos apoucados, que em pequena orbita gyram, sempre satellites, e só brilhantes de luz emprestada. O amante da verdade porêem, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse e objecto de profunda meditação; como o viajor naturalista que se extasia na consideração de uma florzinha desconhecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado, ou esquecido, romperá dest'arte o envoltorio de trevas, e achará devido logar entre as cousas já conhecidas e estimadas.

Depois de tantos systemas exclusivos, o espirito eclectico anima o nosso seculo; elle se levanta como um immenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os annaes de todos os povos, em uma mão o archote da philosophia acceso pelo genio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa onde se convergem todos os raios de luz, escapados do brandão que sustenta. — Luz e progresso; eis sua divisa.

Não, oh Brasil, no meio do geral movimento tu não deves ficar immovel e apathico, como o colono sem ambição, e sem esperanças. O germen da civilização, lançado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda os fructos que devia dar; vicios radicaes teem tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu collo a mão estranha que te suffocava; respira livremente, cultiva com amor as sciencias, as lettras, as artes e a industria, e combate tudo o que entreval-as póde.

### III.

Não se póde lisongear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação; tão mesquinha foi ella que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; comtudo bôa ou má d'elle herdou, e o confessamos, a litteratura e a poesia, que chegadas a este terreno americano não perderam o seu caracter europeu. Com a poesia vieram todos os deoses do paganism, espalharam-se pelo Brasil, e dos céos, e das florestas, e dos ríos se apoderaram.

A poesia brasileira não é uma indigena civilisada; é uma Grega vestida á franceza e á portugueza, e climatisada no Brasil; é uma virgem do Helicon que, peregrinando pelo mundo, estragou seu manto, talhada pelas mãos de Homero, e sentada á sombra das

palmeiras da America, se apraz ainda com as reminiscencias da patria, cuida ouvir o doce murmurio da castalia, o trepido susurro do Lodon e do Ismeno, e toma por um rouxinol o sabiá que gorgeia entre os galhos da laranjeira. Enfeitiçados por esse nume seductor, por essa bella estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus canticos, e olvidaram as simples imagens que uma natureza virgem com tanta profusão lhes offerecia. Similhante a Armida de Tasso, cuja belleza, artificios e doces palavras attrahiram, e desorientaram os principaes guerreiros do exercito christão de Goffredo. É rica a mythologia, são bellissimas as suas ficções, mas á força de serem repetidas e copiadas vão sensivelmente desmerecendo; além de que, como o passaro da fabula, despimos nossas plumas para nos apavonar com velhas gallas, que nos não pertencem. Em poesia requer-se mais que tudo invenção, genio e novidade; repetidas imitações o espirito esterelizam, como a muita arte e preceitos tolhem e suffocam o genio. As primeiras verdades da sciencia, como os mais bellos ornamentos da poesia, quando a todos pertencem, a ninguem honram. O que mais dá realce e nomeada álguns dos nossos poetas não é certamente o uso dessas sedições fabulas, mas sim outras bellezas naturaes, não colhidas nos livros, e que só o céo da patria lhes inspirara. Tão grande foi a influencia que sobre o engenho brasileiro exercêo a grega mythologia, transportada pelos poetas por-

tuguezes, que muitas vezes poetas brasileiros se metamorphoseam em pastores da Arcadia, e vão apascentar seus rebanhos imaginarios nas margens do Tejo, e cantar á sombra das faias.

Mas ha no homem um instincto occulto que o dirige, a despeito dos calculos da educação, e de tal modo o aguilhôa esse instincto que em seus actos imprime um certo character de necessidade, a que chamamos ordem providencial ou natureza das cousas. O homem collocado diante de um vasto mar, ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e emmaranhada floresta, não poderá ter por longo tempo os mesmos pensamentos, as mesmas inspirações, como si assistisse aos olympicos jogos, ou na pacifica Arcadia habitasse. Além dessas materiaes circumstancias, variaveis nos diversos paizes, que muito influem sobre a parte descriptiva e character da payzagem poetica, um elemento ha sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variavel porêem quanto a sua fórma, base da moral poetica, que empluma as azas do genio, que o inflamma e fortifica, e ao través do mundo physico o eleva até Deos; esse elemento é a religião.

Si sobre taes pontos meditassem os primeiros poetas brasileiros, certo que logo teriam abandonado essa poesia estrangeira, que destruia a sublimidade de sua religião, paralisava-lhe o ingenho, e os cegava na contemplação de uma natureza grandiosa, redu-

zindo-os á final a meros imitadores. Não, elles não meditaram, nem meditar podiam; no principio das cousas obra-se primeiro como se póde, a reflexão vem mais tarde. Acreditava-se então que mythologia e poesia era uma e a mesma cousa. O instincto porêem e a razão mais esclarecida os foram guiando, e posto que lentamente, as encanecidas montanhas da Europa se humilharam diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo Mundo; a virgem homericã, semelhante á convertida esposa de Eudoro\*, abraça o christianismo, e neophyta ainda, mal iniciada nos mysteriosos arcanos de sua nova religião, resvala ás vezes, e no enlevo d'alma, no meio de seus sagrados canticos se olvida, e adormentada sonha com as graciosas mentiras que o berço lhe embalaram. Não, ella não póde ainda, posto que naturalisada na America, esquecer-se dos sacros bosques do Parnaso, á cuja sombra se recreára desde o albor de seus annos. Dirias que ella é combatida pela molestia da patria, e que nos assomos da nostalgia á Grecia transportada se julga, e com seus deoses delira; saudosa molestia que só o tempo curar póde. Mas emfim é já um passo, e praza ao céo que a conversão seja completa, e que os vindouros vates brasileiros achem no puro céo da sua patria um sol mais brilhante que Phebo, e angelicos genios que os inspirem mais sublimes que as Pierides.

Si compararmos o actual estado da civilisação

\* Cimodoce, esposa de Eudoro, nos Martyres de Chateaubriand.

do Brasil com o das anteriores epochas, tão notavel differença encontraremos como si entre o fim do seculo passado e o nosso tempo presente ao menos um seculo medeara. Devido é isso a causas que ninguem ignora. Com a expiração do dominio portuguez muito se desenvolveram as idéas. Hoje o Brasil é filho da civilisação franceza, e como Nação é filho dessa revolução famosa que abalou todos os thronos da Europa, e repartio com os homens a purpura e os sceptros dos reis.

O gigante da nossa idade mandou o susto com as suas baionetas até a extremidade da Península iberica, e o neto dos Affonsos, aterrorisado como um menino, temêo que o braço victorioso do arbitro dos reis cahir fizesse sobre sua cabeça o palacio dos seus avós. Elle fóge, e com elle toda a sua corte; deixam o natal paiz, atravessam o Oceano, e trazem ao solo brasileiro o aspecto novo de um rei, e os restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colonia, e foi depois elevado á categoria de Reino-unido. Sem a revolução franceza, que tanto esclareo os povos, esse passo tão cedo se não daria. Com esse facto abrio-se para o Brasil uma nova serie de cousas favoraveis ao seu rapido desenvolvimento, tornando-se o Rio de Janeiro a séde da Monarchia. Aqui pára a primeira epocha da sua historia. Começa a segunda, em que collocado o Brasil em mais larga estrada, se apresta para con-

quistar a liberdade e a independencia, consequencias necessarias da civilisação.

Os acontecimentos notaveis da historia do Brasil se apresentam neste seculo como especies de contrapancadas ou echos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, devido foi á revolução franceza; o segundo á promulgação da constituição em Portugal, que apressou o regresso do rei D. João VI á Lisbôa, deixando entre nós o herdeiro do throno. O Brasil já não podia então viver de baixo da tutela de uma metropole, que de suas riquezas se nutrira, e pretendia reduzil-o ao antigo estado colonial. A independencia politica tornou-se necessaria; todos a desejavam, e impossivel fôra suffocar o grito unanime dos corações brasileiros avidos de liberdade e de progresso. E quem póde oppor-se á marcha de um povo que conhece a sua força, e firma a sua vontade? A independencia foi proclamada em 1822, e reconhecida tres annos depois. A Providencia mostrou mais tarde que tudo não estava feito! Cousas ha que se não podem prever. Em 1830 cahio do throno da França o rei que o occupava, e no anno seguinte dêo-se inesperadamente no Brasil analogo acontecimento! A corôa do Ipiranga que cingia a frente do Principe portuguez, reservado pela Providencia para ir assignalar-se na terra patria, passou á frente de seu filho, o joven Imperador, que fôra ao nascer bafejado pelas auras americanas, e pelo sol dos tropicos aquecido.

De duas distinctas partes consta a historia do Brasil: comprehende a primeira os tres seculos coloniaes; e a segunda o curto periodo que decorre desde 1808 até os nossos dias. Examinemos agora quaes são os escriptores desses diversos tempos, o caracter e o progresso que mostra a nossa litteratura.

No seculo decimo-sexto, que é o do descobrimento, nenhum escriptor brasileiro existio de que tenhamos noticia. No seguinte seculo alguns apparecem poetas e prosadores dos quaes trataremos mais em particular em um capitulo separado, limitando-nos agora a dizer em geral que, fundando-se as primeiras povoações do Brasil debaixo dos auspicios da religião e pelos esforços dos Jesuitas, a litteratura nesse seculo mostra notavel propensão religiosa, principalmente a prosa, que toda consiste em orações sagradas.

É no seculo XVIII que se abre verdadeiramente a carreira litteraria para o Brasil, sendo a do seculo anterior tão mingoada que apenas serve para a historia. Os moços que no seculo passado iam á Europa colher os fructos da sapiencia, traziam para o seio da patria os germens de todas as sciencias e artes; aqui benigno acolhimento achavam nos espiritos avidos de saber. Dest'arte se espalhavam as luzes, posto que a estrangeiros e a livros defendido fosse o ingresso no paiz colonial. Os escriptos francezes começaram a ser apreciados em Portugal; suas idéas se communicaram ao Brasil; dilataram-se os horizontes á intelli-

gencia; todos os ramos da litteratura foram cultivados, e homens de subida tempera mostraram que os nascidos nos incultos sertões da America podiam dilatar seu vôo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tagedes no canto.

No começo do seculo actual, com as mudanças e refórmas que tem experimentado o Brasil, novo aspecto apresenta a sua litteratura. Uma só idéa absorve todos os pensamentos, uma idéa até então quasi desconhecida; é a idéa da patria; ella domina tudo, e tudo se faz por ella, ou em seu nome. Independencia, liberdade, instituições sociaes, refórmas politicas, todas as criações necessarias em uma nova Nação, taes são os objectos que occupam as intelligencias, que attraem a attenção de todos, e os unicos que ao povo interessam.

Tem-se notado, e com razão, que contrarias á poesia são as epochas revolucionarias; em taes crises a poesia, que nunca morre, só falla a linguagem emphatica do entusiasmo e das paixões patrioticas: é a epocha dos Tyrteos. Mas longe estamos por isso de amaldiçoar as revoluções que regeneram os povos; reconhecemos sua missão na historia da humanidade; ellas são uteis, porque meios são indispensaveis para o progresso do genero humano, e até mesmo para o movimento e progresso litterario. É verdade que quando ellas agitam as sociedades pára um pouco, e desmaiar parece a cançada litteratura; mas é para de

novo continuar mais bella e remocada na sua carreira; como o viajor se recolhe e repousa assustado quando negras nuvens trovejam, e ameaçam propinqua tempestade; mas finda a tormenta, continúa a sua marcha, gozando da perspectiva de um céo puro e sereno, de um ar mais suave, e de um campo por fresca verdura esmaltado.

Aqui terminaremos a vista geral sobre a historia da litteratura do Brasil, dessa litteratura sem um caracter nacional pronunciado, que a distinga da portugueza. Antes porém de entrarmos na exposição e analyse dos trabalhos dos nossos primeiros escriptores, uma questão se levanta e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao paiz e aos seus Indigenas.

#### IV.

Póde o Brasil inspirar a imaginação dos poetas, e ter uma poesia propria? Os seus indigenas cultivaram porventura a poesia?

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição e caracter de um paiz grande influencia exerce sobre o physico e o moral dos seus habitantes, que a damos como um principio, e cremos inutil insistir em demonstral-o com argumentos e factos por tantos naturalistas e philosophos apresentados.

Ahi estão Buffon e Montesquieu que assás o demonstrem. Ainda hoje poetas europeos vão beber no Oriente as suas mais bellas inspirações; Byron, Chateaubriand e Lamartine sobre seus tumulos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céo da Grecia e da Italia, o céo que inspirou a Homero e a Pindaro, e o que inspirou a Virgilio e Horacio. Vimos esse céo que cobre as ruínas do Capitolio e do Coliseo; sim, é bello esse céo, mas o do Brasil não lhe céde em belleza! Fallem por nós todos os viajores, que por estrangeiros não os tacharão de suspeitos. Sem duvida que elles fazem justiça; e o coração do Brasileiro, não tendo por ora muito de que se ensuberbeça quanto ás produções das humanas fadigas, que só com o tempo se accumulam, enche-se de prazer, e palpita de satisfação, lendo as brilhantes paginas de Langsdorff, Neuwied, Spix et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e de tantos outros viajores que revelaram á Europa as bellezas da nossa patria.

Este immenso paiz da America, situado de baixo do mais bello céo, cortado de tão pujantes ríos, que sobre leitos de ouro e de preciosas pedras rolam suas aguas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuueiros se despeçam dos verdes doceis formados pelo entrelaçamento de ramos de mil especies; estes desertos remansos, onde se annuncia a vida pela voz estre-

pitosa da cascata que se despenha; pelo doce murmúrio das auras, e por essa harmonia grave e melancólica de infinitas vozes de aves e de quadrúpedes; este vasto Eden, entrecortado de enormissimas montanhas sempre esmaltadas de copada verdura, em cujos topos o homem se crê collocado no espaço, mais perto do céo que da terra, vendo debaixo de seus pés desenrolar-se as nuvens, roncar as tormentas, e rutilar o raio; este abençoado Brasil com tão felizes disposições de uma prodiga natureza, necessariamente devia inspirar os seus primeiros habitantes; os Brasileiros musicos e poetas nascer deviam. E quem o duvida? Elles o foram, e ainda o são.

Por alguns escriptos antigos sabemos que algumas tribus indigenas se avantajavam pelo talento da musica e da poesia, entre todas os Tamoyos, que no Ríó de Janeiro habitavam, eram os mais talentosos. Em seus combates, inspirados pelas scenas que os rodeavam, repetiam hymnos guerreiros, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes, e nas suas festas cantavam em córos alternados de musica e dança, cantigas herdadas dos seus maiores.

Em um manuscripto antigo, cujo auctor ignoramos quem seja \*, lemos o seguinte: „São havidos estes

\* *Roteiro do Brasil*, manuscripto pertencente á bibliotheca imperial de Pariz. Foi depois impresso em 1831, e com razão attribuido a Gabriel Soares pelo Sr. Warnhagen, que o commentou e o deo á luz no Ríó de Janeiro.

Tamoyos por grandes musicos entre o gentio, e bailadores, os quaes são mui respeitados dos gentios por onde quer que vão. “ Não era só a tribu dos Tamoyos que se distinguia pelo genio musical e poetico; tambem os Caités, e ainda mais os Tupinambás, que em paz viviam com os primeiros, e pela lingua e costumes mais com aquelles si assimilhavam. No mesmo manuscrito lemos ainda: „Os Tupinambás se presam de grandes musicos, e a seu modo cantam com soffri-vel tom, os quaes tem boas vezes, mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote, os quaes cantam e bailam junctamente em roda.“

Do respeito religioso que taes barbaros consagram aos seus homens inspirados uma prova nos dá o mesmo auctor, dizendo: „Entre os gentios são os musicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessam já o sertão por entre os seus contrarios sem lhes fazerem mal.“

Tal veneração os seus cantores lembra-nos esses trovadores que de paiz em paiz peregrinavam, e ante os quaes se abriam as portas dos castellos dos senhores da idade media; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a familia do Lyrico grego. É que á poesia e á musica é dado o assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar e extasiar o espirito. Por meio dessas duas potencias sabiamente empregadas pelos

Jesuitas missionarios do Brasil, os selvagens abandonavam os seus bosques, e se amoldavam ao christianismo e á civilisação\*. Só as theorias de alguns homens que se inculcam de positivos, e mal estudam a natureza, desmerecer podem a importancia social dessas duas irmãs, e apenas consideram-as como meras artes de luxo; e de recreação de ociosos. Mas não é nosso intento agora tecer o panagyrico da poesia e da musica.

Os apóstolos do Novo-Mundo, tão solícitos entre os Indígenas do Brasil na propaganda da fé catholica, compunham e traduziam em lingua tupica alguns hymnos da Igreja, para substituir aos seus canticos selvagens; mas não consta que se déssem ao trabalho de recolher, ou de verter em lingua portugueza os canticos dos Indios. Posto que nenhum documento sobre isso tenhamos, comtudo talvez a todo tempo alguns se

\* A respeito de factos dos passados seculos nada podemos allegar sem documentos. Em Simão de Vasconcellos lemos o seguinte: — Estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastantemente instruidos na fé, ler, escrever e contar: foi traça de Jose (de Anchieta) que viessem estes meninos para os campos incorporar-se com seus discipulos em favor e ajuda dos pais, com o effeito que logo veremos. Continuavam estes na nova Aldeia sua escola, ajudavam a beneficiar os officios divinos em canto de organ, e instrumentos musicos, o maior gosto e incitamento que podia haver para os pais, que já alli estavam, vindos dos seus sertões. Espalhavam-se á noite pelas casas de seus parentes a cantar as cantigas pias de José em propria lingua, contrapostas ás que elles costumavam cantar vans e gentílicas. Vida do P. José de Anchieta cap. VI, pag. 29.

encontrem na poeira das bibliothecas conventuaes, com especialidade nas da Bahia. Que precioso monumento para nós não fôra desses povos incultos, que quasi teem desaparecido da superficie da terra, sendo tão amigos da liberdade que, para evitar o captiveiro, cahiam de preferencia de baixo dos arcabuzes dos Portuguezes, que tentavam submettel-os ao seu jugo tyrannico! Talvez tivessem elles de influir na actual poesia brasileira, como os canticos dos bardos influiram na poesia do Norte da Europa, harmonisando seus melancolicos accents com a sublime gravidade do christianismo.

Do que fica dito podemos concluir que o paiz se não oppõe a uma poesia original, antes a inspira. Si até hoje a nossa poesia não offerece um caracter inteiramente novo e particular, é porque os nossos poetas, dominados pelos preceitos, se limitaram a imitar os antigos, que, segundo diz Pope, é imitar mesmo a natureza; como si a natureza se ostentasse a mesma em todas as regiões, e diversos sendo os costumes, as religiões e as crenças, só a poesia não podesse participar dessa variedade, nem devesse exprimi-la. Falto-lhes a força necessaria para se despojarem do jugo dessas leis arbitrarías dos que se arvoram em legisladores do Parnazo. Depois que Homero, inspirado pelo seu proprio genio, sem apoio de alheia critica, se elevou á grandeza da epopéa, criação sua, e Pindaro do mesmo modo á sublimidade da lyrica, vieram en-

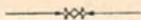
tão os criticos, e estabeleceram regras. Convêm, é certo, estudar os antigos e os modelos dos que se avantajaram nas diversas composições poeticas, mas não escravisar-se pela cega imitação. „O poeta independente, diz Schiller, não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu genio.“ Só póde um poeta chamar-se grande si é original, si de seu proprio genio recebe as inspirações. O que imita alheios pensamentos nada mais é que um traductor salteado, como é o traductor um imitador seguido, e igual é o merito de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com os seus modelos emparelhem, ou mesmo que os superem, pouca gloria por isso lhes toca, tendo só afinal augmentado a daquelles.

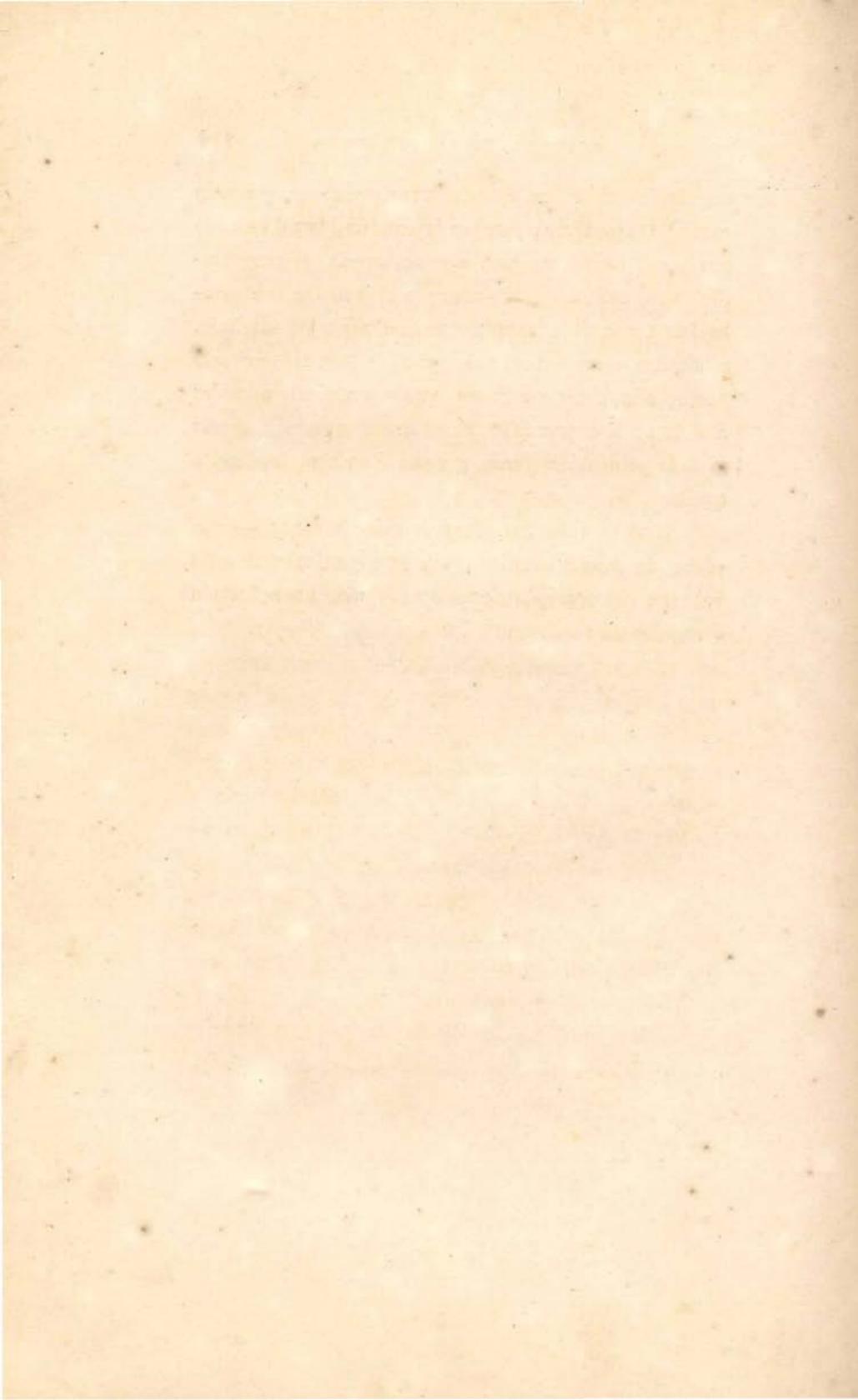
Como não estudamos a historia só com o unico fito de conhecer o passado, mas sim com o fim de tirar uteis lições para o presente; assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar á sua reprodução imitativa. A estrada aberta pelos nossos illustres maiores, que podemos considerar em caracol em uma montanha, ainda não tocou ao seu cume; si aspiramos chegar a elle, o mais seguro caminho é trilhá-la, mas com cuidado que nos não deixemos encantar pela harmonia das vozes dos cysnes que a ladeam. Ouvindo-os para adoçar a fadiga, admirando-os, porém marchando sempre, empenhemo-nos em nos adiantar nessa estrada. Si faltos de força em seu meio ficarmos, quem nos preceder, desejando proseguir, nos

arredará; cahiremos, e certas aves mordazes, que pelo caminho esvoaçam, que nada cantam, mas de tudo grasnam, contentes com a nossa queda, se amontoarão sobre nós, tomando-nos por objecto de sua zombaria. Como é encantada essa estrada! De um lado, e d'outro essas aves nos gritam: tomai por esta parte; não passeis adiante, que vos arricais a cair; á direita; á esquerda!“ Si as escutamos, si nos não giamos pelo nosso genio, grande é o risco, infalivel a queda.

Quanto a nós, a nossa convicção é que — nas obras do genio o unico guia é o genio; que mais vale um vô arrojado deste, que a marcha reflectida e regular da servil imitação.

1836.





# PHILOSOPHIA DA RELIGIÃO

SUA

## RELAÇÃO COM A MORAL, E SUA MISSÃO SOCIAL.

Circumscripto pelo mundo, o homem em torno de si volvêo os olhos, e vio essa série de causas finitas; e ao través das fórmulas que de contínuo se succedem como ondas do mar, dessa cadeia não interrompida de effeitos que não bastam para dar a razão de sua existencia, o homem, pela simples força de sua intelligencia, necessariamente devia entrever que, em opposição ao finito, alguma cousa infinita existe; idéas estas correlativas, que mutuamente se despertam; e si na ordem chronologica o finito primeiro impressiona os sentidos, na ordem logica o infinito se apresenta como primeiro á razão, e nem a idéa d'aquelle se comprehende sem a deste; e por esta força espontanea que caracteriza a humana intelligencia, eleva-se o homem até a causa ultima, que unica satisfaz sua curiosidade, além daqual nada se pôde conceber, e assim adquire elle a idéa de Deos. Si a intelligencia, diz Herder\*, é o mais nobre

\* *Idéas sobre a Philosophia da Humanidade*; por Herder, Tom. 1.º, pag. 238.

presente feito ao homem, a ella pertence traçar a connexão que entre a causa e o effeito existe, e mesmo adivinhal-a, si não se patenteia.

Reflectindo o homem sobre sí mesmo, vio-se mutavel, e sujeito a um crescimento e á modificações que máo-grado seu se operam; e concentrando-se em sua consciencia, não lhe foi possivel duvidar que a fórma exterior, sujeita ás alternativas do tempo, occultava uma substancia permanente, e d'ella distincta; a esta substancia referio elle o seu — *Eu*. A dualidade foi ainda mais manifesta pela lucta das duas naturezas; e o conhecimento do que em sí se passava confirmou-lhe a idéa do que fóra de sí descobríra.

A sua força interna chamou elle *alma*, e a força do Universo denominou *Deos*.

Desde logo entre a alma e Deos se estabeleceu uma relação toda especial. O homem assim erguido ao Ente Supremo, a elle sua existencia devendo, d'elle dependendo para sua conservação e aperfeiçoamento, como poderia suffocar os transportes de sua admiração, e de seu reconhecimento, vendo-se collocado no mais sublime gráo dos seres criados, e dotado de uma força espiritual que o alçava á cima do mundo physico, e o communicava até ao principio de tudo? Como não humilhar sua limitada intelligencia diante da infinita Intelligencia do Criador do Universo? Eis a religião natural na sua fórma mais simples.

Mas ficou porventura o homem no estado da natureza? Podia elle contentar-se com essa contemplação vaga, e parar nesse extase esteril? Não. Esta percepção, como um relampago mysterioso ao través do mundo, podia extinguir-se; tudo tende a extinguir-se no mundo, tudo, até nossa lembrança, si a não perpetuarmos por meio de monumentos. As bellezas da natureza, as necessidades humanas, e todas as circumstancias da vida podiam desviar o homem dessa fonte luminosa, desse Ser invisivel, que elle desejava perpetuar, e ter sempre presente á sua intelligencia, como aos seus sentidos. Convinha dar-lhe uma fórma. A fórma é a condição necessaria da existencia physica. Que faz o homem? Além do mundo conhecido cria um mundo para seu Deos, onde elle exista distincto de tudo; e neste mundo terrestre cria uma fórma material que o represente, e o manifeste continuamente aos seus sentidos. Tendo assim fixado sua idéa, fazendo-a sensivel, e, por assim me explicar, materializando-a; não podendo ella escapar nem á sua intelligencia, nem a seus sentidos, o instinto vago que a Deos o elevára, se converte em culto, adquire permanencia, e nada haverá capaz de o destruir. Eis a realização do instinto religioso. „O culto, diz M. Cousin \*, é para a religião natural o que a arte é para a belleza natural, o que é o Estado para

\* *Introduction à l'Histoire de la Philosophie*, pag. 21 1<sup>re</sup> leçon. 1828.

a sociedade primitiva, o que para o mundo da natureza é o mundo da industria. O triumpho da instituição religiosa está na criação do culto, como na criação da arte está o triumpho da idéa do bello, como o da idéa da Justica está na criação do Estado. O culto é infinitamente superior ao mundo ordinario; 1º porque o seu destino é o de lembrar Deos ao homem; emquanto que a natureza exterior, além da sua relação com Deos, tem outras, que distraiem sem sessar o homem dessa vista. 2º porque é elle infinitamente mais claro, como representante das cousas divinas. 3º por ser permanente; emquanto que a cada instante á nossa movel vista o caracter divino do mundo se enfraquece, e de todo se eclipsa. O culto, por sua especialidade e clareza, por sua permanencia, chama o homem a Deos mil vezes melhor do que o póde fazer o mundo. É uma victoria sobre a vida vulgar ainda mais alta que a da Industria, do Estado, e da Arte.“

A estas graves palavras de tão abalizado Philosopho ajunctemos, que a religião é indispensavel á sociedade, que ella contém todos os elementos da civilização, que é a fonte da philosophia, a base da moral, a origem do enthusiasmo, e a criadora das artes.

Considerar a religião somente como um jugo moral, destinado a conter o impeto de violentas paixões de alguns homens, a quem não mostrára ainda a

illustração seus deveres sociaes, é sem duvida algum gráo de importancia conceder-lhe, e assignar-lhe a necessidade de sua existencia como um meio politico nas sociedades: mas é tambem despojal-a de seus mais bellos attributos, desconhecer a natureza de sua divina origem, a orbita estreitar de sua missão augusta, aviltar o mais sublime sentimento do genero humano; é em fim desnaturalizar tudo.

Não foi por um pacto de conveniencia que os homens da natureza, os filhos dos desertos humildes se prostraram diante do sol, da lua, do mar, ou de outro qualquer simulachro, que elles seu Deos reputavam; nem é por amor de um punhado de homens degenerados, affeitos ao crime, e arrastados pela torrente das paixões, que os povos esclarecidos pelo sol da civilisação, desde o berço da humanidade, até os nossos dias cultos consagram á Divindade, em seu nome erguendo tantos templos sumptuosos, tantas cidades, tantos abrigos para infelizes, tantos hospitaes para enfermos, e isto á custa de tantos sacrificios.

Não; o sentimento religioso é mais profundo, mais humano, mais productivo mesmo do que muitos pretendem; e si sua linguagem é mysteriosa, é que este sentimento é um mysterio em sí mesmo, é que elle é eminentemente humano, e mais que todos os outros sentimentos; e o mysterio é o fundo do homem. „Tudo o que se passa no interior de nossa alma, diz

*Benjamin Constant*\*, é inexplicavel; e si vós exigis sempre demonstrações mathematicas, só negações obtereis. Si o sentimento religioso é uma loucura, porque a prova o não acompanha, loucura será o entusiasmo, fraqueza a sympathia, e o sacrificio um acto insensato.“

E vós homens da sciencia, vós, que pretendeis tudo explicar com systemas, conheceis vós a substancia do Universo, e a que vos constitue? Disseca o physiologista o corpo humano, e crê explical-o; mas que tempo devolvêo-se antes que o discipulo de Fabricius d'Aquapendente descobrisse a circulação! Entretanto ella se operava em todos os corpos. Rir-se-ia o Egypcio do tempo de Chéops, ou talvez maravilha dos deoses julgasse, si ouvisse dizer que uma de suas famosas pyramides, que passante de vinte annos de trabalho custára, segundo nos refere Herodoto, se poderia hoje erguer em uma dia; entretanto os calculos dos Economistas demonstram a possibilidade!

Mysterios ha que debalde tenta o homem descortinar. Máo-grado seu está elle sempre circumscripto. Eis porque Pithagoras recusava modesto o chamar-se sabio; o nome de philosopho melhor lhe convinha, porquanto elle, como todos, não possuia a verdade, porém sim a procurava.

\* *De la Religion considérée dans sa Source, ses Formes et ses Developpemens*; t. 1, p. 25, édit. de 1830.

Só Deos é sabio, porque só para Deos não ha mysterios.

Ha uma ordem de homens que dizem: queremos saber tudo; não queremos mysterios. Então excitados pela curiosidade, sustentados pelo orgulho, entregam-se a todas as fadigas da intelligencia, e vão convertendo em verdades eternas todas as hypothesis de sua phantasia; e vaidosos de sua propria obra, enamorados d'ella, como Pygmalião de sua estatua, pretentem impor-nos suas illusões como leis universaes. Outras vezes, si elles chegam a descobrir alguma verdade ao través das trevas do mysterio que a encobriam, sua curiosidade se acalma, e ao transporte do momentaneo prazer do descobrimento succede a indifferença; então dizem: era uma cousa bem simples, bem natural, nem sabemos porque os homens a não tinham já descoberto. E quanto mais esta verdade se popularisa, quanto mais se despe do mysterio, tanto mais perde seus encantos, e seu valor; e isto caracteriza a progressibilidade do genero humano, que jamais se farta com o que possui. Porque não damos nós valor ao ar? E portanto é elle indispensavel á vida. É porque o não procuramos, e elle por toda parte nos cerca. Si para nós como o ar fosse a verdade; si ella como o sol do estio radiante se nos antolhasse, sem prazer a veriamos, e nenhuma importancia lhe deramos. Este mesmo astro que nos aclara todos os dias; este astro bemfazejo, que vivi-

fica todos os seres animados, como nos fatiga, quando se patenteia com toda a sua magnificencia luminosa! E como nos faz palpitar de prazer o coração, quando ao través dos nevoeiros do inverno, parco de luz, a furto por um momento brilha, illudindo nossa esperança, e excitando nosso desejo! Assim é a verdade em todas as cousas! Similhante á belleza, si difficil, nós a amamos; si facil, a desdenhamos. Homens, si quereis amar sempre, não destruais o pudor, que é o mysterio da belleza. Philosophos, si quereis que a religião proficua seja, vede como tocais em seus mysterios.

O Mysterio não é uma palavra van, filha do engano, e que um dia desapparecerá; o mysterio é a fórma da verdade; como impossivel é, por mais que as gerações se succedam, que o homem atinja a ultima verdade, por impossivel que elle se eleve em sabedoria ao Ser Supremo, o mysterio existirá sempre neste vale de lagrimas.

Alguns homens, dos que pretendem tudo saber, não querendo manifestar sua fraqueza em cousas superiores á humana intelligencia, negam tudo; meio facil para mascarar a ignorancia, e cuidam ter achado a verdade. Deos é um phantasma para elles, uma criação de espiritos fracos; a alma humana uma materia mais subtil; a religião um jugo moral, uma serva da tyrannia; a moral um puro interesse; e tendo dest'arte destruido todas as idéas do sancto e do justo,

repousam elles no seu erro; como o viajor que, desprezando a sombra da arvore copada, arma pequena barraca, onde se abrigue; mas o vento da noite a derriba, e exposto o deixa á imtemperie do ar; emquanto que aquelles que adormeceram á sombra da arvore, vêm raiar a aurora sem soffrimento. Felizmente o materialismo não é a philosophia da humanidade, e aquelles que parecem professar tal doutrina, em tantas contradicções disparam, a taes tergiversações recorrem, que em fim d'elles dizer-se póde, ou que a sí mesmo se não comprehendem, ou que ostentam uma linguagem que sua razão não sanciona; e a idéa necessaria de um Ser Eterno se manifesta sempre de baixo de diversos nomes.

Aquelles que á religião só o poder acordam de refrear a perversidade, bem poderiam, mais latitude dando ao seu paradoxo, e por ventura mais conclusões sendo com seus principios, tal virtude negar-lhe; que mais é a religião consoladora, que refreadora; mais teade a animar as boas acções, que a punir as ruíns; e mais influe sobre um coração docil, do que sobre um impetuoso; semelhante a uma arvore peregrina, ella só dá fructos saborosos em terreno proprio, e de baixo de um céo propicio.

A religião é um sentimento nobre de moralidade, de admiração, e de reconhecimento, incompativel com os desmanchos d'aquelles que ou para o crime nasceram, ou n'elle se afizeram; porque todo o homem

nasce trazendo em seu coração o germen do bem, ou do mal, que depois os annos desenvolvem, e seja qual for este desenvolvimento, escripto se acha com caracteres indeleveis sobre a seu rosto, como arreigado em seu coração.

Um dos caracteres distinctivos da ignorancia e da maldade é o não prever o futuro, e só temer o presente, menos perigoso ás vezes que suas consequências. Nunca o assassino suspendeu o punhal preste a embeber-se no sangue de sua victima, amedrontado pelo phantasma do remorso, ou pela idéa da justiça humana, á que elle cuida sempre escapar. As hordas de saltiadores, que infestam as estradas da Italia, mais temem o aspecto de um destacamento militar que as persegue, do que todo o horror do inferno, e os raios impotentes do Vaticano. Em nenhuma parte do mundo impedio a religião que Neros e Caligulas fossem tyrannos, porém mais do que isso tem ella feito; ella, e só ella tem inspirado grandes cousas, nutrido grandes virtudes, e armado os povos contra seus oppressores.

Mas tão absurdo fôra o concluir que, attenta á impossibilidade de elevar uma barreira invencivel a excessos taes, é ella inutil, como o affirmar ser esse o seu unico fim. Um exemplo manifestará melhor o nosso pensamento.

As leis positivas, modeladas pela idéa da justiça universal, cujo sentimento em nós achamos, tem por

destino a manutenção do Estado, o qual é a realização da idéa do justo. As leis não podem manter o Estado senão de baixo de tres condições: ou sustentando o bem, por meio da recompensa; ou impedindo o mal pelo temor, e exemplo; ou em fim tornando o mal em bem pela correção, e castigo; disto surte a harmonia social. Si porém em lugar de dizermos que o fim das leis é a manutenção do Estado, designarmos como unico fim uma das tres condições, por exemplo (tome-mos aquella que mais ordinariamente se apresenta como fim), o converter o mal em bem, isto é, punir o culpado, para que elle seu crime não reitere, tornando-se dest'arte melhor, segue-se que os outros nem de premio, nem de exemplo necessitam, e que para elles inuteis são as leis; e sendo ellas repetidas vezes infructiferas a respeito do terceiro, segue-se ainda que sua missão nesta parte sendo tambem limitada, podia sem leis existir o Estado, confiando-se á vingança individual a punição do culpado, não equivalendo ao fim obtido a somma de meios empregados. Chegados a este ponto, patente pelo absurdo da conclusão a falsidade dos principios que a continham, vendo nós tantos factos, que a historia de todos os povos nos recorda, já morrer no desánimo, falto de recompensa quem grandes obras fizera, e podéra ser ainda util á humanidade; já pelo máo exemplo desregrar-se aquelle que sem isso sempre se conservára na estrada da virtude; já pela impunidade adquirir o

vicio novas forças, e precipitar-se em novos crimes, e destruída em fim toda a harmonia social; quem não se revoltará contra taes principios, unicas causas de tal consequencia? Ora, menos absurda não é a consequencia deprehendida do principio estabelecido como verdade entre alguns homens, que o unico fim da religião é conter o imperio das paixões, e que ella inutil é ao virtuoso, e ao philosopho. Todas as nossas acções se reduzem a raciocinios praticos; si falços são os principios, máos são os resultados. Não; vós enganais; outro é o fim da religião, outra é sua origem, outros são os fructos que de seu seio tira, e com os homens reparte.

A religião considerada em relação ao seu objecto, é destinada a representar de uma maneira mais clara e distincta a idéa de Deos; como tal é ella um elemento necessario e fundamental da *sociabilidade*; é a philosophia do povo, e a moral de todo o mundo. Si o homem tem direitos, o que nos parece inegavel apezar das theorias dos pantheistas e scepticos, tem também deveres, e o primeiro é para com seu Deos. E com Kant pensamos, que *a Religião é o complemento de todos os deveres, considerados como prescriptos pela Divindade*. Mas si nos perguntam: quem guiará o homem no cumprimento de taes deveres, e si por ventura elle não póde enganar-se? Responderemos, que basta que o homem leve suas acções ao tribunal da propria consciencia, e que si ahi se des-

liza o engano, si ella tomar o injusto pelo justo, outro guia será ainda mais susceptível de erro.

Os que contra a religião pleiteam, curam primeiro de a desligar da moral, cuidando deste geito aniquilar o seu fim, e provar por consiguiente sua inutilidade; e não vêm elles que nada mais fazem do que enfraquecer a moral, sem destruir a religião. Pretender separar a moral da religião, é pretender dar-lhe outra base, e outra base, qualquer que ella seja, não sendo a idéa do dever em sí, emanada de Deos como fonte de todas as idéas eternas, independentes da humana vontade, é falça, arbitrária, incapaz de excitar em nós nenhum enthusiasmo, e impotente para manter o equilibrio social. O homem procura em todas as cousas o invariavel, o absoluto, e não se farta emquanto o não acha. Nisto se apoia elle como base de suas acções; si porêm ao absoluto succede o relativo; si o sentimento externo e variavel succede ao sentimento interno e invariavel, que fanal seguro poderá indicar ao homem a verdade?

Não podemos crêr que a moral do interesse tenha um futuro, apezar de parecer hoje assenhorear-se do mundo; si ella tivesse sido a crença do genero humano, certo, não teria produzido tantos milagres do genio, tantas gentilezas d'armas, tantos prodigios de virtude, superiores ás humanas fraquezas. Estudemos a historia da humanidade; tudo o que ella de mais extraordinario e sublime nos mostra, si

não é inteiramente produzido por uma idéa religiosa, ao menos com ella se mescla.

O Oriente, berço da humanidade, e da civilização, é tambem um vasto templo consagrado aos mysterios de religião. Tudo alli existe de baixo da fórma religiosa. No Eypito, religião, philosophia, e poesia é uma e a mesma cousa. Legislação, astronomia, agricultura, e as boas-artes da religião dimanam, e a ella se referem. Ao espirito grego estava reservado o separar os elementos agglomerados, condição necessaria de todo o desenvolvimento, e progresso. Separados os elementos, nem por isso se tornaram independentes. As primeiras escolas philosophicas da Grecia filhas eram da religião. Dos sacerdotes Egypcios transportou Pithagoras para a Grecia a sciencia, e os costumes, e até o uso da exclusão de certos alimentos, como carnes, e favas, que, segundo o dizer de Herodoto, os padres nem sua vista supportar podiam, considerando-as como um legume impuro. Toda religiosa é a poesia grega; Homero, Hesiodo, Pindaro não cantam senão os deoses immortaes, e os Heroes por elles protegidos, e que á sua fileira se alçavam, recebendo em seus cantos as honras da deosação. As artes servem primeiramente aos deoses, que aos homens; em quanto que a architectura eleva os mais bellos monumentos á uma religião anthropomorphica, a esculptura, inspiração nimamente religiosa, toca ao

seu mais alto ponto de perfeição, materializando os deoses, e endeosando os homens.

Era ainda pelos deoses que combatiam os Gregos. Menos supersticiosa, porém não menos religiosa, a Grecia apresenta um quadro completo de civilização dimanada da religião, onde ella occupa o primeiro lugar, e n'ella tudo se converge como centro de todo o movimento. Si da patria de Homero nos transportamos á Roma, outro tanto dizer podemos. Ninguem ignora o como os Romanos religiosos eram, tocando mesmo á superstição; á pezar disso Roma era a soberana da terra. Que grande homem hoje, que conspirador veria seu animo abatido, desarmada sua coragem, só por ouvir o canto de uma gralha? Quando perdeu Roma a sua fé; quando o amor dos deoses, substituído pelo do luxo, deixou de vigorar os espiritos dos filhos dos Catões, e dos Brutos, perdeu ella sua soberania, e converteo-se em humilde escrava de tyrannos, até que expirou com elles.

Que vemos nós ainda na civilização moderna, nesta civilização que se estende por toda a Europa, lugar de seu nascimento? Nesta civilização que descobriu, e illuminou o novo mundo, e que se propaga pela Asia, e Africa? D'onde sahio ella? Quem a produziu? Quem a guiou até os nossos dias, sempre crescente, e mais rica e florescente que nenhuma antes d'ella? O Christianismo, somente o Christianismo é o fundamento da civilização moderna; foi elle quem

salvou os restos da antiga; d'elle safo a Philosophia, o Estado, a Moral, Moral sem exemplo, a Industria, as Artes, e a Poesia; em torno do Christianismo se collocam os mais sublimes genios de que se ennobrece a humanidade; os Agostinhos, Newton, Leibnitz, Dante, Carlos Magno, Tasso, Michel-Angelo, Raphaël, Bossuet, e Fenelon inspirados foram pelo Christianismo.

Todas essas luctas da idade média, essas guerras religiosas, essas cruzadas, essas invasões dos poderes entre sí, dos nobres contra os Reis, destes contra os nobres, de ambos contra o povo, e deste contra ambos, todas essas cousas grandes meios de civilisação foram, de que ganhou a humanidade. A guerra outra cousa não é mais que a lucta das idéas de baixo de uma fórma material, representadas pela força; e grandes mudanças não se operam sem lucta; a guerra é o ultimo grande meio de que lança mão o espirito, é a razão ultima; e essas guerras do Christianismo, contra as quaes tanto se tem declamado, mais uteis, mais proficuas foram ao progresso da civilisação, que todas as declamações contra ellas expendidas.

Vimos na historia da civilisação a importante parte que tem representado a religião. Transpomos rapidamente os seculos, e de uma maneira geral traçámos um quadro, que qualquer, posto que pouco ido, poderá terminar; além de que o objecto é por sí mesmo tão saliente, tão verdadeiro, que longa demons-

tração dispensa, sendo assás o que dito havemos para o nosso fim. Mas segundo as idéas variam os seculos. Uma idéa destinada a ter em tal epocha seu desenvolvimento, embarga o das outras. Assim vemos que, postoque entre sí as sciencias se sustentem, e umas das outras dependam, como ramos de um mesmo tronco, comtudo um mesmo homem não póde chegar á perfeição de uma sciencia sem ser á custa, e com sacrificio das outras. A religião teve tambem seus seculos de desenvolvimento, e esses foram sempre os primeiros de cada povo, que pela Theocracia começam os povos. Mas, por uma particularidade, que lhe é propria, e só a ella compete, seu desenvolvimento não é incompativel com os dos outros elementos, ao contrario os suppõe, os contem, e os agglomera na sua propria vida; porquanto é elle o elemento primitivo, e, por assim dizer, o nucleo da civilização. O contrario porém acontece com o desenvolvimento dos outros elementos. É assim que a vida de uma mãe não se consome para sí só, e se consagra á vida de seus proprios filhos, emquanto que o desenvolvimento de cada um destes se opera independentemente dos outros, até que um dia de sua propria mãe se separam. Não é arbitraria esta comparação, é a explicação mesma do facto.

Ha uma idéa predominante, e uma filiação na ordem moral, no mundo das idéas, como no mundo physico; causas e effeitos fazem os anneis da cadeia

de tudo o que conhecemos, e a priori, ou a posteriori descobrimos uma pela outra.

Nós vimos as epochas do dominio do principio religioso; no Egypto, na Grecia, em Roma, na idade media o achamos, contendo, e explicando todos os outros; vejamos agora em que epocha do Mundo pareceo ter elle desaparecido, e qual o aspecto dessa epocha. Primeiramente nenhum seculo ha completamente irreligioso, a differença é de mais ou menos. Si na historia da humanidade um só seculo se apresentasse completamente irreligioso, isto bastára para provar, que este elemento lhe era extrinseco; mas é o que se não observa.

Si a idéa destinada a desenvolver-se não é contraria e opposta á precedente, ella não exclue a outra, e a seu lado marcha, conquistando o tempo e o espaço necessarios ao seu augmento. Assim, si um principio que dominára, começa a decahir, e a perder sua influencia, até quasi ao ponto de perecer, a razão deste facto procural-a devemos na nová idéa dominante. Agora indaguemos em que epocha, em que parte do mundo conhecido, parecêo o elemento religioso deixar de influir, que idéa o substituiu, e que espectáculo essa epocha apresenta.

Com a luz da historia difficil não nos é marcar essa epocha, e para não irmos muito longe de nós, para podermos ver, e tocar um quadro, por assim

dizer, ainda semivivo e palpitante, lancemos os olhos sobre a França no seculo XVIII.

Qual é o homem um tanto lido que não conheça o espirito desse seculo representado pelos philosophos *encyclopedistas*? É o seculo do movimento philosophico, assim o chamam; mas sua philosophia outra cousa não é senão a promulgação cathegorica e dogmatica da theoria da sensação, como a unica expressão da verdade, e a derradeira da philosophia, ante a qual tudo devia calar-se, além da qual não podia ir a intelligencia. A seu lado vem a *moral do interesse*, como consequencia necessaria de tal principio; uma exclusão completa, uma guerra de morte ao Christianismo, e a todas as idéas religiosas; em fim, fóra do sensualismo, e do egoísmo nenhuma verdade havia para elles; todas as armas são empregadas, e na falta de razões suppre o ridiculo. Não podemos deixar de citar estas palavras de M. Chateaubriand: „Eram os Encyclopedistas os homens mais intolerantes, e por isso é que os não posso soffrer. Eu os tenho como hypocritas da liberdade, como falços apóstolos da Philosophia, que tomaram o humor de sua vaidade ferida por um sentimento de independencia, seus ruíns costumes por uma volta ao direito natural, e seu furor irreligioso pela sabedoria. Não foram suas doutrinas que produziram a parte bôa do fundo de nossa revolução; nesta revolução só lhes devemos a mortandade dos padres, as deportações para Guyana, e os cadafalços!“

Mas prosigamos a revista dos principaes actores deste drama.

Voltaire, essa extravagante e extraordinaria mistura de genio e de ridiculo, o auctor de Zaïra, é tambem o auctor da Pucelle! Elle combateo com todas as armas o Christianismo, que lhe inspirára suas obras primas, e lhe assegurára o logar de honra entre Corneille e Racine. Holbach apresenta o seu tão celebre *Systema da Natureza*, em que chega a confessar o atheismo, e a possibilidade de uma sociedade de atheos.

Helvetius funda a moral no interesse individual; e ao mesmo Voltaire tão extranha pareceo essa obra, que assim d'ella se explica: „dir-se-ha que o auctor quer que se não seja governado nem por Deos, nem pelos homens,“ e mais adiante: „a moral é gravemente ferida no livro de Helvetius.“ Volney compõe o Cathecismo *da Religião Natural*, que elle pretende impor ao homem social! Um grande numero de auctores subalternos, mais ou menos nomeados, enchem as fileiras dos combatentes contra a religião. O combate está decidido; todos pensam em philosophia como Condillae, em moral como Helvetius, em religião como Volney, e Holbach. Quaes são as consequencias desta trina alliança? Que penhores dá ella, para ousar pedir tempo, e espaço para seu progresso? Que espectáculo apresenta tal seculo? Com a historia diante dos olhos, esse depoimento dos povos, a todas essas ques-

tões facil nos fôra o responder; mas preferimos ceder a palavra a um erudito philosopho, nascido nesse mesmo seculo, e que ao nosso pertence, a um observador profundo, cujo nome, adquirido em longo estudo, é uma segurança para a verdade.

M. Cousin, fallando sobre a philosophia do seculo XVIII assim se exprime: „Qual poderá ser o governo de uma tal epocha? Não será certamente um governo livre, fundado sobre o conhecimento e o respeito dos direitos da humanidade; porque como poderiam ser taes direitos presumidos, revendicados, e conquistados? A philosophia da sensação, e do egoismo devia ser contemporanea de uma ordem social sem dignidade, de um governo absoluto, porém per sí mesmo cahindo de fraqueza e de corrupção. Implica que então podesse qualquer imperio ter tido sobre as almas a religião; porquanto toda religião, qualquer que ella seja, outra doutrina inculca, e não o predominio dos sentidos, e do prazer. As artes, e a poesia pequenas e mesquinhas deviam ser de necessidade; porque implicaria ainda que grande fosse a fórma do pensamento e do sentimento, quando carencia havia de grandeza ao sentimento e ao pensamento.“

A este quadro traçado pela mão do philosopho ajunctamos os versos de um celebre poeta desse seculo. Gilbert fez a satyra do seculo XVIII, fiel retrato cheio de verdade, e de expressão, no qual se mostra

philosopho, moralista, pintor, e poeta. Mas assás longa é ella para este logar, e para o ponto em questão basta o seguinte extracto, em cuja traducção mais que tudo tivemos em vista a fidelidade litteral.

Cresce um monstro em Paris, e se vigora  
 Co' o manto ornado da philosophia,  
 E revestido assim co'um falço nome,  
 A verdade, e os talentos aniquila.  
 P'rigoso innovador, co' o impio systema,  
 Do céo quer expulsar o Ente superno,  
 E que a sorte do corpo alma soffrendo,  
 Por dupla morte ao nada o homem chegue.  
 Mas de aspecto feroz não é tal monstro,  
 E, em nome, habita-lhe a virtude os labios.  
 Reformador astuto do universo,  
 Traçou primeiro, do segredo á sombra,  
 Os seus escriptos propagar; proscripto,  
 Porém subtil na sua desventura,  
 Bem depressa co'um sceptro a dextra armando,  
 Governando o Parnaso, esse Tyranno  
 Das boas Artes, dos mortaes deos novo,  
 Aras roubou aos diffamados deoses;  
 E quando nessa idolatria a França,  
 Qu'elle corrompe, a barbaria toca,  
 Fiel o monstro a nos gabar seus erros,  
 Sobre nossa deshonna até cegou-nos\*.

\* A grande difficuldade de traduzir versos francezes em portuguez em materia sobre tudo, que requer rigorosa fidelidade, forçamos a dar o original deste extracto, para aquelles que a lingua conhecem, e que talvez não possam obter um exemplar dos obras de Gilbert, entre nós pouco nomeado.

É o mesmo objecto tratado poeticamente. Mas este systema philosophico, representado como um monstro, que invade o céo, e a terra, que pretende destruir Deos, e a religião, que aniquila a virtude, o talento, a poesia, e as artes, é a verdade do quadro traçado pelo philosopho; e nós, ao lado do outro, o apresentamos, para mais cabal testemunho que toda idéa que se oppõe de frente á religião, de rasto leva a moral, a poesia, e as artes; e que a moral do egoismo é uma arvore perniciososa, só destinada a dar amargos fructos á humanidade.

Un monstre dans Paris, croit et se fortifie  
 Qui, paré du manteau de la philosophie,  
 Que dis-je? de son nom faussemment revêtu,  
 Etouffe les talens et détruit la vertu :  
 Dangereux novateur, par son cruel système,  
 Il veut du ciel désert chasser l'Être Suprême :  
 Et du corps expiré l'ame éprouvant le sort,  
 L'homme arrive au néant par une double mort.  
 Ce monstre toutefois n'a point un air farouche,  
 Et le nom de vertu est toujours dans sa bouche.  
 D'abord, de l'univers réformateur discret,  
 Il semait ses écrits, á l'ombre du secret,  
 Errant, proscrit partout, mais souple en sa disgrâce ;  
 Bientôt, le sceptre en main, gouvernant le Parnasse,  
 Le tyran des beaux arts, nouveau Dieu des mortels,  
 De leurs dieux diffamés usurpa les autels,  
 Et lors qu'abandonnée á cette idolátrie  
 La France qu'il corrompt, touche á la barbarie,  
 Fidele á nous vanter son parti suborneur  
 Nous a fermé les yeux sur notre déshonneur.

Outra coisa podemos ainda fazer: transportemos essa triade philosophica, moral, e religiosa a outro paiz, e procuremos seus resultados. É pelo methodo experimental que devemos marchar nas cousas humanas. Desta vez não iremos a paizes estrangeiros; queremos apresentar um quadro vivo, e que ante os olhos esteja de todos os nossos leitores. Eis ahi o Brasil. Olhai, e examinai-o bem; estudai o seu character, e vede sua idéa dominante. É pelo Brasil, e só para o Brasil que escrevemos; melhor que nenhum outro paiz o conhecemos; extranho não parecerá de certo, que observemos o que n'elle se passa.

O Brasil collocado em outro hemispherio, em outro continente por muito tempo fóra do contacto da civilisação européa, tendo de trilhar a estrada, que a nova civilisação lhe marca, de nenhum modo póde ter por presente o presente da Europa, centro hoje da civilisação. Impellido mais tarde ao movimento, falto de molas que o activassem, lentamente devia tocar os differentes grãos que a civilisação européa, em sua marcha, após si deixára; seu presente é pois o passado do centro illustrado da Europa. Ora, como os elementos de uma epocha, segundo vimos, estão sempre em harmonia, indifferente nos seria começar a analyse por este, ou por aquelle, para chegarmos ao resultado; seguindo, porém, a ordem que a questão demanda, tomemos a moral, base do Estado.

Ninguem dirá certamente, que ahi domina a

moral do dever, a moral religiosa. A moral livre é a unica que ahi se conhece; a moral do interesse, tal como ensinára Helvetius, é a unica praticada. O Tratado de Legislação de Bentham é o codigo dos legisladores. A philosophia ensinada nas escolas á mocidade é a das sensações; a theoria de Condillac, de Cabanis, e de Tracy, theoria que em rigorosa consequencia no materialismo esbarra, é a geralmente conhecida, e abraçada como um dogma, como uma verdade incontestavel, em fim como a ultima expressão da philosophia. Vejamos agora qual é a força moral de seu governo; qual o estado da industria, das artes, da poesia, e da litteratura. O philosopho, que citámos, podia livremente fallar de um seculo que não era o seu, de um seculo que morrêra, de um seculo cujas personalidades, e paixões não receiava estimular, mas nós, face á face collocados com o seculo em questão, cercados de tantas individualidades, de tantas paixões, ser-nos-ha relevado por ventura o explicar-nos com a mesma liberdade e franqueza, com a mesma calma de espirito, e socego de coração? Ser-nos-ha licito affrontar todas as susceptibilidades, e poderemos levar até as ultimas consequencias a analyse philosophica dos principios da moral anti-religiosa? Difficil é sem duvida para o escriptor consciencioso uma tal posição; de um lado teme faltar á verdade, do outro receia molestar as susceptibilidades; mas eis que uma lembrança nos surge, e nos tira da difficuldade.

Um homem que entre nós goza de uma reputação colossal pela vastidão de seus talentos; um homem que se elevára aos mais eminentes logares da Nação, dirigindo mesmo por algum tempo seus destinos; um homem em summa filho do XVIII seculo, e que professa sua doutrina, dice no recinto da camara dos Deputados, que o Brasil só fazia progressos na immoralidade. Sua voz teve echo, e o sentimento da approvação foi manifestado. Terrível proposição! Será a expressão dos factos, ou da acrimonia de sua bilis? Como porêem nas cousas humanas toda a proposição exclusiva claudica, si muito se generalisa, salvas as excepções desta, uma força superior á nossa vontade nos obriga a abraçar-a como certa. Por ventura tem ahi o governo a convicção de sua força? e os cidadãos a certeza da segurança de seus direitos? O que indica a contínua reforma das leis, que só tende a enfraquecel-as, como definham os arbustos mil vezes transplantados? O amor da patria, phrase tão repetida, e que se torna vasia de sentido, é ahi por ventura capaz de nobres sacrificios? Que character elevado, independente e justo mostram os magistrados, e publicos funcionarios, objectos de continuos clamores, e das invectivas dos diaristas? E que energia em fim revela essa mocidade enervada pelas doutrinas do prazer, que se infatua com uma falça apparencia de sciencia, e que ajuiza, critica, e dicide das cousas mais sublimes com a mesma ostentação e petulancia de um charlatão

publico das ruas de París? Mas para que numerar factos? Não é isto o que todo o mundo vê? Não se queixam os homens sensatos dessa sêde insaciavel de dominar, que faz com que o merito, de envolta com a torrente da ignorancia que de todos os lados se desaba, em redomoinho desapareça? E taes actos podem acaso ser consequencia da idéa do justo e do dever prescriptos pela Divindade?

Si é certo, como cremos, que nossas acções revelam nossos pensamentos; si não obramos senão em consequencia de uma idéa, de que o acto é a realização, por quanto não se dá effeito sem causa, onde acharemos a causa do que vemos? a causa está só nas falças idéas que entre nós lavram. E note-se que as idéas, e só as idéas podem moralizar, ou desmoralizar os povos; são as idéas de uma incompleta theoria philosophica, mal interpretada, que, oppoñdo-se á sanctão religiosa, e á moral do dever, destróem todos os sentimentos nobres de virtude: ora, quando essas tres potencias, que são as grandes visceras do Estado, soffrem, impossivel é que o contagio se não propague.

Mas a bem da verdade digamos, que do mesmo modo que o homem vive por algum tempo com um pulmão ulcerado, ou com uma aneurisma no coração, até que a molestia toque a seu ultimo período; assim o Estado, ferido gravemente nas suas partes mais sensiveis, resistê ao gravame do mal, e moribundo se arrasta, até que uma nova força o regenere. Graças á

Providencia, o resto de vida que se concentra em alguns homens, é ás vezes bastante para aniquilar os terriveis effectos do contagio.

Mas tres objecções nos podem oppor os discipulos de Hobbes, e de Helvetius; 1° que nós exageramos os factos. 2° que taes consequencias não são filhas dos seus principios. 3° que a vida pura, e nobre procedimento de um grande numero de philosophos que taes doutrinas pregaram, dão cabal testemunho, que incompativel não é com a virtude o egoismo.

Quanto á primeira objecção toda de facto, appellamos para a observação, e para a consciencia de todos. Vejamos a segunda. Emquanto a moral do dever nos obriga a obrar desta ou daquella maneira independente de todos os calculos de felicidade, a moral do egoismo nos constitue juizes de nossas acções, dando-nos como regra o interesse, e a felicidade por fim; desde logo a idéa do justo desaparece, e a mais heroica virtude passa a ser um interesse, consequencia a que ousadamente chegou Bentham. Desde logo, o prazer e a dôr se levantam, para designar-nos o bem e o mal. Nada é mais lisongeiro do que semelhante principio; nada, porém, nos arrasta a consequencias mais absurdas.

Prescindindo da idéa do dever, adoptando o interesse por guia, muitas vezes hesitamossem saber ao que devemos dar a preferença, procurando o que nos trará maior somma de felicidade; e como só o resultado

póde decidir, nada será mais incerto e variavel do que a moral. De rigor, procurando o homem justificar suas acções, folga quando neste genero de moral acha um principio em que se apoie. Como a virtude no egoismo não consiste na submissão do individuo a uma idéa que se apresenta com o character de lei absoluta, prescrevendo ás vezes a abnegação de sí mesmo, mas sim na maior somma de prazer, facil lhe é o ser virtuoso: e appellando para á natural disposição de sua organização, fica livre ao salteador o roubar, porque d'ahi lhe surte um prazer, e a satisfação de sua alma corrupta; ao governo é dado o aspirar á tyrannia; ao empregado publico á di lapidação do Estado; fica o campo aberto a todas as ambições; a mocidade licenciosa entôa com Anacreonte o cantico de amor; lança um anathema sobre as leis sociaes, e invoca em apoio de suas voluptuosas torpezas as leis da sua organização, que ella denomina leis da natureza. Clamam as mulheres contra a tyrannia dos homens, e dizem: quem vos dêo e direito de coarctar nossa liberdade? Por ventura não fazemos parte da humanidade? Deve a nossa vida ser um contínuo sacrificio ao vosso prazer? Não teremos a iniciativa na escolha da nossa felicidade? Taes são as consequencias immediatas da moral do interesse. Mas direis vós: o interesse deve ser bem intentido, e assim é que o concebemos. Bem, e qual será o guia na bôa intelligencia do interesse? Será o prazer? E por ventura cifram todos o prazer em um

mesmo objecto? O que para um é prazer, é para outros uma dôr. Devemos porventura determinarmo-nos sempre para tal , ou tal acção, logo que ella se nos antolhe como podendo dar-nos algum prazer?

Si nos dizeis, que tal acto, posto pareça trazer-nos a felicidade, e causar-nos prazer, pôde enganar-nos, e não o devemos praticar; responderemos com a philosophia da sensação, que sendo a pedra de toque do prazer o nosso proprio sentimento, a elle devemos recorrer, e por elle guiar-nos, e não pelo vosso. D'outro lado, jamais podereis provar ao incestuoso, por exemplo, que elle não deve sentir prazer no crime, porque disso lhe não surte interesse; e que por tanto se deixe guiar por vós na escolha de suas acções; si o fizerdes, annullareis o guia que primeiro lhe havieis dado, impondo-lhe uma lei fóra de sua organização, independente de sua vontade; prescreveis-lhe um dever, e immediatamente aberrais dos vossos principios, e cai vosso systema. De duas, uma; ou o prazer é o nosso unico guia, ou não é; si é, tomai como consequencias ligítimas da vossa theoria o que á cima apon-támos: si não é, então é falço o vosso systema.

Resta a terceira objecção, que nada prova em vosso favor. A vida dos sophistas não marcha em harmonia com suas idéas. Além de que todos os homens não são assás instruidos, para se poderem determinar por esse movel tão variavel, tão sujeito a degenerar-se, e oppor na mór parte dos casos uma resis-

tencia ás suas inclinações. Taes sophistas assimilham-se aos dançarinos de corda, que, porque bem n'ella se equilibram, assentam que todos devem imital-os; ou aos fortes nadadores, que, podendo por um longo habito permanecer por algum tempo de baixo das ondas, julgassem por isso que são os homens animaes aquaticos. Os discipulos seguem sempre a doutrina dos mestres, e raras vezes o seu exemplo. Foi Epicuro na Grecia o representante dessa philosophia que Hobbes, Gassendi, Shaftsbury, Helvetius, e Bentham depois desenvolveram. Segundo Diogenes de Laercio, sua virtude foi marcada com illustres caracteres; elle soffria as dores, e as privações com a intrepidez de um estoico; e entretanto o que sahio de sua escola? Seus discipulos, longe de imitar a vida do mestre, interpretaram á letra suas maximas, e com o nome de epicurista se designa o homem entregue á devassidão. Postoque as palavras tenham um valor convencional e relativo, e devam ser interpretadas, comtudo assim não acontece no trato geral; o povo lhes dá sempre um valor real, e as identifica com as idéas, a que elle se acostumára a vel-as ligadas. Por isso impunemente se não póde alterar a sua signifição; e os philosophos que fundam uma theoria sobre palavras que já teem uma determinada accepção, dando-lhes um sentido differente, correm o risco de não serem entendidos, e de verem de seus principios sair perniciosas consequencias.

Resumiremos este artigo, dizendo, que a religião é um dos mais fortes elementos da sociabilidade; que a moral do interesse não é moral; que a ella devemos todos os males com que luctamos; que com ella toda politica é má; que com ella jamais poderemos engrandecer-nos. O interesse avilta todas as idéas, e repudia todos os grandes sentimentos. Convêm que o governo ao menos uma vez lance os olhos sobre a mocidade; que faça ensinar nas escolas uma moral pura, uma philosophia san, e nutra o sentimento do amor divino. Nada podemos hoje temer do fanatismo religioso, ao contrario tudo soffremos do estado actual; e quando o governo não considerasse os meios indicados senão como outras tantas idéas peçadas de crueis consequencias, ainda assim por um conselho da politica devia lançar mãos d'elles, para destruir o mal existente, como o pratico entendido se serve com proveito de um veneno para atalhar o progresso da enfermidade.

1836.

# BIOGRAPHIA

DO PADRE MESTRE

## FREI FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE.

---

Entre a data do nascimento e a da morte de um homem illustre ha um vasto campo de flores e fructos, mais proficuos a quem os colhe do que a quem os cultiva; porque não ha louvores que compensem os sacrificios desses verdadeiros martyres da gloria das Nações. Grato é fallar desses varões prestantes, cujos ossos conservamos como preciosas reliquias, quando tantas vezes fomos insensiveis testemunhas dos tormentos de sua alma. Mas o tributo de saudade que hoje consagro á memoria do illustre Frei Francisco de Monte-Alverne não é a tardia paga do avaro; pois que em sua vida lhe dediquei cantos de admiração e de amizade, não comprados por favores, que nada tinha esse frade que dar, como de nada precisava do mundo, além dessa pura amizade, nascida da espontaneidade de nobres sentimentos; e jamais dei louvores a quem por virtudes os não merecesse.

Nasceo Monte - Alverne na cidade do Ríó de Janeiro, em 9 de Agosto de 1784, e na pia baptismal

da Freguezia da Sé recebeu o nome de Francisco José de Carvalho; o de Monte-Alverne lhe foi dado no convento. Foram seus legitimos pais João Antonio da Selveira, natural da ilha do Pico, e Anna Franciscia da Conceição, nascida e baptisada na Freguezia de Nossa Senhora da Guia, do Bispado do Rio de Janeiro.

Ter um filho frade era no Brasil colonial desse tempo grande honra para uma familia; além de que, não havendo então no paiz Academia alguma onde os moços talentosos se habilitassem para a pratica de qualquer sciencia, não sabiam os pais que direcção podessem dar aos filhos que mostravam grande aptidão para o estudo, senão dedical-os á Igreja, si lhes faltavam meios para mandal-os estudar em Coimbra.

Entrou o joven Francisco de Carvalho na idade de 17 annos incompletos para o convento de Sancto-Antonio do Rio de Janeiro, e tomou habito em 28 de Julho de 1801. Começou logo a distinguir-se tanto pelo seu talento e applicação, como pela sua gravidade. Sendo eleito, em 7 de Abril de 1804, o respeitavel Frei Antonio de Sancta - Ursula Rodovalho para guardião e reitor dos estudos do convento de São Paulo, com elle partio o noviço Monte-Alverne, que alli o tive por mestre. Esse illustre religioso, natural de Taubaté, tão considerado no seu tempo pelo seu saber e virtudes, sendo depois Provincial, foi nomeado Bispo para Angola, em 1810; dignidade que elle

modesto renunciou, bem como o Provincialato, e todo se occupava em traduzir e commentar — *La Religione dimostrata e difesa* de Alexandre Maria Tassoni, quando o assaltou a morte.

Na cidade de São-Paulo foi Monte-Alverne ordenado de presbitero em 1808; nomeado pregador em 1810, e lente de artes em 1813. Voltando ao Ríó de Janeiro já com grande reputação, foi nomeado lente de prima e pregador regio em 1816; theologo da Nunciatura apostolica e examinador da Meza de consciencia e ordens em 1818; guardião do convento da Penha em 1819; Secretario da Provincia em 1824, e custodio da meza no anno seguinte. Por provisão do Bispo capellão-mór D. José Caetano da Silva foi pedido ao convento para lente de philosophia e rethorica no seminario episcopal de São-José, onde tambem ensinara philosophia Frei Rodovalho seu mestre, e eloquencia sagrada o distincto orador e poeta São-Carlos, que se immortalisou com o seu poema da Assumpção da Sancta Virgem, hoje mais afamado que lido.

Era Monte-Alverne de alta estatura, de uma organisação forte, musculosa e secca; curvava-se um pouco para diante quando caminhava, porque bastante myope desde a sua juventude, procurava ver onde punha os pés; fóra disso, mantinha-se direito com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, pallido e severo, o que tão bem se moldura no negro

capuz do cenobita. Muito alta a frente, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabellos, tanto pelo começo da calvicie, como pelo circilio, e que pretos tinham sido na mocidade. Grandes, rasgados e bem desenhados os olhos, em que se expressava o enthusiasmo na constante dilatação das palpebras e firmeza do olhar. Os supercilios, contrahidos sempre pelo habito da meditação, e por esse esforço que fazem os myopes para ver, formavam um profundo rego sobre a raiz do nariz, o qual longo o direito se elevava, descrevendo com a linha da base um angulo ligeiramente obtuso. A boca e os labios mui contorneados e moveis eram de uma bella fórma, e exprimiam desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos intellectuaes, e monotonia da vida. Posto que grave de character e de costumes era mui expansivo, e ria-se com prazer entre os amigos. Sua sensibilidade moral com facilidade se exaltava; applaudia com transporte o bello e o sublime em todas as cousas, e do mesmo modo se indignava de tudo o que lhe parecia moralmente feio e reprehensivel.

Existe d'elle um retrato parecedissimo, feito em 1830 pelo nosso commum amigo M. de Araujo Porto-alegre, a quem coube o triste dever de acompanhar á sepultura o corpo do nosso mestre, e dizer-lhe o ultimo adeos com palavras dolorosas, antes que para sempre o cobrisse a terra.

A voz de Monte-Alverne era forte, prolongada,

flexivel, e de um timbre cavernoso e aspero; o que porêm n'elle não era defeito, antes lhe augmentava a energia, e dava-lhe uma vibração metálica que retenia no mais vasto templo, e perfeitamente se ouvia nos corredores lateraes. Declamava com muita emphase, como quem tão fortemente sentia o que expressava, accentuando todas as syllabas, que echoavam por modo tal que nenhuma se perdia. Seus movimentos cuidadosamente estudados, eram sempre precisos, largos e majestosos, e tão sublime dominava o pulpito, que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se póde imaginar mais perfeito modelo de orador sagrado. Tantos annos foi mestre, no pulpito e fóra d'elle, e onde estão os discipulos? O genio é raro, e mesmo para imital-o é necessario talento, que tambem anda escasso. Os mestres desenvolvem, aperfeiçoam as faculdades dos que as teem, mas não as criam.

Os seus sermões impressos em 4 volumes<sup>o</sup>, onde brilham todos os dotes de um espirito elevado e enriquecido de solidos e profundos estudos, sempre ungidos de não vulgar eloquencia, mas nem sempre modelos de castiça linguagem, que elle sacrificava ás vezes á novidade da phrase; esses sermões ahi estão para dar testemunho aos vindouros da forte intelligencia que os produzio. Vastidão de doutrina, elevação de pensamentos, imagens sublimes, elocução brilhante, tudo achareis nesses monumentos escriptos que nos

ficaram, e ainda bem que se não perderam como tantos outros dos seus dignos emulos São-Carlos e Sampaio; mas quem no futuro poderá imaginar a vida e acção que lhes dava essa voz podigiosa do gigante do pulpito?

Eu assisti aos seus mais bellos triumphos oratorios; senti essa commoção electrica que se propagava em todo o vasto auditorio, pasmado ao som dessa voz portentosa. Ouvei essa oração funebre, recitada na Igreja do convento de N. S. da Ajuda, no dia 15 de Fevereiro do 1827, por occasião das exequias da primeira Imperatriz do Brasil D. Leopoldina; oração que não cede em sublimidade ás mais notaveis de Bossuet. Presente alli estava toda a Corte, e de baixo do docel luctuoso Pedro Primeiro, o Imperador viuvo, não occultava as suas lagrimas; e quando ouviu aquella voz tremenda do orador rebombar como em uma caverna sonora: — Deos esmaga nas barreiras do tumulo todos esses gigantes da terra; dilacera a purpura dos reis, quebra os sceptros e as coroas, e estende a mão á virtude, que se levanta gloriosa no meio de todos esses destroços magnificos, sobre o pó das gerarchias, do fausto, e das mais brilhantes condecorações!“ quando ouviu estas palavras, o Imperador curvou a cabeça, e os cortesãos que as tinham baixas, ergueram os olhos ao orador, como pasmados de tanto arrojo.

Ouvei essa oração de graças pelo anniversario do

juramento da constituição do Imperio, pregada na vasta igreja de São Francisco de Paula, no dia 25 de Março de 1831, treze dias antes da abdicção do Imperador Pedro 1º, que inesperado veio assistir ao *Te Deum*, mandado celebrar pelos habitantes do Ríó de Janeiro, como uma manifestação dos seus sentimentos constitucionaes, contra as tendencias do Governo, que então se accusava de idéas retrogradadas. Ouvi-o nesse dia, o seu mais bello dia, em que o coração do patriota, reunindo o entusiasmo de tantos corações, se expandia mais que nunca na voz formidavel do orador; e não creio que a voz de nenhum profeta divino possa abalar mais fortemente os corações das turbas. Lagrimas arrancadas pela commoção saltavam de todos os olhos, quando o ouviram exclamar: — Acreditai, é do vosso peito que rompem as chammas do entusiasmo em que se abrasa o coração do orador, este coração que só bate por uma patria querida, que se reanima com o calor desta liberdade que não aqueceo os ossos de nossos pais.“

Era preciso vel-o, e ouvil-o para se ter idéa do que póde um orador.

Essa voz tempestuosa de Monte-Alverne ainda resôa em meus ouvidos, porque vibrada todas as cordas do coração. Essa voz estava quasi extincta, quando depois de longos annos de repouso, cançado por continuas enfermidades, o viram reaparecer em 1855, já de todo cego, para tecer o panegyrico

de São Pedro de Alcantara, nesse pulpito da Capella Imperial que tantas vezes tremera de baixo do peso do colosso da palavra. Elle alli reaparecêo como uma sombra do que fôra, evocada pelo Imperador Pedro Segundo, que desejava ouvil-o; e essa sombra ainda tropejava, e disparava raios que encheram de admiração aos que não tinham ouvido o orador em melhor quadra.

Nem considero por pouca ventura minha o tel-o ouvido, e conhecido de perto nessa epocha, em que os Brasileiros recêm surgidos do estado colonial, cheios de esperanças no futuro, tinham mais veneração aos seus homens illustres, mais dedicação ás lettras, mais pureza d'alma, e menos amor ao ganho, que hoje corrompe os costumes, deprava os corações, e lhes inspira tedio e desgosto ao bello e ao justo que não fundem dinheiro, unica mira dos tão proclamados interesses materiaes, que nos vão materializando o gosto, e petrificando a consciencia. Em todos os tempos cuidaram os homens desses interesses, mas nunca os converteram em moral, em religião, em fórmula de governo, e em principio exclusivo e regulador dos deveres do homem, como nestes ultimos tempos.

Nascido como Monte-Alverne nesta mesma cidade que se ufana de ser patria de mais tres grandes oradores sagrados, os Padres Caldas, Sampaio, e São-Carlos, que quasi contemporaneos floreceram, desde os meus mais tenros annos o conheci como orador, e

nas festividades em que elle pregava, no meio sempre de immenso concurso de admiradores, jamais deixava eu de estar presente, bem collocado com antecedencia, para não perder um só dos seus movimentos tão expressivos, tão energicos, como iguaes nunca vi, nem os verei em outro. Mas só o tratei de perto desde que, por occasião de dar-se á sepultura o corpo do grande orador Sampaio, seu confrade, que falleceo em 13 de Setembro de 1830, chorando recitei uma elegia, que corre impressa no primeiro volume das minhas obras. Monte-Alverne, que estimava o seu emulo, e era dotado de uma sensibilidade moral excessiva, com as lagrimas nos olhos veio a mim, e abraçando-me, dice: Menino (seja-me permittido referir aqui as primeiras palavras que me dirigio esse grande homem). Menino, em outro tempo eu vos convidaria a vir nesta communitade tomar o logar que fica vago; hoje porê m melhor destino espera o talento. Mundo por mundo melhor é o grande para quem tão moço sabe chorar e fazer chorar por um frade.“

Parece que aquella alma tinha penetrado o segredo de meu coração. Todas as minhas tendencias eram então para a vida claustral, que se me representava como a elevação do espirito, a tranquillidade da existencia, o retiro do mundo, o desprezo das vaidades humanas, e o melhor caminho do pulpito que me fascinava. Mas em contrario se manifestou o destino pela opposição de meu pai, a quem eu não

desejava desobedecer, e pelos conselhos de Monte-Alverne: A vida do claustro, dizia-me elle, si não é o consorcio instinctivo com a humildade, é um martyrio sem merito; porque não ha enthusiasmo que lento sustente por uma vida inteira o sacrificio forçado das mais imperiosas paixões humanas.“

Não sei si deva hoje agradecer esses conselhos de amigo; que ignoro si teria soffrido e chorado mais entre os estreitos muros de um claustro, que por este vasto mundo, em que me traz errante o destino, deixando o pensamento e o coração repartido por tantos cemiterios.

Nossas relações mais se estreitaram depois que em 1832 alistei-me como alumno ouvinte na sua aula de philosophia, no seminario de São José, onde elle então residia. E pois que me leva a memoria a esse tempo feliz da juventude, de tão grata recordação no declinar da vida, em que se vão apagando uma a uma as illusões sonhadas na manhã da existencia, como um resto de luz no crepusculo da tarde, recordarei aqui um facto em que se pinta o character do homem, cuja perda choramos.

Nos ultimos mezes desse anno escolar organisaram os discipulos de Monte-Alverne uma pequena sociedade, com o fim unico de se prepararem para os exames, e defesa das conclusões; solemnidade de aparato, que infelizmente vai cahindo em desuso, e na qual, por honra da escola, os discipulos mais provecctos

sustentavam em publico algumas theses escriptas, que se distribuíam pelos assistentes; sendo convidados para objectar nessa occasião homens de reconhecido saber. Esse uso, que deveríamos conservar, tinha a vantagem de animar o zelo do professor, estimular a applicação dos discipulos, e chamar a attenção publica sobre a importancia da sciencia.

Para presidir a esses actos, com obrigação de sustentar a doutrina da Aula quando fraqueasse o defendente, escolheram-me os escolares de Monte-Alverne, os quaes alternativamente se dividiam em arguentes e defendentes. Soube disso o Professor, e veio assistir aos nossos modestos exercicios, e animal-os com a sua presença. Na primeira reunião inesperado apresentou-se elle. Desci logo da cathedra, e pedi-lhe que tomasse o posto que na sua ausencia eu ousara profanar. Recusou com boas palavras, e obrigou-me á voltar á cadeira, si o queriam alli vel-o, e tomou assento entre os ouvintes.

Sua presença impoz-nos tal respeito, que a argumentação começou tímida e fria, e assim continuava. Com o intento de animar-nos pediu elle licença para apresentar algumas objecções; e como o estudante a quem se dirigia, intimidado pela palavra do mestre, nada podesse responder, cumpria-me ir em seu socorro. Travou-se o dialogo entre nós, e no calor da argumentação elle e eu nos inflamamos; eu animado, porque sustentava a sua doutrina, minha victoria seria

do mestre; e elle porque, não desejando ser vencedor, talvez receasse parecer vencido por um joven de 20 annos. Não que pueril vaidade o incitasse, mas porque, conhecendo por longa experiencia o quanto os moços applaudem e exageram o ephemero triumpho de um dos seus contra os provecos em saber e annos, receava talvez em prejuizo da dignidade de professor parecer realmente vencido, si cedesse, quando eu tão cathedratico me exprimia. E como me elle apertasse cada vez mais com fortes argumentos, e eu percebesse que se regosijavam os discipulos com a minha resistencia, moderando a voz lhe dice: Si esta cadeira se achasse agora occupada por meu mestre, todos esses argumentos desapareceriam como o fumo. Mas temo verificar a fabula de Phaetonte tomando a direcção do carro do sol. Ao que elle promptamente replicou: O coração do mestre se regozija de um tal alumno; e eu não sei o que mais deva admirar, si a intelligencia, ou a modestia do discipulo, que tão digno se mostra de ser mestre“. Descendo eu logo da cadeira, e pedindo-lhe me desculpasse o ter tão mal sustentado a sua doctrina, em alta voz respondêo: Si assim a sustentassem todos, deixaria eu de ensinar.“

Posto que exagerada fosse essa prova de sua modestia, ella realçava o character do sabio, que conscio da grande inferioridade do seu jonven contendor, o erguia aos olhos de todos.

Entretanto passava Monte-Alverne por muito or-

gulhoso; porque de ordinario confundem a gravidade do homem superior, que repelle com dignidade os desdens das almas vulgares, com essa altivez dos homens mediocres, indignamente elevados pelas circumstancias; ou talvez que habituado ao enthusiasmo e aos triumphos dos seus exercicios oratorios, não se amoldava a esse fallar affectado, a esses gestos fagueiros, o mais das vezes fingidos, que só se adquirem no trato do commum dos homens, em cujo attrito se gastam e brunem os caracteres. O orgulho no homem de genio é muitas vezes o enthusiasmo que os inspira; é a elevação mesma do pensamento, e a manifestação exterior de uma consciencia que se applaude por haver bem merecido: — Parla! exclamou Michel-Angelo, dando a ultima pancada de martello na sua estatua de Moysés. Por esse nobre orgulho do genio offendido por mal apreciado, diz o epico portuguez, fallando ao Rei:

Nem me falta da vida honesto estudo  
 Com longa experiencia misturado;  
 Nem sciencia; o que aqui vereis presente,  
 Cousas que junctas se acham raramente!  
 . . . . .  
 Só me fallece ser de vós aceito,  
 De quem virtude deve ser presada.

A este respeito vem-me a memoria um facto occorrido entre Monte-Alverne e Sampaio, e que mostra, perfeitamente o caracter de ambos. Aspirava este ultimo a um Bispaado, que lhe tinha sido promettido por

quem então tudo podia entre nós, e a que elle tinha direito pelo seu reconhecido talento, e pelos serviços que com a penna prestára na epocha da nossa independencia. Eis que, já nos ultimos annos de sua trabalhosa vida, vio com pasmo e grande mágoa dada a mitra que esperava a um padre de pouca nomeada, que a obtivera por intermedio de uma mulher influente, a quem se dava por maior rendimento a venda de empregos, titulos e dignidades.

Dias depois foi o Imperador Pedro 1º assistir a uma festividade no convento de Sancto Antonio. Pertencia o pregar nessa solemnidade ao padre Sampaio, como orador mais antigo e graduado, e igualmente lhe cabia a honra de servir ao Monarcha, no jantar que depois da festa lhe davam os religiosos. Pregou Sampaio com aquella fluida e encantadora eloquencia, que lhe era tão natural e espontanea, que ao ouvil-o assim improvisar com tanta segurança e belleza, diceras que repetia estudado discurso. Com difficuldade descêo do pulpito, que já então lhe pesava o volumoso corpo, não pelo gravitar dos annos, senão pelo rheumatismo que lhe tolhia os membros. Não obstante, querendo talvez com sua presença e humilidade de pretendente queixoso tocar o coração do Soberano, e dos Ministros que não attenderam a seu merecimento, cocheando sahio do seu cubiculo, contiguo á sala em que armada estava a mesa, e ia se collocar atrás do Imperador, quando Monte-Alverne indignado

indo-lhe ao encontro, e travando-lhe o braço, bradou: Padre Mestre! não se vá rebaixar! Quer que tomem a sua humildade religiosa por villezia d'alma, que se não resente da injuria recebida?" E Sampaio, entrando em sí, e obedecendo á voz sublime do companheiro, só respondeo: Tem razão; a minha ausencia será mais eloquente." E ambos se recolheram á mesma sella.

Bem diversos eram os caracteres como as physionomias desses dous grandes oradores. A sublimidade dos pensamentos de Monte-Alverne estava esculpida como pelo cinzel de Michel-Angelo na dura severidade do seu macerado rosto. A imaginação rissonha de Sampaio transluzia na expansão das suas faces animadas com a frescura do colorido de Rubens. A voz de Monte-Alverne trovejava; a de Sampaio trinava como um gorgeio abemolado. Em um tudo era força; no outro tudo graça; o primeiro era mais docto, o segundo mais erudito: mas ao ouvil-os ambos difficil era dar a preferencia, porque si um arrebatava, o outro encantava.

Como philosopho tinha Monte-Alverne vasta leitura, e professava um eclectismo que nada tinha de original, e não me consta deixasse trabalho algum que lhe possa dar maior gloria que as suas orações sagradas; e a sua mesma qualidade de orador e theologo não lhe permittia que se afastasse muito da philosophia christã. Como professor, devendo ensinar a moços apenas sahidos das aulas de Latim e de rhetorica,

seguia os compendios de Genuense, cuja difficiencia suppria com postillas manuscriptas, que dava a copiar aos discipulos; e em suas preleções mostrava-se co-nhecedor profundo da sciencia. E como sempre orava, mesmo conversando, eram as suas lições ouvidas com muita attenção e algum proveito. Tanto por esse dom de bem fallar, que é sempre a manifestação de feliz intelligencia, como pela doutrina que ensinava, não tinha elle rival como professor de philosophia; que mui inferiores lhe eram o benedictino Policarpo, e o Conego Januario Barbosa, seus contemporaneos. O primeiro, grave de aspecto e de costumes, não passava do sensualismo de Condillac, com alguns commentarios de Cabanis e de Tracy, que eram os seus oraculos em philosophia. O segundo, todo dado á politica, á polemica dos Diarios, ao pulpito, e ás sociedades litterarias, que elle animava com a sua presença majestosa, auctoridade de seu nome, e maneiras sempre affaveis, pouco cuidava da sua cadeira de philosophia. Nem por isso o censuramos, que necessario era todo esse ardente enthusiasmo de Monte-Alverne, todo esse fogo no meio do gelo que o rodeava, para tomar em serio o ensino da sciencia a poucos jovens desattentos, que frequentam as aulas para adquirir direito a simples formalidade de um exame por ponto, e para o qual nas vespersas se habilitam com empenhos. Reúna-se a isso o modo por que eram, e ainda são remunerados entre nós os professores

publicos, que todos necessitam recorrer a outros meios de subsistencia; o que me faz lembrar o gracioso dito de um celebre professor da Bahia, presidindo aos exames dos seus alumnos. Era o Marquez de Barbacena um dos examinadores, e querendo fazer mostra do seu saber, proposera uma questão de geometria sublime, a que o examinando não sabia responder. — Senhor, dice o professor com aquelle seu cynismo habitual, e sarcastica humildade: eu ensino aqui geometria de quatro centos mil reis; e V<sup>a</sup> E<sup>a</sup> está perguntando geometria de um conto de reis pelo menos“. Não que avaliasse o satirico e habil professor a sciencia pela paga, mas queria fazer sentir o pouco apreço que se fazia da sciencia, e dos que se dedicavam ao magisterio.

O estoico Monte-Alverne, a quem bastava o cubiculo, o habito, e a parca ração do convento, não experimentava as necessidades da vida secular, e dava inteiro desafogo á sua alma, cultivando as sciencias moraes e philosophicas, e exercendo a oratoria no pulpito e na cadeira, unica occupação da sua longa vida; da qual o arrancou a cegueira vinte annos antes que a morte viesse resgatar sua alma das prisões do corpo, no dia 3 de Dezembro de 1858, tendo sido no dia antecedente acommettido de uma congestão cerebral, em São-Domingos, perto da cidade de Nitheroy, onde de passagem se achava.

No noite que intermeia esses dous dias, tão

celebrada por todos os Brasileiros, tendo eu assistido em Pariz ao jantar que dera o nosso Ministro naquella côrte, para festejar o anniversario natalicio de S. M. o Imperador; de baixo talvez da influencia da conversação que após tivemos nessa noite, sobre as graças provaveis que se fariam naquelle dia de satisfação para uns, e de mallogradas esperanças para outros, sonhei eu que Monte-Alverne tinha sido nomeado Bispo, talvez no mesmo momento que elle agonisava. Mas si em vida lhe faltou esse titulo para gloria da nossa Igreja, sobejaram - lhe as honras depois de morto. Foi seu corpo embalsamado como os dos grandes da terra; transportado de São-Domingos para o Ríó de Janeiro na galeota imperial, e da praia para o seu convento nos coches do paço, celebradas as exequias á custa do Imperador, que assim fez a seu corpo inanimado os ultimos obsequios, em signal do muito que em vida o prezara.

A vida de Monte-Alverne, que se estendêo a 74 annos, foi a de um religioso litterato, que no meio das convulções por que passámos, resistindo a todas as seducções, nunca se envolvêo nas questões politicas do seu tempo. Sua arena era o pulpito e a cadeira. Sou frade, dizia elle, e frade morrerei. " E esse frade, é uma das glorias do Brasil! Assim entre os humildes da sociedade, entre os pequenos do mundo nascem ás vezes os grandes da posteridade e o orgulho das Nações.

## A VELHICE.

Porque envelhece o homem. Contínua renovação do corpo. Provas. A velhice não é o resultado do longo uso do corpo. O que é então. Causas que apressam a velhice. Efeito das paixões. Verdadeira Macrobiotica. Exemplos historicos. Influencia do moral sobre o physico. Força da vontade.

**P**orque envelhece o homem?

Curiosa questão, que parecerá extravagante, e fará rir aos que ignoram as razões naturaes em que se ella funda.

Ponhamos esta questão com toda a clareza, de modo que todos a entendam, e reconheçam desde já a sua importancia.

Porque motivo, renovando-se o nosso corpo a cada instante, pela assimilação de novos materiaes fornecidos pela nutrição quotidiana, vai elle no fim de alguns annos decahindo, afrouxando-se, e apresentando esse aspecto de antiguidade, e velhice que physicamente não tem?

Eis o problema que ainda não foi resolvido, nem convenientemente elucidado pelos physiologistas que aprofundam os mysterios da vida.

A todos entretanto interessa este problema, que não é de simples curiosidade especulativa, como tan-

tos outros de que se occupam os sabios. A todos importa saber si é possível por algum meio impedir, ou retardar essa apparencia de senectude tão desagradavel pelos menos ao bello sexo; e de que geito conservar por mais tempo a juvenil frescura do nosso instrumento organico.

Raros serão os estoicos ou indifferentes, que á imitação do philosopho Plotino, julguem indigno do homem cuidar do seu corpo, e recusem minorar os males que o affligem; postoque não falem estabandados que no vigor dos annos corpo e alma sacrifiquem no fugaz delirio das paixões, sem medo de prematurar a velhice, que tanto mais lhes pesa quanto mais antecipada vem pela dissipação da mocidade.

É um facto reconhecido pelos antigos philosophos, e demonstrado pela physiologia moderna, que o corpo está em um perpetuo fluxo, em uma continua regeneração, renovando-se a cada instante.

„Nós somos, diz Voltaire, real e physicamente como um rio, cujas aguas correm em perpetuo fluxo. É o mesmo rio pelo seu leito, suas margens, sua nascente, sua foz; por tudo emfim o que não é elle; mas a todo instante mudando as aguas que constituem o seu ser, não ha nenhuma identidade, nenhuma mesmidade para esse rio.“

Aos poetas se desconta a linguagem figurada, e o frequente uso das hyperboles com que —

Orna a verdade, mas não mente a musa.

Notemos porêem que Voltaire não falla aqui como poeta, senão como philosopho, que também o era, e de bôa tempera; e falla neste caso com todo o rigor philosophico.

Já Marco Aurelio, que justificou no throno um dos sonhos de Platão — felizes os povos si os reis fossem philosophos — tinha escripto em uma das suas maximas, lamentando as miserias do homem: „Tudo o que é do seu corpo é como a agua que corre.“

Da imagem mesma do rfo servio-se Leibnitz, que comparou também o corpo organizado ao navio de Theseo, que os Athenienses reparavam continuamente.

Quem duvidar desta verdade leia Buffon, Cuvier, I. Geoffroi de Saint-Hilaire, sabios naturalistas; consulte as experiencias de Cruveilheir, Heine, Flourens e Ollier, eminentes medicos e physiologistas, e exclamará com o abalisado M<sup>r</sup> Flourens: „Toda a materia, todo o orgam material, todo o ser apparece e desaparece, faz-se e desfaz-se, e uma só cousa fica, isto é, aquella que faz e desfaz, aquella que produz e destróe; isto é, a força que vive no meio da materia, e a organiza“.

Já por outros termos havia dito o profundo Cuvier: „Em vez de uma união constante, não devemos ver no principal phenomeno da vida senão uma circulação contínua de fóra para dentro, e de dentro para fóra. Todos os corpos vivos devem ser considerados

como especies de fôcos, nos quaes entram incessantemente substancias mortas para ahi se combinarem de mil modos, e após sahirem, e recahirem de baixo das leis da natureza morta.“

Si ainda assim duvidar; si o não convencerem estes sabios; si lhe parecer impossivel a contfua renovação do seu corpo, recorra para desenganar-se á sua propria observação.

Lembre-se da quantidade de substancias solidas e liguidas que consumio desde a sua infancia; por que modo se formou o corpo pouco a pouco; como de um ponto, de um atomo foi elle crescendo, desenvolvendo-se, augmentando, á custa de tantos alimentos, até chegar á grandeza em que se acha.

Lembre-se mais que por longa enfermidade e dieta perde o corpo parte do seu volume e peso, por falta da absorção de materiaes novos, que substituam os que se gastam e evaporam; e logo que repara a nutrição as perdas do corpo, augmenta-se-lhe outra vez o volume e o peso.

Durante a infancia é manifesta a assimilação de substancias novas, pelo visivel crescimento physico. Do mesmo modo é manifesta a reparação no restabelecimento da saude, pelo sensivel augmento do volume e do peso. No estado normal porém parece o corpo estacio ario, porque a importação e a exportação, isto é, a assimilação de partes novas e a exeressão das velhas se equilibram.

Não é só o sangue, não são só os liquidos e as partes moles que se renovam; são também os ossos, como o demonstram repetidas experiencias. Elles também se nutrem, também crescem, também se refazem continuamente; e por isso em caso de fractura e de necroses se consolidam e se reproduzem os ossos.

Dado como premissa este facto incontestavel; sendo por conseguinte o nosso corpo tão novo hoje como na mocidade, claro está que o seu aspecto vetusto não depende da materia que o constitue.

Porque pois assume o corpo esse aspecto, e nos parece cansado e usado pelos annos?

Sem duvida, pela acção mesma dessa força vital que preside á sua organização contnua e progressiva.

Sem duvida, é essa força que, submettendo a materia aos typos consecutivos que ella tem de desenvolver em um mesmo individuo organico, imprime ao corpo essa apparencia de ancianidade; do mesmo modo que um Artista, para satisfazer ao amator de velhos quadros, dá com tintas frescas á sua recente cópia o colorido da antiguidade.

Ou se considere a vida como um principio que fabrica os orgãos, e os mantêm em harmonico exercicio para um determinado fim; ou se considere como uma lei especial em virtude da qual, em dadas circumstancias, se organise a materia; o certo é que,

no composto organico, além da materia instavel que continuamente entra e sai, e sem cessar se renova, ha um typo permanente, que desde o germen se desenvolve, e em virtude do qual se modelam os orgãos, e se opera a transformação do corpo vivo; e como se explica I. Geoffroi de Saint-Hilaire: „á cima dos factos temporarios e accidentaes da vida, ha o que os liga e domina; á cima de todos os modos, há o typo do qual derivam.“

Como esse typo é manifesto; como elle não póde depender da materia fluente, que de passagem o supporta; é logico concluir que elle deriva da força que a organisa; como a fórmula de uma estatua depende da idéa do artista, e não do gesso ou do marmore, que em suas mãos se modela.

Será pois essa força vital que se quebranta, envelhece, e se extingue?

Á prima vista assim parece; mas nada nos obriga a suppor que realmente assim seja.

Os phenomenos vitaes podem cessar em um corpo, retirando-se a força que os produzia, sem que por isso cesse ella de existir; como não suppomos que se extinga a electricidade, retirando-se do corpo que antes agitava.

A natureza só nos mostra uma contínua mudança de fórmulas, que regularmente se succedem umas as outras; mas ao través dessas fórmulas descobre o espirito que constantes permanecem a substancia, as

forças e as leis, sem o que impossivel seria qualquer mudança. Sem a permanencia das causas não haveria regularidade e harmonia na producção dos phenomenos.

Ora, si não se extingue a materia, que viaja de corpo em corpo indifferente a qualquer futura fórma, menos se extingue o principio vital que a subjuga, como não fraqueia nem se extingue força ou lei alguma da natureza.

A morte é uma simples decomposição, que só destróe a fórma, é uma simples transformação, que não exgota a actividade contínua das forças da natureza. É pela permanencia dessas forças nunca ociosas que conserva e perpetúa a natureza os typos geraes e harmonicos dos seres em todas as suas metamorphoses.

Mas si as funcções vitaes não teem por causa um principio especial, distincto do corpo; si no apparelho organico nada mais ha do que a materia disposta por certo modo; si o que chamamos vida é um puro phenomeno dessa disposição, o effeito, e não a causa da organização; não poderemos conceber como no germen se faça por sí mesma a distribuição dos materiaes que hão de constituir os differentes orgãos que ainda não estão formados; nem como estes funcionem separadamente, e a um tempo de acordo para um mesmo fim; nem como, renovando-se a substancia, envelheça a sua disposição; nem como, em dado tempo,

cesse o corpo de crescer, continuando a nutrição; nem como páre a vida repentinamente por uma palavra, por uma idéa, por um cheiro, que não destrua a organização, quando tantas vezes essa mesma organização resiste a grandes golpes, a duros tormentos, e á acção destruidora de mil agentes physicos.

Hypothese que nada explica é ociosa.

A velhice não é pois a expressão da caducidade do principio vital, como não é proveniente do longo uso da materia organizada.

A velhice é simplesmente uma fórma, uma apparencia, como todas as mais que a natureza ostenta na sua contínua palingenesia.

A observação nos mostra que essas fórmas, posto que infalliveis, podem ser modificadas quanto ao teu aspecto individual, demoradas, ou apressadas por mil incidentes, como podem abortar antes de tempo.

Cada ser vivo contém em seu germen um typo que deve regularmente desenvolver-se durante certos e determinados periodos, si circumstancias estranhas não perturbarem a sua marcha, e não apressarem a sua revolução.

Estas circumstancias para o homem são todas as cousas que o cercam, e tanto concorrem para sua conservação como para sua ruína; como sejam o ar, a terra, a humidade, o calor, o frio, os alimentos e o genero de vida.

Essas mesmas circumstancias, actuando constantemente, modificam o physico e o moral do homem; e essas modificações transmettidas de geração em geração, constituem as raças e os diversos typos da especie humana.

O simples acto de fallar a lingua vernacula modifica de tal modo os orgãos vocaes que difficilmente se amoldam á entoação de uma lingua estranha; e a lingua mais suave dos povos do meiodia da Europa se endurece e degenera nos labios endurecidos e tiritantes pelo frio do Norte.

Nada porém produz mais rapidos effeitos e maiores estragos no corpo do que as paixões.

Sabemos que uma grande commoção moral faz embranquecer os cabellos subitamente; como aconteceu ao poeta Guarini, pelo naufragio de alguns manuscritos que anciosamente esperava, e como acontece a tantos, cuja canicie e murchidão do rosto é mais obra dos desgostos que dos annos.

Diz o celebre Dr. Curvisart: — si alguem nega de boa fé, ou simplesmente põe em duvida a funesta influencia physica dos affectos moraes sobre o coração, fique sabendo que o coração se rompe em um accesso de colera.“

E si não é a ruptura do coração, é uma apoplexia, ou uma congestão do figado, ou a ictericia, que ennegrece a pelle, e vicia todas as funcções organicas.

A inveja, o odio, o orgulho, a ambição, a ava-

reza abalam o systema nervoso, perturbam a circulação do sangue, e produzem molestias que apressam a velhice.

O cerebro e o coração são as primeiras victimas de todas as paixões, e por influencia destes dous órgãos tão importantes á vida padecem todos os mais órgãos.

As molestias causadas pelos agentes physicos não seriam tantas nem tão perniciosas sem o concurso das affecções moraes e dos nossos desregramentos, que as provocam e alimentam.

Numerosos são os suicidios, e todos por paixões!

Os desgraçados mesmos não attentam contra a propria vida senão em um momento de desesperação, por falta de valor para affrontar os seus males.

Si desvairados pelas paixões centenares de infelizes se matam, pelas paixões ralados milhares envelhecem.

Mas si ha tantas circumstancias que antecipam a velhice, tambem ha muitas que a retardam, e attenuam o que ella tem de mais desagradavel.

O homem não é só feitura da natureza; é um artista de si mesmo, destinado a perfeiçoar o seu ser, como o esculptor lima, retoca e pule a sua estatua.

Pela sua intelligencia e vontade, essas duas potencias prodigiosas que criam todas as sciencias e artes, elle não só melhora todas as cousas da natureza, e as adapta ás suas necessidades, como tambem

se aperfeiçoa a si mesmo, augmenta a sua belleza moral e physica, vigora e dilata a sua existencia.

Não por meio do enxofre vegetal de Paracelso, nem com os elixires dos Cagliostros; mas com a pratica dos preceitos da Moral, e das regras da Hygiene. Esta é a verdadeira Macrobiotica, ou Arte de prolongar a vida.

Daremos um exemplo da efficacia deste meio.

O Veneziano Luiz Cornaro, que viveo no decimo quinto seculo, consumio grande parte da sua existencia em excessos de todos os generos, que lhe produziram gravissimas molestias. Vendo-se na idade de quarenta annos alquebrado, exausto, envelhecido, e nas bordas do tumulo, assentou reparar as suas faltas, e reformar-se em tudo. Submettendo-se a um severo regimen, teve a coragem de reduzir a sua alimentação a doze onças por dia; e dest'arte não só conseguiu curar todos os seus males, como remoçar, e dilatar a sua existencia a mais de um seculo! Querendo que esse exemplo aproveitasse aos seus semelhantes, escreveu, na idade de oitenta annos, um livro sobre as vantagens da sobriedade com o titulo — *Discorsi della vita sobria* Este livro impresso pela primeira vez em Padua em 1558, e do qual se fizeram varias edições e traducções, dão argumento a Mr. Flourens, para o seu tratado — *De la longivité humaine* — publicado em Pariz em 1855.

Ha no homem uma força, superior á força vital, cuja acção modifica prodigiosamente o corpo, levanta a energia extincta, activa a vida, vigora os musculos, resiste ás molestias; e methodicamente empregada subjuga as paixões, modera os desejos, corrige os appetites, conserva a saude, e prolonga a vida.

É cousa sabida que homens, tão fracos de corpo como de espirito, tomam ás vezes em occasião de perigo uma forte resolução, e tal vigor adquirem para executal-a, que pasma aos que os não julgavam capazes de tal esforço. Assim no campo da batalha reavalizam ás vezes os timidos com os mais denodados guerreiros.

Um doente desenganado, e já resignado a morrer, e tão desfallecido que nem podia levantar a cabeça, e sustentar a taça do remedio que lhe levavam á bocca, no meio da sua modorra, acordou sobresaltado por um grande rumor, e vendo que ardia a casa, e que labaredas de fogo lhe invadiam o quarto, levantou-se espavorido, envolveo-se no cobertor do leito em que jazia quasi moribundo, correo pela porta fóra, desceo as escadas, e com tal esforço achou-se curado! Mil casos analogos se observam todos os dias.

Donde vem esse vigor repentino que transmitta a vida aos orgãos debilitados, levanta um corpo inerte, e opéra tão rapida cura?

Refere Herodoto que depois da batalha de Sardes um Persa ía matar a Cresus sem o conhecer. Por felicidade estava o Rei ao lado do filho. O joven Principe era mudo em consequencia de grave molestia que soffrera. Vendo o pai em tão grande perigo de vida, fez tal esforço de vontade que soltou-se-lhe a voz e bradou: Soldado! não mates a Cresus! — E este caso não é o unico no seu genero.

Donde vem essa força que vence a paralyisia, e dá voz a um mudo?

O philosopho Epicteto, escravo de Epaphrodite, espancado um dia pelo seu barbaro senhor, com toda a calma o prevenia que si continuasse daquelle modo lhe fracturaria algum membro. Epaphrodite cada vez mais cego de colera o bastonava, até que lhe quebrou uma perna. O estoico, sem alterar-se, contentou-se com dizer-lhe: „Bem vos avisei que me havias de quebrar!“ Milhares de estoicos acharam os Europeos nos desertos da America.

Donde vem essa força que assoberba os tormentos, e suffoca as dores?

No tempo de Boerhaave muitas raparigas doentes do hospital de Harlem foram acommettidas de uma epilepsia epidemica, pela influencia sympathica de outra que padecia desse mal. Querendo o celebre Medico combater a causa do mal pelo terror, mandou vir ferros candentes e braseiros, e ameaçou que faria queimar as plantas dos pés a quantas não resistis-

sem ás convulsões epilepticas, e assim de repente curou-as!

Dirão que todos estes factos e mil outros que poderíamos citar, dependem da reconhecida acção do moral sobre o physico.

Assim é. Mas, acrescentaremos que essa acção não se manifesta somente em casos extraordinarios e excepçionaes. Ella actua constantemente, e mais do que parece; como andando movemos o corpo pela acção contínua da vontade, e parece que o corpo caminha por sí mesmo, sem darmos fé da nossa propria determinação, e sem mesmo sentirmos o esforço que fazemos. Entretanto é certo que sem essa determinação, sem esse esforço muscular, não dariamos um só passo.

Essa acção do moral sobre o physico é constante e contínua, e tanto se exerce nos casos ordinarios da vida como nos extraordinarios; posto que nestes melhor a precebamos, pelos seus rapidos effectos.

Esses phenomenos notaveis, operados ora pela fé, ora pela esperança, ora pelo enthusiasmo, ora pelo terror, tambem se operam pela forte determinação da vontade. E a vontade, que sustenta a fé, a esperança, o enthusiasmo e o terror, tem sempre grande parte em todos esses prodigios, que de ordinario lhe não attribuímos, mas que de facto tambem lhe pertencem.

O moral compõe-se da intelligencia que percebe, da sensibilidade que se modifica, e da vontade que opera; e a acção do moral sobre o physico resulta do concurso dessas tres faculdades do espirito, actuando a um tempo, por intermedio dos nervos da sensibilidade e do movimento. Tire-se a vontade, e desaparece a acção do moral sobre o physico.

Pela força da vontade constantemente applicada podemos corrigir não só os nossos vicios e paixões, como muitos dos nossos defeitos physicos, e dest'arte conservar a saude, retardar a velhice, e prolongar a vida.





## O PAVÃO.

Efeitos da admiração. Moralidade da fabula de Jupiter transformado em Cuco. O instincto da belleza. A modestia e a vaidade. Malignidade da inveja. Necessidade do louvor.

Passeando um dia em um jardim, em que havia grossa manada de povões, não pude deixar de reter meus passos, para admirar mais uma vez esses bellos passaros, oriundos do maravilhoso berço do genero humano, e nos quaes aprimorou-se a natureza em reunir em um corpo elegante e proporcionado, que nem por grande, nem por pequeno desmerece, um colorido tão harmonico no seu variado matiz, que deslumbra a frescura das mais mimosas flores, o lustre dos mais finos metaes, e o brilho da mais preciosa pedraria.

Estavam alguns languidamente estendidos sobre a verde relva, ou adormecidos, ou a catarem-se, como indolentes sultanas sobre as aleatifas do Harem; enquanto outros com toda a lentidão, e como que aborrecidos caminhavam, ou de vez em quando com desdem apanhavam algum grão perdido.

Pouco a pouco foram elles voltando as cabeças para meu lado, e, como que adivinhando o meu

intento, sacudiam as pennas, enfunavam as azas, e aprumavam as suberbas caudas desdobrando-as em leque; outros erguendo-se, e espanejando as lindas plumas, os imitavam; e em poucos minutos todos expandidos e empavezados com toda a majestade caminhavam, e rodando em torno de si mesmos, faziam a meus olhos ostentação das suas galas.

Lembrei-me então do que á cerca de taes aves diz Buffon, esse grande pintor da natureza, que, não obstante a pompa do seu estylo, sempre philosopho, lhes não attribue a consciencia da sua belleza, nem sentimentos de vaidade, cousas que se não dão aos irrationaes; mas recorda que ha quem pretenda serem esses passaros sensiveis á admiração de que gozam; que o verdadeiro meio de incital-os a fazer alarde de sua bella plumagem, é prestar-lhes um olhar de pasmo e de amor; e si pelo contrario os olham com indifferença e frieza, recolhem elles os seus thesouros, e os occultam a quem os não sabe admirar.

Mui digno de reparo é esse instincto, que esquivando graças á incuria, recompensa a sollicitude dos admiradores, e parece annunciar-nos que o puro gozo do bello, vedado aos corações apaticos, só o frue quem com amor o aprecia.

Por essa belleza eximia, que constituiu o pavão o rei dos passaros, si á belleza, e não á força, conferissem os homens o imperio no mundo, é que, dedicando os antigos a aguia a Jupiter, consagraram

o pavão á Rainha dos deoses, a bella e suberba Juno; a quem, entretanto, fingem os poetas que Jupiter sollicitara, não como a Europa, transformado em um formoso touro; não como a Leda, disfarçado em candido Cysne; nem mesmo como a Danae, convertido em chuva de ouro; mas (quem tal imaginára senão poetas!) de baixo da redicula fórma de um miseravel cuco molhado! Fabula que nos ensina a apoucar-nos na presença dos suberbos, si aspiramos aos seus favores: que não é com senhoril aspecto, seguro porte, e nobres qualidades d'alma que se conquista o affecto dos poderosos, que na sua foufa altivez se aprazem, e mais se engrandecem com a humildade e baixeza dos que de rastos os cortejam. E não poucas vezes os grandes da terra, com a escolha que fazem dos seus validos, justificam a moralidade da fabula. Os cortesãos disso sabem por instincto.

Ah! poetas, interpretes da natureza! como sabem elles ler nos escondrijos do coração humano; e com que donaire nos instruem; mesmo exagerando, ou fabulando:

Orna a verdade, mas não mente a Musa\*.

Os sentimentos que, em geral, em nossa alma desperta o bello, — são o enthusiasmo, a admiração, e o amor; — sentimentos que, exaltando as potencias

\* Deniz. Pindaricas.

da nossa alma, também nos revestem de belleza, e mais dignos nos tornam do objecto amado, qualquer que elle seja moral ou physico. Ora, esmerando-se a natureza em fazer do pavão um primor de formosura, com acerto apropriou-lhe esse instincto que os leva a fazer mostras dos seus thesouros aos olhos dos admiradores:

Que tanto bem não é para esconder-se\*.

Esse mesmo instincto se nota na formosura humana, que proporciona os seus attractivos e enfeites aos olhos que a devem ver; a desleixada e murcha ás vezes no interior do seu aposento, jamais o é quando em publico se mostra a quem a admira e ama. As feias mesmas, que nunca feias se julgam, com arte disfarçam os seus defeitos, ou mais ridiculas se tornam á força de meneios, arrebiques e adornos exagerados.

Vaidade e faceirice a isso chamam os que não amam; e por essa ostentação opportuna da propria belleza fizeram do pavão o symbolo da vaidade. Não direi que isso é modestia. Mas quem estimaria que o pavão escorrido e cabisbaixo como um avaro escondesse os seus thesouros? Si o bello se não mostrasse radiante aos que o procuram e amam, a quem reservaríamos a nossa admiração! Ao cuco enregelado da fabula?

\* Luziadas C. 6.º 8.ª 21.

Exaltem o cuco, louvem-lhe a modestia, ouçam-lhe a rouca voz os que não supportam o brilho do pavão, e o canto da philomela.

A modestia que se oppõe á vaidade, e de que fazemos symbolo a triste violeta, só é virtude nos homens, quando se liga ao merito reconhecido, que para a violeta é o grato perfume que a exalta, e que a revela debaixo das folhas, que como invejosas a cobrem. Não tivesse a violeta esse suave aroma que a revela, e que os ares ao longe transportam, e de certo não nos parecêra mais modesta que todos os vermes que a seus pés rastejam. Na ausencia e privação de todo merito, a modestia nada mais é que a humildade e impotencia da fraqueza, que se resigna ao logar que lhe compete.

O que nos apraz chamar vaidade da belleza, presumpção da sciencia, orgulho da virtude, jaectancia da bravura, enthusiasmo da poesia, são muitas vezes as condições mesmas que mais sustentam e desenvolvem essas qualidades apreciaveis. O ser não exclue o parecer. Porque procuram despertar nos corações dos moços o sentimento da emulação? Não inflamma esse sentimento o amor-proprio, a presumpção, e a vaidade? Si, como diz o epico portuguez:

Quem valerosas obras exercita  
Louvor alheio muito o experta e excita;

É que sem duvida não desdenha o verdadeiro

merito a boa reputação e a gloria que lhe é devida, pela qual se afana, e da qual licito lhe é ás vezes ufanar-se.

Vaidade é a da mosca da fabula de Esopo, que sentada sobre o eixo de um carro que rodava, exclama: Quanta poeira levanto eu! . . E de ordinario são taes moscas que mais murmuram da vaidade do pavão.

É a inveja que descobre vaidade onde ella não existe; é a inveja que não soffre que se mostre o merito, e seja applaudido. E não poucas vezes é a modestia um delicado artificio com que se realça o merito quando louvado, ou procura, mas embalde, desarmar a inveja, que sempre arteira e maligna, nem mesmo a essa modestia poupa, e a converte em hypocrisia.

Nos homens não conheço eu maior vaidade, que a do invejoso inexperiente, que se arvora em critico, e pretende que o seu juizo desparatado seja a regra absoluta de tudo: elle se crê infallivel, e suppre com a malidicencia a falta de engenho.

Si no mundo houvesse maior copia de admiradores da virtude, do talento e do bello, mais resplandeceriam esses divinos dotes, e menos vaidade haveria.

A admiração por tudo quanto é bello, tanto na ordem moral como na physica, tanto nas artes como na natureza, é uma condição indispensavel da

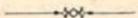
civilisação, que no desenvolvimento do bello consiste. Admirar o bello é louval-o, e —

A virtude louvada vive e cresce\*.

Por esse amor do bello tocou a Grecia ao apogeo da civilisação antiga, e dêo leis ao mundo por seus legisladores, por seus philosophos, por seus poetas, por seus heróes, e por seus artistas.

Ai do povo que nada admira e louva, que não exalta os homens illustres que lhe dão importancia e gloria; embrutecido e selvagem parecerá, como pobre e miseravel parece o sórdido avaro no meio de seus inutilizados thesouros.

\* Camões, Luiziadas, C. 4.º 8.ª LXXXI





# AMANCIA.

NOVELLA.

---

Já ia cortando a bahia do Rio de Janeiro para a capital a ultima barca de vapor, toda illuminada e apinhada de familias, que na graciosa cidade de Nicteroy haviam passado a tarde de um domingo. As estrellas estavam encobertas por uma nuvem escura que annunciava chuva, e em toda a extensão da praia, tão animada durante o crepusculo, só se ouvia agora o melancolico mugido das vagas. Ao dia tinha succedido a noite, e com ella descêo sobre a cidade dos prazeres campestres o silencio e a calma exterior, enquanto algumas casas por dentro illuminadas mostravam que ainda não tinham cessado todos os divertimentos. Em uma dessas casas cantavam e dansavam, vendo ao través das vidraças a claridade repentina dos relampagos.

No meio de uma bella companhia de moças que fazem esquecer as horas, não me importei com a ultima barca de vapor que sahira, projectando voltar em uma falúa quando cessasse o saráo. Estavamos tomando chá, repetindo charadas, e contando anedotas, quando bateram á porta.

Entre quem é, dice a dona da casa.

Entrou um homem bem parecido, todo vestido de preto; e só por esse modo de trajar, qualquer que alli o não conhecesse diria ser pessoa grave, e que não para se divertir tinha ido a Nicteroy.

Oh, S<sup>r</sup> Doctor! V<sup>a</sup> S<sup>a</sup> por aqui a estas horas! Sem duvida veio ver algum doente? dice a dona da casa.

De certo; e estou desesperado, não pelo doente, mas pela ultima barca que lá se foi. A noite está tempestuosa, e não tenho remedio senão ir para a cidade em uma falúa.

Meu Doctor, dice-lhe eu, terá companhia; porque tambem estou aqui hibernado.

Quer entretanto tomar uma jaqueta? Francisca, traze de lá uma jaqueta; dice o dono da casa.

Ora S<sup>r</sup> Doctor, tome uma chicava de chá, dice-lhe uma das moças, e conte-nos alguma novidade para entreter-nos até passar a chuva.

Que lhe hei de contar, minha priminha? Eu não sei senão casos de doentes.

Pois não! O senhor que é capaz de fallar um dia inteiro sem comer nem beber, só tomando pitadas! Veja agora si quer que o roguem!

S<sup>r</sup> Doctor, dice outra moça, conte aquelle caso da moça que se atirou ao mar, e que dizem que o S<sup>r</sup> vio.

Emquanto entre o D<sup>r</sup> e as duas moças se pas-

sava esta conversação, outras pessoas em grupos diversos riam-se e fallavam de outras cousas.

Pois bem, dice o Doctor, vou contar-lhes o caso, minhas senhoras; mas quando acabar cada uma me ha de dar um abraço. Estão por isso?

Nós lho promettemos. Escutem, meus senhores, minha mãe, prima, maninha, venham ouvir uma historia muito bonita.

O Doctor, tomando uma pitada, assim começou.

Era uma bella noite de verão, tão pura, tão serena, tão clara, que se podia dizer com Chateaubriand: não era noite, era a ausencia do dia. Parecia que o sol, retirando-se, deixara ao firmamento parte das suas galas. Tão rutilante estava a lua que dirieis ser o mesmo sol mal envolto em um véo transparente e azulado. A porfia brilhavam as estrelas, e pela pureza dos ares maiores pareciam que de ordinario. Era uma noite propria á observação das maravilhas celestes, e igualmente propicia ás folganças campestres; em fim, para tudo dizer de uma vez, — era uma noite do Rio de Janeiro!

Já ao longe na Fortaleza de Sancta-Cruz, que guarda a entrada da barra, um tiro de artilheria tinha annuciado as nove horas; e as trombetas e tambores das innumerables embarcações de todas as partes do mundo, ancoradas na vastissima bahia, elevando ao céo seus mastros, como uma floresta secca da Europa,

repetiam aquelle signal de repouso. Uma suave viração refrescava as ruas da capital do Imperio, e trazia o echo longinquo das musicas que nos vasos de guerra soavam. Em todos os quarteis tocava-se a recolhida, e no interior das casas reinava o prazer. Daqui uma flauta chorosa, dalli uma guitarra, acolá uma voz melancolica de moça, acompanhada pelo piano. Tudo era alegria. Não faltaria tambem quem chorasse nesse momento.

A minha profissão de visitar os que soffrem tinha-me levado até o caminho do Catete, muito antes de chegar á ponte. Na volta vinha eu em uma especie de extasi, não só pela belleza da noite como pelo prazer das melhoras do meu doente e agrados da familia, prazer este que é a maior recompensa do medico que apenas enceta a sua carreira, todo cheio de esperanças de adquirir reputação e conceito.

Que venturas não vinha eu sonhando! Ás vaidosas criações da minha mente succederam mais calmas meditações mal cheguei á estrada da Gloria. A vista do mar tranquillo como um espelho que se estendia á minha direita, atravessado por uma facha abrihantada, que sobre elle projectava a lua, tendo um ponto fixo na imagem do astro da noite, e outro movel que me seguia, produzia sobre mim uma impressão de melancolico prazer, que o coração sente, e não sabem os labios explicar. Não pude resistir; eu andava com os olhos pregados ora no céo, ora no mar, que

outro céo se me antolhava ainda mais illuminado, porque não só reflectia todas as estrellas, como a luz de todas as lanternas dos navios. Na verdade, a bahia do Rio de Janeiro é uma maravilha do mundo!

Desejei então ter uma phantasia de poeta; e como que minha alma extatica poetisava em silencio, sem achar palavras que exprimissem a infenidade de seus pensamentos, tão vagos como o espaço, tão serenos como a noite, e tão brandos como o murmurio das mansas vagas, que preguiçosamente de deslizavam morrendo sobre a praia da Gloria. Oh! os poetas teem momentos deliciosos! Momentos de embriaguez celeste, a que nada se póde comparar! Oh poetas! Ministros da Divindade, que comvosco ri-se, e com vossos canticos se apraz! Eu daria metade da minha monótona existencia para gozar na outra metade desses vossos delirios de ineffavel deleite! O riso mais angelico da innocencia, que docemente salpica os labios da infancia, apenas é para o medico uma contracção; mas a voossos olhos o que não revela esse riso? o que não diz á vossa imaginação criadora? O amor é um objecto de especulação para o egoista, um instincto sensual para o commum dos homens; mas para vós, oh poetas, é uma fonte perenne de suaves melodias; é uma divindade pura, uma fragrancia contnua, uma harmonia inexgotavel do coração, um extasi infinito, uma adoração de todos os sentidos e de todas as fa-

culdades, um sacrificio d'alma, uma elevação a Deos! Feliz o poeta; porque elle só sabe gozar o amor puro, verdadeiro e endeosado! Feliz a bella que inflamma o coração do poeta; porque só ella entre todas ás bellas, recebe o tributo digno da belleza!

— Está bom, Senhor Doctor, basta de preambulo; conte a historia e deixe-se de poesias; dice uma das moças, que parecia impacientar-se.

O Doctor, olhando para ella fixamente, tomando uma pitada, respondeo-lhe em tão malicioso: „Eis aqui como ás vezes descubro sem querer os segredinhos das moças! A prima, ou não ama, ou si ama, não é certamente a um poeta.

Applaudiram todos a repposta, e Florinda corando, tomou um tom de zombaria para disfarçar o seu vexame, e assim replicou. — Deos me livre de poetas! Eu lá quero um doudo commigo! Bem me custa aturar o Senhor, quando começa a fallar sem nunca acabar, e que para dizer uma cousa leva um dia; quanto mais a um poeta, que primeiro que diga o que quer, procura mil rodeios, e afinal é preciso que o adivinhem.

Não se enfade; a prima parece tomar o pião á unha.

— Vamos lá; acabe a historia.

Agora apenas tinha principiado; são os preludios para dispor o auditorio. Não faltó ás regras da rhetorica.

Florinda tem razão, dice Margarida; o Sr Doctor não se lembra que as mulheres são curiosas, e desejam saber as cousas logo.

— Eis ahi porque ellas sabem pouco. É preciso vagar para tudo; não se vai á Roma em um dia. Tenham paciencia. Como estou com a imaginação exaltada, e a lingua solta, por ter discorrido toda a tarde em uma reunião em que estive, quiz florear um pouco. De mais, estes casos contados simplesmente não tem graça. Vamos ao caso.

Vinha eu todo engolfado nestas meditações, sem dar attenção aos mais objectos, e sem saber para onde meus pés caminhavam; assim atravessei o largo da Lapa, e em vez de tomar pela rua das Mangueiras, que era o meu caminho, quando de mim dei accordo estava na porta do Passeio publico, respirando um ar embalsamado pelo o aroma de mil flores. Creio que abstracto continuaria a andar, si insensivelmente não voltasse os olhos para minha direita, e não visse esse corredor formado por copadas arvores, plantadas ainda no tempo do vice-rei Vasconcellos, e cujo fim aberto em arco deixava ver a claridade da lua. Notem a minha distracção, causada pelas idéas poeticas expostas no meu preambulo, que não é tão fóra de proposito como parece, e vejam as consequencias salutaes. Quiz voltar; mas a força do destino, ou a Providencia, que até alli me levou destrahido, obrigou-me a entrar. Antes de chegar no meio dessa rua de

arvores, parei para ver o effeito mysterioso que produzia a lua no logar em que se alargam em circulo as copadas mangueiras, á cuja sombra durante o dia repousam os passeantes sobre os bancos de granito que o circundam. Quando para o chão olhava, parecia-me um lago tranquillo aquella claridade reflectida; erguendo porém os olhos dicera ser uma claraboia no meio de um salão escuro. Tomei a direita; não sei porque; e fui até o paredão do jardim, e dahi caminhando ao terrado que deita para o mar, tencionava collocar-me em seu centro, para de alto ver o effeito das duas pyramedes saudosas, que se elevam dos dous pequenos lagos rodeados de salgueiros chorões, e que attestam o amor que ao Rio de Janeiro consagrava aquelle vice-rei, cujo governo foi sempre em beneficio do publico.

Cousas ha que se não podem explicar. Ou fosse por essa lembrança do passado, ou pelo estrepito das vagas, quebrando-se contra o recife que protege o exterior da muralha do terrado, ou pelo coaxar das rans nos tanques triangulares, em que estão as pyramides, ou porque mesmo o coração previsse alguma cousa, senti uma especie de arrepiamento, e uma pal-pitação mais apressada, que me obrigou a apressar os lentos passos em que eu ia. Não tinha eu ainda chegado á escada lateral do terrado, quando ouvi uma voz que arrepiou-me todo

— In rato! vem mais devagar!

Tremi e parei, e levantando repentinamente os olhos, que até alli se apraziam em ver caminhar a minha sombra, dei com um vulto no alto do terrado, que veio a mim, dizendo: Ha que tempo estou eu a tua espera!

A voz me parecia juvenil, e o vulto condezia com a suavidade da voz; o que, aqui para nós, tirou-me todo o susto. Subi apressadamente a escada, e o incognito com os braços abertos me veio esperar. Bateria-me o coração fortemente sem saber porque. Mal nos esbarramos recuou o desconhecido, soltando um ah! de espanto, e cobrindo o rosto com as mãos, dice com voz tremula:

— Enganei-me; queira perdoar.

Não ha de que, meu menino; nem esse engano lhe deve causar tanto susto. Si espera por alguem da sua familia, e teme estar só, poderei fazer-lhe companhia até que chegue.

— *Obrigada*, obrigado.

Devo desde já dizer que o incognito era de pequena estatura, estava vestido de homem, e sua voz era suave, e por isso qualquer o tomaria por um menino: comtudo, o titulo de ingrato que me havia dado, o susto ao reconhecer que eu não era quem esperava, a elegancia do seu corpo, e o *obrigada* mal corrigido, fizeram-me logo crer que era alguma infeliz menina, que alli esperava o seu seductor. Não querendo porém, para evitar-lhe a vergonha, revelar-lhe

que eu havia adivinhado o seu sexo, continuei a tratá-la como si fosse um menino.

Diga-me, Senhor, porque esconde o seu rosto? De mim nada ha que receiar.

— Faça o favor de me deixar sózinho. Meu pai não tarda por ahi.

E o que tem o Sr. seu pai de escandalizar-se si me encontrar aqui a seu lado? Não estamos aqui em um logar publico de passeio? Não está a noite tão clara, convidando a que conversemos sobre estas maravilhas que nos cercam?

O desconhecido, parecendo não ouvir-me, e cada vez mais assustado, procurava escapar-me. Pude então, apezar do seu lenço branco applicado á boca por uma mão de neve bem torneada, e apezar do chapéo de castor que lhe ensombrava a frente, descobrir seus olhos bellos, vivos e grandes, e o nariz fino, proprio de uma belleza.

Eu sei o motivo, lhe dice, porque procura esconder o seu lindo rosto! eu a conheço, e . . .

— Senhor! exclamou ella. E as lagrimas lhe saltaram dos olhos, e toda tremmula estava.

Socegue, Senhora, ouça-me. Sente-se primeiro.

— Devo estar só. Por Deos, Senhor, por Deos, deixeme só.

Eu já a teria deixado, si não visse que com isso faria uma acção indigna. Não tenho direito de importunal-a, é certo, mas tambem não posso deixal-a

aqui sozinha, quando talvez a Senhora necessita do meu soccorro.

— Eu o agradeço. Preciso estar só.

Tudo na Senhora me annuncia uma moça bem educada e de boa familia; e a sua estada aqui sem companhia só se explica por uma loucura. Eu sou responsavel a Deos, si podendo evitar a sua desgraça, o não fizer.

— Si tenho de ser desgraçada, desde já o sou, e ninguem agora póde evitar a minha deshonra.

Eu, Senhora, eu posso.

— Como? . . . É impossivel.

Este logar é o prazo dadô para a espera?

— Sim.

Pois acompanhe-me; e si quizer voltará a elle quando for tempo.

— Si entretanto . . . .

Sei o que quer dizer. Donde estivermos veremos quem vem.

— Pois bem, Senhor, vamos.

Dei-lhe o braço. Parecia-me que eu tinha alcançado um grande triumpho, e caminhava tão cheio de mim como si conduzisse uma conquista minha. Já não sabia o que lhe dicesse; toda a minha rhetorica desaparecêo naquelle instante; o negocio era serio. Andavamos como duas estatuas mudas, e apenas eu sabia que vivia pelas palpitações do meu coração.

— Que horas são? perguntou-me ella.

Receei dizer-lhe a verdade: Hão de ser nove horas.

— Tão tarde! meu Deos.

Quer que a conduza até á casa?

— Agora?

E porque não? . . A Senhora tem pai?

— Não me pergunte cousa alguma a esse respeito. — E com esta pergunta estremecêo.

Sentemos-nos aqui; deste logar podemos ver quem sóbe para o terrado, sem que nos vejam.

— Qual? eu já não espero. Fui enganada . . .  
Dresgraçada de mim!

Sei em que estado deve estar a sua alma; mas confie em Deos. E para que tambem possa ter alguma confiança em mim, saiba que sou medico, estou acostumado a penetrar o seio das familias, e a ouvir confidencias, e muitas vezes tenho consolado a outras talvez ainda mais infelizes do que a Senhora. Não preciso que me diga que motivo aqui a conduzio. A paixão que a domina, nos seus olhos a leio. O amor tem feito muitas victimas, mas tambem faz a felicidade de muitos entes. Moça, sem experiencia do mundo, talvez enganada, deixou-se a Senhora seduzir sem duvida por algum desses conquistadores de profissão, que não vacillam diante de nenhuma difficuldade, e arrastam ao precipicio as suas victimas. Mas não me quero aventurar em suppor o seu amante de torpe character, que . . .

— Não; elle não é assim . . Si o Senhor o conhecesse far-lhe-ia justiça, e me desculpara.

Eu desculpo todas as paixões, porque nem sempre ellas em nós se manifestam por nossa vontade; condô-me de quem as experimenta, pelo muito que soffre, e pelas desgraças que não lhe é dado evitar. Nem eu me offereço para moralizal-a, sim para servil-a, e si julga que lhe posso ser util, ordene; serei mais prompto que um escravo obediente, e mais cuidadoso que um amante fiel.

A impaciencia, a afflicção, a desordem estavam pintadas no seu rosto, que ella já não occultava. Era um rosto de Anjo com tal expressão de dôr tão viva, que cortava-me o coração. Raphael não duvidaria tomal-a por modelo de uma *Mater dolorosa*. Ais e suspiros lhe escapavam do peito a cada expiração. Lagrimas em bagas se deslizavam em suas faces desbotadas pela mágoa, e a furto esclarecidas pelos raios da lua que se enfiavam por entre as folhas das mangeiras. Constantemente enxugava com seu branco lenço o suor frio da fronte; descerrava os labios tremulos para fallar, e os sons lhe expiravam na garganta, antes de articulados. Não menos triste e complicada que a d'ella era a minha posição. Tomei-lhe o pulso; um estado febril se annunciava; entretanto a pelle estava fria como o gelo, e orvalhada de suor. Que lhe diria eu? Como tiral-a dalli? Para onde leval-a? Como fallar-lhe de sua família, si com essa lembrança mais a inquietariam os remorsos? Depois de um momento de silencio, invoquei toda a minha coragem de medico em caso desesperado.

Senhora, dice-lhe eu em tom decisivo, e que mostrava uma firme resolução, não podemos escolher, porque não ha meios diferentes que possamos abraçar. Aqui não podemos ficar. O seu amante não vem; cumpre portanto voltar para sua casa.

— Que vergonha!

Para servil-a procurarei illudir a pessoa que a governa; direi que a poucos passos distantes da sua casa encontrei-a delirante. Tire essa casaca, não tallhada para seu corpo; ponha-a no ombro. Não precisa recorrer ao fingimento; seu pulso annuncia febre; em casa a sangrarei, e convencerei a qualquer pessoa que um delirio repentino, causado por um ataque de nervos, foi causa do seu procedimento.

— Não acreditarão! Não . . .

Deixe isso por minha conta; basta que a Senhora não falle, e não se lembre de cousa alguma.

— E o ingrato! e o ingrato que me trahio! Meu Deos! meu Deos!

Acompanhe-me, Senhora; tenho resolvido. Depois me agradecerá; vamos.

— Antes morrer; mil vezes morrer.

Eu a levarei á força, e assim melhor a salvarei.

— Não; por piedade; deixe-me.

Nesse momento quasi que luctavamos. Antes disso havia eu empregado para convence-la mil meios de brandura, que deixo de mencionar. Vendo que tudo era inutil, o que devia eu fazer? Deixal-a? seria uma

crueldade. Decidí-me pois a leval-a por força. Nesse ponto estavamos, quando a minha desconhecida, parandó repentinamente, exclamou; — Lá vai elle! Adeos; deixe-me“.

E como d'ella me descuidasse, para ver si com effeito alguém tomava a direcção do terrado, a moça sem mais esperar escapou-me n'uma carreira. Segui-a apressadamente, na duvida si vinha alguém; em tal caso por amor d'ella não estimaria que me vissem; mas temendo que fosse uma illusão da impaciencia, não queria perdel-a de vista. Subio ella a escada que fica ao lado do tanque no centro do terrado; e admirava-me de não ver senão ella. O raciocinio em certas circumstancias é tão rapido como o instincto: si alguém para alli se tivesse dirigido, não teria tempo de estar em cima; quando muito teria passado as pyramedes, e pela carreira que levava a incognita, ter-se-hião encontrado perto do tanque. Concluí que fôra uma illusão, e dei-me maior pressa para alcançar a moça.

Cheguei á cima do terrado, e achei-me só! Um grito soou em meus ouvidos! A infeliz tinha-se precipitado ao mar . . . E para isso me havia enganado!

Chegar ao parapeito, vel-a estendida sobre o recife que impede as ondas de bater contra a muralha do terrado, amarrar um lenço de seda na base da grade de bronze que o guarnece, escorregar por elle, cahir da altura de uma braça, foi obra tudo de um momento. Julguei ao principio que estivesse morta.

Mas palpitava-lhe o coração, e o corpo estava frio como a neve. Felizmente tinha cahido sobre um monte de seccas folhas, que os jardineiros deitam do terrado a baixo quando diariamente limpam e varrem o jardim. Comtudo ella se tinha ferido, e o rosto estava ensanguentado. A agua do mar servio-me de medicina. Levantei-a, e tomando-a nos braços, rodeei o exterior dos muros do jardim, com tenção de levar-a para minha casa.

Oh! como eu ia agitado, e ao mesmo tempo satisfeito por ter arrancado á morte uma infeliz menina! Talvez a levasse á sua familia; mas sabia eu porventura quem fosse? Fiz o que podia fazer. Chegei á casa, e depuz sobre o meu leito um fardo que tão grato me fôra.

Tirei-lhe o casaca e o collete, e logo sangrei-a, por já começar a febre, e eu temer o delirio. O peito estava azulado pelas contusões, e as mãos e uma das faces arranhadas pelos espinhos das roseiras seccas. Fiz tudo o que devia fazer em taes casos.

Foi larga a sangria; e seguiu-se o somno.

Assentei-me á sua cabeceira; contemplei a sua rara formosura, e vi com uma especie de admiração religiosa a innocencia espargida sobre um semblante de dezeseis annos, tão desmaiado que de mamore parecia. Eu a olhava já com os olhos avidos de um apaixonado; e para dizer a verdade, cheguei a crer que o céo destinava aquelle caro objecto para mim, para meu amor!

Que somno tranquillo ella dormia! E que sonhos tão meigos eu sonhava acordado! Cheio de respeito tomei uma das suas mãos geladas e beijei-a. Levantando-me tomei a vela, e a casaca com que ella se disfarçara, sahí do quarto, e fui assentar-me na salla ao lado da mesa, pensando na incognita: e que outro pensamento podia eu ter?

Lembrei-me que ella fugindo de casa, devia trazer consigo algumas cartas do seu amante, e que por ellas podia eu desenredar o drama apenas começado. Mas receiava penetrar um segredo que voluntariamente se me não confiava. Depois de alguns momentos de lucta, pensei nas consequencias; e julguei que me era licito saber de tudo, para um fim honesto. Achei na algibeira da casaca um maço de bilhetes, ligados com uma fita, e uma caixinha de marroquim.

As cartas estavam deslaçadas; abri-as, e li. Algumas só continham expressões e protestos de amor, outras accusavam recebimento de flores. Entre ellas li a seguinte.

#### 1.<sup>a</sup> Carta.

Si creio no que me mandaste dizer, sou o mais feliz de todos os amantes, porque basta o teu amor para endeosar minha existencia. Mas ao mesmo tempo a pertinacia de teu pai me constitue o mais desgraçado de todos os mortaes. Eu sempre antepuz a honra e a gloria ao dinheiro; mas hoje desejaría ter milhões

para deslumbrar os olhos avidos de um velho, que no esposo de sua filha não deseja ver outro merito senão esse! Oh minha Amancia! louco de amor por ti, nem me lembro que te não mereço por essa falta de tanta importancia para o nosso seculo de egoismo. Mas tu, oh Anjo com figura humana, tu me desculpas, e me amas! Dize o que devo fazer para possuir-te legitimamente. Minha impaciencia é igual ao meu amor. Teu fiel etc.

Nenhuma das cartas estava datada e assignada; e só depois de ler todas pude descobrir a ordem em que foram escriptas, que era pouco mais ou menos a mesma em que estavam emmassadas.

## 2.<sup>a</sup> Carta.

O amor que te consagro, e o que me retribues apenas servem agora para me fazer mais desgraçado. Hontem tu me devias achar bem mudado! Andei como um doudo; estive quasi entrando em tua casa, lançando-me aos pés de teu pai, dizendo: Ella já é minha, não a entregueis a outro: seu coração é meu; eis aqui a prova nesta carta. Mas temi que o respeito de filha apagasse o teu amor por mim. Não, oh minha Amancia, não; eu não viverei si se verifica a noticia que já corre na cidade, e que a tua carta acaba de confirmar. Eu não temo um rival, porque tu o não amas; mas temo um competidor poderoso; temo a

ambição de teu pai; temo a tua innocencia; temo o teu respeito á auctoridade paterna; tudo temo. Mas não, tu não serás d'elle. Tu não podes dar uma dextra fria a quem teu coração aborrece. Sua idade é muito superior á tua. Uma menina de dezeseis annos não póde ser esposa de um homem de cincoenta, de um velho que só tem por sí o dinheiro. Tu serás desgraçada, minha Amancia, serás desgraçada, elle, e eu tambem; seremos todos desgraçados. Mas eu não serei testemunha dos teus desgostos; porque no dia mesmo lesse consorcio cruel, á face dos altares, quando tua mão estiver sobre a d'elle . . . eu morrerei . . . sim, morrerei . . . E de que me serve a vida sem ti? . . . Ha um anno que padeço; ha um anno que me não pertenço; ha um anno que te consagrei o meu coração, minha liberdade e minha vida. E tudo isso para ver afinal . . . nem ousou acabar . . . Oh minha doce Amancia, tem compaixão de mim.

### 3.<sup>a</sup> Carta.

O somno fugio de meus olhos, e no fim desta vigilia, mais cruel que a tempestade, só vejo a morte. Tres dias de esperanças e de lucta só tenho diante de mim; e no fim destes tres dias de angustias tu me dirás um eterno adeos, para entregar-te ao teu odioso esposo . . . e eu estarei na eternidade! . . . É isto o que queres? Dize, dize, cruel? O que esperas ainda? Já eu

não sou o teu amante? Já te esqueceste dos teus juramentos? Ah, minha bella, no meio da tempestade, quando as ondas ameaçam tragar o quebrado navio, salva-se quem póde na primeira táboa que encontra: a nossa é a fuga. Salvemós-nos! Aceitas? Hoje mesmo, não ha mais que esperar, hoje mesmo. De noite eu estarei no terrado do passeio publico, no canto que deita para o lado do convento do carmo, por ser o menos frequentado. Ás 7 horas, emquanto toda a tua familia estiver com visitas na sala, na occasião em que fores preparar o chá, toma as vestes de teu irmão, e vai encontrar-me. Sim, minha esposa, eu já como tal te considero, e só esta idéa me anima. Não causes a minha morte. Salva o teu amante, o teu esposo.

#### 4.<sup>a</sup> Carta.

Estou desenganado. . . . Conheci-te emfim! Não ha amor de mulher que seja real. Seu juramento é uma perfidia; seu riso uma zombaria; sua palavra uma mentira; tudo n'ella é uma pura falsidade, que se desvanece como as illusões do sonho. Oh! como tu me enganaste tão cruelmente! Não haverá tambem compaixão no coração do mulher? Já eu me contentava que por piedade fizesses o que por amor eras incapaz de fazer. . . . sim por piedade; porque soffro muito. Minha morte é inevitavel. Tu não compareceste no prazo dado; signal certo que me não queres

acompanhar, que queres entregar-te a esse odioso rival. Pois bem, entrega-te. No momento do sacrificio, á face de Deos e dos homens, tu me verás surgir como um espectro do sepulchro, no meio dos assistentes. . . . Ver-me-has morrer, e o meu sangue cahirá sobre ti. Com a desesperação n'alma, e o inferno no meu peito, juro que cumprirei o que digo. Adeos, até o momento da minha morte.

### 5.<sup>a</sup> Carta.

Sim, eu devo viver, tu o queres! Tão repentinamente passei da desesperação á alegria que sinto a cabeça perturbada. Oh! que não possa eu agora abraçar-te, e devorar-te com os meus beijos, como faço á tua carta, que não sai dos meus labios, e de meu peito, como uma preciosa reliquia. Como tu me amas, Amancia! Como tu me amas! Eu tambem te amo, e te adoro. Perdôa-me, minha querida, a dureza da carta desta manhã. Eu estava doudo, e te julgava ingrata. Sim, tu me perdoarás pelo muito amor que te consagro. Eu lá vou esperar, como tu me ordenas: Eu lá estarei de joelhos á tua espera . . . sim, de joelhos; e a primeira palavra que quero ouvir de teus labios é: — Eu te perdôo.“

Ora, eis-nos aqui mais orientados. Amancia não faltou naquelle dia, pois que lá a encontrei; porque pois não comparecêo o seu tão solícito e

apaixonado amante? Eis o problema que não pude resolver.

Depois de ler estas cartas, abri a caixinha de marroquim, a que no principio não dera attenção, cuidando ser alguma joia; mas qual foi o meu pasmo achando um retrato de homem! Devia ser o do seu amante. Representava ter vinte annos, e estava de uniforme militar. Não o conhecia, entretanto parecia-me que já o tinha visto; a physionomia não me era inteiramente estranha. Talvez o tivesse encontrado alguma vez por acaso. Á vista do retrato, feito sem duvida por um bom artista, desculpei a cega paixão de Amancia. Era um bello moço; seus olhos expressivos, labios cerrados, faces coradas, cabellos negros, nariz fino, fronte de regular dimensão, tudo denotava intelligencia, e um caracter vehemente, sujeito a grandes paixões.

Si eu soubesse seu nome e sua morada, talvez o fosse procurar naquella mesma noite durante o somno de minha enferma, que devia ser longo. Mas guardei isso para o dia seguinte, tencionando ir ao quartel do seu Batalhão que me indicava o uniforme, e lá informar-me com um official meu conhecido, que á vista do retrato não deixaria de reconhecê-lo.

O resto da noite foi para mim uma contínua vigilia: ora passeando na minha sala, a pensar neste estranho caso; ora ao lado da desconhecida, contando as suas palpitações, e procurando perceber alguma

palavra escapada no sonho. Nada; tranquilla passou a noite. A larga sangria produzio optimo effeito. Ella dormia, como si houvesse muitos dias que não gostasse as doçuras do somno.

Já a luz matinal penetrava os resquicios das janelas, e eu ensejava, sem que podesse ser visto, os primeiros movimentos do despertar da pobre Amancia. Não queria ser visto para evitar-lhe o susto; porque tudo o que lhe havia succedido devia estar mal gravado na sua memoria, como as fugitivas imagens de um sonho. Vi que ella se revolia no leito, e repentinamente abrindo os olhos, assentou-se, procurando reconhecer o logar em que se achava, e o primeiro nome que lhe escapou dos labios foi: Jorge! Jorge!

Era o nome de seu amante, em cuja casa talvez cuidasse estar. Reparando depois na ligadura do braço, dice: — Quem me sangrou? Estou ferida! Que foi isto?

Tal era o seu pasmo que parecia uma alienada, com os olhos abertos e immoveis, os labios frouxos, e os braços cahidos sobre o regaço. Depois, como procurando ligar suas idéas fugitivas, franziu a testa, erguêo os olhos para o céo, e com a mão direita alizava as rugas da fronte. Eu a vi nesse estado ficar longo tempo sem proferir palavra; entretanto movia os labios, como si estivesse fallando comsigo mesma. Pouco a pouco as faces se contrahiram para cima, seus labios começaram a tremer convulsivamente, e

uma lagrima escapou-lhe dos olhos; seu peito foi-se erguendo e dilatando, como quem reprime a respiração, e soltando um ai, cahio de novo sobre o leito a soluçar. Meu primeiro impulso foi soccorrel-a, e o fizera si não fosse medico.

Com prudencia aguardei outros phenomenos, e não me enganei.

— Quem me soccorre! gritou ella. Ai de mim! Ninguem me soccorre!

Apresentei-me então.

Senhora! não me conhece? Eu sou o seu protector. Lembre-se da noite de hontem.

— Como me trouxe para aqui?

Nos meus braços. A Senhora estava desmaiada. Contei-lhe o passado; silenciosa escutou-me, e no fim exclamou: Porque não morri? Porque não me deixou morrer?

Porque deve viver para ser feliz.

— Feliz, eu?

Sim; eu já sei de tudo. Vou procurar o Sr Jorge, que sem duvida razão de enfermidade impedio de ir ter ao prazo dado. Eu o trarei aqui; e si elle é um perfido, o que não creio, farei pela Senhora tudo o que póde fazer um homem para salvar a honra de uma menina sacrificada. Tudo, Senhora, tudo eu farei.

— Obrigada, Senhor! obrigada!

Dice-lhe mil cousas para acalmar a sua agitação,

e pedindo-lhe que me esperasse, promettendo-lhe voltar logo com o seu amante, nos separamos.

Fui rapidamente ao quartel para saber onde morava o Capitão Jorge; cheguei á sua casa em frente da Praia-formosa; bati á porta, e ninguem me respondia. A desesperação já se infiltrava em minha alma. Continuei a bater, até que um soldado me abriu a porta, e sem me deixar entrar, dice-me com máo humor: — Meu Capitão não póde fallar, está incommodado.

Diga-lhe que é um amigo, que vem por negocio d'elle mui importante.

— Tenho ordem para não deixar entrar pessoa alguma, nem mesmo o Coronel, si viesse procural-o.

Eu sou o medico; sei que elle está doente.

— Eu não fui a medico algum.

Não importa; sou seu amigo.

O soldado queria fechar a porta mal aberta, e eu entre a porta e o portal procurava impedir; nem ella se fecharia sem que me esmagasse. Tirei então da algibeira a minha carteira, e escrevi este bilhete de provocação, para obrigar o Capitão a receber-me:

Capitão, ou vós estais enganado, ou sois um perfido; seduzistes uma innocente, e a deixais na desesperação. Por vossa honra, si a tendes, deixai-me entrar, e nós conversaremos.

O soldado levou o brilhete, fechando a porta, e

em um minuto a porta de novo se abriu, e um homem pallido como o marmore do sepulchro, com a colera nos olhos, um sorriso sardonico nos labios, todo tremulo, e uma espada na mão, estava diante de mim. Recuei receioso que me fizesse algum insulto.

— Vem sem espada! Dice-me elle com voz rouca, que lhe sahia do peito arquejante.

Sim; minha profissão é conservar a vida, e não dar a morte.

— O que quer de mim? Quem lhe dêo o direito de insultar-me?

O furor vos cega, Sr. Capitão! Importante negocio aqui me conduz. O interesse é mais vosso que meu.

— Que se perca! Já não pertenço a este mundo que detesto. Podeis retirar-vos.

Não entendestes o meu bilhete? Não vos lembraís que hontem devieis esperar por uma menina?

— E quem vos dice? Como o sabeis?

Si me quizerdes ouvir, e ser franco, dir-vos hei tudo.

Ah! sois o confidente da perfida! Ella tudo vos contou? e assim se diverte com o meu amor! Ah! quem se póde fiar em mulheres!

Fazeis grande injustiça á vossa amante.

— Injustiça! Injustiça! E quem sois vós para tomar a sua defesa?

Uma testemunha das suas desgraças.

— Desgraças! Ella? como assim?

Permitta que eu suba; e tranquillos fallaremos.

Subimos ambos: pedio-me que me assentasse, e pondo a espada sobre a meza, deixou-se cahir sobre uma cadeira.

— Senhor, dice-me elle, desculpe a minha perturbação. Ha tres dias que não sei o que é descanço; ha duas noites que não sei o que é somno.

Tudo creio Sr. Capitão; e o estado em que o encontro perturba todas as minhas idéas. Fallemos do objecto que me obriga a procural-o. Existe uma infeliz neste mundo, que só tem por sí os meus cuidados, e que talvez não existisse hoje si a Providencia a não soccorresse com a minha presença.

— Amancia! Amancia está doente? Será essa a causa por que ella . . . Ah, Senhor, sois medico? Dizei-me, dizei-me.

Sim, eu a salvei.

— Como um louco precipitou-se sobre mim, beijando-me mil vezes a mão, e regando-a com as suas lagrimas.

— Quanto, quanto vos sou obrigado, dizia elle. Pobre Amancia! E eu que tão injustamente a accusava. Queriam casal-a á força: eis porque ella adoecêo, sem duvida de paixão“.

De paixão, sem duvida, porém por vossa causa.

— Sim, por minha causa! Como ella me ama!

E ria-se e chorava a um tempo como uma criança, ou como um delirante.

Instada por vós, deixou ella a casa paterna . . . .

— Que! Amancia fugio?

E ficou pallido, com os olhos tão abertos e fixos sobre mim, que pareciam devorar-me.

Sim, fugio por vossa causa.

— Fugio! exclamou elle tão cheio de terror como si visse uma serpente . . . Fugio! E não por mim! e não commigo!“ E tremendo como uma fragil vergonhea cahio sobre o chão desmaiado.

Prestei-lhe todos os soccorros da sciencia, e esperei que tornasse a sí. Entretanto já eu acreditava que elle tivesse perdido a razão; que por isso não tivesse ido ao prazo dado, e que agora me não comprehendesse. Fundada era a minha conjectura: tantas vigílias, tantos sustos, a passagem rapida da desesperação á alegria, o que bem se deprehendia das suas duas ultimas cartas, uma paixão violenta, tudo podia ter-lhe perturbado o juizo. A maneira por que me recebêo, e tudo o que entre nós se passava denotava um certo gráo de alienação mental.

Já elle abria os olhos, sem comtudo dar fé de mim, e pronunciava algumas palavras soltas sem sentido, quando na escada senti passos, de quem desvairadamente subia.

„Amancia! minha filha! Aqui está teu pai?“

Assim bradava, entrando, um homem de cabellos brancos, com a desesperação e a fadiga impressas no rosto e em todos os seus movimentos.

Mal chegou á sala, volvendo os olhos para todos os lados, pergundou:

„Onde está ella? onde está minha filha? quero vê-la“.

Senhor, dice-lhe eu, nesta casa não ha mulher alguma.

„Ella foi roubada, e ha de aqui estar por força. Esta é a casa do seu seductor, do infame que ma roubou“.

Nesta casa apenas móra este homem, que se acha gravemente enfermo, e não podia de certo ter roubado vossa filha. O estado em que se elle acha prova assás o que digo.

„Oh desesperação! . . E quem é esse homem?

Não o conhece? É o Capitão Jorge.

„Jorge? gritou o velho fitando n'elle os olhos e reconhecendo-o: — Jorge! Foi elle . . . És tu, perfido, que roubaste minha filha. Dá-me minha filha . . . Onde está ella?

E dizendo estas palavras o investio; e foi-me necessario collocar-me entre elle e Jorge, que sentado em uma cadeira immovel parecia nada ouvir, nada ver.

O velho banhado em lagrimas, cahio a meus pés dizendo:

„Ah Senhor, si sabeis onde ella está, não mo occulteis . . . Sois seu amigo, sois um homem de bem; tende compaixão de um velho, de um pobre pai! Minha Amancia! . . . Minha filha! . . . Amancia! Amancia!

— Amancia! . . . bradou Jorge, erguendo-se da cadeira como um possesso, e collocando-se no meio da sala com uma attitude tão tragica, que se me arrepiaram os cabellos.

— É aqui que tu a procuras, barbaro pai? Velho avarento, que por ouro venderias a honra, a filha e teu Deos. Não, coração de cofre, que só para o ouro se abre, não é aqui que tu debes procurar tua filha; ella aprendêo contigo; e o Capitão Jorge não possui riquezas para seduzil-a.

O velho ficou como ferido por um raio; e eu estupefacto. Jorge em tres passos ganhou o leito, e mergulhou a cabeça nos travesseiros.

Um momento de silencio succedeo á esta tragica scena. Eu possuia o segredo, e não ousava revelal-o antes de tempo. A honra da infeliz Amancia me era tão cara, que eu temia qualquer indiscrição que a puzesse em duvida.

Senhor, dice eu ao velho, o Capitão soffre como vós pela fuga de vossa filha, e eu temo pela sua vida. Talvez que ella se refugiasse em casa de alguma parente ou amiga, para não ser constrangida a dar a mão

a um homem que lhe não merece o coração. Acalmai-vos; não desacrediteis a vossa filha, publicando a sua fuga. Ide procural-a com toda a prudencia que requer este acontecimento.

„Eu vos agradeço, Senhor, tão salutar conselho. Não me occorreo no meu furor, que podesse Amancia ter ido para a casa de alguma parente. Deve ser como dizeis. Eu vou. Obrigado, mil vezes obrigado. Mas antes de deixar-vos . . . pedi ao vosso amigo que me desculpe. Elle toma parte na minha desgraça; e com tudo não é inteiramente innocente. Talvez por elle Amancia me desobedecesse.

Si é como dizeis, respondi-lhe já caminhando para a porta, ha de vossa filha participar ao Capitão, e nesse caso encarrego-me de vos informar de tudo, afim de tranquillizar o vosso espirito.

Agradecêo-me muito cordialmente, e retirou-se, deixando-me entregue a novo combate.

Em pé, no meio da sala, esperava eu que o Capitão, erguendo a cabeça do leito em que a tinha mergulhada, me dirigisse a palavra com mais algum discernimento, devendo ter ouvido o que eu acabava de dizer ao velho.

Depois de largo espaço de tempo, dirigio-se com effeito a mim, a passos lentos. A pallidez da morte lhe desfigurava o semblante; com a cabeça baixa, os cabellos em desordem, os braços cruzados sobre o peito, dice-me com voz abatida:

— Póde retirar-se; necessito estar só.

Com todo o vagar tomei o meu chapêo, como quem pouca vontade tinha de obedecer áquella ordem. Endiretei os lenços nas algibeiras da minha casaca; tomei uma pitada, compuz-me todo, e chegando-me a elle como para despedir-me, lhe dice com muita gravidade:

Sinto ter merecido tão frio acolhimento, quando talvez a vossa salvação dependesse de uma franca confidencia. Eu me retiro, Senhor Capitão, mas lembrai-vos que sois vós que o ordenais, sem ouvir-me, como o péde o vosso interesse.

Accentuei estas ultimas palavras. Dice-lhe adeos, e queria sair, quando elle rompendo o silencio me perguntou:

— Não me dice o Senhor que é medico?

Sim, dice.

— E que tinha tratado de . . . . d'ella?

É verdade.

— Que está enferma?

De certo, e bastante.

— Mas si ella não está em casa de seu pai, onde esteve o Senhor com ella?

Eis o que eu desejava dizer-vos, e porque vim procurar-vos, com perda de meus interesses. Mas eu vos incommodo; convêm retirar-me.

Um ligeiro sopro de esperança parecia deslizar-se em seus labios.

— Senhor, si sois medico, não adivinhais que perdi o juizo? Desculpai-me.

Si vos não desculpasses, já aqui não estaria. Porém os meus doentes me chamam . . .

— Esperai; eu tambem estou doente, e necessito do vosso soccorro.

Senhor Capitão, fallemos claro; o acaso me fez sabedor do que entre vós e D. Amancia se ha passado. Felizmente pude impedir as funestas consequencias da desventurada paixão dessa Senhora; e para servil-a vim procurar-vos, a fim de receber um desengano, e restituir a seu pai uma menina que por causa vossa, e para escapar á deshonra, procurava a morte.

— A morte? por minha causa?

Vivos signaes de interesse começaram a animar a sua abatida physionomia.

Sim, a morte, de cujas garras a subtrahi hontem á noite.

— Meus Deos! será possível! Explique-me tudo, caro Doctor!

O que vos digo é bastante, para que possais comprehender que de tudo estou informado, e que me deveis franca confissão do que necessito saber, para revelar-vos o resto.

— Prometto dizer tudo.

Bem; vós déstes á vossa amada um prazo no Passeio-publico. Por justa causa faltou ella na primeira vez; mas á vista de uma carta vossa, bastante

desesperada, escrevêo-vos, promettendo que compareceria naquella mesma noite, que foi hontem. Dizei-me agora, porque tendo vós empregado tanta força para obrigar-a a esse passo, faltastes ao prazo que déstes?

— Faltar? . . . Pois disso me accusa ella?

Sim.

— Eu não faltei, nem podia faltar. . . Faltou ella. Desde as seis horas da tarde até as oito impaciente a esperei. Com os olhos fixos no meu relógio via fugir a minha esperança a cada minuto que marcava o ponteiro. Ao mais tardar devia ella lá estar ás sete horas e meia; e não appareceu . . . Ah, vós não sabeis com que desesperação se espera por quem mais que a vida se deseja. E quando se espera por uma amante, si algum dia amastes, sabeis o que isto quer dizer; quando se espera por uma amante, que deve fugir da casa paterna, esquecer-se por um momento de todos os preceitos bebidos desde a mais tenra infancia, porque enfim eu conheço que é preciso um momento de delirio; quantas, quantas attribuições e duvidas não combatem o coração do infeliz que espera! Julgei que era inutil esperar mais tempo; ou antes sem reflectir, arrebatadamente como as pancadas de meu coração, sahi daquelle logar, para me livrar de um pensamento horrivel — que alhi achassem meu cadaver no dia seguinte. — Quantas vezes arrepiei meus passos; quantas vezes sahi, até que afinal, levado por um impulso

estranho, fui até a sua porta; investi pela escada; subi; desci; na minha cabeça só havia projeitos de desesperação e de morte. Nada fiz, porque as forças me faltaram; voltei ao jardim, até que desenganado, quasi morto, depois de andar toda a noite sem tino, pude chegar á casa, donde sairei pela ultima vez“.

A impaciencia é uma má conselheira. Capitão, vós sereis meu amigo, como eu já sou vosso. Si tivesseis esperado mais uma hora, serieis agora o mais feliz dos homens.

— Que dizeis? que dizeis? Ella foi? Julga-me traidor? E eu que soffro angustias mais crueis que as da morte! Eu que impiamente a tenho accusado. Oh meu Deos! que fiz eu? . . . Pobre Amancia!“

Narrei-lhe então o occorrido na passada noite, e Jorge parecia não contentar-se de ouvir as minhas palavras, elle as bebia, interrompendo-as com expressões da mais vehemente dôr, arrancando os cabellos, e derramando lagrimas de arrependimento. Pedio-me que o levasse á minha casa para lançar-se aos pés de Amancia. Accedi ao seu desejo, com a condição que na escada esperasse, para que a sua presença imprevista não perturbasse o espirito da moça. Assim, como dous intimos amigos, caminhámos para a cidade.

Chegamos á casa que encerrava o thesouro do meu novo amigo; abri a porta; o Capitão ficou na escada esperando o signal entre nós concertado, e eu mostrando rosto alegre entrei gritando: Parabens! parabens!

Amancia estava assentada, olhando para o retrato do seu amante, e apenas me ouviu, dando um ah! de espanto, levantou-se, e perguntou-me.

— Então, achou-o? onde está elle? Não veio? Estará doente?

As boas novas, dice-lhe eu, não se dão de repente. É preciso saboreal-as pouco a pouco, como um delicioso manjar.

— Então . . . elle não é traidor?.. Ainda me ama?

Cada vez mais. . . Não sabe em que estado de desesperação o encontrei. E neste theor lhe fui contando tudo, e o desencontro por causa das horas dadas para a reunião.

— Elle foi! . . . Coitado! . . . Como não ficaria julgando-me falsa! Tomara vel-o, para lhe dizer a causa que me impedio de ir mais cedo. Quando virá elle? . . . Porque não veio com o Senhor? . . . Diga-me, quando virá?

Neste momento.

Bati com o pé, e Jorge appareceu, lançando-se de joelhos aos pés de Amancia. Um grito de prazer e de espanto da parte de uma, e — Amancia! — pronunciando com transporte pelo outro, foram as unicas palavras que soaram naquelle primeiro momento de amor.

Contar todos os abraços que se deram; todas as palavras meigas que soltaram, todas as desculpas, todos os transportes, todas as exclamações de que tão prodigos são os amantes, seria um nunca acabar.

Colloque-se cada qual na mesma posição, e imagine si poder o que alli se passou, e do que eu fui muda testemunha, participando tambem de alguns abraços, e regosijando-me de ter concorrido para a felicidade dessas duas criaturas. Feliz quem ama, e é amado; sobre a terra não vejo maior bem.

Melhor é experimental-o que julgal-o,  
Mas julgue-o quem não póde experimental-o.

Quem fez estes versos sabia bem o que é amor.

Para terminar esta scena direi somente que Amancia desculpou-se por ter ido tão tarde ao logar aprazado, e consentio que o seu amante lhe beijasse mil vezes a dextra, em signal de perdão, dizia elle, por não ter esperado até de manhã.

Uma bôa hora tinha decorrido; e repetiam sempre as mesmas cousas, parecendo esquecidos do futuro, como si aquelle estado fosse a sua unica bemaventurança, e que de mais nada devessem cuidar, nem mesmo de comer.

Em um intervallo de silencio, em que elles se contemplavam, dice-lhes eu:

Então, que determinação tomam? Ficam assim eternamente? Qual é o vosso intento, Sr. Capitão?

— Fugir! dice elle promptamente: Não é assim, Amancia?

„Eu sei?... O que nos aconselha o Sr. Doctor?“  
Já que o destino quer que eu aqui represente o

papel de protector e conselheiro, dir-lhes-hei, que o melhor é ir solicitar o perdão do Sr. seu pai.

„Meu pai! Oh como não estará elle? Pobre velho! E assim dizendo as lagrimas lhe saltaram dos olhos.

— Sr. Dr. dice Jorge, elle não consentirá na nossa união; eu sou pobre.

O amor de um pai, respondi-lhe, posto que menos furioso, é mais compassivo, mais duradouro que o de um amante. Si consentem que eu sirva de medianoiro, irei procural-o, e dispol-o em favor de ambos.

„Sim, sim!“ exclamou Amancia.

— Tempo perdido — dice o Capitão.

Sr. Jorge, vós não conheceis o coração de um pai. Tempo perdido é este que inutilmente gastamos sem nada resolver. Dai-me a vossa palavra de militar honrado, de respeitar como homem esta Senhora, e fazei-lhe companhia até que eu volte. E vós, Senhora, rogai a Deos para que vosso pai me attenda. Abraçei-os, e sahi.

Um escravo conduzio-me á alcova, onde estava deitado o desesperado velho, que ao ver-me, levantou a cabeça, e antes que eu tivesse tempo de o saudar, perguntou-me:

— Que noticias me dá de minha filha? Ah Senhor Dr., eu a procurei em todas as casas dos parentes; nada, nada.

Não se afflija; o céo conserva vossa filha sempre

pura para ser a consolação da sua velhice. Ella chora por vós, e se lastima pela vossa teima em querel-a casar com um homem que não póde fazer a sua felicidade.

— Então, sabe o Doctor onde ella está? onde? onde está? quero ir vel-a . . . essa filha ingrata que será a causa de minha morte.

Vós me pareceis bem agitado; tranquillisai-vos, e conversemos.

— Ah Sr. Dr., si os filhos soubessem as afflições que causam ao pobre homem que tem a desgraça de ser pai! . . Parece que o céo nos pune por havermos dado o ser a outras criaturas, rebellando contra nós os nossos proprios filhos.

Que blasphemia! Foi o Senhor por ventura a causa da desgraça de seus pais?

— Sempre os respeitei.

Si foi respeitoso filho, como declama contra todos os filhos? A natureza de pai destróe porventura a de ter sido filho?

— Os filhos de hoje não são como os do outro tempo: havia então mais respeito, mais amor, mais religião. Hoje tudo está corrompido; nem a Deos se respeita.

Engano! Accusai antes a vossa . . . pertinacia em querer forçar a natureza. Si seu pai o tivesse obrigado algum dia a obrar contra o seu coração, o Sr. o chamaria barbaro.

Deixemos essa conversação: fallemos antes de minha filha. Sois ainda moço, defendeis o vosso tempo, que já não é o meu. Onde está Amancia? Posso vel-a?

Hoje mesmo a verá; mais peço-lhe um favor antes de vel-a.

— Tudo o que quizer; diga.

Que a deixe escolher um marido a seu gosto. Um marido é mais que um pai, e a escolha deve pertencer a quem a elle se ha de sujeitar. Sei que o Sr. é viuvo, e que ainda hoje lastíma a perda da companhia de seus annos mais felizes. Si á força se tivesse a ella ligado, nem a sua existencia teria sido como foi, nem por ella chorára.

O pobre velho exhalou um profundo suspiro, e seus olhos se humedeceram.

Senhor, continuei, por amor d'ella, por amor de vossa fallecida esposa, pelo socego de sua alma, que agora talvez lamente o vosso procedimento; perdoai a vossa filha.

— Eu lhe perdôo, sim, eu lhe perdôo.

Deixai-lhe a liberdade de escolher um esposo.

— E minha palavra dada? Todo o mundo sabe que eu a tinha promettido ao Sr. Norberto; nem elle quererá ceder.

Tem elle porventura algum direito sobre vossa filha? Promettêo-lhe ella cousa alguma!

— O que hão de dizer?

Si a constrangerdes, dirão que sois um pai tyranno, que fizestes a desgraça de vossa filha por amor do dinheiro. Dirão mais que fugio por vossa causa, e que fez muito bem, porque todo o mundo tem o direito de defender a sua liberdade. Si consentirdes no que vos peço, será vossa filha feliz, e todos applaudirão a vossa bondade. Sois rico; não precisais que o vosso genro traga mais dinheiro; basta que elle seja pessoa honesta; vossos filhos vos abençoarão, vivirão comvosco, e á vista da vossa felicidade ninguem vos accusará.

— Si o Sr. Norberto cedesse . . .

E o que póde elle fazer? que remedio tem elle senão ceder!

— Sr. Doctor, creio que elle ali chega; . . . estes passos são d'elle.

Não fallemos mais nisso.

Entrou um homem de cincoenta annos pouco mais ou menos, e sem mais cumprimentos perguntou com mãos modos.

„Então o que é isto, Sr. Fabio? Que novidade é esta? Será certo o que ouvi dizer? Então a Sra. D. Amancia fugio? . . . Então, que diz? . . . não responde! será verdade?

— Sr. Norberto, dice-lhe Fabio, poupe-me essa lembrança cruel; recorde-se que sou pai.

„Então pelo que vejo é verdade! Não me enganaram! E esta! quem tal diria! Com effeito dêo o Senhor

muito bôa educação á sua prezada filha! Olhe que póde limpar as mãos á parede.

O velho fez um movimento de indignação, e não ousou soltar uma só palavra.

Senhor! dice eu ao importuno, o estado em que se acha o Sr. Fabio não é muito proprio para ouvir taes cousas.

„Sim, certamente, continuou elle, oh lá! A menina fez muito bem . . . pois não! Ainda em cima devo ser eu o consolador do Sr. Fabio.

— Ah Sr. Norberto, dice o velho, si igual desgraça lhe tivesse acontecido, outra seria a sua linguagem.

„Que outra linguagem! . . . Pois isto tem pés nem cabeça? Si não fossem as suas condescendencias, já eu estaria casado. Queria ver si o passarinho me havia de fugir da gaiola. Pois não!

Si a guarda de um pai não foi bastante, menos seria a de um marido, dice-lhe eu.

„Então outro gallo cantaria, respondeo elle. Mas vamos a saber quem foi o seductor? Quem é esse menino bonito? Quero ter o prazer de ver esta bengalla cantar-lhe nas costas.

Ora, dice-lhe eu, si com effeito a Sra. Amancia sahio da casa paterna só para não dar-vos a mão de esposa; si esse a quem chamais seu seductor, for um militar, moço e bravo, tereis animo de desputar-lhe a sua conquista?

„Tenho muito dinheiro para gastar. Hei de mettello na cadeia; hei de mandal-o para a India; hei de . . .

Si fosses Senhor absoluto, não duvido; mas neste tempo já não ha Indias para os amantes.

„Qual tempos nem tempos! Todo o tempo é o mesmo quando ha dinheiro.

E dizendo isto o arrogante media a sala a largos passos, brandindo o bastão de cana da India, e bufando como um touro. Parando depois defronte de velho:

„Então, Sr. Fabio, em que fica isto?

O pai de Amancia, a quem todo este aranzel não menos que a mim tinha desgostado, respondeo-lhe:

— Amancia ainda é minha filha; e si o Sr. Norberto quer renunciar a sua mão, estimarei muito.

„O Sr. Fabio diz-me isso?... Ainda esta me faltava ver. Será este Senhorzinho o mimoso? E com ar de desprezo medio-me de alto a baixo. Não pude deixar de dizer-lhe: Si o seu dinheiro lhe não tem servido para adquirir melhor educação, e tratar, com mais reverencia os desconhecidos, eu me encarrego de educal-o de graça.

„Si não estivesse aqui, eu lhe diria seu . . .

— Sr. Norberto! exclamou o pai de Amancia, respeite a minha casa.

„Tão bom é Você como sua filha, dice o insolente. Eu os ensinarei; . . . passem muito bem . . .

E sahio como um endemoninhado, mais furioso talvez pela perda do dote, que da esposa.

Depois de algum silencio em que ficamos, olhando um para o outro, dice eu ao Sr. Fabio:

É este o bruto escolhido para esposo de vossa filha, tão moça, tão terna e tão bem educada?

— Ah Sr. Dr. respondeo-me elle, estou coberto de vergonha . . . Minha filha está desculpada. Estou arrependido de não tel-a dado a esse pobre Capitão Jorge, que tanto ma pedio, e que eu estimo . . . Como estará elle! Pobre Capitão!

Cheio de prazer lhe dice: Vinde ver vossa filha, que vos espera para receber a vossa bençãam.

O effeito que não produzio toda a minha eloquencia, produziram as insolencias do Sr. Norberto. É assim que o aspecto do vicio nos faz amar a virtude. Que pai poderia dar sua filha a um labrego como este, sem outro merito mais que possuir alguma riqueza, talvez bem mal adquirida?

Fabio amava o dinheiro, e todos o amam, mais ou menos; porque sem dinheiro não se vive na sociedade civilisada; mas tinha um coração de pai; desejava ver sua filha feliz, e nesse momento o céo o esclarecêo. Dêo-me mil agradecimentos, pela parte que neste negocio havia eu tomado, mettemo-nos em um carro, e partimos.

Parou o carro á porta de minha casa. Amancia e Jorge chegaram á janella, e por um instincto de vergonha ambos se occultaram.

— Minha filha, vem aos braços de teu pai!

E Amancia cahio de joelhos diante d'elle, beijando as mãos, e o velho desfez-se em lagrimas.

„Perdão, meu pai, perdão; dizia ella chorando.

— Perdoada estás ha muito tempo; o céo te libertou aconselhando-te esta fuga, sem a qual eu não teria occasião de conhecer a brutalidade daquelle malcriado. Pede-me o que quizeres; em signal do meu amor tudo te darei.

„Sr. Doctor, peça por mim, dice-me Amancia.

Jorge! chamei eu; e o Capitão todo tremulo appareceo: beijai a mão de vosso pai.

— Sim, dice o velho, serás meu filho; minha casa será vossa, e o céo que protegeo vosso constante amor proteja e abençoe a vossa união, e vos conserve sempre virtuoso.

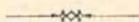
Assim terminou o Dr. a sua historia, e uma das moças que attenta o escutára, lhe perguntou:

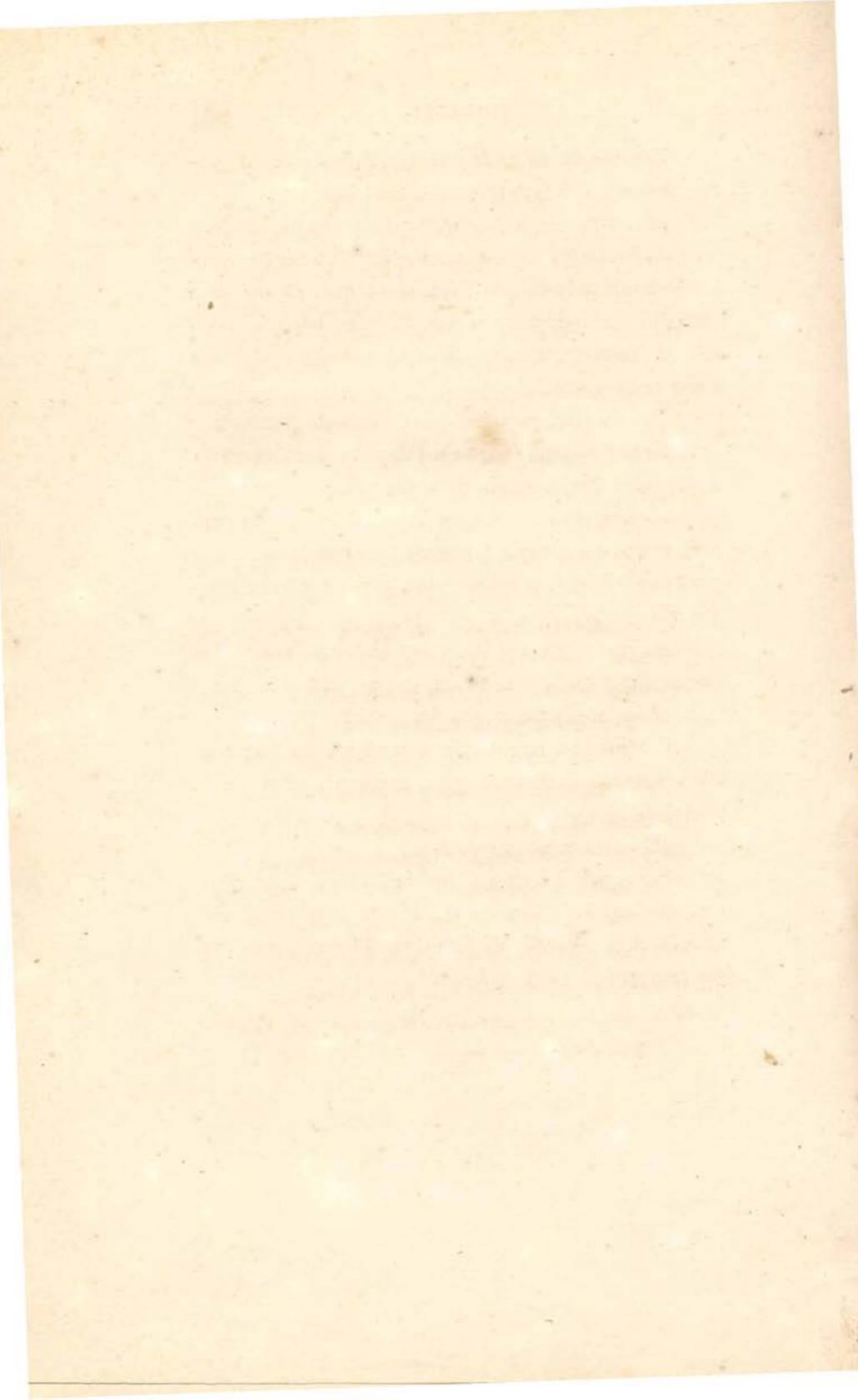
„E o tal Norberto que fim levou?

Continuou a negociar e a ganhar dinheiro; e no anno passado embarcou para Portugal, afim de lá gastar-o.

„E os amantes casaram-se?

Por signal fui eu um dos padrinhos. Vivem felizes. O Capitão reformou-se, e está hoje rico, com uma fazenda de café. Já tem dous filhos. E com esta me vou, que já a lua sahio. Adeos, até outro dia.





## A DANTE.

Da veneranda Italia eterna gloria,  
Vate sublime, cujo nome ovante  
Do mundo todo saudações recebe,  
A ti me curvo, oh Dante!

Não só da augusta patria a voz canora  
Teus cantos immortaes suberba entôa;  
Na mais remota plaga a estranhos povos  
A fama os apregôa.

Por toda parte os corações que os ouvem,  
E as vozes que os repetem te proclamam  
Vate divino, e as gerações de louros  
A tua frente enramam.

A sombra tua majestosa e pulchra  
É como um Nume protector, que ampara  
Esse egregio torrão, berço do genio,  
E tua patria cara.

Curva á pesado jugo, escrava, ah quanto  
Não soffrêo ella em tormentosos dias!  
Mas na injusta oppressão conforto achava  
Em tuas harmonias.

Nunca em sua alma do heroismo a chamma  
De todo se extinguiu; nunca a esperança  
Faltou-lhe ao coração, que memorava  
De tanta gloria a herança.

Eil-a já livre e triumphante agora  
Se eleva a Mãe de heróes; e do resgate  
Celebra a gloria, endeosando o nome  
Do seu excelso Vate!

Honra ao paiz que sabe honrar tal filho!  
Respeite-o o mundo que lhe deve tanto;  
E no côro que exalta a gloria de ambos  
Sôe tambem meu canto.

## HYMNO DOS BRAVOS.

Brasileiros, ás armas corramos,  
Que hoje a Patria affrontada nos chama.  
Não ouvis esses echos terriveis?  
É a voz do canhão que rebrama!  
Impia gente, de sangue sedenta,  
Contra nós arrogante se ostenta!  
Eia, ás armas, e á Patria juremos  
Que o inimigo feroz venceremos.

Defendendo este solo sagrado,  
Aggredido por hordas de escravos,  
Corajosos á lucta corramos,  
Que homens somos, e livres, e bravos.

Tremam elles ao ver-nos unidos

A vencer ou morrer decididos.

Eia, ás armas, e á Patria juremos

Que o inimigo feroz venceremos.

Nossos pais, nossas mães, nossa Patria

Stão vingança, vingança bradando;

Que salvemos a honra ultrajada,

Do inimigo a insolencia domando.

Pois que louco chamou-nos a guerra,

Com seu sangue lavemos a terra.

Eia, ás armas, e á Patria juremos

Que o inimigo feroz venceremos.

Um só grito, que atrôa espantoso,

Pelo immenso Brasil se dilata;

E da terra se elevam guerreiros,

Do longinquo Amazonas ao Prata.

Todos querem, correndo á victoria,

Colher louros no campo da gloria.

Eia, ás armas, e á Patria juremos

Que o inimigo feroz venceremos.

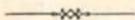
1865.

FIM.

## INDICE.

---

	Pag.
Revolução da Provincia do Maranhão. Memoria . . .	1
Os Indigenas do Brasil perante a historia. Memoria. .	155
Discurso sobre a historia da Litteratura do Brasil . .	241
Philosophia da Religião . . . . .	273
Biographia do P. Monte-Alverne . . . . .	305
Porque envelhece o homem . . . . .	323
O Pavão . . . . .	339
Amancia. Novella . . . . .	347
Ode a Dante . . . . .	393
Hymno dos Bravos . . . . .	395



JC

5/10600

002/001 R28